

Dom Bosco

MRE



NICHEROY  
Encadernação  
Salesiana







L-6

**DEDALUS - Acervo - MP-REP**

Dom Bosco

922  
B753e  
(973)



**21800006145**

4609  
973



69

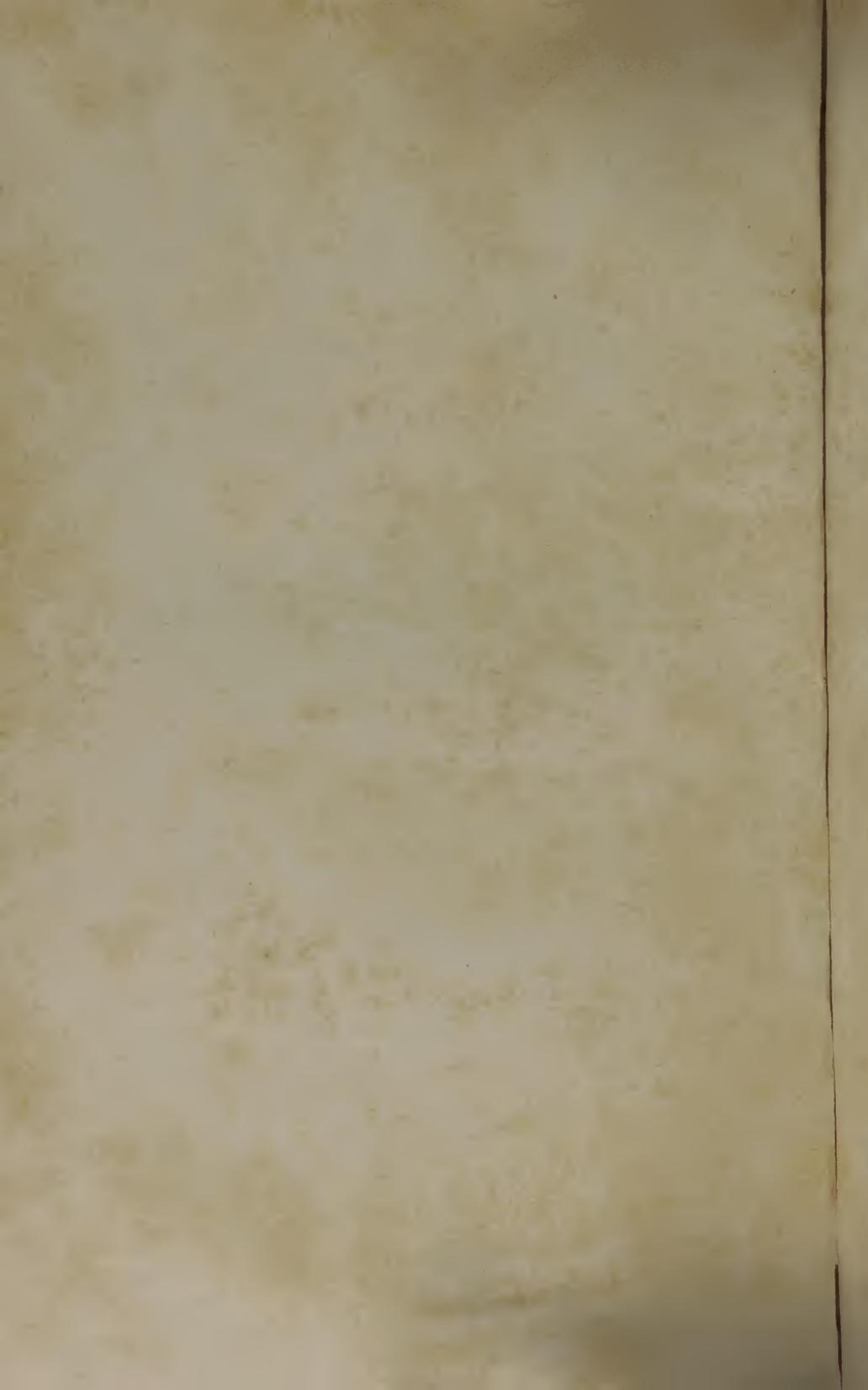
Est - 6

Prat - 1

J - 22

L - 6









*Que Deus abençoe e recompense  
a todos os nossos bemfeitores.*

*Sac. João Bosco.*

# DOM BOSCO

PELO

DR. CARLOS D'ESPINEY

CAVALHEIRO DA GRAN CRUZ DA ORDEM PONTIFICIA

DE S. GREGORIO MAGNO



OBRA APPROVADA PELA CONGREGAÇÃO SALESIANA

E TRADUZIDA

POR UM COOPERADOR SALESIANO



NICTHEROY  
TYP. SALESIANA  
1895

## DECLARAÇÃO DO AUCTOR

*Relatando n'esta obra algumas graças e favores alcançados pela intercessão de Maria Auxiliadora, o auctor declara conformar-se inteiramente ás decisões de Nossa Santa Madre Igreja e especialmente aos decretos do S. S. Papa Urbano 8.*

---



## BISPADO DE NICE

---

S. Victor, Ardèche 8 de Agosto de 1888.

*Senhor Doutor,*

*Para dar-lhe a minha plena approvação, eu não precisava ler o vosso trabalho sobre o muito venerado e chorado Dom Bosco. Era-me bastante saber que esta edição, que tendes preparado com tanta diligencia, foi examinada e encomiada pelos membros principaes do Oratorio de São Francisco de Sales.*

*Appressai-vos em publicar por extenso esta vida tão bonita, edificante, prodigiosa e fecunda.*

*E' bom e util mostrar a todos, a piedade, a humildade, a caridade ardente e as demais virtudes do grande servo de Deus. E' bom apregoar como o Fundador dos Salesianos chegou a ser o Pae de milhares e milhares de meninos pobres; como o São Vicente de Paulo de Turim levou a effeito obras tão colossaes sem mais nada que a*

*sua fé e o seu coração; como a imperceptivel se-  
mente conseguiu em tão breve tempo tornar-se  
a arvore frondoza que estende seus vigorosos  
ramos revestidos de flôres e de frutos sobre a  
Europa e a America. Apraza ao Ceo, com esta  
sancta e maravilhosa historia, consolar a extensa  
familia que chora a perda de tão querido pae!  
Apraza ao Ceo, que tão visivelmente protege a  
Obra de Dom Bosco, despertar em seu favor as  
sympathias universaes e atrahir-lhe os nume-  
rosos cooperadores que lhe são necessarios! A  
Egreja, a sociedade, o mundo inteiro sentirão  
dia por dia os beneficios que lhes advém do  
trabalho d'aquelle que, como o Divino Mestre,  
passou pela terra só beneficiando.*

*Bemdigo de todo o coração o vosso excel-  
lente livro, que augmentará em nós o amor para  
a suave e piedosa memoria de Dom Bosco.*

*Recebei, Senhor Doutor, a expressão de todo  
o meu affectuoso respeito, em Nosso Senhor*

† MATHEUS VICTOR

BISPO DE NICE





## PROLOGO

A

## EDIÇÃO BRAZILEIRA

---

*Assim como o habil professor, traça com mão adestrada, o exemplar que pretende apresentar aos seus alumnos para que elles procurando imital-o, se tornem egualmente distinctos na arte que estão cultivando; Jesus, Mestre divino, solícito pela perfeição e santificação dos homens, apresenta-lhes de tempos em tempos, exemplares perfeitos, os quaes formados e traçados, por assim dizer, pela sua mão divina, nos offerecem os caracteres que devemos procurar imitar e reproduzir em nós mesmos. Esses traslados vivos nos tem sido sempre offertados em todos os tempos, tendo-nos Deus sempre concedido nos varios estados da vida, quer nas mais altas posições quer nas mais inferiores, nos palacios, nas choupanas, nas casas de familia, nas officinas, na vida civil e na militar, entre os sacerdotes seculares e no Claustro, exemplos de acrisolada virtude e preclara san-*

*ctidade, para sobre elles nos formarmos n'aquella perfeição á que somos todos chamados. — Estote perfecti, sicut Pater vester cœlestis perfectus est. (1)*

*Ainda mais; esses exemplares divinos, como que acompanhando as diversas epochas, são sempre adaptados aos usos e costumes do seculo em que apparecem no mundo, e assim a Egreja, desde os primeiros dias do christianismo, tem contado constantemente entre os seus sanctos, personagens proprios dos tempos em que viveram e obras a bem do proximo, correspondentes ás necessidades d'esses tempos.*

*Contam-se, pois, entre os sanctos: martyres intemeratos e firmes na fé, inclytos guerreiros pugnando valerosos nas batalhas do Senhor, austeros anachoretas, monges illustres cultivando no retiro dos claustros as artes e as sciencias, sabios doutores, prégadores eloquentes e zelosos missionarios; sem fallar na turba immensa de candidas virgens e matronas veneraveis, que semelhantes a perfumadas flôres que se entremeiam com fructos preciosos, tem enchido de riqueza, formosura e fragrancia o jardim da Egreja. N'essa successão em que bem se patentêa a solitudine de Jesus-Christo, Chefe invisivel da dita Egreja, não tem havido interrupção, e em nossos dias os mesmos factos se renovam.*

*E' de um d'esses benemeritos que vamos agora a tratar; D. Bosco cuja vida passamos a verter em portuquez, e que nos fornece o mais bello exemplar que poderiamos desejar fosse proposto á nossa imitação; varão tão appropiado aos nossos tempos, quanto o foi em epocha anterior, o nunca assaz louvado Vicente de Paulo.*

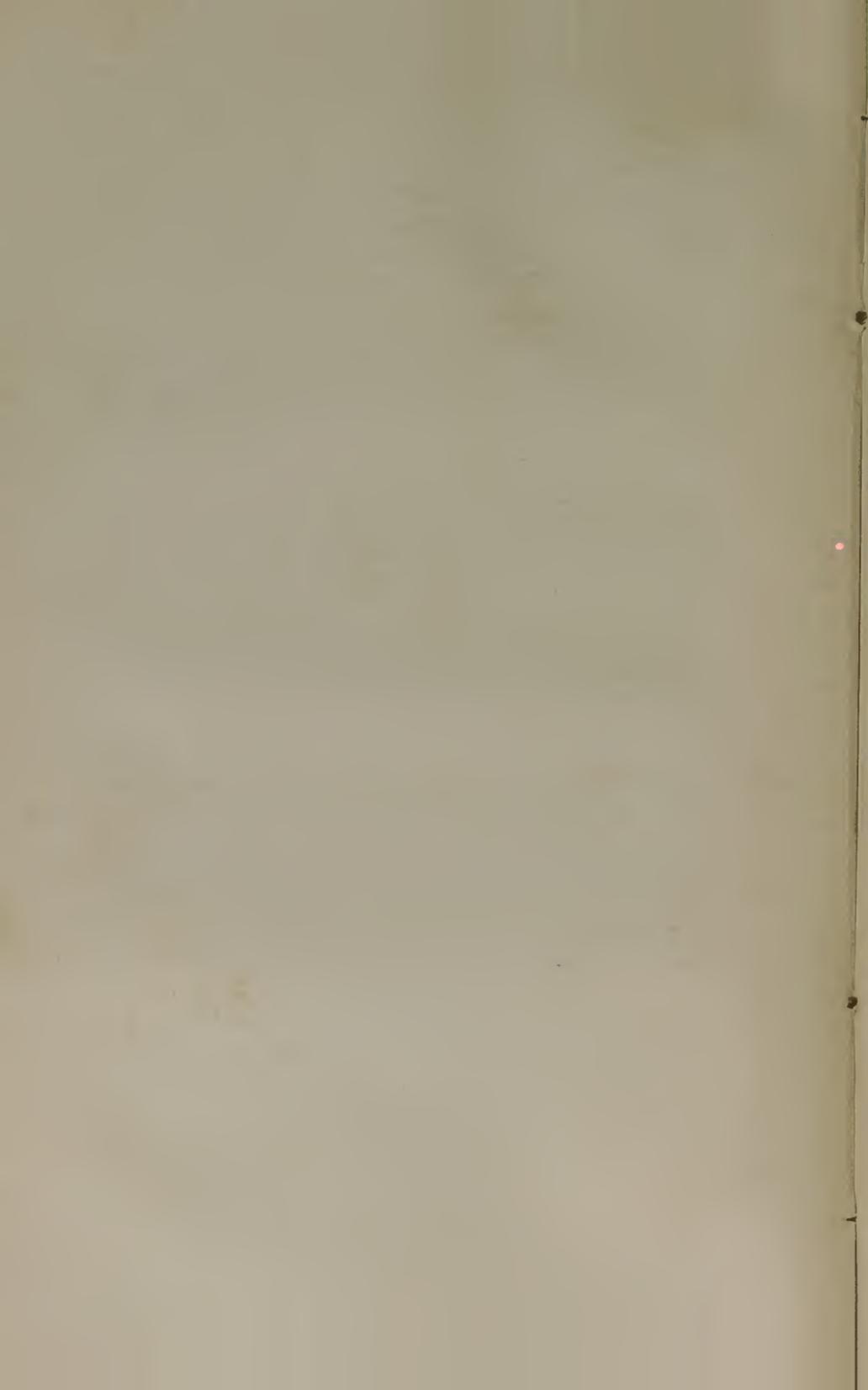
*Cheio de intelligencia e illustração, sabendo egualmente tratar com grandes e pequenos, este portento dos*

(1) S. Matth. 5, 48.

*tempos modernos, verdadeiro apóstolo, sem se fazer notar pela excentricidade da vida, mas exercitando em seu particular todas as virtudes de abnegação e dedicação que fazem o sancto, soube com o divino auxilio, corresponder á missão para a qual Deus o collocou na terra. Longo seria enumerar as suas obras, pois que por si mesmas se patenteam em quadro extensissimo, tendo-se a associação Salesiana por elle fundada, estendido quasi já pelo mundo inteiro, onde conta innumeradas casas em que milhares de juvenzinhos acham abrigo, alimento e instrução tornando-se christãos irreprehensíveis, homens honrados, cidadãos laboriosos e uteis e até mesmo distinctos artistas; sendo tambem numerosas as missões longinquas em que os filhos de D. Bosco trabalham com zelo incansavel na propagação da fé e da civilização.*

*Assáz, porém temos dito; terminaremos com a mesma similitude com que havemos começado: O discípulo intelligente e bem intencionado, á vista do exemplar que lhe apresenta o mestre, primeiro o contempla e lhe admira a belleza e perfeição; applica-se depois a estudal-o e imital-o com diligencia e esmero. Leitores, ao lérdes a vida de D. Bosco, louvae a Deus, author de todo o bem, por vos ter enviado um modelo tão esplendido; esforcae-vos depois em imitar as suas virtudes.*







## INTRODUÇÃO

---

**D**om Bosco, logo que se investiu do character sacerdotal, concebeu o proposito firme de escolher livremente o modo de exercer o seu ministerio.

O seu plano, porém, parecia tão ousado, abrangendo commettimentos grandiosos, quasi insuperaveis, que os amigos não poderam eximir-se de manifestar sua estranheza e reparos; e no intuito de demovel-o, recorreram ao proprio confessor delle, D. Cafasso, então Presidente das Conferencias Moraes de S. Francisco de Assis.

«Que devaneios os de D. Bosco!» disseram elles com ar incredulo.

O zelo ou amor humanitario é, sem duvida, uma virtude divina, mas sob a condição de ser bem regulado na proporção das nossas forças e applicado convenientemente com justa prudencia e necessaria energia a um certo e determinado genero de occupações.

Mas D. Bosco não encara os obices, não sujeita-se a regra alguma; e não se contentando com prégar e confessar, como Capellão de um Collegio de meninas

pobres, acha prazer em rodear-se, a mór parte do tempo de rapazitos vagabundos: de sonhar, sem a minima base, em edificações de casas com escolas e officinas; falla em emprehender missões longinquas, e nada o arreda de similhantes illusões.

Não seria prestar um bom serviço a elle proprio, e á Igreja traçando discretos limites a um zelo nimiamente arrojado e quiçá, fóra das vistas de Deus?

D. Cafasso ouvia impassivel estas e outras representações e murmurações que lhe dirigiam, mas a sua resposta em tom grave e com certo accento prophetic, era mais ou menos, sempre a mesma.

«Deixae-o tranquillo! Deixae-o tranquillo!»

Ninguem havia em Turim que deixasse de reconhecer em D. Cafasso excellente bom senso tendo sempre dado provas de notavel discernimento pratico, em circumstancias mui criticas, entretanto tratando-se de D. Bosco evitava avançar um juizo mais seguro e positivo.

Por cujo motivo, muitos, volta e meia, insistiam em attrair sua attenção, acerca do singular proceder de Dom Bosco, suscitando-lhe differentes conjecturas e todas graves.

D. Cafasso, ameno e bondoso para com todos, não obstante prestar grande consideração ás pessoas que lhe fallavam, rematava sempre suas respostas com as mesmas inalteraveis palavras:

«Deixae-o tranquillo!!»

Houve um dia, porém, que sahiu da sua misteriosa reserva e pronunciou certas phrases profundas e mui significativas, que deram a conhecer que elle estudava o caracter de seu penitente.

«Conheceis, porventura, bem a D. Bosco? Quanto a mim, mais o observo e reparo, menos o comprehendo.

E' simples, natural e extraordinario, humilde e grande, simultaneamente, pobre e modesto, mas cheio de pen

samentos generosos e tão arrojados que parecem irrealizáveis, e até hoje tem sido contrariado em seus planos, sem que o animo se arrefeça, entretanto... Ao meu ver, porém, D. Bosco é um misterio. Si eu não tivesse a convicção dos seus puros intentos, de que trabalha para a gloria de Deus, de que Deus o guia, que é Deus exclusivamente, a mira dos seus esforços, julgal-o-ia um impostor, um hypocrita, mais perigoso pelo que deixa entrever, do que pelo que manifesta.

Repito, quanto a mim, D. Bosco é um misterio. Deixae-o tranquillo!! »

Por ser tal linguagem um tanto enigmatica, novos meios e tentamens adoperaram (porém frustaneamente) em ordem a que com mais precisão o venerando sacerdote se pronunciasse.

Posteriormente, quando D. Bosco, em lucta com mil contrariedades, se achava abandonado, até pelos seus melhores amigos menoscabado e geralmente perseguido, D. Cafasso, sem poder oppor-se ao genio do mal, limitava-se a dizer convicto :

«Deixae-o tranquillo.»

D. Cafasso não se enganava; presentia alguma cousa de extraordinario...

Corria o tempo inclemente...

E D. Bosco a sós comsigo meditava e agia, arcando com mil empecilhos sempre com os olhos fitos no seu sonhado norte.

Alfim, após uma prolongada vida, cheia de sanctas e insignes empresas caridosas, D. Bosco, tendo adquirido jus ao Céu, foi lá receber o premio das suas obras.

Ainda em vida, já se proclamava em todos os angulos da terra a fama de seu nome abençoado; e distinctos escriptores publicaram actos e trabalhos inauditos e descommunaes, verdadeiras maravilhas d'esse ente providencialmente modelado por Deus, em face d'este seculo, tão refractario ao sobrenatural!

O Instituto, por elle fundado, considera uma divida sagrada, escrever ainda a sua completa biographia, que difficil será por longo tempo, tal o acervo de factos estu- pndos e documentos que são de mister colleccionar.

Entrementes, já um amigo intimo, admirador de D. Bosco, animado com a approvação dos Superiores da Pia Sociedade Salesiana, tentou descrever o que presenciára, pintando o retrato, a physionomia moral do Sancto e expol-o, desde logo, como raro paradigma, ante nosso seculo assombrado.

Encomios ao Snr. Carlos d'Espiney, um dos primeiros que se empenharam a tornar bem patentes as grandes obras do Homem de Deus, offerecendo á piedade Christan um livro, verdadeiro escriptorio precioso de edificação.

Achava-se esse escriptor em condições excepcionalmente favoraveis para similhante trabalho; pois em vez de fazer investigações exactas a que qualquer outro biographo ver-se-ia obrigado, bastou-lhe referir o que havia visto com os seus olhos, tocado com as suas mãos, sentido com o seu coração; mas como ainda não tinha chegado o momento azado de publicar todos os factos, que elle conhecia de *visu*, circumscreveu-se propositalmente a uma rapida exposição.

O livro do Snr. d'Espiney, já traduzido em varias linguas, circumvagou o mundo e ha concorrido para edificar muitas almas.

Após esse primeiro livro, com o andar dos tempos e com a actuação da graça, innumerous successos importantes ainda ignotos enriqueceram a vida de D. Bosco; e, agora, que elle já não pertence a este mundo, parece ser o momento opportuno, a seu respeito, de se escrever com inteira imparcialidade.

A' ninguem cabe tanto essa missão, como á zelosa Instituição fundada pelo Pae da religiosa Familia Salesiana.

Porque já não o tem feito? Digamol-o com franqueza; uma só palavra explica tudo.

D. Bosco é um misterio!... Depois do decurso de meio seculo de prodigios, com que o Céu deslumbrou a terra, na pessoa singularissima d'esse thaumaturgo, essa palavra de um bom sacerdote, quiçá, inspirado, não pela carne nem pelo sangue, encerra uma verdade:

«D. Bosco é um misterio!» misterio insondavel, adunação mystica de Deus com o seu servo e instrumento!

Todos que com elle conviveram e presenciaram suas obras, testificam, que tal existencia extraordinaria só por si fórma um mundo, sendo que os factos e documentos correspondentes, ainda ineditos, existem, tão numerosos e de uma tão transcendente importancia, que publicados por inteiro, produsiriam um livro dos mais edificantes, com que se opulentariam os gloriosos fastos da nossa Igreja Catholica.

Quem sabe? E' possivel que se desdobrem ainda annos e annos, sem que se colleccione esse immenso acervo de factos extrondosos, aliás comprovadissimos, verdadeiros milagres, porque já não havemos de dizer? e que se tornarão evidentes, claros, como a luz meridiana, logo que o extenso admirabilissimo trabalho historico seja impresso.

Si até hoje essa obra de tão vastas dimensões ainda não se pôde organizar com o criterio e fidelidade inconcussa, com toda sorte de resguardos, como se poderia, depois só d'um mez do fallecimento de D. Bosco escrever a sua vida completa?

Assim o Snr. d'Espiney, como disse, começou por esboçar apenas a physionomia moral e o retrato do seu preclaro amigo, narrando singelamente o viver do humilde Pastor dos Becchi, e escrevendo com uma tinta especial, que faz transparecer o raio da luz sobrenatural em torno da sua pessoa, ao ponto de transformal-o n'uma sorte de essencia etherea, e cabalmente soube infiltrar no

animo dos leitores a verdade de uma assistencia divina em todos os seus actos, especialmente a poderosa adherencia de Maria Auxiliadora para com o seu dilecto servo.

Breve, aprazendo a Deus, ver-se-á como se patenteia, n'uma serie ininterrupta de factos extraordinarios, ainda hoje a mór parte ineditos, mas que já estão documentados e classificados em ordem chronologica.

Venham elles servir de alimento á fé dos crentes, acordar as almas de tão funesto lethargo e produzir ressurreições no mundo moral!

Então, quantos sedentos beberão no manancial purissimo d'agua viva, nosso Jesus, Filho de Deus!

O proprio Jesus exclamou: « Em verdade, em verdade: Eu vos digo que aquelle, que crê em Mim, fará as obras que Eu faço e maiores ainda. » (1)

O Verbo divino ficou comnosco. Tudo quanto Dom Bosco effectuou ineffavelmente, mediante Maria Sanctissima é uma prova irrefragavel da eterna palavra.

O discipulo amado do Salvador que recolheu tão solemne promessa, sellou o seu sublime Evangelho com a seguinte expressão:

« Muitas outras cousas fez Jesus, que se fossem escriptas, todos os livros do mundo seriam insufficientes para contel-as. » (2)

Estas duas harmonicas asserções, esplendidas e acorçoadoras, nos offerecem uma norma para penetrarmos o adyto tão recondito das relações misteriosas de Deus com os seus Sanctos. E, si entre as obras do Senhor, infinito numero d'ellas escapou a apreciação dos homens; si, conforme a sua propria declaração, os Sanctos podem fazer iguaes obras, e outras maiores, como a alma d'um servo de Deus, assim abençoado, deixará de infundir admiração aos proprios Anjos?

---

(1) S. João, XIV, 12.

(2) Ibid., XXXI, 25.

Como a sua vida não poderia de certo modo inspirar-se na piedade dos bemaventurados?

Mas, si não podemos perscrutar perfeitamente as relações intimas de Deus com os seus escolhidos, recolhemos, ao menos, o que apraz á bondade divina deixar-nos perceber — essas manifestações innumeras de graças, que realçam o coração dos Santos, convertidas em factos notorios e inilludiveis.

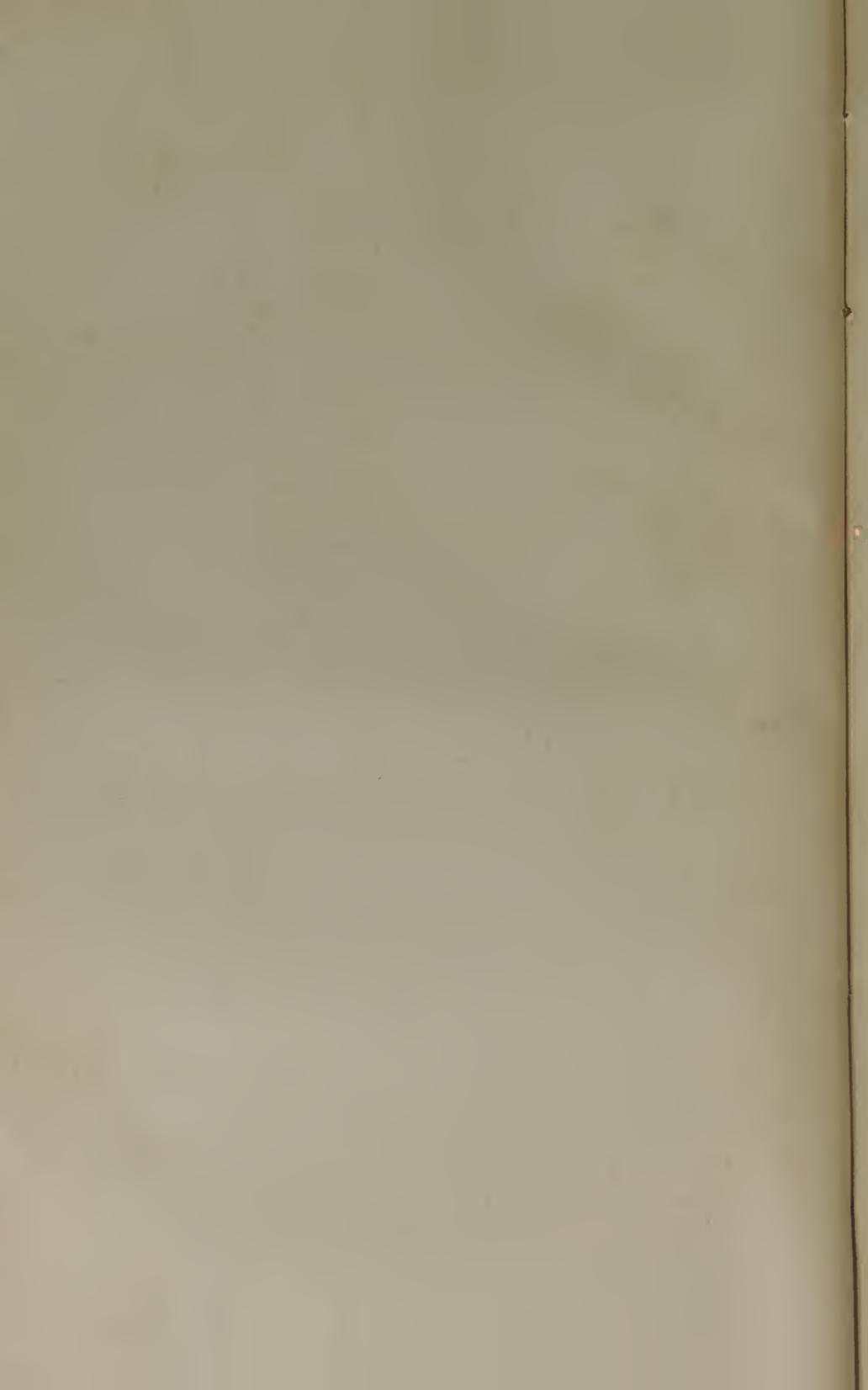
Quem conhece bem a vida extraordinaria de Dom Bosco, como o mais moderno exemplar da caridade nos seus portentosos commettimentos, ha de convencer-se, que só um fervor piedoso, qual o d'elle poderia chamar em seu pró o visível adminiculo de Deus e de sua Mãe Sanctissima.

E' sobremodo suave e consolador ver o desvelo com que Deus enxuga as lagrimas de todos que soffrem, e ainda com mais solicitude as que seus Sanctos derramam no caminho da Cruz que percorrem.

Esta esperançosa reflexão anima-nos a erguer os olhos e fitar a bemaventurança eterna, onde só depende da nossa vontade depararmos o nosso Creador, benevolmente pronó a nos attender, a abraçar-nos, a identificar o seu ao nosso coração, e fazer-nos venturosos para sempre, com a felicidade infinita da sua Gloria.

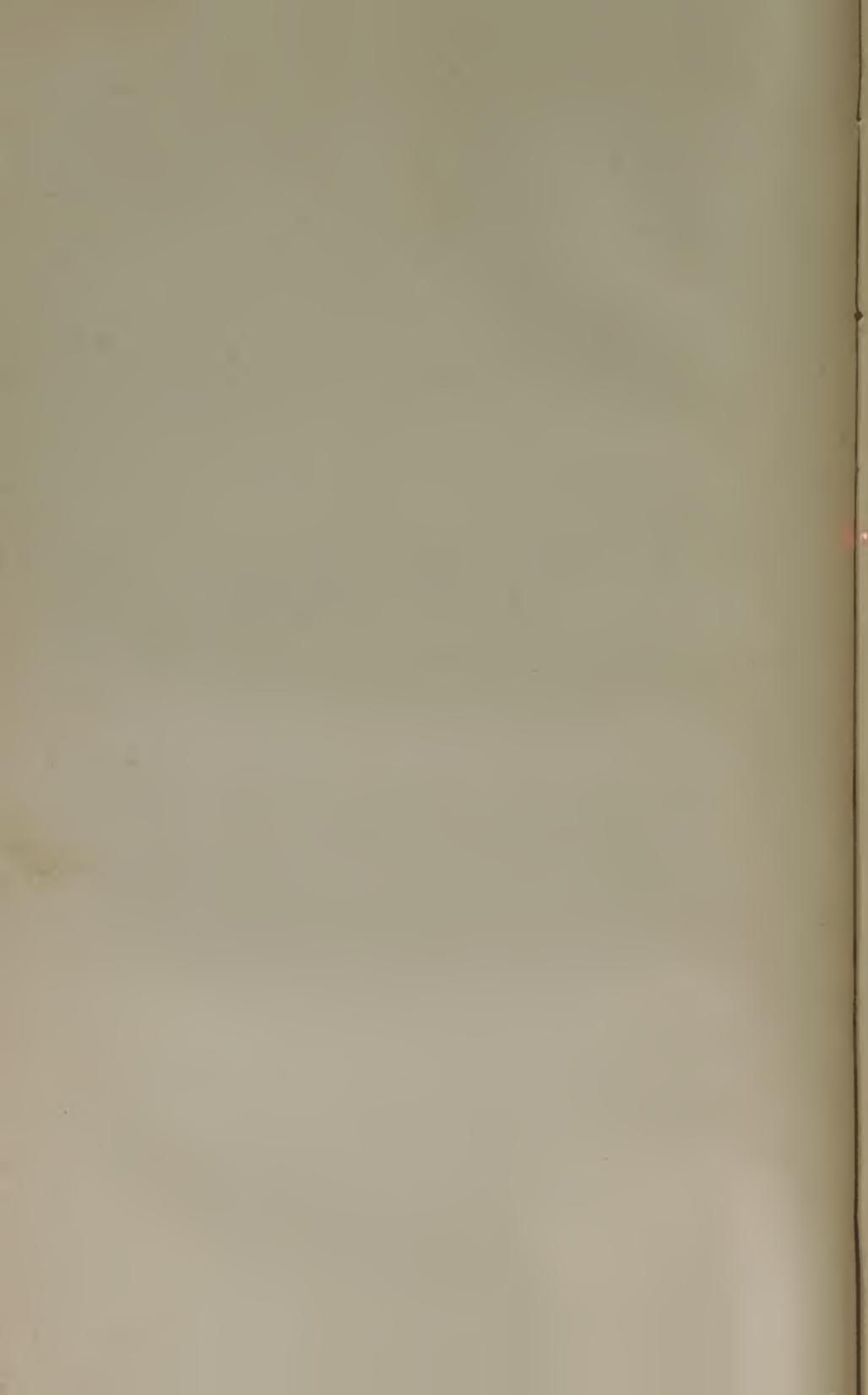
*(Boletim Salesiano).*





DOM BOSCO







## D. BOSCO

---

**U**m terno amor para com o proximo, é um dos maiores e mais excellentes dons, que a divina Providencia possa fazer aos homens.

Este interessante pensamento de S. Francisco de Sales, inscripto no frontispicio do *Boletim Salesiano*, é verdadeiramente o caracteristico da Obra Salesiana.

Dom Bosco em sua vida mortal, foi todo amor; amou com o amor mais terno, a essa multidão innumerable de meninos que o chamavam : *meu pae*.

E foi na diffusão d'esse amor haurido no proprio coração de Nosso Senhor Jesus-Christo, que esse pobre Sacerdote, privado de qualquer recurso humano, achou inspiração e força, para fundar essa Pia Sociedade de S. Francisco de Sales, destinada talvez um dia a cobrir a terra inteira, com sua vigorosa florescencia.

O fim d'esta Sociedade é dedicar-se ás diversas obras piedosas e de caridade, bem como de modo espe-

cial, *occupar-se principalmente com a mocidade pobre e abandonada*, da qual depende em grande parte o futuro feliz ou desgraçado da sociedade.

*A mocidade pobre e abandonada!* Por ventura, pôde haver obra mais admiravel do que a de *cuidar com especialidade* d'esses meninos, a quem o desvalimento, a ignorancia, o contacto com seres depravados ou pervertidos, entregam sem defesa aos assaltos seductores do mal?

Pois bem, eis que D. Bosco procura acolhel-os, dar-lhes um asylo, ensinar-lhes um officio honesto, fazer d'elles homens uteis á sua patria; mais ainda; vai por assim dizer, ennobrecêl-os, iniciando-os nos esplendores da verdade revelada. Vai descobrir-lhes a belleza immortal d'essa alma feita á similhaça de um Deus que ultrajam, porque o não conhecem, e d'entre esses filhos do povo, quantos vão ser investidos da mais alta dignidade á que o homem pôde attingir aqui na terra: o Sacerdocio!

Vamos agora a vêr, porque modo elle foi preparado e guiado para cumprir a missão que a divina Providencia lhe havia confiado.





## ANNOS DE JUVENTUDE

---

**J**oão Melchior Bosco nasceu no dia 16 de Agosto de 1815 em Castelnuovo d'Asti, nos arrabaldes de Turim.

Seu pae, Francisco Bosco, possuia na aldeia dos *Becchi*, uma pequena propriedade rural. Elle mesmo cultivava as suas terras e vivia de seu producto. Era já viuvo, quando desposou, em segundas nupcias, Margarida Ochiena, que lhe deu dous filhos; o mais velho recebeu o nome de José, o mais moço chamou-se João.

Esta união perfeitamente feliz, foi todavia dissolvida prematuramente pela morte do chefe da familia, succumbindo apoz uma curta enfermidade. Foi uma perda irreparavel, pois Francisco, varão justo, bom e infatigavel trabalhador, era além d'isso o modelo dos maridos e um perfeito christão.

João contava apenas dous annos quando esse pacifico lar foi tão cruelmente visitado pela provação. Mar-

garida era, porém, uma incomparavel mãe. Assumiu resolutamente a direcção da casa, não hesitou em tomar parte ella mesma no trabalho da lavoura, ajudada pelos dous empregados de seu marido, que se conservaram em casa, e dedicou-se com vigilancia constante á educação dos filhos.

Esse desabrochamento admiravel que fez do pequeno João um apostolo..., um Samto! foi todo, por assim dizer, obra d'essa mulher extraordinaria, que sob as humildes vestes de camponeza, occultava o coração de uma rainha.

Em Margarida Bosco, via-se o typo energico produzido pela vida do campo; n'ella porém a rudez nativa d'essa raça forte, era ameigada por uma caridade sem limites, e por um amor immenso a Deus e ao proximo; provindo-lhe d'ahi, uma verdadeira distincção e uma rara delicadeza de sentimentos.

Dotada de grande firmeza de character, mostrava-se, sobretudo, energica quando se tratava de repellir o mal. Tinha um verdadeiro horror ao peccado, e um dia, que acompanhando os filhos, encontrou um velho que proferia palavras grosseiras: «Meus filhos, lhes disse, se tiverdes algum dia de vos assimilhades a este desgraçado, peço antes a Deus que vos faça morrer n'este instante!»

As preocupações inherentes á vida material, não lhe tiravam comtudo os cuidados devidos á alma. Procurava edificar todas as pessoas de casa, por meio de boas leituras; a oração da manhã e da tarde, era feita em commum, e até quando iam ao campo ou voltavam do trabalho, a piedosa Margarida, raras vezes deixava de ir rezando em voz alta o Rosario, ao qual respondiam os filhos e creados.

Educado n'aquelle centro, a cuja simplicidade unia-se, todavia, uma certa grandeza, e debaixo, por assim dizer, da aza de uma d'essas mães, como o Senhor costuma dár aos seus eleitos, João Bosco desenvolveu-se rapidamente. Grande frugalidade em sua alimentação, a vida ao ar livre e um trabalho assiduo. tornaram-no sadio e robusto. Extremamente observador por natureza, fallava pouco, escutava muito e dava provas de uma intelligencia e resolução verdadeiramente notaveis na sua idade.

Não tardou a assumir em relação aos seus jovens companheiros e até para com as pessoas mais idosas, uma influencia extraordinaria. Quando surgia alguma discussão era elle por todos, de bom grado, o preferido para arbitro, e se assistia a algum serão, a alacridade e o interesse cordial se manifestava em todos os visinhos que corriam para ouvil-o. E' que ninguem sabia, como elle, historias tão attrahentes e commovedoras, e ninguem as narrava tão bem, ao mesmo tempo que entremeiava n'ellas factos maravilhosos que havia lido na vida dos Samtos; e sabia dár á sua narração, tal encanto que impressionava o seu ingenuo auditorio, e o conservava horas inteiras pendente de seus labios.

Já então se revelava n'elle aquelle poder de attracção que tinha de possuir em tão alto gráo.

E aqui, não posso resistir ao desejo de relatar um facto verdadeiramente caracteristico, pois que nos mostra o jovem Bosco, preludiando a singular força de acção que tinha de exercer em todos os mais.

O sitio dos *Becchi*, por ser pequeno, não possuia capella propria, mas dependia da Igreja de Murialdo, aldeia pertencente á communa de Castelnuovo. Ora

aconteceu que um saltimbanco tomou por costume ir estabelecer-se todos os domingos na pequena praça de Murialdo, justamente em frente da Igreja; augmentando assim sensivelmente o numero dos rapazes que no campo, muitas vezes, em vez de estarem dentro, assistindo aos officios, deixavam-se ficar á porta da Igreja.

O pequeno João tinha notado o grande desgosto do pobre Capellão, tanto mais que o rufar do tambor principiava antes do fim da Missa, perturbando a todos. Delineou portanto o seu plano, que pôz, desde logo, em execução.

Empregava-se então no mister de pastor e costumava levar o gado para um campo, no meio do qual havia uma grande pereira, cujos ramos eram cumpridos e grossos. Amarrrou-lhe, pois, varias cordas, e sobre ellas estudou o modo de repetir as diversas habilidades que tinha visto fazer.

Sendo como era notavelmente forte e sobretudo muito engenhoso, em breve tornou-se mestre.

Algum tempo depois, tendo comparecido o saltimbanco, o jovem pastor, collocou-se na primeira fileira dos espectadores, e repetia com ar astuto, após cada uma das habilidades do pelotiqueiro as seguintes palavras: — Não é nenhuma raridade o que faz. Esse chasco insistente, exasperou afinal o saltimbanco, que o apostrophou vivamente:

— Pois então faze outro tanto, fedelho!

— Digo-vos que não é nenhuma raridade e sem mais formalidades, eil-o pondo em pratica os mesmos prestigios, e com tal destreza que suscitou applausos freneticos, tendo em seguida executado tambem outros novos por elle inventados.

Este assalto de armas de um novo genero terminou pela derrota incontestavel do pelotiqueiro, que nunca mais ahi foi visto.

Bem se pôde imaginar quanto ficou satisfeito o amor proprio dos habitantes da aldeia, com este triumpho que fazia sobresahir a sua povoação.

Todavia no Domingo seguinte houve quem se lamentasse da falta d'uma distracção, á que haviam tomado gosto.

Então João lhes propôz, substituir o pelotiqueiro e dar-lhes regularmente no pateo de sua casa o espectáculo que tanto apreciavam. Aceitaram com enthusiasmo.

Eis, porém, que antes de principiar, põe-se a repetir com uma certeza de memoria correctamente o Sermão todo inteiro, que o Capellão tinha prégado durante a Missa, e que é de suppôr que os que haviam ficado á porta da Igreja, não tivessem ouvido. Houve, é certo, ligeiras murmurações, alguns protestos timidos, porém ninguem se afastou d'ali e as habilidades engenhosas que depois executou, satisfizeram á todos.

Na segunda representação, João Bosco não se limitou á repetição do Sermão; juntou-lhe uma dezena do Rosario, e mais tarde foi o terço todo inteiro. Nunca se tinha visto um semelhante apostolado. Tudo quanto elle pedia era acceito, e causa verdadeira surpresa, vêr-se um rapaz tão novo, quasi creança ainda, influir d'esse modo sobre as multidões.

Possuindo uma mãe qual era Margarida Bosco, não é de admirar, que em João a vocação para o estado ecclesiastico se revelasse tão cedo. Sua mãe o havia consagrado á Santa Virgem, logo ao nascer; e um sonho

que elle teve e que o impressionou extraordinariamente, já lhe tinha, por assim dizer, indicado a vereda que devia trilhar. Desde então, manifestou viva e resolutamente a sua intenção de se fazer padre, todavia não era facil a realisação d'esse desejo; na parochia não havia escola alguma, e comquanto o pastorsinho soubesse a fundo o catechismo que sua mãe lhe havia ensinado, a sua instrucção não passava muito além.

Aconteceu entretanto, que o Capellão á vista das disposições excepcionaes que tinha observado no rapaz, se offereceu espontaneamente para o leccionar uma vez por semana; offerecimento acceto pela mãe e pelo filho, com jubilo, facil de comprehender-se.

O lugar denominado *Becchi* é como já dissemos, aldeia isolada, sita bem distante da Igreja de Murialdo, centro religioso d'essa parte da parochia. Tinha de caminhar cerca de cinco kilometros entre a ida e volta; porém João Bosco fazia alegremente esse trajecto.

Sua constante applicação e admiravel memoria habilitaram-n'o a fazer em pouco tempo rapidos progressos; infelizmente o venerando D. Calosso seu professor, muito edoso, exausto pelas fadigas de um longo ministerio, foi arrebatado subitamente por um ataque apopleptico, e eis parados os estudos (1828).

A magoa que o nosso caro João experimentou, quer por vêr interrompidos os seus estudos, quer principalmente pelo sentimento de perder um mestre a quem amava, foi tão viva, que lhe alterou a saude. Sua mãe vio-se portanto obrigada a permittir-lhe frequentar a escola publica de Castelnuovo. Mas o trajecto diario era tão consideravel, que Margarida não teve outra alternativa, senão collocar seu filho em

pensão em casa de um homem de seu conhecimento e de toda a capacidade. Essa primeira separação foi penosa, porém evitava-se um excesso de fadiga e uma perda consideravel de tempo.

D'essa escôla passou João para a de Chieri, onde os estudos se faziam com mais regularidade e eram mais elevados; ahi terminou o curso de latim.

Entretanto havia chegado o momento de escolher uma carreira, João não vacillou nunca em sua resolução de se consagrar ao Senhor; hesitava, porém, entre o clero secular e uma ordem religiosa. O habito de burel dos Franciscanos tinha para elle um verdadeiro attractivo. Por outro lado conservava-se sempre sob a influencia d'aquelle sonho estranho que lhe parecera sobrenatural, e no qual elle se tinha visto, conduzindo um rebanho de carneiros depois transformados em meninos. Acabou, decidindo-se pelo seminario maior.

Temos a este respeito de relatar uma palavra magnifica de Margarida Bosco e que caracteriza admiravelmente a austera grandeza d'essa mulher do povo. Havendo alguém feito notar a João, que decidindo-se pelo clero secular poderia, em razão de suas grandes faculdades intellectuaes, attingir a uma posição elevada, Margarida exclamou: *Meu filho, nada quero de ti; nada espero de ti: « Escuta bem: nasci pobre, tenho vivido pobre e quero morrer pobre; e já te digo, se te decidires pelo estado de padre secular e por infelicidade ficares rico, nunca te hei de fazer uma só visita; antes pelo contrario, nunca porei os pés em tua casa. »*

Podemos citar muitos outros factos interessantes e cheios de edificação, que assignalaram os seis annos que João Bosco passou em Chieri; temos, porém, pressa de chegar á sua vida sacerdotal.





## O SACERDOCIO

### DURAS PROVAS

---

No dia 5 de Junho de 1841, tendo de idade 26 annos, recebeu João Bosco as ordens de Presbytero. Foi assim que o humilde pastorzinho de Castelnuovo tornou-se D. Bosco. (1)

Propuzeram-lhe, então, tomar conta de varios cargos vantajosos; mas preferio demorar-se algum tempo em Turim sob a direcção immediata do seu compatriota e director espirital, D. Cafasso; Sacerdote superior a todo o elogio e que era então professor das Conferencias de moral e presidente do Instituto ecclesiastico de S. Francisco de Assis.

D. Bosco tinha por esse digno ecclesiastico uma veneração e confiança illimitadas. Submetteu-lhe todos os seus pensamentos e acções e entrou para esse Instituto, cuja missão é aperfeiçoar os jovens sacerdotes no conhecimento da moral pratica, e exercital-os nas funcções da predica.

(1) O qualificativo *Dom* é attribuido na Italia a todos os Sacerdotes.

Era, por certo, um centro bem favoravel ao desenvolvimento espirital; estudava-se, porém orava-se ainda mais; o que não excluia uma participação activa nas obras exteriores de caridade: visitas aos pobres, enfermos, hospitaes e prizões.

D. Bosco foi pelo seu mestre apresentado nas prizões de Turim. Profunda commoção se apoderou do coração do jovem Sacerdote, ao reconhecer que entre os prezos havia grande numero de adolescentes e até de meninos.

Essa depravação precoce causou-lhe espanto e muita pena. De facto, a causa d'esse mal era por demais visivel; essas pobres creanças, logo ao seu ingresso na vida, tinham sido expostos ao abandono o mais deploravel, não tendo ante os olhos outro exemplo, senão o do vicio. Haviam decahido e a sociedade teve de encerral-os como entes nocivos. Porém a sua demora nas prizões, longe de melhora-os, os corrompia ainda mais, e apenas se viam fóra, tornavam outra vez a entrar, carregados de novos e mais graves delictos.

Desde então sentia-se incessantemente instigado por invencivel impulso a consagrar-se ás creanças pobres e abandonadas que pollulavam pelas encruzilhadas de Turim. Resolveu arrancar-os aos incentivos do mal de que se tornavam preza fatal, e lhes fazer conhecer, amar e servir a esse Deus, que tinha morrido por elles e a respeito do Qual pessoa alguma lhes fallava.

Emquanto revolvía em sua mente esse grande projecto, uma circumstancia imprevista ou antes a propria mão de Deus, deparou-lhe o seu primeiro néophito: BARTHOLOMEO GARELLI, de Asti. Era um jovem de dezeseis annos, orphão de pae e mãe, o qual como tantos outros, vagava ao abandono pelas ruas de Turim.

Entrou por acaso na sacristia da Igreja, onde D. Bosco revestia os ornamentos sagrados para celebrar Missa. Ora, aconteceu que o sacristão procurava justamente alguém que o auxiliasse á Missa, e o moço pareceu-lhe ter chegado em boa occasião para esse fim.

Teria sido certamente bem difficil a Garelli, prestar esse serviço, pois, nem sequer, sabia o que significava ajudar á Missa; resistiu portanto aos mandados d'esse homem que, é certo, os exprimia de modo assáz brusco, e essa resistencia fez com que o dito sacristão individuo de genio colerico, o gratificasse com alguns bem assentados pescoções. D'ahi, gritos e barulho.

D. Bosco informou-se immediatamente do que occorria. Socegou o menino, acariciou-o e lhe pediu que assistisse á sua Missa; depois da qual começou a conversar com elle e a interrogal-o.

Grande foi sua admiração, sentindo a completa ignorancia do rapaz a respeito das noções as mais elementares da religião e n'essa mesma tarde principiou a sua educação religiosa, ensinando-lhe a fazer o signal da cruz. A Obra Salesiana havia nascido e justamente no dia da Immaculada Conceição de Nossa Senhora, a 8 de Dezembro de 1841.

O' Rainha do Céu! de então em diante quantas graças haveis concedido a D. Bosco e aos seus filhos!

Devemos notar que o primeiro menino que a Providencia levava a D. Bosco, havia sido maltratado na sua presença; facto esse que não deve passar despercebido pois que influiu grandemente para o espirito de sua obra, fazendo com que D. Bosco se convencesse intimamente de que sempre e em toda a parte, a criança deve ser tratada com extrema brandura.

Essa exímia brandura ou tracto meigo, tornara-se desde logo o sello e a essencia da Sociedade Salesiana.

As lições de catechismo dadas a Garelli, em breve attrahiram alguns de seus companheiros. Eram pela maior parte aprendizes de pedreiro, contractados desde sua tenra idade por mestres que se descu-ravam da parte moral dos pobresinhos. Ora, é digno de reparo saber-se que d'esse momento em diante, nenhum d'aquelles rapazinhos foi victima de desastre algum, dos que são tão frequentes em sua rude e perigosa profissão. No principio do anno de 1843, D. Bosco se achava á testa de uma centena de meninos e de moços, aos quaes ensinava os principios da religião. Reunia-os o mais frequentemente que podia e conduzia-os aos officios da Igreja. Conseguiu após muitas difficuldades formar de entre elles um grupo de cantores que veio dar a essas grandes reuniões um grande attractivo. Quando podia não deixava de lhes proporcionar passatempos honestos e agradaveis e alguns pequenos confortos materiaes. Ia tambem visital-os nas suas officinas, e quando se achavam desempregados, fazia toda a diligencia para lhes arranjar outras casas, não descansando até que os visse de novo bem collocados.

O instituto de S. Francisco de Assis e sua modesta capella contigua á sacristia, foi o primeiro asylo offerecido a esses meninos.

Desde o principio, D. Bosco deu a essa reunião o nome de *Oratorio* indicando assim que o unico poder com que elle contava era o da oração. Desde o principio tambem collocou-se a si e aos seus de-baixo da protecção immediata da Santissima Virgem.

Tendo D. Bosco terminado em 1844 o tempo prefixo para os seus estudos no Instituto de S. Francisco de Assis, teve de resolver a que ramo do seu ministerio se havia de applicar; mas então como sempre, quiz fazer inteira abnegação da propria vontade e confiou essa importante decisão a D. Cafasso, seu Director por elle considerado como interprete da vontade divina a seu respeito.

A inclinação intima do seu coração o instigava a dedicar-se cada vez mais a esses meninos a quem amava com *terno amor*; porém com um desapego de vontade que nunca se poderá assaz admirar, quiz ir para onde Nosso Senhor o enviasse.

D. Cafasso depois de ter reflectido muito e muito orado, designou-lhe as funcções de director do pequeno hospicio de Santa Philomena. Devia tambem encarregar-se de uma casa de Refugio, situada em um predio visinho, onde a Marqueza de Barolo havia reunido um certo numero de moças, com o intuito de regeneral-as á coberto das miserias e dos vicios.

Essa nova posição parecia á primeira vista incompativel com o desenvolvimento do pequeno Oratorio; mas foi-lhe pelo contrario, realmente muito favoravel.

Era então director do Refugio, o Padre Borel, de origem franceza. D. Bosco encontrou n'elle o melhor dos amigos e um precioso auxiliar. Logo que se conheceram, ambos se amaram e se encorajaram ao trabalho como si as suas relações fossem de longa data.

O pequeno repartimento de D. Bosco no Refugio foi destinado para acolher os meninos.

Não tardou muito que passassem de cem.

O local era sobre modo insufficiente; os meninos precisavam deitar-se na escada e pelos corredores, e é facil de comprehender que reboliço faziam no aposento de D. Bosco.

Chegando ao conhecimento do Ill.<sup>mo</sup> Sr. Franzoni esse estado de cousas, o digno prelado approvou e abençoou a obra. Essa recommendação bastou para que a marquiza Barolo offerecesse para tal fim, no mesmo Refugio, dous quartos e uma capella ainda não de toda preparada.

No dia 8 de dezembro de 1844 D. Bosco rodeado de seus meninos celebrou alli a primeira missa.

A obra prosperava com a protecção visivel da Divina Providencia. Quiz então D. Bosco collocar-a sob a invocação de um Sancto, que fosse seu modelo e protector. Varias circumstancias contribuíram para que nomeasse S. Francisco de Sales. A marquiza Barolo tivera a intenção de fundar uma Congregação de religiosos com este titulo; para tal fim tinha exactamente destinado o local occupado, então, pelo Oratorio e em cujo frontispicio fizera pintar o retrato do mencionado Sancto. De outro lado, D. Bosco, desde muito, havia reconhecido que a inalteravel doçura e mansidão de S. Francisco de Sales eram o mais seguro meio de grangear o coração dos meninos. Juntava-se a isto a consideração de que começavam a espalhar-se em Turim certas heresias que ameaçavam perturbar os espiritos. Eis, porque a grande familia de D. Bosco traz, desde então, o nome de Oratorio de São Francisco de Sales.

Porem, toda obra para tornar-se perfeita deve passar por provações e perseguições, porquanto é unicamente o caminho da cruz que conduz á verdade e á

vida. Essas perseguições e provações são ainda mais dolorosas quando partem dos homens de bem ou de verdadeiros christãos. O melhor dos amigos está porventura isento de velleidades? Não vemos a cada passo repetir-se a historia de S. Pedro que renega a seu Mestre? Observemos, pois o modo de proceder de D. Bosco ante as perseguições dos homens.

O Oratorio de S. Francisco de Sales começava a consolidar-se. O Catechismo, o canto, as instruções — recheiadas de interessantes narrativas e oportunos exemplos — jogos variados constituíam o objecto e o incanto d'aquellas reuniões. Tinha além d'isto D. Bosco instituido uma aula nocturna que em breve teve numerosa frequencia de adultos. Estando as cousas n'este pé, a marquezia Barolo reclamou o local que tinha offerecido, para dar-lhe agora novo destino (julho de 1845).

D. Bosco com o auxilio do Arcebispo, obteve da Municipalidade o uso da igreja de S. Martinho. Este local não era muito adequado: era uma igreja abandonada desde muito tempo, na qual não se celebrava missa e contiguo a ella não havia outro lugar de recreio senão uma pequena praça publica em frente.

Assim mesmo o Oratorio foi transportado para alli. Eis as memoraveis palavras pronunciadas em tal emergencia pelo abbade Borel: « Meus filhos, as plantas não augmentam nem dão viçosas flôres, se não são transplantadas; para nossa vantagem, pois, somos transplantados para aqui. » Como vê-se, a adversidade era acceita com boa disposição de animo.

E' facil de imaginar o bulicio que produziam trezentos meninos, durante os recreios. Os moradores das casas proximas á praça para onde os meninos

affluíam, não tardaram a queixar-se da algazarra que elles faziam e em consequencia d'isto, D. Bosco foi advertido pela Policia para procurar outro lugar. A Municipalidade, comtudo, não era hostil a essa obra, antes olhava com interesse o estabelecimento da aula nocturna. Assim não houve difficuldade de conceder-lhe a transferencia para a igreja de S. Pedro ad Vincula.

Junto a essa igreja, que nada deixava desejar para o serviço do culto, havia um vasto pateo apropriado para o recreio dos estudantes, um espaçoso vestibulo que podia servir de sala de estudo, em summa, com todos os commodos desejaveis. Porém, no dia seguinte o reitor parochial, incommodado com a vozeria dos meninos e receiando perder a tranquillidade em que alli vivia, levantou tão violenta queixa que immediatamente foi retirada a permissão concedida.

O Oratorio, não podendo reunir-se no pequeno aposento de D. Bosco, durante dous mezes, trabalhou ao ar livre.

Nos domingos e festas, os meninos em numero consideravel acercavam-se com enthusiasmo de Dom Bosco, que, qual novo Moisés, conduzia o seu pequeno povo, ora a uma ora a outra igreja, onde celebrava-lhes a missa. Cada um ia munido de parca virtualha; e si o alimento era sobrio, o appetite era incomparavel. Depois de um ligeiro almoço fazia-se ao ar livre a instrucção do catechismo. De tarde iam passear, entoavam alegres canticos e voltavam á cidade, esperando que se lhes proporcionasse o ambicionado abrigo, como se fosse a terra da promissão.

Esta vida, um tanto poetica considerada sob um certo ponto de vista, não podia continuar no inverno.

Ao approximar-se essa estação D. Bosco alugou tres quartos na casa de Moretta, situada quasi defronte do logar que hoje occupa a egreja de Maria Auxiliadora.

Mas ainda tinha de lutar com muitos obices, longe estava o termo dos seus esforços beneficos. O Chefe de policia de Turim, o marquez de Cavour julgou ver n'essas innocentes reuniões um fim politico e uma ameça para o Estado. Quiz supprimit-as, e D. Bosco teve de empregar toda a energia para vencer a opposição que lhe faziam.

Além d'isto uma parte do Clero da cidade manifestou-se hostile; não via com bons olhos um commettimento tal sem a sua participacão e allegava que assim se arredava os meninos das egrejas parochiaes. A resposta era simples: quasi todos os meninos eram forasteiros, sem tecto, sem lar, e por conseguinte não pertenciam a parochia alguma. Era, antes, um bem para as egrejas que elles fossem recolhidos, para não viverem e dormirem pelas ruas.

Desviado esse pretexto, sobreveio outro: os inquietos da casa de Moretta se queixavam com tanta insistencia, em consequencia do barulho causado pelos meninos que o proprietario despediu-os de chofre e sem mais considerações.

Estava-se na primavera de 1846, bello tempo em que a natureza renasce com todas as suas flôres. Dom Bosco disse comsigo: «O bom Deus não cuidará menos dos meus pobres meninos do que dos rouxinões e das andorinhas; ando para cá e para lá, incerto de um lado para outro, como o passaro que esvoaça pelos vergeis, em busca de um logar onde faça seu ninho»; e como não achasse uma casa, alugou um prado. Assim o *Oratorio* em seus principios faz recordar Nosso Se-

nhor, quando seguido de seus discipulos e de innumera-  
vel multidão — sem ter outro abrigo senão o céu  
estrellado — percorria os arredores da Judéa.

Aos domingos mui cedo chegavam os meninos  
para desobrigar-se com o seu confessor: aquellas con-  
fissões da familia salesiana tinham na verdade a sim-  
plicidade encantadora da affeição reciproca de pae e  
filhos. O Sacerdote sentado, já tem abraçado e estreita-  
do ao seu coração o penitente ajoelhado a seus pés.  
Ah! como é suave e facil contar assim as suas faltas!

Não havia alli nem uma cadeira, nem um banco,  
siquer, muito menos uma sineta. Na falta d'esta,  
tinha-se achado — não se sabe onde — um tambor  
e uma corneta, que fariam os encantos de um anti-  
quario, e serviam para reunir o juvenil batalhão. Não  
é possivel imaginar-se mais humilde estabelecimento.  
Porem, quem poderá referir todo o bem que se fez  
então? o effeito das ternas e commovedoras allocu-  
ções que penetravam no intimo da alma dos meninos?  
as candidas e fervorosas preces que dos seus corações  
subiam ao céu?

Ouvida a missa na igreja proxima, seguia-se um  
almoço frugal, e dirigiam-se logo apoz, ao prado de  
Valdocco, onde alternavam-se os jogos innocentes, mas  
animados com as saudaveis instrucções e exercicios  
de piedade.

Quem poderia crer! Tambem d'esse campo devia  
retirar-se D. Bosco. Os proprietarios allegaram que as  
corridas dos meninos destruiam, até as raizes das  
hervas. E os expulsaram.

Ao mesmo tempo, para reconhecer-se, quam pouco  
seguro e precario é só o apoio dos homens, D. Bosco  
perdeu o logar de director no Instituto da marquezia

Barolo e com o cargo os emolumentos que constituíam todo o seu cabedal. Em tal extremo, seus amigos — entre elles o abbade Borel — o aconselharam a renunciar a paternidade d'esses meninos. Conservae, quando muito, uns vinte, lhe disseram, e despedi os outros; querer amparal-os a todos é pretender o impossivel. A propria Providencia parece indicar-vos que deveis abrir mão da vossa obra.

« A Divina Providencia! — respondeu D. Bosco, levantando as mãos para o céu, e ao mesmo tempo brilhava-lhe nos olhos toda a fé da sua alma — é ella que me enviou esses meninos e eu vos asseguro que não despedirei um só. Tenho certeza de que Deus me proporcionará todo o necessario, e posto que ninguem me quer alugar um local, com o auxilio de Maria Auxiliadora levantarei um edificio, com espaçosas salas e sufficiente capacidade para receber quantos meninos se apresentarem, com officinas de todo genero, onde aprendam um officio conforme as suas aptidões, com pateos e jardins para recreio; além d'isso terão uma igreja e muitos sacerdotes que os instruem e cultivem com esmero a vocação religiosa d'aquelles em que ella se manifestar. »

Acreditou-se então que D. Bosco padecia de certa perturbação mental e foi tido como um pobre doido digno de lastima. Arraigou-se em todos tão triste convicção, em ouvir-lhe as minuciosas particularidades que naturalmente descrevia, fallando do *Oratorio*, cujo plano bem organizado existia só na sua mente. Fazia a descrição do templo, das officinas e dos dormitorios, das salas de estudo, pateos e jardins, tudo com tão vastas proporções, quando era absoluta a carencia de recursos, pelo que tomaram como resultado de allucinação.

Não tardou que o deixassem isolado; os seus melhores amigos se retiraram. Na certeza de que elle tinha o cerebro transtornado, não faltou quem quizesse encerral-o em um hospital de doidos.

D'aqui a pouco veremos o que se deu com relação a essa tentativa indiscreta que servio somente para encher de confusão aos que a tinham concebido.

Despedido D. Bosco do Refugio, pertencente á marcaza Barolo, das Egrejas de S. Martinho e São Pedro ad Vincula, e dos prados, seu ultimo extremo, coincidiu, estar elle, um dia, á meza com os Srs. Presbiteros Borel e Pacchiotti, quando se lia a biographia de S. Felipe Nery, na passagem da narração das mortes rapidas e prematuras de todos os perseguidores d'aquelle sancto, exactamente o mesmo que estava acontecendo aos seus desaffectedos que se oppunham tão cegamente a vistas sobre modo beneficis.

Esse facsimile deu que pensar aos Srs. Borel e Pacchiotti, e tomaram, então, a firme resolução de adminicular o mais possivel os arrojados planos desse Padre providencial.





## O TELHEIRO DE VALDOCCO

---

Chegou o dia em que os meninos reuniam-se pela ultima vez no conhecido prado. No seguinte devia ser restituído ao proprietario e não se podia avisal-os qual o logar da reunião para o proximo domingo.

Figurava-se a D. Bosco que elle estava no jardim das oliveiras. A sua physionomia era triste e seus olhos se arrasavam de lagrimas. Todos o viram prostrado no chão, exclamando: «Meu Deos, faça-se a vossa sancta vontade! Acaso abandonareis a estes pobres orphãos? Inspirae-me o que devo fazer para proporcionar-lhes um asylo».

Finda que fosse esta jaculatoria, apresenta-se-lhe um homem por nome Pancraccio Soave.

— Senhor, procuraes um laboratorio? lhe pergunta.

— Não um laboratorio, mas um Oratorio.

— E' o mesmo; podeis dar a cousa por feita. O meu compadre Pinardi, excellente homem, offerece em aluguel um magnifico telheiro, apropriado para o que quereis.

Via-se ahi a mão de Deus.

D. Bosco, sem demora, foi visitar com Pancraccio o lugar indicado. Era esse telheiro uma construcção muito singela, nem mais nem menos como a que poderia servir para as missões entre selvagens. Era tão baixo que em alguns pontos não se podia ficar de pé sem dar com a cabeça no tecto.

— Na verdade é baixo demais, observou D. Bosco, e ainda que os meus meninos não sejam altos, difficilmente poderão alojar-se aqui.

— E' so isto? respondeu Pinardi; eu farei rebaixar o pavimento quanto quizerdes, lhe farei um assoalho forte e tereis um pequeno palacio. De mais, eu sou musico de canto e offereço-vos os meus serviços para as vossas festas. Tenho tambem uma bonita lampada que emprestarei á capella.

Tão singular commedimento tocou o coração de D. Bosco.

— Vejamos, podeis rebaixar o solo de um meio metro?

— Certamente.

— Ficaré prompto para domingo proximo futuro?

— Com certeza.

— O preço?

— Tresentos francos por anno.

— Dar-vos-ei tresentos e vinte; porem permittireis o uso dos terrenos contiguos.

— Podeis dispôr.

— Tracto fechado.

D. Bosco voltou ao seu prado. Ao pôr do sol presenciava-se allí uma scena commovedora. Os meninos acolheram com enthusiasmo a noticia de que a Providencia offerecia lhes um novo asylo; applaudiram ruidosamente a aquisição do telheiro de Valdocco, telheiro que mais tarde havia de pertencer-lhes como proprio e em cujo terreno havia de levantar-se o Oratorio de S. Francisco de Sales, tal qual existe hoje. Pozeram-se logo a rezar o terço em acção de graças, sabe Deos com quanta devoção!.....

Pinardi, auxiliado por Pancraccio e outros, operou maravilhas. Em oito dias, conforme o tracto, o trabalho estava concluido. Domingo, 12 de Abril de 1846, dia de Paschoa, não somente se tomou posse do novo local, mas tambem celebrou-se nelle a missa. A capella ainda que pobre, era decente e o terreno para o recreio não era escasso.

A authority ecclesiastica concedeu sem demora licença para a celebração dos officios divinos, na sobredita capella, aos domingos e mais todas as funcções do culto, como prégar, expôr o Sanctissimo, etc.

Em pouco tempo o *Oratorio de São Francisco de Sales* contava seiscentos meninos. A obra tomou vulto extraordinario. Alguns amigos de D. Bosco que se tinham d'elle retirado, agora se approximavam e ao mesmo tempo chegavam novos e importantes auxiliares.

Os dias eram bem empregados no Oratorio. Nos domingos e festas, não somente os meninos como tambem a visinhança affluíam á capella, o que moralisou muito aquelle bairro, até então, abandonado. Pode se dizer que a datar dessa epocha notou-se allí uma transformação inesperada.

D. Bosco confessava até ás oito ou nove da manhã; em seguida dizia a missa, explicava o Evangelho ou prégava a cerca das virtudes e exemplos dos sanctos. Seguia-se o recreio, depois aulas até a meio dia; ás duas horas catechismo, terço, vespervas da Sanctissima Virgem, nova instrucção e canticos. Tudo isto fazia-se com tal encanto e attractivo que os meninos, chegando a tarde, com pena viam-se obrigados a retirar-se.

Adeus, adeus, amado Padre, até logo, até domingo! diziam a D. Bosco, que extenuado pelo trabalho incessante apenas podia chegar á sua casa. E como se isto não fosse bastante, estabeleceu definitivamente a aula nocturna em toda semana. Os jovens operarios acudiram pressurosos. Pela difficuldade de encontrar auxiliares sufficientes para as classes, engenhou a seguinte combinação: escolheu d'entre elles os mais aproveitaveis e convencionou que lhes daria uma instrucção completa, sob a condição de que em troca servissem de professores aos outros.

Ensinar é um excellente meio de aprender, e esses estudantes aproveitaram muitissimo. O resultado foi que não somente se formaram bons professores, sinão tambem nasceu assim mais um seminario de sacerdotes.

A instituição dessas aulas nocturnas serviu de modelo áquellas que, seguindo o exemplo, estabeleceram-se logo em Turim e em outras cidades. Dom Bosco só merecia que lhe agradecessem e o applaudissem. Não obstante o Prefeito de Turim, Marquez de Cavour, apresentou-lhe de novo uma opposição formidavel, e nessa occasião teriam conseguido fechar o Oratorio, se não tivesse apparecido um protector

inesperado. O conde Collegno, antigo Ministro d'Estado e Conselheiro de Carlos Alberto, declarou ser vontade do Rei que não se inquietasse a D. Bosco. Com effeito o soldado e o sacerdote são homens de acção e de sacrificio e ambos assim facilmente se entendem. Em mais de uma occasião o Rei, manifestou a sua *sympatia* pelo fundador do Oratorio. Uma occasião entre outras, no dia de anno bom, lhe remetteu trezentos francos com o seguinte sobrescripto de seu proprio punho: *para os travessosinhos de Dom Bosco.*

Dom Bosco era incansavel. Além do Oratorio, exercia o seu ministerio nas prisões, no hospital de Cottolengo e no Refugio, sem levar em conta as visitas aos enfermos que fazia na cidade,

A melhor saude não podia resistir a semelhante trabalho. Sobreveiu-lhe uma grande prostração de forças; desconfiou-se que elle não poderia resistir, e por expressa ordem do medico teve de retirar-se para o campo.

Para onde foi, não encontrou maior descanso. Ás constantes visitas de seus meninos, accresciam as dos alumnos dos Irmãos das Escolas Christãs, e apesar de tudo, cada sabbado voltava á cidade para confessar e assistir ás reuniões de domingo.

Em uma dessas viagens — Julho de 1846 — apañhou um resfriamento que lhe causou violento defluxo no peito, quando o seu corpo estava já arruinado.

A enfermidade tornou-se incuravel.

Os medicos declararam que não havia mais a minima esperança.

Uma noite — em artigo de morte — o abbade Borel, que o assistia, lhe disse: — D. Bosco, rogae a Deus que vos dê saude.

—E' necessario entregar-se á sua santa vontade.

—Porem, como deixar assim os vossos filhos? Eu em nome d'elles vos supplico que rogueis a Deus para que vos conceda saude.

Então o enfermo, para comprazer com o seu amigo, exclamou: Sim, meu Deus, si isto é de vosso agrado, fazei que eu sare! *Non recuso laborem.*

O theologo Borel: Victoria! disse. Agora ficareis bom; tenho certeza.

E com effeito na manhã seguinte D. Bosco co-meçou a convalescer.

Então viu-se quanto amor tinham os seus meninos ao seu protector; para obter a sua cura, a maior parte d'elles fizeram votos tão severos que depois D. Bosco precisou interpôr toda a sua autoridade para suavisal-os, commutando as promessas.

A fim de recobrar as forças, o venerando Sacerdote teve de retirar-se por tres mezes em *Becchi*.

Porem não podia permanecer tranquillo ausente; o seu pensamento estava sempre com os meninos, e assim, apenas um pouco estabelecido, regressou ao seu querido Valdocco.





## O ORATORIO

---

Tendo D. Bosco de deixar com pezar o pequeno aposento que occupava no Refugio, por concessão da Marqueza Barolo, resolveu para evitar inutil perda de tempo, morar no proprio Oratorio e com esse proposito alugou a Pinardi alguns dos quartinhos situados ao lado da capella. Carecendo então de quem se occupasse do serviço domestico da nova habitação, convidou sua mãe para vir morar com elle.

O filho procede da mãe; mas de certo modo parece que a mãe procede do filho, quando este se acha revestido da magestade do sacerdocio. Margarida Bosco venerava seu filho tanto quanto o amava, e conhecendo por verdadeira inspiração a sublimidade da obra a que elle se dedicava, não hesitou em deixar o tecto que tinha abrigado seus felizes annos de casamento e renunciar á vida socegada do campo para d'alli em diante compartilhar do rude trabalho na familia adoptiva com seu filho.

A 3 de Novembro de 1846, mãe e filho retiraram-se d'aldeia de *Becchi*. Ambos vinham a pé, com o cajado na mão; um trazendo seu breviario debaixo do braço, a outra carregando um cesto com os objectos de uso. O pouco dinheiro que possuíam, não lhes causava grande peso nos bolsos.

Pouco tempo antes de chegar, ao atravessar o *Rondó*, encontraram-se com o P. D. Vola, que, mais de uma vez, tinha auxiliado a D. Bosco nas aulas nocturnas e no ensino do cathecismo aos meninos.

— Olá, meu pobre amigo, onde váis assim tão fatigado?

— Vou com minha mãe de mudança para o Oratorio.

— Mas não tens, que eu saiba, posição nem recursos; como vencerás taes obices?

— Não sei; Deus proverá.

O bom P. Vola, commovido por ver tanta fé e coragem, disse-lhe:

— Apenas trago commigo este relógio, mas quero que o acceites como a primeira cooperação minha á tua obra.

Foi o relógio vendido no dia seguinte, e o seu producto applicado aos mais indispensaveis moveis para a nova habitação; porém como além disso, tinha de se pagar o aluguel e attender com urgencia a muitos meninos que chegavam em estado de pobreza extrema, faltando a uns a roupa, e a muitos o alimento, Dom Bosco vendeu então uma pequena vinha e alguns metros de terra que compunham todo o seu patrimonio. A mãe mandou vir depois os presentes guardados de seu noivado, entre os quaes tinha até então conservado zelosamente sua roupa branca e algumas joias, como

preciosas recordações de sua mocidade. Sem hesitação, mandou vender mais da metade, e o resto foi destinado para enfeitar o altar da SS. Virgem.

Aos trabalhos dessa sancta mulher depressa se associaram outras, entre as quaes se distinguia por sua actividade e zelo a mãe do illustre Arcebispo de Turim. Não ha palavras que possam exprimir a caridade e abnegação com que essas infatigaveis cooperadoras se consagraram ao serviço dos meninos.

Assim fixado no Oratorio (1847), D. Bosco continuou sem descanso a cuidar dos aperfeiçoamentos necessarios a sua obra, elaborando um regulamento, verdadeiramente modelo no seu genero, mais tarde adoptado até em escolas não Salesianas. Escolheu entre os alumnos, os mais piedosos e intelligentes para como chefes de classe se encarregarem da vigilancia, e esforçou-se por educal-os cuidadosamente, afim de que por sua vez podessem educar os da classe a seu cargo. O modo de portar-se nos officios, nas aulas e recreios foi regulamentado em todas as suas minudencias. Emfim, para estimular a piedade dos estudantes, creou entre elles a *Companhia de S. Luiz de Gonzaga*, na qual este Sancto era-lhes proposto como paradigma em todas as circumstancias da vida. O Arcebispo de Turim Monsenhor Franzoni, dignou-se de approvar essa *Companhia*, e para mostrar quanto apreciava os trabalhos de D. Bosco, a 29 de Junho de 1847, festa dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, administrou o crisma aos meninos na propria capella de Valdocco.

Procurou-se dar a esta cerimonia a solemnidade possivel: a porta da capella ostentava um lindo arco de ramagens entrelaçadas; colchas, festões e flôres encobriam em parte a pobreza do interior; o que porém não

poude de forma alguma ser remediado, foi a altura do tecto. No momento em que S. Excia. Revdma. o Snr. Arcebispo ia dirigir aos meninos uma exhortação, succedeu o seguinte episodio, que assignala bem a pobreza primitiva da grandiosa obra de D. Bosco: Segundo o ritual, tinha-se collocado ao lado do altar uma cadeira episcopal, onde viera sentar-se o Snr. Arcebispo; ao levantar-se paramentado como se achava, a mitra esbarrou no tecto, e então com um sorriso de bondade nos labios murmurou baixinho: « Está bem; é preciso guardar todo o respeito a esta meninada e fallar-lhes de cabeça descoberta. » O Arcebispo jamais se olvidou deste caso e comprazia-se em contal-o a miudo e quando exhortava D. Bosco a fundar uma grande egreja, não se esquecia de dizer, sorrindo-se: « Quando construiredes egrejas, tende cuidado, eu vos recommendo, de fazer o tecto mais alto. »

Estes resultados que ia obtendo não erão sufficientes para o sacerdote, que ultrapassava em ternura e vigilancia a um vero pae de familia. Sentia opprimir-se-lhe o coração ao ver muitos de seus meninos, em consequencia da deficiencia de recursos e trabalho fortuito e irregular se acharem muitas vezes sem asylo, forçados a dormir em cocheiras, alpendres, e até em casas de má companhia, o que muito era de temer para elles. Nada lhes podia ser mais funesto que o meio vicioso em que por força tinham de viver, e de facto impressionavel como é a mocidade, o trabalho de D. Bosco seria em grande parte frustrado.

Para evitar este mal, conseguiu elle um palheiro nas immedições do Oratorio e ahi mandou collocar um pouco de palha fresca, algumas cobertas e uns saccos que serviam de camas deliciosas áquelles infe-

lizes. Este dormitório provisório e em tudo primitivo prestava excellentes serviços; mas o pobre D. Bosco teve bem depressa occasião de verificar que nem tudo são rosas no officio de *locatario de aposentos mobiliados*. Emquanto se limitou a receber os meninos que frequentavam o Oratorio, correu tudo muito bem; um dia ou melhor uma noite, movido pela caridade, tendo dado hospedagem a uma malta de jovens vagabundos com a esperanza de attrahil-os ao bom caminho, o resultado foi que, ao ir saudal-os na manhã seguinte, deparou o aposento inteiramente despido dos seus confortos: nem uma só manta, nem um só sacco: tudo tinha desaparecido.

Esta aventura longe de desanimal-o, avivou sua compaixão e piedade. Pouco tempo depois — era no mez de Maio e a Mãe de Deus não foi de certo extranha ao caso — um desgraçado orphão se apresentou a D. Bosco. Era um aprendiz de pedreiro, que viera para Turim a procura de trabalho; tendo já gasto os poucos vintens que tinha trazido, chegava ao Oratorio, depois do sol posto, sem um real no bolso, e completamente molhado pela chuva que cahia em grossas bategas. Margarida accendeu promptamente um bom fogo, seccou a roupa do hospede enviado pela Providencia Divina, deu-lhe de comer, e finalmente collocou no meio da cozinha um colchão, arranjou-lhe uma cama onde o menino passou uma noite principesca.

O hospede de Margarida foi o primeiro interno do Oratorio; pouco tempo depois veio o segundo, logo apoz o terceiro; quando chegaram a sete, a estreiteza do local não permittiu que se augmentasse o numero.

Entretanto nas reuniões dos domingos se contavam perto de oitocentos, de sorte que tanto a capella

como o pateo de recreio já não podiam contel-os, Dom Bosco e seu fiel companheiro e amigo D. Borel, pensavam que era chegado o momento de fundar um segundo Oratorio, e tendo a ideia sido approvada pelo Diocesano, puzeram mãos á obra, alugando local conveniente no mesmo sitio em que se acha hoje a Egreja e o Instituto de S. João Evangelista na Rua Victor Manuel II.

Essa localidade era excellente não só sob o ponto de vista do grande bem que se podia fazer á vizinhança, como tambem por evitar-se as grandes caminhadas que tinham de dar os meninos d'ahi até o Valdocco.

Recebeu o novo Oratorio a denominação de *Oratorio de S. Luiz*, tanto em memoria da Companhia de S. Luiz de Gonzaga, recentemente creada para os jovens, como para honrar o nome do venerando Arcebispo de Turim. Muitas pessoas auxiliaram a fundação do Oratorio, já com trabalhos, já com sua bolsa, de sorte que os *Cooperadores e Cooperadoras Salesianos* começaram a prestar seus serviços antes de serem congregados na admiravel e bem regulamentada Associação actual: o que a toda a evidencia prova sua utilidade. Quasi todas as alfaias foram doadas, e com suas mãos bordaram muitas senhoras os ornamentos da capella.

O Oratorio de S. Luiz foi solemnemente inaugurado a 8 de Dezembro de 1847. Faziam neste dia 6 annos que D. Bosco tinha recolhido o primeiro menino, era por tanto uma data memoravel: a 8 de Dezembro de 1841, recebeu o primeiro menino; a 8 de Dezembro de 1844, inaugurou o *Oratorio de S. Francisco de Sales*, na casa da marquezia de Barolo; tres annos depois se celebrava missa no *Oratorio de S. Luiz*.

Em tão curto periodo, a obra tinha progredido bastante, e ainda que as duas casas estivessem bem

pobremente começadas, mui ricas eram aos olhos de Deus, pois que oitocentos meninos ahi vinham ouvir a palavra de N. S. Jesus Christo : que melhor e mais maravilhoso thesouro ?

O clero de Turim, animado por seu digno Arcebispo, apressou-se em prestar seu auxilio ao novo estabelecimento; diversos sacerdotes, sob a direcção de D. Borel, acceitaram encargos varios uns de capellães, outros de professores, até que o Oratorio de S. Francisco de Sales poudo fornecer sacerdotes educados em seu seio que vieram definitivamente tomar a direcção da casa.

Com toda a actividade continuava D. Bosco a trabalhar no Oratorio de S. Francisco de Sales; sua aspiração principal era poder fornecer a alguns meninos asylo e alimentação, visto que perdiam-se muitos d'entre elles que não tinham domicilio, e erão obrigados a ganhar com grandes difficuldades o pão quotidiano. Alguns nem mesmo aos domingos podiam vir ao Oratorio; e assim ficavam frustraneos os melhores esforços diante de tão embaraçosas condições materiaes. Como não era possivel comprar a casa de Pinardi, porque este pedia oitenta mil francos por ella, D. Bosco, sem recursos para tanto, se limitou a alugar todos os aposentos que iam ficando vasioes por mudança de seus antigos locatarios.

Com o anno 1848, surgiram grandes difficuldades; os espiritos achavam-se em extremo agitados, as ideas revolucionarias transtornaram muitas cabeças, e nem todos os estudantes puderam furtar-se á influencia da época; alguns desappareceram, outros se tornaram menos assiduos e doceis.

Redobrou D. Bosco de esforços, e para reter os meninos, julgou que nada seria tão conveniente

como occupar-se com o maior esmero em instruil-os, para o que procurou augmentar de maneira notavel as salas de aulas, e dest'arte pôde receber nas classes nocturnas perto de trezentos jovens, algarismo de certa importancia, si se considera a difficuldade de dirigit-os todos com bom resultado. Por meio de verdadeiros prodigios de industria chegou a estabelecer no Oratorio quinze pensionistas, a quem dava alimento, roupa e casa. Ao passo que Margarida á frente da casinha, se occupava de todos os pequenos trabalhos da casa e ainda tinha tempo de remendar a roupa dos meninos, D. Bosco fazia os serviços pesados da casa, carregava agua, varria, partia lenha, accendia o fogo, debulhava feijões, descascava as batatas, e ás vezes temperava a *minestra*, que era então tida como muito gostôsa.

Cortar e coser uma calça não era para elle uma cousa difficil, assim como remendar roupas dos meninos: as costuras não eram por certo modelos de elegancia, mas sim de solidez notavel.

Quanto ao refeitorio, era dos mais elementares; cada um se sentava, onde e como podesse: uns no pateo sentados em uma pedra ou pedaço de madeira, outros sobre os degrãos da escada. As tigellas se esvasiavam como por encanto. Uma fonte d'agua fresca jorrava ao lado, e fornecia uma bebida tão salubre quão abundante.

Terminada a refeição, cada qual lavava seu prato e guardava-o em logar seguro, e quanto á colher, era objecto tão precioso, que na falta de uma gaveta onde se podesse guardal-a, mettia-se no bolso.

Tudo era alli modesto, porem grande a alegria que nelle reinava! Depois do *Benedicite*, D. Bosco costu-

mava dizer aos seus convivas : « Comei com vontade ; » recommendação que era sempre recebida com risos e applausos.

A mesa de D. Bosco não era melhor servida que a dos meninos : pão e sopa, sopa e pão eram seus alimentos de todos os dias, de modo que os sacerdotes que o auxiliavam em seus trabalhos, não acostumados a alimentação tão primitiva, recusavam o convite para jantar.

Afóra o tempo consagrado a seu caro Oratorio, D. Bosco encontrava meio de dar na cidade licções particulares a moços pobres nos quaes tinha reconhecido aptidões especiaes para o estudo ou vocação decidida para o estado ecclesiastico, e bem depressa a excellencia de seu methodo de ensino e inesgotavel paciencia conseguiram fazer desses discipulos, distinctos cidadãos.

Alem disso não se esquecia de visitar as prisões, o hospital de Cottolengo, ouvir confissões, assistir a doentes etc., esmerava-se sobretudo em aperfeiçoar e dar maior incremento ás aulas nocturnas, cuja utilidade se impunha a todos como que satisfazendo as necessidades da occasião.

Por outro lado, deu grande impulso ao estudo da musica instrumental e vocal, por ter observado que a voz melodiosa de alguns destes meninos, a perfeição com que cantavam, iam attrahindo o affecto d'aquella gente, em que parece innato o sentimento da arte, e serviam de attractivo a outros meninos, que vinham se juntar aos já existentes.

Muitos jovens professores e organistas formaram e cultivaram seu talento n'essa escola. Posteriormente a cultura da bella arte musical se tornou um caracte-

ristico das Casas Salesianas; mal apenas se abre uma escola, apparece logo um organista, que continua a aperfeiçoar suas aptidões dando licções e servindo nos divinos officios da Igreja.

Realmente a musica é um precioso meio de cultura intellectual e moral, e ao mesmo tempo serve para dar realce ás ceremonias do culto nas mesmas Capellas.

O brilhante successo das aulas nocturnas chegou a tal ponto que a Municipalidade de Turim concedeu a D. Bosco como recompensa, um premio de seis mil francos, e depois outro de mil francos para a musica, ao qual juntou uma subvenção annual que foi paga até 1872.

Alguns curas de Turim não viam com bons olhos essa Obra, pois lhes parecia que fazendo-se n'um estabelecimento particular, primeiras communhões, confirmações, etc. se invadia o dominio parochial, e de conformidade com esse modo de pensar foi apresentada queixa perante o Arcebispado de Turim; mas o Arcebispo que jamais havia negado seu auxilio a D. Bosco, conferiu-lhe com toda a regularidade amplos poderes, de modo que o Oratorio se transformou, segundo a expressão do Prelado, na *Parochia dos meninos desvalidos*.

Difficilmente comprehender-se-á como este pobre sacerdote, tão digno de admiração em sua apostolica missão, tinha sido perseguido pelo odio das seitas; ponto este de parecença com S. Francisco de Sales. Na verdade não se pode explicar senão por acção diabolica, as reiteradas tentativas feitas para assassinal-o. Contaremos d'aqui a pouco como elle escapou muitas vezes milagrosamente, das aggressões de seus inimigos.

Em 1849, as provas por que ia o espirito publico passando não foram menos graves; o sopro da revolta continuava a agitar as cabeças. Por este motivo Dom Bosco augmentando o trabalho que já tinha, fundou em Turim seu terceiro Oratorio, em Vanchiglia, bairro summamente pobre e desprovido de Egreja; este Oratorio recebeu o nome de *Anjo da Guarda*, e junto delle mais tarde, a expensas da Marqueza Julia de Barolo, se edificou a Egreja parochial de *Santa Julia*.

A guerra, que tinha começado no anno precedente com a Austria, forçara o governo a occupar varios seminarios com tropas, obrigando assim a dispersarem-se os seminaristas. D. Bosco recolheu quantos poude, isto é, uns trinta pensionistas. A 2 de Fevereiro de 1851, teve a inexprimivel satisfação de vestir a sotaina a 4 meninos dos do Oratorio, primeiros do Instituto de S. Francisco de Sales, que devia tomar rapido e maravilhoso vôo.

Desde 1846, era D. Bosco arrendatario, a principio, de uma parte e depois de toda a casa de Pinardi; mas em começos de 1851, de um modo inesperado, se tornou seu proprietario.

Pinardi sempre dissera que não venderia sua propriedade por menos de oitenta mil francos, preço sem duvida exagerado. Um dia chegou-se a D. Bosco e disse-lhe amigavelmente:

— Então! D. Bosco, não quer comprar a minha casa?

— D. Bosco compral-a-á, quando o Snr. Pinardi quizer vendel-a por um preço razoavel.

— O preço é de oitenta mil francos.

— Assim não nos entendemos.

— Quanto o Snr. offerece?

— Avaliam este edificio em vinte e seis e vinte e oito mil francos; offereço trinta mil.

— O Snr. dá um presente de quinhentos francos para os alfinetes de minha mulher?

— Dou.

— O pagamento é á vista?

— A' vista.

— Todo de uma vez no prazo de quinze dias?

— Como fôr de seu agrado.

— Quem se arrepender, pagará cem mil francos de multa.

— Sim.

Apertaram as mãos; e o negocio deu-se por concluido.

D. Bosco não possuia um só vintem dessa avultada quantia; porém, como se tratava dos seus meninos, sua confiança era absoluta.

Com effeito, mal apenas Pinardi se havia retirado quando D. Cafasso entrou trazendo-lhe dez mil francos, generosa offerta da Condessa Casazza Ricardi.

No dia seguinte, um Padre Rosminiano vinha consultar D. Bosco acerca do destino que devia dar a quantia de vinte mil francos, de cujo emprego tinha sido encarregado. Nada mais simples. O banqueiro Catta ajuntou tres mil francos para o resto, e assim foi comprada e paga a casa de Pinardi em 15 de Fevereiro de 1851.

D. Bosco pensou logo em edificar uma Igreja em honra de S. Francisco de Sales. A capella improvisada que até ahi tinha servido, se achava em nivel inferior ao do solo, e por esta razão era muito humida, faltava-lhe a ventilação necessaria e mais de uma vez os meninos se tinham sentido mal, litteralmente suffocados.

O engenheiro Blachier desenhou um plano, e sem perda de tempo se começaram os trabalhos de nivelamento.

A escassez de recursos, sempre, a mesma; mas, sempre, a intervenção visível da Divina Providencia. Uma subvenção inesperada de Victor Manuel, grande numero de esmolas e uma loteria forneceram o dinheiro necessario.

A 20 de Junho de 1852, a Egreja de S. Francisco de Sales foi solememente benzida.

Foram então rememoradas algumas phrases de D. Bosco, que tinham passado despercebidas, e que agora com grande pasmo de todos se viam realisadas.

Em 1846, quando se rebaixava o solo de Valdocco para a edificação de uma capella, alguns meninos se divertiam em subir sobre os montes de terras removidas. Era n'um domingo. D. Bosco subiu por seu turno sobre um dos monticulos e dirigindo-se aos meninos que se achavam em derredor, disse-lhes: *Sabei que um dia neste mesmo lugar se levantará o altar de uma bella egreja, onde vireis receber a sancta communhão e cantar louvores a Deus*; e entoou com todos o seguinte cantico:

Seja pr'a sempre louvado  
O nome de Jesus e Maria  
D'Ella Elle se filia  
E louva-se o Verbo encarnado.

Pois bem, o altar da egreja de S. Francisco de Sales se acha hoje em dia no mesmo lugar que o servo de Deus tinha designado.

Depois de ter elevado um templo ao Senhor, Dom Bosco occupou-se da casa para os meninos, porquanto era tempo de recolhê-los e afastal-os de todo dos perigos a que se achavam expostos nas ruas.

Começou-se logo a obra, e importantes construcções rodeiavam já a capella; mas esse Oratorio que devia servir de refugio a tantas almas innocentes, avidas de aperfeiçoamento e santidade, antes de acabado, teve de passar materialmente ainda por duas provas.

A 26 de Abril de 1852 houve a terrivel explosão de uma fabrica de polvora situada 500 metros do Oratorio, em consequencia da qual elle podia ter sido completamente arrazado; varias paredes se abriam com o abalo, e não se pôde explicar como a igreja, acabada ha quatro mezes apenas, ficou de pé.

Foram os damnos reparados, e se começou o edificio de que já fallamos. A sua construcção ia muito adiantada, o vigamento prompto só esperava pelas telhas, quando sobrevindo chuvas torrencias, na noite de 2 a 3 de Dezembro, as paredes humedecidas, cahiram com espantoso estrondo. Tal como se deu a explosão de polvora, não houve nenhum ferimento.

No dia seguinte, uma commissão enviada pela Camara Municipal, foi vistoriar o edificio; o architecto muito admirado se pôz a examinar uma pilastra, que deslocada em sua base, sustentava ainda uma pobre casinha:

— Estava esta casa occupada na noite de hontem por occasião da catastrophe? perguntou.

— Dormi eu nella com trinta meninos, respondeu D. Bosco.

Então, podeis dar graças a Deus; esta pilastra se mantem de pé contra todas as leis de equilibrio; é maravilhoso que não tenhais sido todos esmagados.

No anno seguinte foi reparada e acabada a construcção do edificio que tinha desabado.

Em 1860, época em que o Oratorio esteve mais que nunca ameaçado, D. Bosco não teve difficuldades em adquirir uma grande casa com a qual augmentou em dobro a extensão do terreno já occupado.

A 15 de Maio de 1861, cahiu ali um raio. Os meninos celebravam o mez de Maria; tinham acabado as orações da noite, quando, cousa singular!, o padre João Bonnetti, como que impellido por um presentimento fez recitar mais tres *Ave-Marias* afim de que a Virgem Sanctissima preservasse a casa de todo o perigo, invocação que na occasião produziu certa extranheza entre os meninos. A uma hora dessa mesma noite se conheceram a oportunidade e efficacia dessa lembrança, porque repentinamente a essa hora foi o dormitorio illuminado por uma vivissima luz que logo se apagou, immergindo de novo tudo nas trevas, e ao mesmo tempo se sentiu um estrondo formidavele tão forte abalo que a casa parecia vir a baixo. O raio, destruindo o tecto de um dos dormitorios, fel-o cair sobre alguns meninos, soterrando-os nos escombros.

É facil immaginar os gritos, lamentos, gemidos e confusão occasionados e que em consequencia da obscuridade que reinava, enchiam da maior angustia a todos.

O raio tinha entrado pela chaminé do quarto de D. Bosco, circulando seu catre de ferro com uma luz deslumbrante e levantando-o no ar o tinha projectado com violencia de encontro ao soalho.

A principio se acreditou estarem mortos pelo menos a metade dos meninos; promptamente se organisaram socorros sob a decidida direcção de Dom Bosco, e depressa se reconheceu com alegria, que nem o mais insignificante arranhão tinham recebido; e rendeu-se graças a Nossa Senhora Auxiliadora pela grande protecção que ella não cessava de dispensar ao Oratorio.

Outros estabelecimentos foram annexados em 1862 e 1863; e por fim o Oratorio de S. Francisco de Sales ficou completo com a erecção de uma igreja magnifica, consagrada a Maria Auxiliadora. D. Bosco collocou a primeira pedra em 1865 e foi acabada em 1868.

*A Historia do Oratorio de S. Francisco de Sales* foi publicada com todos os pormenores, no Boletim Salesiano, onde os leitores podem encontral-a muito interessante e minuciosa.





A PIA CONGREGAÇÃO SALESIANA  
Obra de Maria Auxiliadora  
IRMÃS DE MARIA AUXILIADORA

---

Não tardou a Obra Salesiana a estender-se de um modo extraordinario. Muitas cidades desejaram ter Oratorios semelhantes aos de Turim. A' vista de tal desenvolvimento, D. Bosco teve de preoccupar-se com o intuito de achar sacerdotes que compenetrados do espirito de S. Francisco de Sales se consagrassem á instrucção dos meninos pobres e abandonados. Infelizmente os graves acontecimentos occorridos, desde 1848, tinham sido fataes ás vocações ecclesiasticas; os seminarios estavam desertos.

D. Bosco comprehendeu que a necessidade mais imperiosa, mais urgente era formar meninos para o sacerdocio, e emprehendeu esse trabalho com a sua habitual energia e incrivel força de vontade. Os seus esforços por muito tempo foram frustraneos, e outrem

que não elle teria desistido do intento. Os preciosos germens, cultivados com particular esmero, desenvolviam-se com extrema lentidão; porem, afinal, pôde conhecer com inequívocos signaes que o seu trabalho era abençoado e que obteria muitos operarios.

Já dissemos que em 1851, quatro de seus meninos tinham vestido a batina.

Somente em 1857, elle pôde reunir, em torno de si, uma quinzena de jovens sacerdotes e clerigos formados sob sua direcção: Pensou então em dar-lhes uma regra, e começaram a submetter-se a uma vida conforme a d'uma Communitade religiosa.

Esta experiencia nada deixou a desejar, e S. S. Pio IX, em 1874, approvou definitivamente a *Constituição da Pia Congregação Salesiana*, que de então ficou regularmente fundada.

*Senhor, dae-me almas! dae-me almas! Da mihi animas, caetera tolle*, era a exclamação de amor professada constantemente por D. Bosco.

Para salvar as pobres almas, em torno das quaes anda como leão faminto o principe d'este mundo, era-lhe preciso, antes que tudo, ter muitos auxiliares sacerdotes.

Em 1872 teve a inspiração de completar o seu seminario ecclesiastico com outra instituição. Até então só tinha escolhido jovens clerigos, entre os meninos que elle proprio educára; depois não tardou em reconhecer que encontravam-se, embora latentes, não poucas vocações entre moços instruidos em outras casas e tambem entre homens de certa idade, que baldos de recursos, sem guia, ficavam perdidos para a Igreja. Então, ideou uma nova e utilissima fun-

dação: *A obra de Maria Auxiliadora para favorecer e estimular as vocações ecclesiasticas entre os adultos*: Destinada esta aos jovens já perfeitamente desenvolvidos e aos homens avançados em annos produziu um bem incalculavel. Grande porção de pessoas capazes receberam uma instrucção completa, adquirindo mais altos estudos theologicos nas casas Salesianas.

D'este modo D. Bosco conseguiu dar á Egreja mais de *seis mil sacerdotes*. D'estes algumas centenas permaneceram na sua Congregação; os restantes, em grande numero, têm pertencido ao clero secular, no qual se hão distinguido. Ha poucas parochias em Turim, no Piemonte e na Lombardia, em que não se ache algum sacerdote educado na Congregação Salesiana.

A providencia deparou outra fundação a Dom Bosco: a das *Irmãs de Maria Auxiliadora*. Desde muito tinha elle reconhecido o grande bem que podia fazer-se ás meninas pobres, ás aldeãsinhas que passam sua vida no campo. E quem? se não a mulher podia desempenhar tão delicado encargo e cuidal-as com amor de mãe? Nada, pois, mais opportuno do que a creação da instituição das *Irmãs de Maria Auxiliadora* (1872). Maria Mazzarello, piedosa joven de Mornese, foi a sua primeira superiora. Em poucos annos essa Congregação tomou um vôo sorprendente: multiplicaram-se as vocações e essas sanctas religiosas, em ambos os continentes prestam inestimaveis serviços.

Visivelmente protegida pela Sanctissima Virgem, sustentada e vivificada com admiraveis vocações e extraordinaria abnegação, a Obra de D. Bosco tem-se

propagado de um modo incompreensível. Os seus benefícios derramam-se pela Italia, França, Hespanha, Austria, Inglaterra etc.

Nos ultimos annos D. Bosco recebeu varios pedidos para abrir casas nas Indias, na China, no Japão e até nas mais remotas ilhas da Oceania. Infelizmente por falta de pessoal, não menos de trezentos de taes pedidos deixaram de ser attendidos.

Como já se disse, as mais importantes decisões relativas á Congregação Salesiana se tem geralmente effectuado a 8 de dezembro, dia da Immaculada Conceição, e n'essa data têm sido resolvidas e effectuadas innumeradas fundações. A ultima foi a de Lieja inaugurada pelo proprio D. Bosco a 8 de dezembro de 1887, ainda que na vespera tivesse determinado o Conselho deixar em suspenso esse pedido....





## AS MISSÕES DA PATAGONIA

E

### DA TERRA DO FOGO

---

Dom Bosco com sua immensa caridade devia ainda tecer uma magnifica corôa: *a Obra das Missões Catholicas na America do Sul.*

Nosso Senhor Jesus Christo, enviado por seu Pae aos homens, foi o primeiro missionario. Os discipulos do Salvador se têm empenhado em continuar a missão confiada aos apóstolos: — evangelizar o mundo.

Uma rara circumstancia pareceu a D. Bosco como um convite directo da Divina Providencia para dar missões na Patagonia.

O Consul da Republica Argentina em Turim, admirado do quanto tinha visto no Oratorio d'essa cidade, solicitou que se fizesse uma fundação semelhante na provincia de Buenos Aires.

Dom Bosco, com a intenção de pregar a palavra de Deus na Patagonia e Terra do Fogo, accedeu.

Essas vastas regiões que se estendem ao sul da Republica Argentina e do Chile, estão quasi inexploradas. Prolongam-se até á extremidade do novo mundo e são o territorio mais austral que existe no globo.

Quantos missionarios tinham tentado penetrar nellas que foram mortos.... devorados! refere a tradição.

Essa foi a sorte, segundo dizem de muitos padres jesuitas que esforçadamente se internaram n'esses logares inhospitos, para não mais sahir d'elles.

Com a benção e approvação de S. S. Pio IX, D. Bosco não se demorou em enviar alguns sacerdotes. A 11 de novembro de 1875, sob a direcção de D. Cagliero, emprehenderam a viagem os primeiros Missionarios Salesianos, destinados para a America.

Prevendo as difficuldades que os aguardavam, D. Bosco tinha-se occupado com cuidado paternal até das menores particularidades e lhes tinha indicado minuciosamente o caminho que deviam seguir.

Desembarcando em Buenos Aires a 14 de Dezembro, logo fundaram um Oratorio em S. Nicolás dos Arroyos.

Essa casa devia ser o centro de seus movimentos e servir de asylo aos sacerdotes que precisariam de breve descanso.

No anno seguinte, juntamente com outros novos Missionarios, chegaram as Irmãs de Maria auxiliadora. Estabeleceram-se então na Republica Argentina, nos Pampas, e no Uruguay varios asylos, oratorios, collegios e capellas, abrindo-se muitas officinas, para meninos dirigidos pelos sacerdotes, e para meninas sob a zelozza direcção das Irmãs de Maria Auxiliadora.

Algumas d'essas casas situadas nos confins da Patagonia serviram para attrahir pouco e pouco os indigenas: foram estes os primeiros neophitos.

Os missionarios entregaram-se com vivo empenho ao estudo da lingua dos indios e a preparar o caminho para chegar até as tribus que desejavam evangelizar; e chegado o momento favoravel, puzeram-se em marcha.

O espirito maligno pareceu, então, combater com toda a sua raiva os valentes obreiros que iam a arrebatá-lhe tantas almas; desencadeou contra elles os elementos e suscitou-lhes mil difficuldades.

A primeira expedição effectuou-se por mar (1878): Mas agitado o navio por uma furiosa tempestade, depois de trese dias de soffrimentos, os Missionarios, em lugar de tocarem as costas da Patagonia, como esperavam, acharam-se de novo no mesmo porto de Buenos Aires, de onde tinham partido.

Uma segunda tentativa por terra não teve melhor exito. Nem por isto desanimaram. Finalmente a victoria corôou tão generosos esforços. Os Salesianos lograram estabelecer-se no proprio centro da Patagonia, perto das margens e dos affluentes do Rio Negro, onde começaram a ensinar a divina palavra a essas multidões abandonadas.

Proseguindo o seu caminho, fundaram uma estação e edificaram uma capella quasi nos confins da Patagonia, junto as margens do Rio Santa Cruz, no meio dos Indios os mais selvagens.

D'alli o padre Beauvoir foi dar missões ao Cabo Virgenes. no estreito de Magalhães, que separa a Patagonia da Terra do Fogo.

O padre Fagnano chegou ainda mais longe. Atravessou o estreito de Magalhães e percorreu a Terra do Fogo e as ilhas adjacentes (1886).

Não foram menos arrojadas as excursões realizadas na Patagonia Septentrional. Monsenhor Cagliero, ora a cavallo, ora a pé, depois de percorridas seiscentas legoas, chegou á Cordilheira dos Andes e passou ao Chile. O clima da Patagonia é extremamente rigoroso : frio intenso, neve abundante, chuvas diluvianas, ventos fortes e quasi continuos. Quem poderá descrever os soffrimentos dos pobres sacerdotes, habituados ao doce céu da Italia? Mas, como seu pae Dom Bosco, *ambicionavam almas*, e nada os detinha.

Não é aqui occasião de referir as peripecias sem conta, as scenas commovedoras, os perigos de toda sorte encontrados em tão remotas Missões. O resultado foi digno de tamanha abnegação e perseverança inabalavel. A doçura incomparavel e extrema bondade de S. Francisco de Sales triumpharam mais uma vez da ferocidade e da barbaria. Aos Salesianos cabe a insigne gloria de terem plantado a cruz na Patagonia e na Terra do Fogo.

Mais de vinte mil selvagens receberam o baptismo, innumerous os casamentos abençoados, as escolas, capellas e asylos fundados e a palavra de Deus, conforme o *Ite et docete omnes gentes : Ide e ensinae a todas as nações*, resouu entre os Indios mais indomaveis e ferozes.

Em 16 de novembro de 1883, S. S. Leão XIII erigiu na Patagonia um Vicariado e uma Prefeitura Apostolicas. O Vicariato comprehende a Patagonia septentrional e central; a Prefeitura, a Patagonia meridional, a Terra do Fogo e as ilhas adjacentes.

A extensão d'essas terras é quasi como a de toda a Europa.

O Vicariato foi confiado por Sua Sanctidade ao Exmo. Monsenhor Cagliariero e a Prefeitura ao padre José Fagnano.

Sua Sanctidade, no interesse de extender os beneficios d'essas missões, dignou-se de conferir a dignidade episcopal ao Exmo. Monsenhor Cagliariero, preconizado bispo de Magida no concistorio de 13 de novembro de 1884. Foi este o primeiro bispo da Congregação Salesiana.

Eis um breve resumo dos prodigios feitos em menos de quinze annos pelos admiraveis missionarios de D. Bosco.

Além da Prefeitura e do Vicariato Apostolico de que são incumbidos na Patagonia e na Terra do Fogo, os Salesianos prestam grandes serviços em varios estados da America do Sul, com casas estabelecidas na Republica Argentina, Brasil, Paraguay, Uruguay, Equador e Chile.

D. Bosco teve revelação da grandiosa obra reservada a seus missionarios. Poucos dias antes da sua morte, dizia: *Propagae ardentemente a devoção á Sanctissima Virgem na Terra do Fogo. Oh! se soubesseis quantas almas, Maria Auxiliadora quer ganhar para o céu por meio dos Salesianos!*

E depois accrescentou: *Soccorrer os nossos Missionarios é o meio mais infallivel de obter de Maria Auxiliadora todas as graças que se desejam.*







## SYSTEMA DE EDUCAÇÃO

---

Todas as casas de D. Bosco trabalham com um systema uniforme.

Os professores e directores das officinas, são, geralmente, Salesianos: sacerdotes, clérigos ou leigos. Na falta de Salesianos, empregam-se, quanto é possível, antigos alumnos, que, formados nas casas de D. Bosco, são paes de familia exemplares.

Quando é preciso lançar mão de mestres estranhos, fazem-o com summa discrição e exigem-se todas as garantias indispensaveis.

A maior parte dos meninos aprendem um officio e recebem a instrucção elementar. Aquelles que manifestam disposições especiaes passam a ser *estudantes*. Então ensina-se lhes o latim e as materias do programma official, a fim de que possam receber grãos e seguir uma carreira superior.

Finalmente a *Obra de Maria Auxiliadora para cultivar as vocações ecclesiasticas* proporciona estudos completos, sem passar pelo Grande Seminario, aos que sentem-se chamados ao sacerdocio.

O systema de educação de D. Bosco, e que, seguindo-lhe o exemplo, têm adoptado muitos collegios, é de uma simplicidade e efficacia admiraveis. Elle emprega habilmente certas formulas que dissipam obscuridades e inoculam os mais difficeis conhecimentos.

Temos conhecido jovens, que aos vinte annos, sabendo então somente lêr e escrever, em poucos annos de estudo chegaram a ser excellentes sacerdotes com perfeita instrucção.

Com referencia á direcção moral que guia os meninos, não ha methodo superior ao de D. Bosco: o *systema preventivo*, que consiste em prevenir as faltas, para assim não se empregar o castigo. Os sacerdotes formados n'essa escola distinguem-se na applicação de similhante systema, cheio do espirito de S. Francisco de Sales: — amar os meninos e delles fazer-se amar não é, porventura, o melhor modo para obter tudo?

Esse systema está inteiramente baseado nas palavras de S. Paulo: *Charitas benigna est, patiens est; omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet. A caridade é benigna, paciente; tudo soffre, tudo espera, supporta tudo.*

O mestre sempre com os olhos no coração do menino empenha-se em prevenir o menor desalento, e como requer que o affecto substitua a coerção, uma palavra, um só olhar são admoestações que são sufficientes para manter a ordem, desnecessarias as reprehensões severas e os castigos.

O que distingue as Casas Salesianas d'entre todas as outras é o caminho da perfeição christã em que confiadamente e com extraordinario resultado tem feito seguir seus meninos.

Conforme o costume primitivo da Egreja, desde pequenos são admittidos á primeira communhão. « Apenas um menino sabe distinguir entre pão e pão e tem as noções indispensaveis, sem se importar com a idade, deve-se fazer reinar o Senhor em suas almas bemditas », disse D. Bosco. « Columnas d'este edificio pedagogico são a missa quotidiana, a confissão e communhão frequentes. » E convem advertir, que por communhão frequente, D. Bosco entende aconselhar a que se faz diariamente, si é possivel. Assim, quasi todos esses meninos commungam no dia de domingo; muitos, duas ou tres vezes durante a semana, e alguns todos os dias.

Os estudantes e aprendizes nunca estam a sós. Todas as officinas são vigiadas por um sacerdote ou clerigo que ao mesmo tempo que desempenha semelhante cargo continua seus estudos. O mesmo dá-se nas horas de recreio; ahí porem a vigilancia reveste maior doçura, pois é costume que os jovens sacerdotes tomem parte activa em todos os jogos; e houve tempo em que o proprio D. Bosco não desdenhava jogar com os meninos á barra e á bola. As scenas que davam-se então no Oratorio eram encantadoras. Eis a memoria que escreveu a respeito D. Ballesio (1).

« Quantas vezes me acode a lembrança de Dom Bosco! O vejo meigo e sorridente, debaixo do portico

---

(1) Oração funebre pronunciada em honra de D. Bosco.

ou no pateo, sentado no chão, no meio de sete ou oito fileiras de meninos que, como flôres viradas para o sol, agrupam-se-lhe ao redor para escutal-o.

« Entrae no refeitório quando acaba a refeição. Vereis a D. Bosco, que occupado em continuado trabalho, chega a tomar um leve alimento, ultimo de todos. Porventura ha alguma cousa reservada especialmente para elle? Não, nada; apenas a apostolica comida dos seus, e por signal requentada. Porem, ó céos, que algazarra tamanha? Ha alli uma quantidade de meninos que jogam, cantam e gritam: uns de pé, outros sentados nos bancos, outros sobre a mesa. Em redor de D. Bosco apinham-se as cabeças. Quasi se o não vê. E, no meio d'esse bulicio e d'aquelle ambiente apenas respiravel, D. Bosco folga com seus filhos, alenta a um com uma palavra, a outro com uma caricia, a ess'outro, além, com um olhar, aquell'outro com um sorriso: todos estam contentes e elle contentissimo. Tambem emquanto come D. Bosco não perde a oportunidade de cumprir o seu abençoado proposito. Estar com os meninos é a sua sancta e irresistivel paixão. Nunca se enfada, nem se perturba; somente sente que visitas importunas venham distrahir-o de seus familiares entretenimentos.

« Depois de passar o dia comnosco, acabada a aula da tarde, a de canto e musica para uns, a de grammatica e arithmetica para outros, ao toque da sineta, iamos rezar. Precioso e sublime momento! O meu coração palpita ao relembra-lo! Entoa-se um cantico: tresentos meninos formam um coro imponente que ouve-se a uma distancia consideravel. Todos rezam em voz alta e Dom Bosco no meio, ajoelhado como os outros sobre a pedra dura. Como era

bella então e recolhida a sua postura ! Acabadas as orações subia ao pequeno pulpito. Ao vel-o apparecer alli paternalmente amoroso, sorridente, fixando em todos o seu olhar bondoso, ouvia-se no meio d'essa grande familia como um poderoso alento, uma exclamação, um placido rumor, um suspiro prolongado de satisfação e contentamento. Logo, em religioso silencio, sem desviar d'elle os olhos, escutavamos as ordens para o dia seguinte e os seus conselhos. Recommendados estes como um pae faz com seus filhos, dava-nos as boas noites, saudação que era correspondida com outra geral, estrondoza e enthusiastica de respeito e de amor. ».

Este costume do Director, depois das orações da noite, fazer uma breve e muito affectuosa exhortação aos alumnos—chamada por D. Bosco, chave da moralidade, da ordem e bom exito na educação — tem-se perpetuado em todas as casas salesianas.

A pobre humanidade se esforça de sacudir o jugo do trabalho; a alma, todavia, quando não esquece o seu destino pode conseguir grande expansão no trabalho. No Oratorio lembra-se aos meninos como o trabalho manual tem sido honrado e glorificado por Nosso Senhor Jesus - Christo, e refere-se a Esse d'este divino modelo e Pae que, passados os trabalhos d'este mundo, os receberá triumphantes no céu.

A officina christã é uma mansão de paz e contentamento, quando bem considerado o trabalho, não somente é acceito, senão amado e abençoado.

Robustecidos com solida piedade, esses jovens podem em seguida supportar corajosamente todas as difficuldades da vida e seguir inflexivelmente o recto caminho para alcançar a felicidade.

Avaliam-se em perto de tresentos mil os meninos sahidos das casas de D. Bosco. A mór parte d'elles são de modesta posição, operarios de diversas indústrias, ainda que alguns tenham alcançado lugares muito honrosos no commercio, nas artes, na administração, na magistratura, no exercito etc.

Esses antigos alumnos estam hoje derramados por todo o mundo. Mas quer a fortuna lhes tenha sido favoravel, quer adversa, todos conservam entranhado amor á casa em que foram educados. Aquelles que podem não deixam de fazer cada anno um dia de retiro nella: e é geral a veneração e sem limites o reconhecimento com que se recordam de D. Bosco e dos outros seus mestres.

As casas de D. Bosco produzem um bem manifesto e serviços assignalados aos paizes que lhes dão hospitalidade. Milhares de meninos que teriam ficado vagabundos nas ruas e expostos a tornar-se a escoria da sociedade, foram transformados, pela piedosa solicitude do amor, em uteis e dignos cidadãos, em homens de bem e de merecimento. Eis como a Obra Salesiana concorre evidentemente para o bem e para a prosperidade das nações.





## AS FUNDAÇÕES

Para fazer idea capaz das Obras de D. Bosco seria mister fallar de todas as casas por elle fundadas. Abundariam sem duvida pormenores interessantissimos, quanto a origem e a vida de cada uma d'ellas; similhante tarefa, porem, alongar-nos-ia demasiadamente. Nos limitaremos a uma simples enumeração.

Faremos menção em primeiro logar de tres egrejas edificadas por D. Bosco, de tal importancia e magnificencia que a sua erecção seria bastante para glorificar a vida de um homem.

A primeira é a de Nossa Senhora Auxiliadora no Oratorio de S. Francisco de Sales (1868). Con-sagrar-lhe-emos um capitulo especial.

A segunda, tambem em Turim, é a de S. *João Evangelista*, na avenida de Victor Manoel II, onde primitivamente se estabeleceu o Oratorio de S. Luiz

Gonzaga. Esse bairro era então apenas uma reunião de fabricas e de pobres cabanas. Desde a Praça de Armas até ao Pó, em uma extensão de tres kilometros, não havia, se quer, uma igreja: o que era tanto mais sensível quanto, os herejes valdenses já tinham fundado um templo, um asylo e uma escola no meio d'aquella população industrial; e a necessidade obrigava, de certo modo, também as familias catholicas a enviar seus filhos a essa casa de educação.

Estabelecido ahi, em 1847, o Oratorio de S. Luiz, congregavam-se aos domingos não menos de quinhentos meninos. Lastimava-se D. Bosco por ser demasiado estreita a capella; mas tendo sido dividido em duas partes o Oratorio, com a abertura de uma rua, aproveitou esta circumstancia para erigir uma vasta igreja, como desde muito elle projectava.

S. S. Pio IX encorajou e abençoou a empreza e não tardaram a chegar os subsidios da caridade.

Foi lançada a primeira pedra, em 14 de Agosto de 1878 e já em 1882 abria-se ao publico. Esse soberbo templo de estylo romano-lombardo, desenhado pelo conde Mella, é dedicado a S. João Evangelista, nome de baptismo de Pio IX, e é como uma homenagem de reconhecimento e honra ao Summo Pontifice da Immaculada Conceição, insigne protector da Obra Salesiana, que amava a familia de D. Bosco *como as meninas de seus olhos*. É um monumento de grande valor artistico, de vastas proporções e imponente magestade.

Annexo á igreja acha-se um lindo estabelecimento, onde podem ser educados perto de cento e sessenta internos. Ahi está instituida em parte a Obra de Maria Auxiliadora, em ordem a cultivar as vocações para o sacerdocio.

Actualmente esse bairro é um dos mais bellos de Turim.

A terceira egreja é a do *Sagrado Coração de Jesus*, sobre o monte Esquilino em Roma. Comprado o terreno por Pio IX, foram lançados os alicerces em 1879 por S. S. Leão XIII que confiou esta obra a D. Bosco.

Foi sem duvida uma empreza extraordinaria. O homem de Deus precisou solicitar esmolas em toda parte, organizar loterias e empregar todo o seu talento para fazer frente ás ingentes despezas.

D. Bosco teve finalmente a satisfação de presenciar a consagração d'esse grandioso monumento no mez de Maio de 1887. Porém ha mais : para completar tão grandiosa obra fundou, ao lado, um Oratorio, onde se pudesse receber os meninos de *todas as nacionalidades* que em numero avultado chegam a Roma.

Trabalha-se activamente na conclusão de tão util estabelecimento.

Alem d'estes tres monumentos colossaes, muitas foram as egrejas que D. Bosco levantou em honra ao Senhor. Todas as Casas Salesianas têm pelo menos uma capella : muitas porem ostentam formosos templos que seriam ornamento e orgulho para una parochia. Na Italia fundaram-se Casas Salesianas em Turim, Valsalice, São Benigno, Borgo S. Martins, Lanzo-Torinese, Mathi, Nizza-Monferrato, Penango, Mogliano-Veneto, Varazze, S. Pier d'Arrena, Bordighera, Spezia, Lucca, Florença, Faença, Magliano-Sabino, Randazzo e Catania.

Na França existem importantes fundações, a saber : o *Patronado de S. Pedro* em Nizza, o *Oratorio de S. Leão* e o *da Providencia* em Marselha, o *Asylo*

*agricola de Navarra* em Crau-d'Hyères, o *Asylo agrícola de S. Isidro* em Saint-Cyr (Var) para meninos pobres, o *Asylo de S. Gabriel* em Lille, o *Oratorio de S. Pedro e S. Paulo* em Paris (Menilmontant), o *Oratorio Agricola* em Gevigney (Haute Saone) e a *Casa para meninos pobres* em Guines (Passo de Calé).

Na Hespanha: uma casa em Utrera e duas nos arrabaldes de Barcellona.

Na Austria-Hungria: um *Asylo* em Trento.

Na Inglaterra: a *Casa do Sagrado Coração de Jesus* em Londres, no bairro de Battersea — no meio de uma população operaria, da qual tres quartas partes são irlandezes; — occupa exactamente o logar que era outr'ora o jardim de Thomaz Moro.

Na Belgica: está prestes a abrir-se uma casa em Liège.

Na America do Sul contam-se as seguintes:

1.º *No Vicariato da Patagonia*: Freguezia do Carmo (Patagones), Freguezia de Viedma, Pringles, Missão do Rio Negro, Chubut, Colorado, Malbarco ou Chos-Malal.

2.º *Casas annexas ao Vicariato da Patagonia*: as da Conceição e Talca no Chile e a de Quito na Republica do Equador.

3.º *Na Prefeitura da Patagonia meridional*: Missão de Santa Cruz, de Punta Arenas, das ilhas Malvinas, da Terra do Fogo.

4.º *Na inspectoria Argentina*: Em Buenos Ayres: Igreja da Misericórdia, Collegio de São Nicoláo, Casa e Parochia de Almagro, Parochia e Collegio de S. João Evangelista na Bocca, Casa de Santa Catharina, Collegio do Prata.

5.º *Inspectoria do Uruguay*: Collegios de Colón, do Sagrado Coração e de D. Bosco em Montevideo, Collegios e Parochia de Las Piedras, Collegios e Parochia de Paysandú, Collegio de Canelones, Capella de Nossa Senhora da Paz.

6.º *Inspectoria do Brasil*: Collegio de Santa Rosa em Nicheroy, Lyceu do Sagrado Coração em S. Paulo, Collegio de S. Joaquim em Lorena (S. Paulo), Collegio do Sagrado Coração em Pernambuco, Escolas D. Bosco em Cachoeira do Campo (Minas), Collegio de S. Gonçalo e Colonia de Santa Thereza em Cuyabá (Matto Grosso).

\* \* \*

O *Oratorio de S. Francisco de Sales* em Turim é o ponto central, verdadeiramente o coração que faz circular a vida em toda a Sociedade Salesiana. É preciso advertir que n'esse Oratorio tem-se realizado integralmente o plano, cuja simples exposição foi bastante, para que se considerasse doído a D. Bosco. Além das Egrejas de Maria Auxiliadora e de S. Francisco de Sales tem immensas officinas e salas de estudo, onde se ensinam varios officios e profissões aos meninos. É verdade que o edificio construido aos poucos, conforme o exigiam as circumstancias precarias, não é de uma regularidade perfeita; pôde, porem, conter um internato de mil pessoas.

D. Bosco, com a penetração de suas vistas não deixou de reconhecer o grande poder da imprensa na sociedade moderna; por isto, logo que lhe foi

possivel organizou uma typographia. A do Oratorio é importantissima: dotada de dez machinas, trabalha com todos os instrumentos dos mais aperfeiçoados systemas dos ultimos tempos. Como complemento ha uma fundição de typos e uma grandiosa fabrica de papel em Mathi (1).

Muitas obras têm sahido d'essa typographia, umas destinadas á propaganda popular e ensino elementar, outras de grande estimação, quer para o ensino superior, quer para sacerdotes e theologos.

As officinas de gravura, cromolithographia e encadernação apresentam alli verdadeiras obras de arte.

Tres motores a vapor, de uma força total de vinte e cinco cavallos, põem em movimento as varias machinas das officinas.

A padaria com masseira mechanica, produz com singular rapidez e economia os setecentos e cinquenta kilos de pão que se consomem diariamente n'esse pequeno povoado.

Mas aquillo que, incontestavelmente mais que tudo, chama a attenção dos que visitam o Oratorio, é a docilidade e bôa conducta dos meninos. Nas officinas, nas classes e no estudo são irreprehensiveis. E não é possivel dar uma idea de seu comportamento edificante na igreja. Seria preciso tel-os observado na oração e nas suas frequentes commuhões; a sua piedade é exemplar.

---

(1) Os Salesianos têm tambem outras typographias em Roma, em S. Pier d'Arca, S. Benigno Canavese, Nizza, Lille, Barcellona, Buenos Ayres, Montevideo, Nictheroy, S. Paulo, Quito, etc., etc.

É n'esse Oratorio de S. Francisco de Sales que residiu sempre D. Bosco. Do seu quarto, no segundo andar, olhando para o pateo, podia presenciar o recreio dos meninos. O seu aposento compunha-se de dous quartinhos estreitos precedidos de uma sala de espera. Quando já alquebrado não podia mover-se, dava alguns passos, encostado ao braço de algum dos seus sacerdotes, em uma galeria contigua. Alli se recreava especialmente contemplando alguns mappas de geographia dependurados nas paredes, seguindo sobre elles o rumo que levavam seus missionarios espalhados até ás estremidades da terra. As missões eram a sua obra final e para a qual tinha singular e estre-mecida predilecção.







## MORTE DE D. BOSCO <sup>(1)</sup>

---

Muitas e graves enfermidades soffreu constantemente D. Bosco nos seus ultimos annos. Àquelle grande coração, sempre palpitante de amor, faltaram as pernas, que, inchadas e enfraquecidas, não podiam já mover-se. Apezar de tão grande extenuação, sua intelligencia conservou até o fim uma lucidez admiravel, e sua alma, quasi anticipando a sua libertação, erguia-se a vãos, que mais de uma vez lhe permittiram penetrar os arcanos do futuro.

---

(1) No appendice d'este livro são dados todos os pormenores edificantissimos da ultima doença e morte; por julgarmos ser nosso dever respeitar religiosamente o texto do *Boletim Salesiano*, cujas paginas tocantes têm o caracter de authenticidade e o merito de terem sido redigidas pelos filhos da Congregação Salesiana, sob a impressão dos

Não ha duvida que D. Bosco conheceu o dia e até a hora da sua morte. Sabia quaes dos seus sacerdotes lhe assistiriam os ultimos momentos e lhe fechariam os olhos. Tinha-lhe sido revelado que a sua querida Congregação, depois de sua morte e apòs rude combate devia alcançar definitivo e esplendido triumpho.

Quiz morrer, rodeado de seus sacerdotes e meninos em seu amado Oratorio de Turim.

Foi receber a coròa de gloria do Céu, no dia trinta e um de Janeiro de 1888, ás tres horas e tres quartos da manhã, tendo de idade setenta e dous annos, cinco mezes e quinze dias.

Renunciamos descrever a consternação geral, e especialmente quão profunda commoção produziu em Turim a sua morte. A cidade inteira abalou-se para visitar o corpo do Sancto exposto na egreja de São Francisco de Sales. « *Vamos á casa de D. Bosco, vamos á casa de D. Bosco!* » era esta a exclamação geral ou antes o clamor de todos.

Acudiam as multidões das cidades e aldeias proximas e tambem muitos estrangeiros chegaram de longe.

Todos queriam contemplar pela ultima vez aquelle placido semblante, beijar aquella mão bem-feitora, pondo-lhe em contacto os objectos de devoção que já não podia benzer, a fim de veneral-os como reliquias.

---

acontecimentos. Naquellas paginas, que são para o leitor uma fonte de profundas e salutaes commoções e que por tratar-se de um sancto suggerem devotas inspirações, evidencia-se exactidão, discreta sobriedade em uma relação completa, tudo, até o accento de dôr repressa e confiante.

As honras funebres foram uma manifestação popular superior a quantas se tem presenciado na capital do Piemonte. O cortejo constava de vinte mil pessoas: cem mil acompanharam o enterro. Foi uma significativa apothese, uma verdadeira marcha triumphal.

Quizeram conservar o corpo na egreja de Maria Auxiliadora; como não fosse concedida a necessaria autorização, foi sepultado no Seminario das Missões Salesianas em Valsalice, perto de Turim.

Ainda que a morte de D. Bosco tivesse aberto um grande vacuo no Oratorio, os sacerdotes e os meninos admiravam-se da calma inesperada e da alegria inexplicavel que experimentavam. Não se atreviam quasi a communicar-se tão extranhavel impressão; finalmente todos comprehenderam a razão d'isto: todos tinham a intima convicção de que o seu Pae havia voado ao Céu, que alli o teriam sempre como protector e amigo, mais poderoso e esforçado do que o fôra na terra.

Quando falleceu D. Bosco não havia com que pagar o pão do dia seguinte.

Oh sancta pobreza! oh admiravel pobre Dom Bosco!

Resumamos aqui em poucas palavras a vida d'esse insigne Apostolo:

*A Pia Congregação Salesiana.*

*Trezentos mil meninos* recolhidos da miseria e dos perigos e piedosamente educados.

*Mais de seis mil sacerdotes* chamados á milicia da Egreja.

*Perto de cem mil Cooperadores.*

A instituição das *Irmãs de Maria Auxiliadora*.  
A *Obra de Maria Auxiliadora* para favorecer as vocações ecclesiasticas.

Muitas egrejas. duzentos e cincoenta oratorios, orphanilatos, collegios ou seminarios abertos na Europa e na America.

*As missões da Patagonia e da Terra do Fogo.*

O ensino da palavra de Deus repercutindo até as extremidade da Terra.

Vinte mil selvagens baptizados.

Eis a obra do pequeno pastor dos Alpes!

*In vita sua suffulsit domum, et in diebus suis corroboravit templum* (ECCI.ES. IV, 1).





## BOSQUEJO

---

Fica-se pasmo em considerar os grandes resultados obtidos por D. Bosco em tão poucos annos e com tão limitados meios. Reconhece-se n'elle a mão de Deus e que o homem é somente seu instrumento. Quantas maravilhas se admiram, observando essa norma simples e perfecta que consiste em abandonar-se sem restricção nem reserva á divina Providencia e em buscar todo o apoio e toda a força na maternidade da Sanctissima Virgem!

D. Bosco poude parecer ousado e temerario em suas emprezas; todas as suas determinações, porem, eram fructo de grande meditação e prudencia. O certo é que, uma vez tomadas, não se acobardava; seguia imperterrito o seu caminho.

Nunca elle apprehendeu uma fundação sem que fosse clara e precisamente indicada e em certo modo

offerecida pelas circumstancias. Mas, começada a obra, sem perder tempo em combinações, nem deter-se pela apparente escassez de recursos, era logo realizada.

« É preciso, dizia elle, começar por carregar o fardo ás costas; á medida que se anda, logo elle se accomoda e põe-se em equilibrio. »

Aliás, toda a inauguração era pequena e pobre; bastava que não faltasse o indispensavel. A Providencia fornecia quanto era necessario. Os sacerdotes chegavam ás vezes *sine sacculo et sine pera*, isto é, desprovidos absolutamente de tudo, como Nosso Senhor recommendava aos apóstolos.

A primeira vez que tivemos a honra de fallar com um sacerdote de D. Bosco não pudemos deixar de perguntar-lhe:

De que recurso vos valeis para alimentar todos estes meninos?

E jamais olvidaremos a surpresa pintada no seu aspecto e o tom de absoluta confiança com que, levantando uma mão ao Céu, respondeu-nos: *Da Providencia divina!* Não lhe occorria a menor sombra de duvida sobre a intervenção immediata e activa da Divina Providencia para manter seus proprios filhos, chamados á herança do Céu. Essa confiança acha-se imperturbadamente gravada no coração de qualquer sacerdote salesiano.

Antes de ampliar uma de suas casas, D. Bosco esperava que ficasse patente a sua necessidade; nem emprehendia novas construcções senão quando as antigas eram reconhecidamente insufficientes. As pedras animadas, por assim dizer, isto é, os meninos abandonados, precediam as pedras materiaes.

É indubitavel que D. Bosco possuia singulares qualidades administrativas: tinha os dotes de um grande ministro.

Estava sempre informado das menores particularidades de suas muitas casas. Não só conhecia perfeitamente cada um dos seus sacerdotes, clérigos, professores e meninos, mas tambem todos os Cooperadores e Cooperadoras que tivesse visto ou de quem lhe tivessem fallado e não esquecia nenhuma pessoa com quem houvesse entretido a mais ligeira relação. A sua memoria era verdadeiramente prodigiosa. D. Bosco é um dos raros exemplos, pelos quaes se demonstra que, ainda que a memoria e o talento não costumam coexistir em um mesmo individuo, não são incompativeis em absoluto. Quando menino, apascentando os rebanhos, podia repetir quasi textualmente os sermões que ouvia. Mais tarde, na escola, seus companheiros ficaram assombrados pela facilidade com que retinha as explicações do professor, facilidade tão grande que dispensava-o da necessidade de prover-se dos livros de texto, mesmo de theologia no Grande Seminario.

Ainda que pela manhã elle pudesse dispôr de meia hora, ao levantar-se, estava prompto em dez minutos, e, aproveitando o tempo que lhe sobrava, lia em Henrion e Salzano toda a historia da Igreja que conhecia profundamente. Ainda nos ultimos annos de sua vida costumava entreter-se na recitação de grandes poetas, que, certamente, em quarenta annos não tivéra tempo de tornar a ler.

Esse homem de Deus não se occupou sómente da educação dos meninos; a sua caridade abraçava toda a juventude, inclusive a da classe mais adiantada; e,

justimando os vícios da sociedade moderna, attribua-os especialmente á má educação que se dá aos meninos.

« A causa do mal que deploramos, dizia elle, está na educação inspirada em principios pagãos, moldada em maximas e sentenças totalmente profanas e dada por um methodo pagão. Nunca esta educação poderá formar verdadeiros christãos, principalmente na época presente em que tanto prepondera a influencia da escola. »

Toda a sua vida trabalhou contra *essa educação que nos mais bellos annos da juventude perverte o coração e o espirito.*

Com este intuito compilou dupla publicação: a dos classicos profanos mais usados nas escolas, revista com todo esmero, e a dos classicos christãos que desejava ardentemente ver adoptados.

Além d'isto, escreveu muitos livros, uns elementares, outros com vistas mais alevantadas; livros que a imprensa catholica sobre modo elogiou e de alguns correm numerosas edições. Será bastantecitar a *Historia Sagrada*, para uso das escolas; as *Leituras Catholicas*, publicação mensal de propaganda contra o protestantismo e especialmente contro os Valdeses; uma *Historia Ecclesiastica*, estudo a que ligava grande importancia; uma *Historia da Italia*, talvez a mais recommendada de suas obras e da qual se tiraram vinteoito edições; o *Jovem instruido*, precioso manual que conta mais de cento e vinte tiragens, traduzido em francez, hespanhol, portuguez, allemão e inglez; *As dôres da Sanctissima Virgem*; *A devoção ao Anjo da Guarda*; *Exercicios sobre a Misericordia de Deus*; *O Catholico no mundo*; *Vida de S. José*; *Mez de Maio*; etc. etc.

Para poder com tanto trabalho capaz de abater o espirito mais forte, D. Bosco tinha adoptado a regra invariavel de aproveitar o momento presente, sem precipitação e com todo cuidado. É o grande segredo para fazer as cousas bem feitas, — fazel-as tranquillamente; e Nelaton, um dos nossos mais notaveis cirurgiões, quando principiava uma operação, raras vezes deixava de dizer aos seus adjudantes: o que vos recommendo é que não vos apresseis; o tempo não nos ha de faltar.

E, na verdade, aquelle para quem o tempo é, só gozo ou dinheiro, pensa um minuto, se quer, no dia em que o pesará na balança divina a sua afanosa e esteril agitação?

É por ventura crível que D. Bosco perto de vinte e cinco annos dormisse sómente de duas em duas noites? Só assim podia desempenhar innumeraveis occupaões, sufficientes para preencher a vida de muitos. Todas as manhãs invariavelmente confessava os religiosos e meninos que se lhe apresentavam; depois recebia um sem numero de visitas e despachava a sua correspondencia, sem que tudo isto lhe impedisse de assistir as officinas, as classes e percorrer cuidadosamente toda a casa.

À tarde reunia em seu quarto uma parte do pessoal para conferenciar com grande intimidade; assim insinuou o seu espirito em todos os seus empregados e especialmente nos meninos que mais tarde, sacerdotes, deviam continuar a sua Obra. Todos os Superiores da Congregação Salesiana receberam este precioso systema pratico — que se imprimiu ate hoje em suas instituições. Pode-se dizer que é o sinete gravado do espirito do seu Fundador.

Terminado o trabalho — ás vezes muito tarde — D. Bosco dava boas noites, a todos. E quando já estavam accommodados, começava para elle uma nova tarefa; entregava-se á composiçao de obras, cujo merito e cujo numero parecem um mysterio para quem durante todo o dia tinha visto o autor atarefado com tantas occupações.

O seu pobre corpo, tratado inclementemente, devia succumbir sob aquella fadiga sem treguas, origem por certo da affectação da espinha que o prostrou nos ultimos annos e lhe abreviou a existencia. Sem tão extraordinario excesso de trabalho, a sua forte constituição lhe teria permittido talvez viver vinte annos mais.

Como nos seus momentos livres tinha de percorrer a cidade, o somno reclamava imperiosamente seus direitos, assim D. Bosco dormia andando pela rua. Um dos seus meninos que o levava pelo braço, dirigia-lhe os movimentos, o desviava dos vehiculos e lhe servia de guarda.

D. Bosco era de character vivo, ardente e tambem impetuoso; domára, porem, por tal modo a sua indole e alcançara tão completa victoria sobre si, que a sua calma era inalteravel.

A cella de D. Bosco, quanto era modesta! um genuflexorio, um crucifixo, alguns livros e imagens, um cartaz que em grandes letras recordava as palavras de S. Francisco de Sales: *Dae-me as almas e ficae com tudo mais*; e apezar d'isto, naquella cella, Dom Bosco era visitado tanto quanto o d'um Pontifice, alli chegavam tambem de regiões longinquas milhares e milhares de pessoas, desejosas de vel-o, ouvil-o, pedir-lhe conselhos, consolações e graças. Não poucas

d'essas visitas, sem escrupulo, abusavam de um tempo precioso, contando circumstancias futeis e inuteis, ou repetindo sempre a mesma cousa. E jamais D. Bosco mostrava o menor signal de impaciencia; jamais fazia uma advertencia ao indiscreto com o menor gesto se quer! Parecia não ter que fazer outra cousa senão attender o importuno que o procurava. As suas palavras eram tão affaveis, seu animo tão despreoccupado e benevolo em escutar, que todos julgavam terem chegado no momento mais adequado e achar um lugar de preferencia naquelle coração.

Estas audiencias, porem, lhe eram mui penosas, resultando dellas ficar excessivamente extenuado.

Com quanto a serenidade inalteravel fosse o seu estado habitual, não quer dizer, que o seu espirito deixasse de meditar um só momento nos innumerados obices com que tinha de arcar; insuperaveis quasi. Póde dizer-se que toda a sua vida foi uma lucta constante contra as difficuldades que teriam parecido invenciveis a qualquer. Milhares de boccas recebiam d'elle o pão quotidiano. Quantos trabalhos que exigiam simultaneamente instante attenção! O orçamento das suas casas teria sido exorbitante para alguns pequenos estados. E no entanto, D. Bosco nada possuia, absolutamente nada! Nem por isto a sua confiança esmorecia. Sabia perfeitamente que a clementissima Virgem não abandonaria seus filhos; e, com effeito, quando humanamente tudo parecia arriscado e perdido, os recursos chegavam de um modo sobrenatural e no momento preciso! Além d'isto surgiam vocações inesperadas e uma seiva nova e fecunda reforçava esta portentosa Obra.

D. Bosco considerava-se sempre como um instrumento occasional da Divina Providencia. Nunca fazia cabedal de suas proprias forças; a sua humildade era profunda e absoluta. Repetia amiude: *Maria Auxiliadora é Quem trabalha por D. Bosco, sem Ella, Dom Bosco seria um sacerdote ignorado, escondido na ultima parochia do Piemonte.*

Dizia elle, um dia, a um de seus antigos companheiros de collegio: «Meu caro amigo, si Deus tivesse achado um sacerdote mais pequeno, mais fraco e especialmente mais inutil que Dom Bosco, lhe teria certamente incumbido esta obra. Pelo que eu valho, devia estar em serviço de algum pobre lugarejo de montanha: é tudo quanto eu mereço.»

Poucos homens vimos mais naturalmente sympathicos. Sentia-se uma attracção como de um encanto secreto e logo verdadeiro affecto filial unia-se aos sentimentos de veneração que elle inspirava.

Seus olhos pardos claros brilhavam de um modo extraordinario, e o seu olhar penetrava as maiores profundezas do coração. Observando um dia algum que nada escapava as suas vistas, embora, tivesse quasi sempre baixos os olhos, — Eu vejo melhor sem olhar, respondeu elle com finura.

Era de natural alegre, vivo e suas respostas resentiam-se as vezes de uma subtileza e oportunidade encantadoras. Como é bella a piedade quando é tão amavelmente conciliada com dotes taes!

De novo damos com prazer a palavra a um dos filhos de D. Bosco, o theologo D. Jacintho Ballesio, que pintou com as cores mais naturaes e delicadas a physionomia do amado Padre.

« O que a historia nunca será capaz de dizer, o que não é possível que ella faça comprehender é a sua vida intima, o seu continuo sacrificio, tranquillo, suave, invencivel e heroico, a sua solitudine e o seu entranhado amor para comnosco seus filhos; a confiança, a estima e a veneração que nos inspirava; a sua grande auctoridade; o modelo de perfeição como o consideravamos! Ah! difficilmente a historia poderá descrever a suave doçura com que a sua palavra, o seu olhar, um só gesto seu, enchiam e consolavam os nossos corações!

« É mister tel-o visto, ter-se vivido a seu lado. Não havia obstaculo que elle não vencesse, e frequentemente convertia em amigos, admiradores e bemfeitores aquelles que sem o conhecerem ou desconhecendo-o, o desprezaram, o calumniaram e o perseguiram.

« Ao mesmo tempo que tratava de infundir-nos profundamente a religião, de ensinar-nos, e acostumar-nos ao trabalho, empenhava-se para que estivessemos sempre alegres. Quem poderá descrever o contentamento dos nossos tempos juvenis! D. Bosco era a alma: tendo sempre por divisa: *Servite Domino in lætitia*. A sancta alegria era a corôa de todos os trabalhos. Mil vezes ouvimos dos labios de D. Bosco as seguintes palavras: *Estae alegres*; e sendo pronunciadas por elle tinham um effeito magico; dissipavam todas as tristezas. Se um menino se apresentava triste, bastava uma palavra para que voltasse ao estudo, animado e cheio de alegria. Esse poder admiravel, cujo segredo elle possuia como S. Phelippe Neri, apesar de nossa pobreza e trabalhos, fazia placida, gostosa, enthusiastica e para quasi todos ineffavelmente suave a vida.



« Oh sabedoria do seculo ! tu que te jactas de ser amiga do povo, vem aprender com esse sancto sacerdote como se educam os filhos, como se lhes inculca as mais bellas virtudes e se harmoniza perfeitamente a religião com o trabalho e com a alegria !

« Quando lhe apresentavam pela vez primeira um menino, emquanto com sua bondade habitual lhe inspirava confiança e respeito, com seu olhar perscrutador penetrava-o até o imo do coração e adivinhava o seu character e aptidões. Assim era opinião geral entre nós que n'este particular elle possuia um dom mais que natural. »

\*  
\* \*

Era D. Bosco ante que tudo um homem de Deus. É fóra de duvida que foi favorecido por um modo sobrenatural com a *visão* concedida aos Sanctos.

Ordinariamente recebia em sonhos, preciosas inspirações.

*Deus falla uma vez ao homem sem repetir o que diz; emquanto dorme, nos sonhos da noite, quando enervado repousa em seu leito.*

*Então abre-lhe os ouvidos e lhe ensina suas licções* (JOB. XXXII, 14).

Um sonho decidiu a vocação do pequeno pastor de Castelnuovo e durante toda a sua vida sacerdotal, em sonhos recebeu extraordinarias luzes.

D. Bosco contou algumas d'essas celestes visões, das quaes conservava perfeita memoria. A miude via n'ellas os seus sacerdotes e meninos, e assim conhecia não só o estado de suas almas, mas tambem os seus destinos no futuro.

Facilmente se comprehende com que avidez semelhantes revelações eram acolhidas, apenas communicadas. Elle, porem, não fallava, senão com extrema reserva, acerca desses factos maravilhosos.

Não ha duvida que D. Bosco conheceu e annunciou a morte de Pio IX e a exaltação do cardeal Pecci ao solio pontificio.

Muitas das suas predicções no tocante a factos contemporaneos foram notadas; não chegou, porem, ainda o momento de divulgá-las.

Innumeraveis pessoas d'entre as confessadas de D. Bosco ficaram attonitas por se verem conhecidas, até aos mais intimos sentimentos e ser ás vezes por elle lembradas circumstancias que ou por esquecimento ou adrede tinham-lhe occultado.

No fim de sua vida, prostrado por grandes sofrimentos, foi todavia favorecido com mais frequentes visões.

Parecia que a sua alma, abandonando pouco a pouco o corpo mortal, se elevava anticipadamente para os esplendores da gloria.

\*  
\* \*

Pergunta-se se, as fundações de D. Bosco poderão subsistir sem elle?

Certamente, a Obra Salesiana vencerá todas as astucias do espirito do mal.

D. Bosco dizia em seu leito de morte:

*Até agora o nosso caminho tem sido bem seguido. Não podemos mais extraviar-nos. Maria é nossa guia. A nossa Congregação subsistirá, porque é conduzida por Deus e protegida por Maria Auxiliadora.*

Confiou a continuacão da sua obra ao seu filho predilecto D. Miguel Rua, que desde a idade de nove annos nunca o abandonou.

D. Bosco e D. Rua estam unidos por uma intimidade de quarenta annos, outro vinculo contribuiu a identificar, por assim dizer, estas duas existencias: *as suas mães.*

Quando menino D. Rua entrou em casa de Dom Bosco, sua mãe não tardou em ser auxiliar constante de Margarida. Essas duas sanctas mulheres comprehendiam-se admiravelmente; sua abnegação e simplicidade incomparaveis corriam parselhas.

Por occasião da morte de Margarida Bosco, em 1856, substituiu-a no Oratorio sua amiga Maria Rua, que com generosidade sem limites entregou-se corpo e alma ao cuidado dos meninos.

Que poderemos dizer do actual Superior General da Congregação Salesiana? Elle é a doçura ineffavel, unida á firmeza invencivel e á humildade a mais profunda: espirito rectissimo e eminentemente pratico. Mais do que dizemos, o concretiza o seguinte juizo:

Deixemos que o caracterize o proprio Dom Bosco, — Dom Rua, dizia elle, faria milagres se quizesse....





## AS GRAÇAS

---

Vamos tratar de um assumpto que exige toda sorte de reserva. Referimo-nos á factos de uma ordem sobrenatural tão intima e constantemente ligados á vida de D. Bosco. A respeito deste ponto devemos esperar a decisão da Egreja.

O que todo mundo conhece são as innumeráveis graças por elle alcançadas ; e ninguem póde duvidar da intervenção directa da Sanctissima Virgem honrada sob a invocação de Maria Auxiliadora. Essa intervenção extraordinaria foi simultanea com o trabalho da magnifica Egreja dedicada a Ella, em Turim, por D. Bosco.

Operada uma cura repentina, acudiu de toda parte uma multidão de pessoas, na esperança de igual graça. Appareceram, em seguida, outras muitas curas maravilhosas e foram tantas as offertas de reconhecimento que sufficientes chegaram quasi para costear as obras da Egreja.

Desde então choviam do céu — graças extraordinárias concedidas profusamente aos bemfeitores dos meninos.

Não é, porventura, um evidente signal com que Maria Auxiliadora quiz manifestar, quanto lhe é grata a protecção dada a esses pobres? Não foi, assim, esse um meio de que usou para proporcionar á Obra de D. Bosco os recursos indispensaveis?

O trabalho dos meninos nas officinas não é tão productivo que mereça levar-se em conta. A mór parte são aprendizes; muitos são estudantes, e fica-se pasmo quando se calcula a quantia avultada que é de mister para o sustento de tantas casas, para mais de cem mil discipulos que necessitam de abrigo, alimento e vestuario, e de numerosos missionarios enviados á terras longinquas, etc.

Pois bem: A OBRA SALESIANA NÃO TEM OUTROS RECURSOS SINÃO OS INSPIRADOS PELA CARIDADE!

Mas, já o dissemos, Maria Auxiliadora não cessa de fazer brilhar o seu poder em favor d'aquelles que não descuram dos meninos e dos missionarios de D. Bosco, a tal ponto que, se os sentimentos da fé e da caridade fossem insufficientes para esse fim, quiçá, a consideração do interesse pessoal influiria para essa caridosa pratica: tão infallivel é a recompensa!

*Centies tantum nunc, in tempore hoc... et in sæculo futuro vitam æternam.*

*O centuplo agora no tempo presente... e depois, a vida eterna.* (MARC., x, 30).

Uns obtêm favores materiaes, outros graças de uma ordem superior: a saude e conversões. Ora é uma pessoa idolatrada que escapa ao perigo

de morte imminente, ora, uma enferma que recuperara a saúde, ora, uma alma perturbada que alcança a paz.

São muitas as pessoas que para prosperarem em seus bons negócios tiveram a idéa de interessar, por assim dizer, a Divina Providencia, offerecendo a decima parte dos lucros ás casas de D. Bosco, e o mais das vezes os resultados excederam todas as esperanças.

Quando alguém pedia uma graça a D. Bosco, começava este por fazer os seus meninos rezar pela intenção determinada e recommendava ao interessado que recitasse em honra de Maria Auxiliadora uma novena de tres *Padre-nossos*, *Ave Marias*, *Gloria-Patris* e *Salve Rainha*. Nunca se esquecia de dar-lhe uma medalha (tambem de Maria Auxiliadora) e exhortava a fazer uma esmola, como meio seguro de obter tudo da Sanctissima Virgem.

Mas, quantas vezes não lhe ouvimos censurar essa especie de desconfiança de muitos que promettem uma offerta, no caso de obterem o que desejam.

« Não pertence ao homem, dizia elle, impor condições a Deus.

« E' preciso começar por dar com submissão, sem reserva, sem restricções, com fé e confiança absoluta. Em tal caso Deus abre as suas mãos e distribue as suas liberalidades. »

*Date et dabitur vobis.*

*Dae e vos será dado.*

« A experiencia, accrescentava, demonstra a extraordinaria efficacia d'este meio para obter as mais assignaladas graças; milhares de vezes tenho podido convencer-me d'isto. »





## COOPERADORES E COOPERADORAS DE D. BOSCO

---

Quando D. Bosco começou em 1841 a trabalhar em favor dos meninos abandonados, não tardou a Providencia em enviar-lhe auxiliares para a sua nobre empresa.

Alguns seculares piedosos o ajudavam, ora no ensino, particularmente do catechismo, ora procurando arranjo entre pessoas christãs para os meninos desempregados.

Ao mesmo tempo piedosas senhoras de Turim se incumbiram de prover de vestuario, até remendando os vestidos d'aquelle pequeno povo andrajoso.

Esta é a origem da piedosa associação de—*Cooperadores e Cooperadoras de D. Bosco*. Hoje o seu numero eleva-se a cem mil, existindo mais de vinte e tres mil em França.

A' vista do grande bem produzido por essa instituição, D. Bosco quiz dar-lhe uma fórma regular, e traçando um plano de regulamento em 1858, aperfeiçdou-o em 1864-1868.

Submettido a Pio IX, foi este regulamento definitivamente adoptado em 1874.

Esta instituição foi sobre maneira recommendada pelo immortal Pontifice Pio IX, que quiz que o seu nome encabeçasse a relação dos Cooperadores, e pediu á Sagrada Congregação dos Ritos que lhes fossem concedidas todas as indulgencias que podem auferir as Ordens Terceiras as mais privilegiadas.

S. S. Leão XIII, apenas occupou a cadeira de São Pedro, desejou por sua vez ser Cooperador Salesiano.

*Tendo-se-me inscripto como Cooperador, elle disse: quero ser o primeiro obreiro.*

Eis algumas palavras textuaes de Leão XIII a D. Bosco : «Dizei aos Cooperadores Salesianos, cada vez que lhe fallardes, que eu os abençôo de todo o coração ; que o fim da Associação consiste em impedir a ruina da mocidade, e que todos elles não devem formar senão um só coração e uma alma para ajudar-vos a conseguir o alvo a que esta Associação de S. Francisco de Sales se propõe.»

Sua Sanctidade para dar uma prova da importancia d'essa Obra e do interesse que a ella ligava nomeou Sua Eminencia o Cardeal Lourenço Nina protector da Congregação Salesiana (1879). Actualmente é protector o proprio Vigario de Sua Sanctidade, o Cardeal Parocchi.

D. Bosco, com a profundeza e perspicacia de sua vista, attendendo ao futuro e a todas as fra-

quezas humanas, na instituição dos Cooperadores Salesianos, encherrou uma obra de perseverança e de regeneração social, destinada quiçá a estender-se por todo o mundo.

Embora o Soberano Pontífice tenha-se dignado favorecer esta Associação com as mais insignes graças espirituaes, ella todavia não é rigorosamente uma Ordem Terceira. Os Cooperadores e Cooperadoras não fazem noviciado, profissão ou votos. Não têm nenhuma obrigação que absolutamente possa cortar as relações dos religiosos e religiosas, ou separar os laços da familia, com as pessoas que vivem no mundo. Essa instituição é sómente um poderoso estímulo á piedade, á caridade e a todas as boas obras. O *Boletim Salesiano* — publicação interessantissima — foi fundado e imprime-se em varias linguas para unir entre si os membros da Associação.

O *Boletim Salesiano* não é um periodico de subscrição livre; é exclusivamente destinado aos Cooperadores e Cooperadoras, *que são os unicos que o podem receber.*

Os Salesianos formam assim verdadeira familia em união constante de orações.

Só, se póde ser Cooperador, com a idade de dezeseis annos.

Feito o pedido, recebe-se o diploma de um sacerdote salesiano auctorizado.

D'então em diante, observando as regras da Associação, participa de todos os favores, indulgencias e graças concedidas, de todas as Missas, orações, novenas, exercicios espirituaes, predicas e boas obras dos mais Salesianos, espalhados por todo o orbe.

A unica pratica religiosa exigida é de rezar cada dia um *Padre-nosso* e uma *Ave Maria* em honra de S. Francisco de Sales, conforme a intenção do Summo Pontifice. Mas se lhes recommenda a frequencia da confissão e da communhão, fazer, sendo possivel, um pequeno retiro espiritual no curso do anno e o exercicio da boa morte uma vez por mez. Se lhes recommenda egualmente a modestia no vestir-se, a frugalidade na comida, a simplicidade em suas habitações, a moderação em suas palavras, o exacto cumprimento dos deveres do proprio estado, procurando ao mesmo tempo que os seus subordinados guardem e santifiquem os dias sanctos.

Os membros da Congregação Salesiana consideram todos os Cooperadores como irmãos em Jesus Christo e a elles se dirigem todas as vezes que o seu concurso pôde ser util para a maior gloria de Deus e o bem das almas. Os Cooperadores, se fôr necessario, recorrem com a mesma liberdade aos membros da Congregação, por exemplo, em caso de enfermidade ou para alcançar uma graça.

Na occasião da morte de algum Cooperador, se fazem orações especiaes em beneficio de sua alma.

Os Cooperadores e Cooperadoras, conforme permittirem as suas aptidões, devem favorecer os exercicios do culto, animar e amparar as vocações ao estado ecclesiastico, diffundir as boas leituras, praticar a caridade com os meninos pobres e abandonados em risco de perder-se.

Naturalmente elles põem particular empenho em sustentar as Obras Salesianas, quer, fazendo uma esmola, conforme os proprios recursos, uma vez por

mez ou por anno ao menos, quer, recolhendo offertas pelos meios que lhes suggerir christãmente seu coração (1).

Não podemos fazer cousa melhor do que encerrar essa noticia com a inserção aqui do adeus de D. Bosco a seus Cooperadores.

Essas admiraveis linhas, escriptas do proprio punho de D. Bosco, foram encontradas entre os seus papeis. Fazemol-as preceder da carta com que D. Rua, successor de D. Bosco, transmittiu aos Cooperadores Salesianos tão precioso *Testamento*.

*Mui amados Cooperadores e  
Cooperadoras Salesianos:*

*Para cumprir com uma das ultimas disposições do nosso nunca assaz chorado D. Bosco, remetto-vos a carta junta que esse bom Padre dirige a todos os Cooperadores Salesianos, como TESTAMENTO que dictou-lhe o seu vivo reconhecimento e sua ardente caridade.*

*Quiçêra unir a ella um retrato de seu venerando corpo, para satisfazer assim os desejos manifestados por muitos d'entre vós; mas attendendo á sensivel demora na execução d'esse trabalho e pelo grande interesse que todos externam de conhecer quanto antes a carta já annunciada, não me é dado fazer esperar mais tempo. Eu vol-a apresento tal qual a encontrei nos papeis recommendados por D. Bosco.*

(1) Desejando-se uma noticia mais completa, custa pouco pedir em qualquer Casa Salesiana um opusculo intitulado *Cooperadores Salesianos ou modo pratico de tornar-se util á sociedade favorecendo os bons costumes*.

N'esse opusculo acham-se enumeradas todas as indulgencias que os Cooperadores Salesianos podem obter e está traçado um breve regulamento de vida que lhe é recommendado.

O allegado motivo da demora me proporciona uma coincidência summamente feliz, e é de dirigir-vos esta em data de 24 de Maio, festa de Maria Auxiliadora. Este dia, como bem sabeis, faz época na nossa Congregação Salesiana e, portanto, não posso deixar de sentir particular consolação considerando que o nosso mui amado Padre D. Bosco, por uma d'aquellas attenções que lhe eram tão familiares, parece ter querido enviar-vos da eternidade esta missiva no dia em que seus meninos festejam na terra sua Sanctissima Mãe.

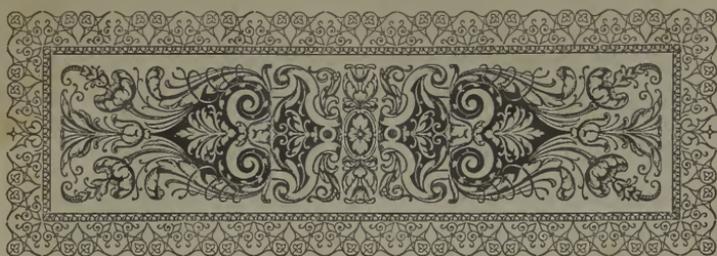
Dignai-vos de receber as minhas mais cordiaes e respeitosas saudações, bem como a segurança de que tanto eu como meus irmãos e todos os nossos orphãosinhos, rogaremos todos os dias fervorosamente ao Senhor para que, pela intercessão de Maria Auxiliadora, queira accumular sobre vós e vossas familias suas celestes benções.

Vosso obrigadissimo servo,

MIGUEL RUA, Presbytero.

Turim, 24 de Maio de 1888.





# ADEUS DE D. BOSCO

A OS

SEUS COOPERADORES

---

*Mes bons Bemfeitores e Bemfeitoras:*

Vou apercebendo-me que o fim da minha vida se approxima e que já está imminente o dia em que hei de pagar á morte o commum tributo e descer á campa.

Antes de deixar-vos para sempre, corre-me o dever de pagar uma divida contrahida comvosco, o que faço de todo coração.

Essa divida é a manifestação da mais cordial gratidão por tudo quanto haveis feito, auxiliando-me em educar christãmente e guiar na senda da virtude e do tra-

balho tantos e tantos pobres meninos, com o fito de chegarem a ser um dia o consolo da familia, uteis a si proprios e á sociedade, e sobre tudo, com o fim de salvar-lhes as almas e tornal-os eternamente felizes.

Sem a vossa caridade pouco ou quasi nada se teria podido fazer, mas, com ella, mediante a graça de Deus, tem-se enxugado muitas lagrimas, e salvado muitas almas. Com ella tem-se fundado numerosos Collegios e Hospicios, onde se mantiveram e se mantêm ainda milhares e milhares de orphãosinhos, se os têm livrado do abandono e afastado do perigo da irreligião e da immoralidade, e que, graças a uma bôa educação, com o estudo e com o ensino de uma arte ou officio, chegaram a ser bons christãos e honrados cidadãos.

A vossa caridade estabeleceu missões até nos ultimos confins do mundo, na Patagonia e na Terra do Fogo, e tem enviado centenas de operarios evangelicos a estender e a cultivar a vinha do Senhor.

A vossa caridade tem fundado typographias em varias cidades e aldeias, diffundido pelo povo milhares de publicações em defesa da verdade, em sustentação da religião e apoio dos bons costumes.

A vossa caridade tem construido muitos sanctuarios, que no percurso dos seculos, em par com os canticos que têm de subir aos céos com louvores a Deus Nosso Senhor e á Sanctissima Virgem, concorrerão para a salvação de muitas almas.

Convencido de que todos estes bens e outros muitos, depois de Deus, têm sido feitos mediante o efficaz auxilio da vossa caridade, sinto-me obrigado a significar bem minha gratidão, e assim antes de terminar os meus dias, declarar que vos dou cordialmente os meus louvores e sincero reconhecimento.

E, assim como, me tendes auxiliado com tanta bondade e perseverança, eu vos supplico que continueis tão sancta obra para com o meu successor. Os trabalhos começados com os vossos auxilios já não precisam mais de mim; precisam porém, de vós e de todos que, igualmente, amam e desejam que reine Deus na terra. Eu a vós a confio e recommendo.

Para maior estimulo e consolo vosso, encarrego ao meu successor que, tanto nas orações publicas como particulares que se fazem e se farão sempre nas Casas Salesianas, sejam constantemente comprehen-

didos os nossos Bemfeitores e Bemfeitoras, com a intenção do Senhor lhes conceder por sua caridade o centuplo também na presente vida, saúde e concordia na familia, prosperidade nos seus campos, propriedades e negocios e isempção de todos os perigos e adversidades,

Outrosim vos advirto que a obra mais efficaz para se obter o perdão dos nossos peccados e assegurar a nossa salvação é a caridade para com os meninos: *Uni ex minimis*, a um pequeno abandonado, como nos assegura o nosso Divino Mestre Jesus; maxime n'estes tempos em que faltam os meios materiaes para educar na fé e bons costumes os meninos pobres e desamparados, mas, por isso mesmo a Sanctissima Virgem constituiu-se pessoalmente sua protectora, e por conseguinte prodigaliza aos seus Bemfeitores e Bemfeitoras graças extraordinarias, não só espirituaes senão também temporaes.

Eu proprio e todos os Salesianos comigo somos testemunhas de que muitos dos nossos Bemfeitores, outr'ora com minguados haveres — favorecidos pelo Senhor — viam que elles se iam augmentando gradualmente desde o momento em que começaram a ser caridosos para com os nossos orphãosinhos.

Por cujo motivo, que a experiencia confirmava, muitos me repetiram mais ou menos as seguintes palavras: *Quando faço a caridade aos vossos pobres, V. Roma. não me agradeça; antes, pelo contrario, sou eu quem deve agradecer a V. Roma. por me pedir. Desde que comecei a socorrer os vossos orphãos, as minhas posses têm duplicado...* O Sr. Commendador Antonio Cotta, trazendo-me amiudo suas esmolas, me dizia: *Quanto mais dinheiro emprego em vossas obras, tanto mais prosperam os meus negocios. Vejo de um modo bem patente que o Senhor me recompensa, tambem na vida presente, com o centuplo do que eu dou por amor d'Elle.* Este insigne Bemfeitor nosso, na idade de 86 annos, aprouve á Deus chamar para o céo afim de ir gozar eternamente o fructo de sua beneficencia.

Apezar de prostrado e mui debilitado eu não posso conter-me, recommendando todo o cuidado com os meus meninos, que em breve tenho de abandonar; já não posso alargar-me mais, é forçoso que eu me despeça de vós.

Adeus, meus caritativos Bemfeitores, Cooperadores e Cooperadoras Salesianos. Não me foi dado conhecer pessoalmente

n'esta vida a muitos de vós; consolai-vos! nos conheceremos todos na outra e alegrar-nos-hemos eternamente pelo bem, que, com a graça de Deus, tivermos feito especialmente em favor da pobre mocidade, nos nossos breves dias de peregrinação sobre a terra.

Se depois de minha morte, a Misericordia Divina, pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus-Christo e pela protecção de Maria Auxiliadora, me julgar digno de ser recebido no Paraiso, não duvideis que rogarei incessantemente por vós, pelas vossas familias, amigos e conhecidos, afim de que um dia venhais todos a louvar para todo sempre a Magestade do Creador, e gozar das suas divinas delicias, e cantar suas infinitas misericordias. Amen.

Vosso sempre obrigadissimo servo,

**JOÃO BOSCO**, PRESBYTERO.





## O CULTO DE MARIA AUXILIADORA

---

O culto tributado á Sanctissima Virgem sob a invocação de *Maria Auxiliadora*, *Maria Auxilium Christianorum*, remonta á grande antiguidade. Depois da batalha de Lepanto, porém, em 1571, é que recebeu uma consagração official.

Ao grito de *Viva Maria*, as tropas turcas tendo sido derrotadas pelas forças christãs, o Papa Pio V, que tivera anticipadamente a revelação da victoria, ordenou que se incluísse nas ladainhas lauretanas a invocação: *Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis*.

Um seculo mais tarde, em 1683, duzentos mil turcos chegaram a sitiar Vienna. O principe Carlos de Lorena tinha apenas trinta mil homens para oppor a tão formidavel invasão. O Papa Innocencio XI, salvou então por assim dizer, a christandade determinando publicas preces e chamando os principaes catholicos em soccorro da cidade sitiada.

Um só acudiu: João Sobieski, de gloriosa memoria. Com um punhado de soldados penetrou em Vienna reduzida á ruinas. No dia 12 de Setembro em companhia do principe Carlos, assistiu á Missa que elle mesmo ajudou com os braços em cruz. O que feito, exclamou: «Marchemos contra os nossos inimigos; sob a protecção da Sanctissima Virgem alcançaremos a victoria.»

Effectivamente, depois de um pequeno combate, retiraram-se os Turcos em debandada e passaram o Danubio deixando immensos despojos.

Todos os christãos unisonos attribuiram tão assombrosa victoria á protecção de Maria, que livrava não só a Austria mas toda a Europa da invasão dos Turcos. Por esta occasião erigiu-se em Monaco de Baviera a primeira confraria em honra de Maria Auxiliadora.

Nos começos d'este seculo, Pio VII, prisioneiro de Napoleão em Fontaineblau, prometteu honrar Maria, *Auxilio dos Christãos*, logo que se achasse de novo na cidade papal. E como elle entrasse triumphantemente em Roma no dia 24 de Maio de 1814, determinou que aos 24 de Maio se celebrasse a festa de *Maria Auxiliadora*.

Em 1817 a egreja de *Sancta Maria in Monticelli* em Roma, recebeu um quadro que representava *Maria Auxilio dos Christãos*. Muitas indulgencias foram concedidas ás associações e confrarias com que era ella honrada e obtiveram desde logo graças extraordinarias os fieis que em grande numero se associaram nas mesmas.

A cidade de Turim não ficou indifferente a tão justa devoção. Sendo uma das primeiras a aggregar-se á Confraria de Monaco, organisou de prompto uma

especial a *Nossa Senhora Auxiliadora*, a qual foi enriquecida com muitos favores e indulgencias por despacho de Pio VI, de 9 de Fevereiro de 1798.

O lugar escolhido por esta confraria para suas reuniões era a igreja de S. Francisco de Paula, onde o Cardeal Mauricio, Principe de Saboia (fallecido em 1657) tinha mandado collocar uma bonita estatua de marmore dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora.

Para estender essa devoção tão popular em Turim, D. Bosco resolveu edificar uma igreja a Maria Auxiliadora em Valdocco.

Essa localidade, com mais de trinta e cinco mil almas, uma só igreja não possuia. As capellas da Providencia e do Oratorio de S. Francisco de Sales eram insufficientes para conter os fieis aos domingos e festas.

Ninguem, podia pôr em, duvida a utilidade desse projecto, desde que Pio IX, ao ter delle conhecimento e que o titulo era *Maria Auxiliadora*, pelo que havia de merecer os favores da Rainha do Céu, contribuiu para sua construcção com quinhentos francos e acompanhou tal offerta com uma benção especial.

O architecto Spezia traçou o plano da igreja—em fórma de cruz latina—que devia occupar uma superficie de duzentos metros quadrados, no terreno designado por D. Bosco, ao lado do Oratorio.

Em 27 de Abril de 1865 foi solememente lançada a primeira pedra.

Quando se começou a obra só havia em caixa quarenta centimos. A dadiva de Pio IX tinha servido para pagar o terreno.

Contava-se com certas promessas da Municipalidade e de algumas pessoas caritativas, porém demostravam-se em realisal-as.

Essa mesma falta de auxilio da parte dos homens serviu para manifestar, de um modo mais sensivel, a intervenção da Rainha do Céu, que demonstrou então, quanto lhe era agradavel a obra encetada.

D. Bosco, a quem taes difficuldades não inspiravam temor, deu principio aos alicerces.

Passada a primeira quinzena, devia pagar mil francos aos operarios. Era inadiavel o salario para essa pobre gente.

N'este apuro lembrou-se D. Bosco de uma pessoa que poucos dias antes tinha começado uma novena e promettido uma esmola, no caso de alcançar a graça que solicitava. Era uma senhora gravemente enferma, em quem a tosse, a debilidade e uma febre renitente já há trez mezes tinham-n'a preza ao leito.

— Grande graça seria para mim, ella lhe tinha dito, se ao menos pudesse levantar-me da cama e dar alguns passos pelo quarto. Para obtel-a, não teria a minima duvida de rezar quantas orações fossem precisas e de fazer uma boa offerta.

— Faria o que eu lhe indicasse?

— Certamente.

— Comece pois, sem demora uma novena a Maria Auxiliadora.

— De que modo?

— Rezando por nove dias, tres vezes por dia o *Padre Nosso*, a *Ave Maria*, *Gloria Patri* e a *Salve Rainha*.

— Está bem; e será preciso addicionar alguma obra de caridade?

— Se quizer, quando experimentar melhoria em sua saude, póde fazer um presente á egreja de Maria Auxiliadora que se está construindo em Valdocco.

— Sim, sim, com muito gosto : se com esta novena consigo apenas levantar-me e dar alguns passos pelo quarto, farei um presente á igreja.

Esta promessa era tudo quanto presentemente contava D. Bosco.

Era já o oitavo dia da novena e não sem anciedade foi averiguar o resultado.

A criada, ao vel-o, logo que abriu a porta, exclamou : — A senhora ficou boa ; sahio já duas vezes para ir á igreja dar graças a Deus.

D'ahi a pouco ella appareceu. — Fiquei boa, meu Padre, já fui agradecer á Sanctissima Virgem. Sirva-se accetar a minha offerta : é a primeira, porém não será a ultima ; e entregou a D. Bosco um pequeno cartucho.

Quando o abriu, chegando á casa, viu que eram exactamente cincoenta napoleões de ouro. Póde-se dizer que os mil francos de que elle precisava lhe vieram das mãos da Sanctissima Virgem.

Ainda que D. Bosco cuidadosamente evitasse contar este facto, não tardou a espalhar-se como um raio ; e um concurso extraordinario de pessoas, promptas a fazer novenas a Maria Auxiliadora e a contribuir para a construcção da sua igreja, se porventura merecessem eguaes graças recorrendo a N. Senhora.

Quem poderá contar as sanações sem numero, os favores e benções de toda sorte concedidas então ?

Em Turim, Genova, Bolonha, Napoles, Milão, Florença, Roma e depois em Palermo, Vienna, Paris, Londres, Berlim resoaram os louvores a Maria Auxiliadora. *Nunca tinha-se recorrido em vão á sua intercessão.*

As offertaes superabundavam chegando para as necessidades presentes. Diminuiram em seguida

consideravelmente, quando a execução dos trabalhos se tornou mais activa. Mas sobreviu o cholera e os corações amedrontados dirigiram-se de novo á Rainha do Céu e, o reconhecimento por terem se livrado da epidemia se traduziu em tantas esmolas e offrendas, superiores as que tinham havido até então.

Será crível! A igreja de Maria Auxiliadora edificou-se quasi sem o trabalho de uma subscrição. O custo total orça para cima de um milhão de francos. Um registro perfeitamente escripturado prova que a mór parte de tão consideravel somma (oitocentos cincoenta mil francos) foi proveniente de offertas em reconhecimento de graças e favores sobrenaturaes alcançados. Cada pedra do edificio pode dizer-se que é um testemunho da bondade e do poder de Maria Auxiliadora.

Seria demasiado longa a enumeração dos vasos sagrados, custodias, lampadas, alfaias, estatuas, quadros e outras dadas feitas á igreja.

Este templo começado em 1865 e cuja edificação durou tres annos, foi consagrado no dia 9 de Junho de 1868.

As festas que se celebraram na sua inauguração duraram oito dias e attrahiram uma extraordinaria multidão.

Sua Sanctidade Pio IX concedeu uma indulgencia plenaria, applicavel aos defunctos, a todos aquelles que confessados e commungados visitaram a igreja de Maria Auxiliadora durante o oitavario. O concurso foi tal que difficilmente se podia entrar ou sahir da igreja; mas nem por isso houve o minimo accidente desagradavel ou desordem.

A solemnidade terminou no dia 17 de Junho com uma missa de requiem em favor de todos os bemfeitores fallecidos.

Muito antes da edificação da igreja de Maria Auxiliadora, D. Bosco a tinha visto minuciosamente em sonho; e eis porque sorria-se quando lhe representavam as difficuldades de tão custoso empreendimento. A Sanctissima Virgem tinha-lhe inspirado a realização de tão grandiosa obra, conforme ella desejava e até lhe tinha designado o lugar; por isso D. Bosco sabia que devia desaparecer qualquer obstaculo, como ligeira nuvem que se desfaz sob a accção do sol: *E' Maria que edificou o seu templo.*

*Ædificavit sibi domum Maria.*

Logo que se consagrou ao culto divino tão prodigioso templo, D. Bosco, inspirado na mais terna e fervorosa devoção á Augusta Mãe de Deus, instituiu a pia *Associação dos devotos de Maria Auxiliadora*, com o principal scopo de promover entre os fieis a honra devida ao *Sanctissimo Sacramento* e á *Virgem Sanctissima*. Essa Associação erecta canonicamente pelo Arcebispo de Turim, foi em seguida por Pio IX enriquecida com indulgencias, elevando-a em *Archiconfraria* e lhe outorgou todos os direitos, proeminencias, favores e prerogativas do costume (1).

---

(1) Vêde o opusculo intitulado *Associação dos devotos de Maria Auxiliadora*, por D. João Bosco.

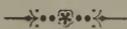




# MARIA AUXILIADORA

E

# DOM BOSCO







## VALDOCCO

---

**V**aldocco, onde está o Oratorio de S. Francisco de Sales, não é um logar como qualquer outro; mas um sitio onde outr'ora se martyrizavam os confesores da fé: o que lhe deu o nome de *Valdocco*, — *Vallis occisorum*.

Esta terra regada com tão precioso sangue foi por muitos annos abandonada e profanada com lojas e tabernas da peor especie.

D. Bosco foi providencialmente destinado a sanctificar este Valle, quando em nenhuma parte encontrava asylo permanente e seguro.

Por indicação da Sanctissima Virgem conheceu em que logar devia-lhe edificar um templo; conheceu igualmente o sitio do martyrio dos sanctos Adventor e Octavio e para honral-os, consagrou-lhes a capella de Sanct'Anna.

Hoje uma oração não interrompida sobe de Valdocco ao Céu.

Cousa digna de nota: existe contiguo ao Oratorio um vasto e admiravel hospicio devido a um sancto sacerdote que foi como o precursor de D. Bosco.

D. José Cottolengo, nascido em Bra, no Piemonte, no anno de 1786, ha pouco mais de cincoenta annos fundou nos arredores de Turim o estabelecimento conhecido pelo nome de *Pequena Casa da Divina Providencia*.

Pode dizer-se que na existencia d'essa casa tudo é sobrenatural.

Não tem siquer um centimo de rendimento e a caridade publica fornece o pão quotidiano a tres mil pobres ou enfermos que ahi são attendidos e asylados com todo desvello. Homens, mulheres, meninos, todos, qualquer que seja a sua doença, sem distincção de nacionalidades ou de religião, são alli recebidos. Para ser admittido o melhor ou quasi o mais indispensavel requisito é não ter *qualquer recommendação*.

*Charitas Christi urget nos.*—*A caridade de Christo nos impelle*, era esta a divisa d'esse servo de Deus, cuja vida foi um continuo milagre, d'esse pae—pela graça—de uma immensa familia de invalidos, aleijados e atormentados pelas calamidades e miserias que constituem a herança da humanidade.

D. Cottolengo morreu em 30 de Abril de 1842 em cheiro de sanctidade, e foi declarado *Veneravel* em 1877.

D. COTTOLENGO E D. BOSCO... eis as magnificas flôres que produziu o sangue dos martyres de Valdocco!

1827

## D. Bosco Estudante.

O menino João começava o estudo do latim. Logo no principio do anno escolastico não podia ainda prover-se dos livros do texto e limitava-se a escutar.

Traduzia-se Cornelio Nepote — Vejamos, disse o professor, Bosco, leia, analize e traduza.

O discipulo já tinha ouvido a passagem. Com toda serenidade toma um livro qualquer, e como se fôra o texto, lê, faz a analize e traduz com admiravel facilidade quanto o professor lhe pede. Nesse interim, os companheiros cochichavam e apenas podiam conter o riso.

O professor impaciente por não pôder conseguir silencio, dirige-se a João Bosco e lhe pergunta :

— Diga-me qual é o motivo desse bullicio dos seus companheiros.

— Senhor, eu não sei.

— Então, os interpella.

Um d'elles ingenuamente declara que é porque Bosco não tem Cornelio adiante dos olhos.

— Como é possível! O professor toma o livro de João : era uma grammatica latina. Isto basta para dar idea da sua surprehendente memoria.

\* \* \*

Quando João Bosco cursava rethorica, uma noite sonhou que traduzia um dictado, dictado este que precisamente na manhã seguinte foi mandado escrever

na classe. João então em vez de escrever o texto que recordava perfeitamente, faz a traducção e entrega-a ao professor.

Este com certo enfado lhe diz: O que! és tão presumpçoso que pretendes fazer uma traducção a vôo? Lê, e não acha um só erro.

— Ah! colaste: não é verdade?

— Não, senhor.

— Então quem te fez esta traducção?

— Ninguém, senhor. Esta noite, em sonho, foi-me dictado este escripto. V. S. o corrigiu: eu conservei tudo na memoria e nada mais.

\* \* \*

— João Bosco quando clerigo preparava-se para o ultimo exame afim de receber as ordens sagradas.

Na vespera foi-lhe indicado o tratado que servisse de ponto ou a prova de habilitação. Ignorando que aquelle tratado formava parte do programma não o tinha lido; mas em vez de perturbar-se, invoca S. Luiz Gonzaga pela seguinte maneira: *Bem vedes que não se trata de proteger a minha preguiça, senão de ajudar-me para evitar as consequencias de uma omissão involuntaria. Valei-me!*

No dia seguinte apresenta-se tranquillo perante a mesa examinadora. Responde satisfactoriamente ás questões e objecções que lhe são propostas; porem um sorriso singular que notava-se no seu semblante aguçou a curiosidade de um dos examinadores, que depois de certo tempo, perguntou-lhe a razão.

— E' porque me examinou um tratado que involuntariamente deixei de estudar; nem mesmo abri as

folhas d'aquellas paginas; — e tirando o livro do bolso apresenta-o ao seu interlocutor com as folhas ainda por cortar. Em seguida contou o occorrido sem omitir a invocação a S. Luis Gonzaga e rematou pedindo á Mesa que quizesse desculpal-o.

Em vez de reprehendel-o, o examinador lhe disse: « Meu amigo, o felicito e me alegre pelo resultado obtido. Continue suas orações consoantes ao sancto estado a que vae se consagrar. Se ellas são tão effi- cazes desde agora, a Egreja poderá alegrar-se de contal-o um dia no numero de seus ministros e grande ha-de ser o beneficio que poderá prestar ás almas. »

1838

### Uma festa sem prégador.

Em P\*\*\*, perto de Turim, celebrava-se a festa do Sancto Rozario. Um seminarista convidado para adytar as vespervas, assistiu com toda a sua familia. lam já começar os officios divinos quando soube-se na scristia que o prégador esperado não podia comparecer. E' facil imaginar o dissabor dos sacerdotes presenes e particularmente do Cura com essa noticia. A opinião geral foi que de repente e sem preparar-se ninguém poderia substituir o orador e por conseguinte tinham de resignar-se a passar a festa sem sermão.

O noso seminarista, que estava presente á deliberação, manifestou-se surprehendido penosamente. Como! entr tantos sacerdotes não haver um capaz de exhortar om algumas palavras a este povo que veiu em massa na convicção de ouvir um sermão? Disse

isto com tão ingenua animação que um dos ecclesiasticos lhe respondeu: O' meu valentão! O senhor se animaria talvez a pregar um sermão?

— Se eu não receiasse faltar as considerações devidas, não teria nenhuma duvida.

A attitude modesta, porém decidida do jovem captivou as sympathias e longe de mostrarem-se agastados muitos d'elles o estimularam.

O Cura mais que ninguem se mostrava interessado, chamou-o de lado e lhe perguntou se realmente se atrevia a subir ao pulpito.

Respondeu-lhe o moço que bastava ler o breviario que acharia nelle os pensamentos necessarios e quanto ao mais procuraria desempenhar-se como fosse possível. Ficou assim combinado. Chegado o momento, o seminarista veste a sobrepelliz e sóbe ao pulpito. Qual não foi o pasmo da sua familia! Apenas podiam acreditar no que presenciavam.

O orador, com voz clara, suave no principio, animada e ardente em seguida, apodera-se de todos os corações. Os fieis o escutaram attentamente e com visível satisfação, durante os tres quartos de hora que levou a pregar, confessaram que nunca tinham ouvido nada igual. Falla-se ainda d'este facto em P\*\*\*

O jovem pregador improvisado chamava-se João Bosco.

1845

Um Trovão.

Quando a casa de Pinardi se mostrava pequena para conter tantos meninos, cogitou D Bosco em fundar outro Oratorio, o de S. Luiz.

Depois de muitas diligencias achou um local apropriado, propriedade da senhora Vaglianti, a quem elle se dirigiu para tratar de compral-o.

A senhora mostrou-se disposta a fazer tal transacção; mas o preço que marcou, era muito superior áquelle que o pobre sacerdote podia offerecer. Raciocínios, instancias, supplicas para inclinar o animo da dona em favor da Obra; tudo era em vão. Ella nada cedia fixando-se n'um preço avultado.

Ainda a entrevista não se tinha acabado, quando, cobrindo-se o céo de nuvens, um formidavel trovão faz estremecer a casa e apaga a lampada da sala.

A senhora meio morta de medo, mudou de tom:

— Meu bom Padre, disse ella a D. Bosco, consegui que me veja livre d'esta tormenta e vos concederei o que quizerdes.

— Obrigado; eu pedirei a Deus que vós livre agora e sempre.

Os trovões não se repetiram; o céo desannuviou-se quasi de subito e a senhora cumpriu a sua palavra.

### 1845

Como Deus ás vezes castigou o mal  
feito a D. Bosco e as ingratidões com que quasi  
sempre lhe pagavam.

Já vimos que devendo renunciar á capella do Refugio, D. Bosco obteve da Municipalidade a permissão de leccionar na egreja de S. Martinho, chamada dos Moinhos.

Os meninos sem terem outro lugar para o recreio, com sua gritaria incommodavam toda a vizinhança. Queixando-se esta ao Governador de Turim, foi Dom Bosco intimado para retirar-se immediatamente daquella localidade.

Quem mais contribuiu para esse máo passo, foi um secretario da administração dos Moinhos, o qual em uma representação cheia de falsidades referia os factos exaggerados e acerbamente. Estas foram as ultimas linhas que escreveu: uma paralyisia entorpecu-lhe a mão direita e depois de tres annos de soffrimentos succumbiu de debilidade geral.

\* \* \*

Repellido de S. Martinho, o Oratorio transferiu-se para S. Pedro ad Vincula local vasto e apropriado.

Já se disse como o desgraçado reitor parochial que morava na casa contigua á egreja, tirado da sua tranquillidade, obteve sem demora que fossem despedidos os meninos.

Esse pobre velho tinha-se deixado levar pelas instigações de sua criada, mulher de character aspero e arrebatado, a qual se tinha indisposto fortemente com a idea de serem invadidos os seus dominios. O seu atrevimento chegou ao ponto de insultar a D. Bosco, ameaçando-o com o punho cerrado, quando instrua seus discipulos; em seguida empenhou-se tanto com o seu amo que obrigou-o a escrever uma querela contra essa *cambada de patifes*, segundo se exprimiam.

Apenas enviada esta carta, uma apoplexia arrebatou a vida ao velho sacerdote; dous dias depois era enterrada tambem a sua criada.

\* \* \*

O marquez de Cavour Governador de Turim, por duas vezes tentou fechar o Oratorio. Quando fez a segunda tentativa, uma paralyisia o prostrou no leito e morreu pouco depois.

\* \* \*

O marquez e a marqueza de X..., — em Turim — casados havia já dez annos, não tinham tido um só filho. Era uma familia illustre prestes a extinguir-se. Na sua grande magoa pediram a D. Bosco que lhe obtivesse tão desejada graça.

D. Bosco se poz em oração com todos os seus, e depois de uma novena especial, Deus attendeu-o. A marqueza deu á luz um bello menino. O nascimento foi festejado com grande pompa; ficaram porém esquecidos os pobres de D. Bosco.

Decorridos alguns annos sem que D. Bosco pensasse em semelhante ingratição; um dia, não sabendo onde achar pão para a sua numerosa familia, apresentou-se em casa do marquez.

Não foi recebido.

Voltou outra vez e conseguiu expôr o motivo de sua visita.

— Senhor Padre, lhe disse o marquez, sinto muito não poder ser-lhe agradavel n'esta occasião; o anno tem andado mau e sou forçado a fazer grandes despesas; porém aproveitarei o primeiro ensejo, de modo que lhe possa ser util. Hoje tenho muitos trabalhos em mãos; brevemente irei vel-o.

Effectivamente pouco depois verificou-se a visita promettida, mas foi para implorar outra graça. Dom Bosco achava-se em seu aposento, quando o marquez e a marqueza abrindo precipitadamente a porta, entraram consternados.

—Ah! meu Padre, meu bom Padre, soccorrei-nos; nosso filho está morrendo de uma angina membranosa.

Disponha-se D. Bosco a acompanhal-os, quando um domestico chegou annunciando a morte do menino...

### 1846

#### Como quizeram encerrar D. Bosco em um hospicio de doudos, e o que aconteceu.

Houve tempo em que D. Bosco era tido por doudo. Fallava em construir Oratorios com officinas, salas de estudos, vastos pateos, bonita capella para grande numero de meninos em que pesasse a sua pobreza extrema. Então achava-se só.

Desamparavam-n'ó até os seus amigos que o julgavam visionario e não faltava quem acreditasse que o mais prudente era submettel-o a regimen especial em um hospicio de doudos, afim de que não compromettesse o clero pelo ridiculo.

Preveniui-se n'aquella occasião o director do hospicio e pediu-se-lhe que tratasse com cuidado e brandura o pobre enfermo.

Chegado o momento de transportal-o para alli, dous sacerdotes combinaram ir ao Oratorio de carro para trazel-o. Conversando os conductores com elle perguntaram:

— E' verdade, senhor, que quereis construir um Oratorio?

— E' verdade, respondeu D. Bosco, e com a sua naturalidade lhes expoz o seu projecto e o bem que esperava conseguir.

Os ecclesiasticos piscaram os olhos em signal de intelligencia, como se dissessem: Não ha duvida; está doudo varrido.

Senhor, temos um carro á porta, quereis dar-nos o prazer de fazer comnosco um passeio?

D. Bosco desculpou-se sem manifestar extranheza a vista de tal convite, e accedeu ao offerecimento feito com certa instancia.

— Embarcae, senhor.

— Depois dos senhores.

— Tenha a bondade.

— De maneira nenhuma; bem conheço quanto respeito me merecem.

Impacientes foram os primeiros a entrar no carro; mas D. Bosco, em vez de seguil-os, rapido como um raio, fechou estrepitosamente a portinhola e com voz estentorica disse: — Ao estabelecimento!

O cocheiro que tinha sido insinuado para partir logo que fosse avisado, açoutou os cavallos e, sem attender aos gritos desesperados dos passageiros chegou ao pateo do hospicio. A porta estava aberta de par em par. Immediatamente fecharam-n'a e appareceu o Director acompanhado de varios enfermeiros.

Os ecclesiasticos apeiaram-se cheios de colera, apostrophando indignados o cocheiro e lhe exprobando a má comprehensão.

— Devagarinho! tranquillizae-vos, disse-lhes o Director. Tinham-me annuciado um só pensionista; porém ainda ha logar para dous. Aqui estareis perfeitamente.

— Insolente! Veja com quem está tratando e ha de pagar-nos isto bem caro.

— Irra! são doudos furiosos, replicou o Director, e virando-se para os enfermeiros, ordenou-lhes que se elles não se acalmassem, uma ducha e camisola de força.

Os pobres ecclesiasticos ficaram aterrados. Felizmente lembraram-se de chamar o capellão, que desfazendo o engano, conseguiu que fossem postos em liberdade. Uma vez livres não tiveram mais vontade de approximar-se d'aquella casa. As risadas e as zombarias não lhes foram agradaveis; e ninguem ficou ignorando que se D. Bosco delirava com a loucura do proprio Christo, não lhe faltava finura para livrar-se dos laços que lhe armavam.

### 1847

#### D. Bosco Mestre de escola. — Seus primeiros alumnos.

Corria o anno de 1847. No Piemonte mais que em qualquer outra parte da Italia, emquanto a christandade entoava enthusiaslicas hosannas pela exaltação do novo Pontifice Pio IX, a Egreja viu levantar-se uma das mais perfidas e tenazes ciladas para abatel-a.

— Lisonjeae o clero e o ganhareis, foi a senha da maçonaria. Em Turim assim procederam fielmente as

lojas e seus adeptos. Os seminaristas obrigados a estudar theologia na Universidade não podiam evitar as ovações calorosas; e os gritos delirantes de viva o clero! viva o clero! logo que presentiam a sua passagem.

Nem todos se enganaram com essas perfidas manifestações populares, e D. Bosco menos que ninguém. Era exactamente o domingo de Ramos e assim proxima a Paixão, quando o Seminario foi fechado e dispersados os seus hospedes pelas turbas revolucionarias.

D. Bosco empenhou-se na sua obra de reparação. Entre os jovens que frequentavam o Oratorio dentre os que mais se distinguiam por sua piedade, bom procedimento e intelligencia notavam-se José Buzzetti, Felix Reviglio, Carlos Gastini e Santiago Bellia. Este ultimo tinha aprendido as disciplinas do ensino elemental, os outros se applicaram a esse ou aquelle officio e apenas sabiam escrever.

Como Jesus, que se comprazia em cercar-se dos pequenos, quiz D. Bosco valer-se dos assignados discipulos para a grande Obra dos Oratorios.

— Quereis ser meus auxiliares? lhes perguntou.

— Com muito gosto, responderam.

— Porém para isso será necessario trabalhar muito e sobretudo resignar-vos a ser como este lenço nas minhas mãos. E dizendo isto apertava em suas mãos o lenço que havia tirado do bolso; isto quer dizer, accrescentou, que me obedecereis em tudo quanto eu vos indicar.

Os meninos, extranhando não pouco o tom singular com que lhes fallava, não puzeram porém a menor difficuldade em acceitar o que lhes propunha um sacerdote tão singular, differente dos demais.

Começou-se o trabalho no dia seguinte, e logo o professor pôde ver que a ignorancia de seus discipulos não era inferior á boa vontade. Passando elles das officinas ao estudo entraram como em um mundo novo e desconhecido.

Observando D. Bosco que com o methodo ordinario adiantavam-se pouco, adoptou um methodo todo seu que deu logo razão á sua engenhosa experiencia.

No ensino da grammatica começou a explical-a por meio de termos claros e comprehensíveis; em seguida cada um devia repetir integralmente a explicação. Graças ao seu engenho, perseverança e extraordinaria paciencia, no fim de dous mezes já pode encetar o estudo da latinidade.

Como conseguir-se tão rapido adiantamento? D. Bosco e os seus alumnos levantavam-se ás quatro e meia da manhã. A Santa Missa, a Communhão quasi diaria e a meditação occupavam as primeiras horas do dia. Depois seguia-se a aula. D. Bosco parecia outro *discipulo com sua lição bem decorada*. Recitada que fosse esta, os outros a repetiam, sendo emendados com modos animadores. Todas as materias eram ensinadas observando-se sempre o mesmo methodo.

Ás oito o almoço e recreio, até ás nove. Logo após a aula até o meio dia. Ás duas, novas instrucções até ao pôr do sol.

Porém, dir-se-ha, podia a corda estar sempre tão esticada?

D. Bosco, que nas aulas unia agradavelmente a teoria com a pratica, tinha previsto tudo. Tres vezes por semana, das quatro ás sete da tarde, levava a passeio os seus meninos. Assaz salutar era este regimen, mas a instar do artista que affaga constante-

mente em sua imaginação um certo ideal, e aproveita as horas de descanso para dar ao quadro um ou outro retoque, também D. Bosco nunca perdia de vista os seus alumnos e enquanto elles se divertiam debaixo das arvores de Rivoli, da Praça d'Armas, ou de Nossa Senhora dos Campos, com infatigavel constancia nos seus lazeres repetia as explicações do dia até ficarem profundamente gravadas na memoria dos discipulos.

Se algum delles, menos amante do estudo propo-sitalmente deixava-se ficar atraz ou se retirava do grupo formado por D. Bosco, o methodo era sempre observado com toda bondade e calma.

O bom Padre que parecia só viver e trabalhar para os meninos abandonados, ainda achava tempo para compor a sua *Historia ecclesiastica*, a sua *Historia da Italia* e collaborar no excellent periodico *O amigo da mocidade*.

Em Novembro os alumnos foram conduzidos á casa paterna de *Becchi*, tão cheia de recordações preciosas para a familia salesiana. Continuou-se alli o estudo com egual empenho, e assim, com tamanha abnegação e tenacidade, ao cabo de um anno os exames de humanidades foram brilhantes; pronunciaram-se as vocações e passaram a estudar o curso de philosophia.

A Providencia então proporcionou auxiliares a D. Bosco. Organizada apenas a obra dos *Cooperadores*, dous d'estes se offereceram e serviram de professores aos meninos: o theologo D. Chaves e D. Picco.

Mais tarde os alumnos arvorados em professores contribuíram poderosamente para o melhoramento do

ensino no Oratorio. D. Bosco tinha dado um grande impulso aos trabalhos escolasticos e pedagogicos e tinha alcançado um exito estupendo!

1847

### O Pequeno Barbeiro.

Certo dia entrou D. Bosco em uma casa de barbeiro de Turim para barbear-se e encontrou alli um pequeno aprendiz que podia bem assistir ao Oratorio nos domingos.

— Meu amigo como te chamas? perguntou-lhe.

— Carlos Gastini.

— Tens pae?

— Só tenho mãe.

— Que idade tens?

— Onze annos.

— Fizeste a primeira Communhão?

— Ainda não.

— Assistes ao Cathecismo?

— Quando posso, não falto.

— Oh! bravo menino! E agora vaes fazer-me a barba, hein?

Protestou o dono da loja allegando que o aprendiz era capaz de tosquiar um carneiro.

— E' necessario que aprenda, disse D. Bosco.

— Sem duvida, porém não martyrizando a um sacerdote. Espere um momento, senhor; vel-o-heis desempenhar o officio com o primeiro freguez que chegar.

— Não, ha de ser commigo; a minha cara é como a de qualquer outra pessoa, ainda que com uma barba de *bosco* (bosque); que o vosso aprendiz só me deixe o nariz e eu ficarei satisfeito.

Começou o supplicio: D. Bosco ria e chorava ao mesmo tempo. Findo o doloroso ensaio, levantou-se e augurou ao aprendiz um bom futuro com tempo e paciencia.

Antes de retirar-se convidou-o a ir vel-o, domingo seguinte no Oratorio. Carlos accitou e cumpriu a palavra. Passou alli um dia de grande contentamento; D. Bosco acariciou-o e acabados os officios, disse-lhe uma palavra ao ouvido, levou-o para a sachristia e depois de preparado confessou-o.

Palavras similhantes fizeram prodigios no Oratorio; os meninos denominavam-n'as *as palavras magicas*. Com effeito assim foi para Carlos Gastini, d'alli em diante procedia perfeitamente, nem consentindo, antes censurando as palavras demasiado livres proferidas ás vezes pelos freguezes da loja do barbeiro.

Pouco depois morreu-lhe a mãe deixando-o com sua irmã na maior miseria. O senhorio, pelo atrazo dos alugueis desalojou sem piedade os dous orphãos. Elles tinham outro irmão soldado que não podia ajudal-os; ficaram pois, sosinhos no mundo.

Um dia D. Bosco encontrou-se no *Rondó*, perto do Oratorio, com o pequeno barbeiro que chorava desesperadamente.

Informou-se do occorrido, recolheu-o e conseguiu collocar a pobre irmã orphã no hospicio de Casale Monferrato.

Carlos Gastini aprendeu o officio de encadernador e actualmente é chefe de officina no Oratorio, e bom pae de familia, excellente operario e fervoroso christão.

---

1848

## Attentados contra a vida de D. Bosco.

Em consequencia da liberdade concedida por el-Rei Carlos Alberto aos judeos e valdeses, em principios de 1848, agitaram-se extraordinariamente as diversas seitas.

Sob pretexto de propaganda, espalharam entre o povo as mais perfidas calumnias contra o clero, de modo que um sacerdote não podia sequer passar tranquillamente pelas ruas de Turim.

Por outro lado D. Bosco e seu Oratorio não podiam ser olhados senão com odio e profundo desagrado no arrabalde de Valdocco, antro de muitas industrias suspeitas, jogadores, bebedos, e adventicios de varias especies, que não recuavam deante de qualquer perigo para impedirem a invasão d'aquillo que tinham como seu proprio dominio.

Estas circumstancias explicam em parte a guerra encarniçada feita a este pobre sacerdote.

Um dia em que dava lições de catechismo na capella, com as janellas abertas e rodeado de meninos, lhe atiraram um balaço. A bala passou entre o braço e o peito, rasgou-lhe a batina e foi entrar na parede. Todos se levantaram espantados; mas Dom Bosco sorrindo-se compassivel disse: E' um desgraçado musico. Se a Sanctissima Virgem não tivesse intervindo, me teria feito cahir. Depois olhando para a batina, accrescentou: — Pobre batina! sinto muito o que te acontece, pois tu eras o meu unico agazalho.

\* \* \*

Em outra occasião que tambem se achava com seus meninos escapou milagrosamente das mãos de um assassino que precipitou-se sobre elle com um grande facão.

\* \* \*

Uma tarde chamam á porta do Oratorio e rogam a D. Bosco que vá sem demora a uma casa do bairro, onde, diziam, estava uma mulher moribunda.

A noite era escura, e como o bom Padre recentemente tinha escapado de uma traição, os seus não queriam deixal-o sair; mas declarando D. Bosco que era sua vontade acudir depressa á enferma, tiveram de obedecer-lhe, com tanto que elle se deixasse acompanhar por quatro estudantes capazes de protegê-lo, dado algum incidente. Assim o fizeram.

Chegaram a uma casa isolada e afastada: dous dos moços ficam de fóra e os outros dous sobem até á porta do quarto, para onde entra somente D. Bosco.

Ao entrar, levantam-se quatro rapazões que com falso sorriso dão-lhe as boas noites; era gente de má vida, cada um delles estava armado com um grosso cacete.

Bem viu D. Bosco; porem sem mostrar nenhum receio, approximou-se do leito da supposta enferma, cujo semblante não denunciava doença.

— Pois bem, minha boa senhora, desejaes confessar-vos?

— Certamente, respondeu com voz sonora e forte; porem é necessario antes que este infame de meu cunhado que vedes ahí, me peça perdão; e o cobre com mil injurias.

— Queres calar-te bicho asqueroso? grita um dos presentes, dando-lhe uma bofetada, e faz cair a unica vela accesa.

O quarto fica completamente ás escuras e D. Bosco no mesmo instante recebe uma cacetada que o teria prostrado se não tivesse resvalado sobre os hombros. Sem perder a serenidade lança mão immediatamente de uma cadeira e com ella resguarda a cabeça. As pancadas chovem como saraiva sobre o improvisado capacete que o protege. Consegue alcançar a porta e pondo a mão no trinco arremessa a cadeira sobre os malvados e acha-se no meio dos dous moços que o esperavam. (1) Tudo isto passou tão rapidamente que os conjurados ficaram surprehendidos e immoveis.

Quando D. Bosco saiu á rua, os alumnos ficaram espantados em vel-o coberto de sangue. Felizmente não tinha recebido nenhum ferimento grave; sómente ao defender a cabeça com a cadeira, uma pancada no pollegar da mão esquerda tinha-lhe rasgado a carne ao ponto de descubrir a phalange.

\*  
\* \* \*

Lembraremos outro perigo do qual escapou D. Bosco em dezembro de 1881.

---

(1) Um destes era João Cagliero, hoje bispo de Magida e Vigario Apostolico da Patagonia septentrional e central.

Achava-se elle no seu quarto no Oratorio de Turim, quando chegou um sujeito de boa apparencia solicitando fallar-lhe.

Este começa a contar diversas cousas e pouco a pouco ia animando-se e gesticulando exaltado. Dom Bosco que escutava attentamente, observou em certo momento que um revolver de seis tiros, caindo do bolso de seu interlocutor, escorregou sobre o sofá em que ambos estavam sentados. Tomou tranquillamente a arma e sem ser apercebido escondeu-a sob a sua batina.

D'ahi a pouco o desconhecido apalpa os bolsos, e procura até no chão.

— Que lhe acontece, caro senhor? perdeu alguma cousa?

— Sim, não sei onde metti...

— Que cousa?

— Nada, nada.

E continuou a procurar, olha por baixo do sofá e vae até a antesala onde estava o secretario de D. Bosco.

— Encontrou alguma cousa aqui? pergunta-lhe.

— Nada absolutamente, senhor.

Então D. Bosco imperturbavel, fita-o bem e apresentando-lhe o revolver, lhe diz:

— E' este objecto sem duvida, que procura?

Cheio de perturbação elle quer tomar a arma; mas D. Bosco, retirando-a, exprobra-lhe energicamente o seu malvado intento.

O culpado escuta-o confuso e estupefacto e á final confessa que tinha vindo para matal-o, mas que desistia de tal proposito.

D. Bosco abre a porta e entregando-lhe a arma lhe diz:

— Póde retirar-se, que Deus o illumine e digne-se de usar para comsigo de misericórdia!

Veremos no capitulo seguinte, em outras emergencias, como D. Bosco foi protegido pela Divina Providencia, de um modo singular e extraordinario.

1849

### O cão defensor de D. Bosco.

O bairro de Valdocco apresenta hoje um aspecto muito diverso do que tinha, ao fundar-se o Oratorio. As casas muito menos numerosas então, estavam em parte separadas por campos incultos e matagaes e ficavam fóra da cidade. Por isso quando anoitecia e D. Bosco ainda não se tinha recolhido, os seus o esperavam com visivel inquietação. Os terrenos incultos que devia atravessar favoreciam qualquer aggressão e ninguem ignorava, que varios malvados tinham promettido matal-o.

Todos insistiam para que usasse de grande prudencia e precaução; mas tratando-se de desempenhar o sagrado ministerio ou quando estava em jogo o interesse dos meninos, nada podia impedil-o de se expôr.

Uma vez que elle voltava da cidade, tendo já anoitecido, não deixou de ficar surprehendido por ver ao pé de si, de improviso, um enorme cão de côr parda. O seu medo durou pouco, porque o lindo animal esmerou-se em fazer-lhe festa e sem separar-se d'elle, acompanhou-o ao Oratorio e desapareceu.

D'aquelle dia em deante, quando D. Bosco, retido por suas occupações na cidade, voltava ao Oratorio já anoitecido, logo que approximava-se do bairro perigoso, quasi nunca deixava de apresentar-se-lhe o mesmo cão e de servir-lhe de guarda até a sua casa.

Afeiçãoou-se depressa D. Bosco ao seu fiel e prestimoso companheiro, que por causa da sua côr, elle chamava o *Pardo*. Em varias circumstancias esse cão salvou-lhe a vida.

\* \* \*

Uma noite em que ameaçava chuva e o céu estava coberto de nuvens, no trecho da Consolata a Cottolengo, repentinamente dous individuos se arremesaram sobre D. Bosco, e enquanto um lhe punha uma mordança na bocca, outro lhe cobria a cabeça com uma manta.

D. Bosco considerava-se perdido, quando de subito ouviu um rugido como de furioso leão; appareceu o *Pardo* e em um abrir e fechar d'olhos deitou por terra os aggressores. D. Bosco puchou a manta que o suffocava e viu um dos malfeitoses fugir apressadamente. O outro extendido no chão, na mais critica situação com a garganta sob as patas do cão, gritava:

— Senhor, senhor, chame o seu cão que me estrangula.

— Chamal-o-hei, se me prometteres de proceder bem d'ora em diante.

— Sim, sim, mas chame-o, que me mata.

D. Bosco chamou o cão e este immediatamente largou a presa. O criminoso fugiu a toda pressa, sem dizer palavra.

\* \* \*

Em outra occasião, quando D. Bosco voltava á casa pela rua de S. Maximo, um assassino emboscado atrás de uma arvore, atirou-lhe dous tiros de pistola ; porém tendo a arma negado fogo, accometteu-o para matal-o de outro modo. N'este momento, porém, appareceu o *Pardo*, que derribou o malvado e obrigou-o a fugir. Depois acompanhou a D. Bosco até a porta do Oratorio.

\* \* \*

Ainda o cão livrou D. Bosco, não de um ou dous conjurados, mas de uma tropa de sicarios. N'uma noite tambem quando elle regressava seguindo pela rua que da praça *Emmanuele Filiberto* vai ao *Rondó*, esbarrou com um individuo, armado de formidavel cacete.

A rua estava deserta, D. Bosco foge, mas o malfeitor o alcança. Já este levantava o cacete para desfechar o golpe, quando D. Bosco á vista da imminencia do perigo arrumou-lhe tal socco no estomago, que o aggressor cahindo exclamou, com voz angustiosa: *Ai, ai, que morro!*

Julgava D. Bosco estar livre, quando um grupo numeroso de malvados que estavam escondidos atrás das arvores, fez-lhe frente, todos armados de páos. Como resistir? Mas eis que surgiu o *Pardo* e rapido como um raio começou a rodeal-o em defeza, e mostrando formidaveis dentes, soltando tão espantosos latidos que sem perda de tempo, todos os malandros retiraram-se amedrontados, uns após outros.

\* \* \*

Outra feita, a tardinha, D. Bosco dispunha-se a sahir. Como approximava-se a noite, a sua mãe Margarida esforçou-se debalde por dissuadil-o.

Aberta a porta, encontrou o cão, alli, deitado ao comprido.

— Vamos, *Pardo*, deixa-me passar, lhe disse, ao mesmo tempo que de leve o tocava com o pé.

O cão porém latiu ameaçador e não se mexeu.

— Estás vendo, meu filho, lhe disse Margarida, que o cão tem mais discernimento do que tú; não deves teimar em sair.

D. Bosco experimentou ainda duas vezes passar; porém o cão o impedia, em vista do que enfadado voltou para o seu quarto.

Não tinha ainda decorrido um quarto de hora, eis que chegou um vizinho apressadamente com o fim de advertil-o, que usasse de toda precaução e não pensasse em sair; pois tinha visto quatro individuos da mais feia catadura, á espreita numa emboscada, resoltivos d'esta vez a mandal-o para outra vida.

\* \* \*

As Ave Maria de outro dia acharam o cão no pateo do Oratorio. Quizeram fechal-o alli; mas como um dos meninos gritasse: — E' o cão de D. Bosco! todos se approximaram tratando de festejal-o e a brincar com elle: uns trepavam sobre as costas do animal outros puxavam-lhe as orelhas e assim no meio de

grande algazarra o conduziram a D. Bosco que estava ceando no refeitório com sua mãe e alguns sacerdotes.

— E' o meu *Pardo*, disse o amado Padre; e o cão emquanto todos o acariciavam, sem acceitar o pão, a carne e a agua que lhe offereciam, dando pausadamente uma volta em torno da mesa, acabou por deitar-se na ponta com a cabeça perto de D. Bosco, em que fixava ternamente os olhos, com a expressão de amistosó interesse e de saudação.

— Visto que nada queres do que te dou, disse-lhe D. Bosco, deixae-nos sós, e o cão acompanhado por um alumno até a porta, foi-se embora.

Não tardou a conhecer-se o motivo da vinda do cão: D. Bosco naquelle dia devia chegar tarde; mas, vindo no carro do marquez Fossati, regressou muito antes do que se esperava. O *Pardo*, pois, quizera certificar-se de que D. Bosco estava em casa.

\* \* \*

No outono de 1866, D. Bosco viu mais uma vez o seu maravilhoso guarda. Achava-se em Murialdo de Castelnuovo, sua patria, e devia voltar a Moncucco para ver um de seus amigos. Tinha cahido a noite e era preciso passar por bosques perigosos.

— Ah! oxalá tivesse eu aqui o meu *Pardo*! exclamou elle; e no mesmo instante viu o cão ao seu lado; acompanhou-o durante a travessia e embora não se apresentasse occasião de defendel-o ante algum assassino, todavia prestou-lhe um importante serviço livrando-o dos enormes cães molossos que guardavam

as vinhas. Ninguém ignorava que elles eram uma seria ameaça para os transeuntes; e effectivamente acometteram a D. Bosco; mas o *Pardo*, ajustou suas contas com elles, forçando-os a fugir e ganirem pelas mordidas que tinham recebido.

Chegados ao ponto destinado, todos que já o esperavam para a ceia se admiraram da belleza do cão. — Que precioso animal que possuis! lhe disseram. Nós não o conheciamos; é de raça superior. Offereceram ao *Pardo* toda sorte de gulodices, sem conseguirem, porém, que elle provasse uma só.

Alguns jovens clerigos, extranhando semelhante recusação, resolveram fechal-o em um quarto, por experiencia.

— Quando tiver passado sem comer doze horas, disseram, terá necessidade de alimentar-se ou de beber.

— Na manhã seguinte vão para dar-lhe a liberdade. O prisioneiro tinha desaparecido. Como? As portas e as janellas estavam fechadas!

Nunca se soube de onde vinha este cão e para onde ia, logo que tinha cumprido a sua tarefa. Ninguém o conhecia.....

## 1849

### Como se confessa um ladrão.

Voltando uma vez de suas occupações, atravessava D. Bosco já á bocca da noite, um bosque completamente solitario. De repente um homem com arma na mão aggrede-o e exige-lhe a bolsa ou a vida.

— A bolsa! não tenho: respondeu-lhe tranquilamente D. Bosco; a vida! Deus me a deu e só elle pode tirar-m'a.

— Palavras não me servem, a bolsa já, ou morres.

N'esse momento reconheceu D. Bosco o seu aggressor; era um dos detentos a quem, havia tempos, catechizára nas prisões de Turim.

— Oh! és tú, Tonio! disse-lhe. Agora bem vejo que te esqueces de cumprir a tua palavra e que te entregas ao peor de todos os officios. Não te suppunha capaz de tanta malvadez. Como acabarás com tão miseravel vida!

Tambem o ladrão já havia reconhecido o seu antigo capellão, e com a cabeça baixa ouvia-o confundido.

— Lhe asseguro, meu Padre, que não sabia que fosse V.<sup>a</sup> R.<sup>a</sup>, si soubesse o teria deixado tranquillo.

— Isto não é bastante, meu filho, é necessario mudares de vida. Abusas da bondade divina, e se não fizeres logo penitencia, toma cuidado que o arrependimento na hora da morte não venha tardio.

— E' verdade, meu Padre, mudarei de vida, lhe prometto.

— Deves confessar-te.

— Pois sim, senhor.

— Quando?

— Muito breve.

— Quanto antes, melhor será. Vem cá, meu filho.

E sentando-se D. Bosco em uma pedra, fez com que elle se ajoelhasse a seus pés.

O criminoso titubou um pouco mas por fim cahiu de joelhos.

D. Bosco estreitando-o como em outro tempo em seus braços, recebeu a confissão do penitente. Lhe deu, em seguida, uma medalha de Maria Auxiliadora e as poucas moedas que levava comsigo e concluiu seu trajecto em companhia d'essa ovelha que não tornou a desgarrar-se.

## 1852

## Se não és doudo, sel-o-has.

Fundada a Congregação Salesiana, um de seus membros, excellente pessoa, sentia-se atormentado pela idea de que Deus o chamava a uma Ordem mais antiga. Foi ter com D. Bosco e lhe expôz quanto lhe preocupava o espirito, mas como quem está resolvido a não escutar conselhos.

D. Bosco isto percebeu logo, e para não perder tempo, disse-lhe: *Vae, já que assim queres; mas se não és doudo, sel-o-has.*

O jovem, dominado por semelhante idea, não fez grande reparo e foi para a Ordem Religiosa que elle desejava.

Contava doze annos de profissão, quando teve de sair: *estava doudo.*

Desligado por isto da Religião e recuperada a sua liberdade, o bom Deus que tinha dado razão á phrase de D. Bosco, restituiu o juizo tambem ao imprudente. Vive ainda, e affiança que não se aventurará mais em querer escolher a sua vocação sem conselho autorizado.

## 1853

## Bom somno.

Dissemos que D. Bosco mortificava o seu corpo, privando-se do somno necessario. Muitas vezes porem, a natureza resentia-se e reclamava seus direitos, sem attender á escolha da occasião.

Na vespera de uma grande festa, era já perto de meia noite, e D. Bosco estava confessando desde as

seis horas da tarde. Muitos meninos esperavam ainda a sua vez. Aconteceu então que o somno com seu poder soberano inclinando a cabeça de D. Bosco, obrigou-o a encostal-a levemente sobre a do penitente, que — conforme o costume seguido pelos Salesianos — era abraçado a unirem-se os corações.

O menino surpreso no primeiro momento, em breve sentiu-se feliz por suster por sobre a sua a fronte de D. Bosco. Esforçou-se por ficar quedo e immovel; esta prolongada situação, porém, fez com que confessor e penitente dormissem, cada qual melhor.

Os outros meninos que rodeavam o confissionario, sem comprehenderem tão longo e extraordinario recolhimento, acabaram por adormecer por seu turno. Em uma palavra, dormiam todos aos pés de D. Bosco.

Pelas duas horas da madrugada, um movimento do confessor transformou a scena. O penitente, acordando, viu que os seus camaradas tambem se despertavam. O bom Padre mandou que fossem se recolher e emprazou-os para o dia seguinte.

O proprio D. Bosco costumava contar este episodio com o sorriso nos labios.

## 1854

### Como os meninos de D. Bosco procederam durante uma epidemia de cholera.

O apparecimento do cholera em Turim no anno de 1854, produziu grande e profunda consternação. Os bairros pobres, e especialmente o de Valdocco foram os que mais soffrêram. E o Oratorio achava-se cercado de enfermos e moribundos.

Estando cheios os hospitaes, estabeleceu-se lazaretos. A difficuldade maior era encontrar pessôas que quizessem dedicar-se ao tractamento dos atacados. D. Bosco e seus sacerdotes foram os primeiros a offerer-se a isto, e logo, em vista da immensa propagação do mal, tambem os meninos do Oratorio não trepidaram em prestar a sua cooperação. Animados com o exemplo e sancta exhortação de seu bom pae, quatorze estudantes se despuzeram em afrontar os perigos de tão terrivel praga. Em seguida mais trinta reuniram-se aos primeiros.

Foram admiraveis o valor e a intrepidez d'aquelles jovens, servindo dia e noite como enfermeiros com tanta abnegação e caridade a uma grande multidão de cholericos. E quantos na mais absoluta indigencia! A mãe de D. Bosco esvasiou então os modestos armarios da casa: pannos, cobertores, camisas, tudo quanto havia. Ninguem quiz conservar mais do que o trajo que vestia e a cama em que dormia.

N'uma feita, um menino foi buscar roupa para cobrir um enfermo. Margarida tinha revistado todos os cantos sem encontrar cousa alguma, quando felizmente achou uma toalha de altar que por acaso tinha escapado á distribuição geral. — Toma, menino, isto é tudo quanto ficou em casa. — O menino cheio de contentamento vôou e foi cobrir com tão delicado panno o seu pobre protegido.

Nenhum dos meninos do Oratorio foi atacado de cholera, apenas no principio haviam tomado algumas precauções. Verdade seja que com o apparecimento da epidemia, D. Bosco tinha offerecido a vida pela de seus meninos. Deus, clemente, sem acceitar o offerecimento do pastor, protegeu seu querido rebanho.

1854

Como D. Bosco não soube rezar o "DE PROFUNDIS".

No anno de 1854, D. Bosco presidia em Lanzo o retiro espiritual em que estavam muitos cavalheiros de Turim. Uma tarde recitava em voz alta, em companhia d'elles, as orações da noite, com aquelle accento devoto que, quem o ouviu uma vez, jamais pode esquecer.

Começava o terceiro versiculo do *De Profundis*, quando parou de repente, emquanto parecia que a sua vista ia seguindo algum objecto até o fim da igreja.

Um momento depois, deu um suspiro, baixou os olhos e procurava continuar o psalmo; porem a custo lhe foi possivel balbuciar algumas palavras latinas e italianas, acabando por persignar-se.

Na manhã seguinte os jovens clérigos gracejavam com elle, dizendo-lhe: — Ah, D. Bosco não sabe mais rezar!

Cómo um d'elles, mais desembaraçado, lhe perguntasse o motivo d'aquella distracção, D. Bosco respondeu: — No momento em que eu dizia *Si iniquitates*, vi sair do altar duas chammas. Em uma d'ellas eu li a palavra *Herèsia*, na outra *Morte*; e como dirigiram-se para o fundo da igreja, fui seguindo-as anciosamente com a vista. Pousaram sobre duas pessoas que reconheci perfeitamente. Rezae, meus filhos, vereis bem cedo realizada esta ameaça.

Com effeito, pouco depois um insigne catholico e rico negociante de Turim, com escandalo geral, passava ao protestantismo, e em breve occorreu a morte de outro dos exercitantes de Lanzo.

1855

## Passeio de D. Bosco com os presos de Turim.

No anno de 1855, na *Generala*, prisão de Turim, mais de trezentos presos ouviam as instrucções religiosas de D. Bosco. Quando no fim de sete dias de exercicios espirituaes, receberam os sanctos Sacramentos com verdadeira devoção, D. Bosco concebeu a idea singular de dar-lhes, em recompensa, um dia de liberdade; e apresentou-se ao Director da penitenciaria para pedir-lhe que se dignasse permittir aos presos um passeio até ao castello real de Stupinigi.

Um dia de ar livre, longe das estreitas paredes que o encerram, é para o encarcerado um prazer inexprimivel. O Director, ouvindo esta proposta ficou estupefacto; pareceu-lhe uma chimera de D. Bosco e desculpou-se dizendo; que só o ministro do interior podia dar similhante autorização.

D. Bosco sabia que para conseguir intentos grandiosos não é bastante dar um passo só, pois mais meritorio é o bem, quanto são maiores os obstaculos que se vencem; vae, pois, ter com o ministro Rattazzi, que não menos assombrado do que o Director ao ouvir tal pedido, exclamou: — V. Rvma. pede-me uma cousa impossivel. — Não, Excellentissimo Senhor; V. Ex.<sup>cia</sup> permitta-me insistir; as disposições dos presos são excellentes; estou certo de sua docilidade e de que nenhum d'elles abusará da minha confiança.

Rattazzi reflectiu alguns minutos e disse-lhe: — Pois bem, eu accedo aos seus desejos, e lhe fornecerei cincoenta carabineiros, que de longe prestem attenção a qualquer revolta que possa haver. — Não tenha re-

ceio algum, Excellentissimo Senhor, eu fico responsável. A vista da milicia amargaria o prazer dos agraciados.

Deu-se então um phenomeno extraordinario: o ministro Rattazzi, que estava muito longe de ser clerical, annuiu tão extranha proposta, achando-a, embora caridosa, aparentemente mui temeraria.

Com essa permissão, no dia indicado, depois da Missa, realizou-se o passeio. Trezentos e cincoenta presos partem para Stupinigi em boa ordem, radiantes de jubilo, tranquilla e paternalmente guiados só por D. Bosco. Duas e meia leguas de ida e outras tantas de volta, não eram em demasia para quem estava ancioso de movimento e de expansão. É impossivel descrever as scenas de prazer, as impressões alacres dos presos naquelle dia. O certo é que não se deu a menor sombra de desordem. A grande preocupação de todos elles era de provar com toda sorte de ternas demonstrações a sua gratidão para com o bom Padre, e como o vissem um pouco fadigado, descarregaram o animal que levava as provisões e fizeram com que D. Bosco o cavalgasse, sem deixar-lhe, sequer, o incommodo de segurar as redeas. Quanto ás provisões, elles mesmos se encarregaram de leval-as ás costas.

A' tarde, de volta á prisão, o Director fez a chamada. Não faltava um só.

1855

Uma cura.

O barão, commendador Cotta, banqueiro de Turim e senador do reino, achava-se moribundo.

D. Bosco foi visital-o.

— Meu Padre, esta será a ultima vez que o verei, disse-lhe o enfermo com voz sumida; eu morro; não chegarei até a noite.

— Oh, não! Senhor Commendador. A Sanctissima Virgem ainda precisa de vós n'este mundo e quer que a auxilieis na construcção da sua igreja.

— Teria muito prazer com isto, mas os medicos não me dão a menor esperança.

— Pois bem, o que farieis se *Maria Auxiliadora* vos sarasse?

— Ah! se eu sarasse, daria dous mil francos por mez, durante seis mezes para a sua igreja.

— Muito bem; eu volto ao Oratorio e mando todos os meninos rezar. Coragem!

Tres dias depois, estando D. Bosco em seu escriptorio, lhe annunciaram uma visita. Era o barão Cotta, completamente são, que vinha apresentar a sua primeira offerta a *Maria Auxiliadora*. Depois fez muitas outras esmolas á igreja.

## 1857

### Piedade dos meninos de D. Bosco.

Quando alguém ia ter com D. Bosco para pedir-lhe uma graça, elle algumas vezes respondia: Farei com que os meus meninos rezem por vossa intenção. Não era esta uma phrase sem importancia. A oração publica e em commum é maravilhosa e a piedade dos obsecrantes augmentava-lhe a virtude.

Entre os novecentos internos de que se compõe o Oratorio de S. Francisco de Sales, em Turim,

seguramente um cento d'elles são verdadeiros Luiz Gonzagas, e quatrocentos a quinhentos podem ser considerados, perfeitos catholicos.

Alguns cuja vida purissima intima é admiravel, têm sido favorecidos com maravilhosas revelações. Uma vez, por exemplo, depois da Missa, um menino chegou-se a D. Bosco e lhe disse:

— Padre, V. Rvdma. pensa em tal cousa; tem razão e conseguil-a-ha.

— É verdade, meu filho, como sabes? quem te disse?

O menino perturbou-se, não soube o que responder e acabou por não se lembrar mais do que havia dito.

O proprio D. Bosco escreveu e publicou a vida de Domingos Savio, um dos filhos do Oratorio, nascido em 1842 e fallecido em 1858. Foi esse alumno um modelo de singular pureza e sanctidade. Mais de uma vez achou-se arrebatado em extasis e por suas orações conseguiu-se muitas graças.

Um dia entrou a toda pressa no quarto de Dom Bosco para supplical-o que o acompanhasse.

— Mas, de que se trata?

— Por favor, venha já, meu Padre; não ha tempo a perder.

D. Bosco obedeceu e a passo largo acompanhou-o pela rua das Orphãs. Subiu a escada de uma casa e chegando a uma porta do terceiro andar, Savio lhe disse — é aqui, e voltou para o Oratorio.

D. Bosco entrou e achou um enfermo já prestes a exhalar o ultimo suspiro. Era um desgra-

çado catholico que se fizera protestante, e moribundo desejava ardentemente voltar para o seio da Egreja.

Sem perda de tempo confessou-se, recebeu os ultimos sacramentos e cheio de unção e de esperança, adormeceu no Senhor.

Fazia tempo que Savio não tinha sahido do Oratorio. Quando lhe perguntaram como tivéra conhecimento do que passava naquella casa, elle ficou triste, baixou a cabeça e nada respondeu. Respeitou-se o seu silencio. *Secretum Regis abscondere bonum est. Convem respeitar o segredo d'el-Rei.*

Outra vez, durante o cholera de 1854 e precisamente no dia oito de Setembro, festa da Natividade de Maria Sanctissima, o mesmo menino apresentou-se em uma casa á rua Cottolengo: — Não tendes aqui uma pessoa atacada pela epidemia? Eu me offereço para tratá-la.

— Obrigado meu filho; graças a Deus, aqui estamos todos bons.

Savio retirou-se constrangido, porem, de prompto tornou.

— Peço-vos que vejais o que ha de novo; aqui deve haver uma pessoa em perigo imminente.

O proprietario, só por agradar-lhe, percorreu todos os quartos, e achou com effeito em um sotão uma pobre velha que prostrada e sem forças pedia soccorro. Houve apenas o tempo necessario para lhe administrar os ultimos sacramentos e expirou poucos instantes depois.

Nada ha tão edificante como a vida de Domingos Savio. Era na verdade um apostolo pequenino, cheio de amor e de zelo pelas almas.

Apenas deixou esta vida mortal, os seus companheiros o veneraram como um sancto e por sua intercessão se têm alcançado assignaladas graças e curas milagrosas (1).

Poderíamos fazer menção de outros meninos favorecidos com dons propriamente sobrenaturaes.

Gabriel Fassio, entre outros, predisse com um anno de antecedencia a explosão de polvora que, em 1852, ameaçou destruir o Oratorio.

Era aprendiz serralheiro, cheio de piedade excepcional.

Em 1851 evolou-se para o Céu. Em sua ultima enfermidade, depois de recebidos os sacramentos, exclamou um dia, como inspirado:

— Pobre Turim! Pobre Turim!

— O que é que nos ameaça? perguntaram-lhe seus companheiros,

— Um extremecimento.

— Quando será?

— No anno proximo, aos *vinte e seis de Abril*.  
Pobre Turim!

— E que devemos fazer?

— Rogae a S. Luiz que proteja o Oratorio e a todos aquelles que nelle moram.

A predicção verificou-se: no dia *vinte e seis de Abril* de 1852 uma explosão de polvora, n'uma fabrica proxima do Oratorio produziu um horrivel abalo. Morreram trinta trabalhadores. A catastrophe teria sido muito maior se o sargento Paulo Sacchi com heroico

---

(1) Seu velho pae vive ainda no Oratorio de Turim, onde quer acabar os seus dias; é um ancião amavel cuja piedade e simplicidade são apreciadas na Casa.

valor, ferido como estava, não tivesse conseguido isolar duzentos barris de pólvora que estavam depositados no armazem.

Os companheiros de Fassio seguindo o seu conselho e receiosos ante a predição feita, antes da recolhida ao acabar as orações da noite sempre rezavam um *Padre Nosso* e uma *Ave Maria* em honra de S. Luiz Gonzaga com a seguinte jaculatoria: *Ab omni malo libera nos, Domine.*

Esta pratica, tornada geral, continuou a ser observada nas Casas Salesianas.

## 1857

### O primeiro sacerdote de D. Bosco.

Em 1847 os Oratorios de S. Francisco de Sales e de S. Luiz Gonzaga recebiam cada domingo quinhentos meninos. Apesar d'isto não podiam ainda reunir todos os vagabundos que pullulavam pela cidade.

Em certo domingo um dos principaes chefes das taes maltas notou a ausencia de um camarada.

— Para onde foi?

— Ao Oratorio de D. Bosco.

— Que é isso?

— É uma casa onde vae-se para correr, jogar e divertir-se.

— Magnifico! é exactamente o que desejamos onde é?

— Em Valdocco.

— Vamos até lá.

O maioral também jovem á testa de muitos mandriões chegára ao Oratório. As portas estavam fechadas; todos rezavam na igreja.

O tal chefe quiz mostrar resolução avante de tão pequena difficuldade. Escalou o muro, pulou no pateo e dispunha-se a espreitar, quando sendo visto, foi levado á igreja.

Naquelle momento o Padre Borel estava contando a parábola dos cordeiros e dos lobos, isto é do perigo para os bons meninos de se unirem a maos companheiros, e rematava, dizendo, que no Oratorio não havia este perigo, porque se um lobo mostrava os dentes não faltavam bons cães para utrassachal-o.

A palavra do sacerdote exposta em fórma pitoresca agradou ao recém-chegado e quiz ficar até o fim da festa.

Entoaram as ladainhas e querendo elle ostentar sua bella voz cantou com muito enthusiasmo.

Ao sair da igreja, elle quiz ver D. Bosco que achava-se rodeado de uma multidão de meninos. D. Bosco acolheu-o com particular affecto, convidou-o a recreiar-se, o fez cantar, admirou a sua voz e se offereceu a ensinar-lhe a musica e muitas outras cousas.

Finalmente — é importante registrar isto — lhe disse uma palavrinha ao ouvido, uma só, a *palavra magica*, e bastou: o menino ficou entregue para sempre. Desde esse dia nunca faltou ao Oratorio, e depois de ter recebido de um sacerdote, a quem Dom Bosco confiou-o, uma solida instrucção religiosa, teve a dita de fazer a primeira Communhão.

Esse, longe de encontrar na familia o menor estimulo para o bem, era maltratado por seus paes, que faziam-lhe soffrer até fome.

D. Bosco o consolava, o sustentava e tinha-lhe offerecido um asylo se corresse maiores perigos. Um dia, tomou elle a defesa do Oratorio e de Dom Bosco, contra as accusações de seu pae. Outra vez que dispunha-se a ir a Valdocco, o pae deu-lhe uma formidavel bofetada. Temendo maiores violencias, fugiu de casa e correndo dirigiu-se para o Oratorio. Porem, em vez de entrar, julgando-se perseguido, subiu a uma amoreira para não ser descoberto (1).

Tinha-se apenas occultado entre a folhagem quando com seu espanto vê o pae e a mãe que entravam no Oratorio para reclamá-lo.

— Entregae-nos nosso filho, diziam elles a D. Bosco.

— Não está aqui.

— Deve estar.

— Ainda que estivesse, não terieis o direito de entrar d'este modo em casa alheia.

— Bem — disse o pae furioso — irei ao commissario de policia e arrancarei meu filho da rapacidade dos clerigos.

— Eu tambem irei aos tribunaes, replicou D. Bosco, farei conhecer a vossa conducta e se ha leis e justiça, sereis tratados como mereceis. — Sem duvida este homem e sua mulher não tinham a consciencia muito limpa, porque depois de tão energica attitude retiraram-se silenciosos.

---

(1) Esta amoreira vê-se ainda no pateo dos artistas no Oratorio, entre a igreja de Maria Auxiliadora e a porta principal da capella de S. Francisco de Sales. E' conservada com carinho e as pessoas, a que esta historia se refere, costumam approximar-se d'ella com affectuosa lembrança.

Apenas tinha-se retirado a importuna visita, Dom Bosco sabendo da presença do menino, foi á amoreira e convidou o seu pobre protegido a descer. Não obteve resposta.

Chamou-o novamente. — Desce, lhe disse, já foram embora, não deves temer nada.

— O mesmo silencio. A' luz da lua distinguuiu-se o fugitivo agachado entre os galhos. Lhe terá acontecido alguma cousa?

D. Bosco inquieto pediu uma escada e subiu para tomar o menino que encontrou como inanimado. Mexeu com elle e o chamou-o por seu nome muito de vagar. Finalmente voltou a si; porem julgando-se ainda entre as mãos brutaes que o tinham maltratado começou a gritar e a agitar-se com tanta furia que recebeu-se que cahisse e arrastasse D. Bosco na quéda.

Foi preciso esperar algum tempo e empregar repetidos affagos para acalmal-o e para que D. Bosco conseguisse fazel-o descer da arvore que para o menino podia ser considerada a *arvore da vida*.

A boa mãe Margarida, que enternecida presenciára toda a scena, apressou-se em abrigal-o e dar-lhe uma boa sopa.

D'então em diante o menino teve uma casa: o Oratorio; e D. Bosco mais um padre.

Cedo aprendeu o officio de encadernador de livros; porem reconhecendo D. Bosco as suas aptidões notaveis, fel-o estudar, e pessoalmente ensinou-lhe latim e piano.

O menino tinha muito gosto para a musica; tornou-se um distincto organista e era a figura principal em qualquer festejo musical.

O que, porém, mais o distinguia, era uma piedade viva e ardente. O bom tracto amoroso operou n'elle uma completa transformação. Impellido por uma força irresistivel, quiz abraçar o estado sacerdotal o que conseguiu, vestindo a batina aos 2 de Fevereiro de 1851, e por seus excellentes estudos em pouco tempo o presbyterado, em 1857.

Eis o primeiro sacerdote dentre os filhos de Dom Bosco. Hoje desempenha o seu sagrado ministerio na diocese de Turim e occupa alto cargo no clero piemontez.

*Suscitans a terra inopem... ut collocet eum cum principibus populi sui.*

### 1858

Deus falla ao homem... enquanto dorme,  
nos sonhos da noite

E' um facto incontestavel que D. Bosco conhecia o intimo da consciencia de quasi todas as pessoas de suas casas, até *d'aquellas que nunca se tinham confesado com elle.*

As vezes, o Director de um Oratorio ou Collegio recebia um bilhete concebido n'estes termos :

« Hoje mesmo despedirás a fulano ou a sicrano. »

*Assignado: João Bosco.*

Alguns dos despedidos não o conheciam nem de vista e não poucos eram tidos pelos mestres, como excellentes meninos.

Parecerá extranho que tal faculdade do *conhecer* o que está fóra das leis naturaes, não a possuísse rela-

tivamente a todos em geral. Mas sendo inspirações do Espirito Sancto, pode presumir-se que lhe eram especialmente concedidas, quando tratava-se do interesse dos meninos e das casas para elles fundadas.

De ordinario, recebia essas intuições ou presentimentos no silencio da noite.

Um dos meninos de D. Bosco passou a contar-nos um d'estes sonhos, sabido por muitos alumnos que actualmente pertencem á Congregação Salesiana.

« Em 1858, quando Monsenhor Belasio fazia os exercicios espirituaes no Oratorio, quasi todos, movidos por extraordinario fervor tinham feito firmes e generosas resoluções. Não obstante, um dia disse-nos D. Bosco *que não estava satisfeito commosco*. Só quem foi estimado por D. Bosco, é que pôde comprehender que impressão nos causaram taes palavras.

« O bom Padre proseguiu: — Depois de tudo quanto tenho feito e faço por vós, julgava que correspondesseis com mais fidelidade aos meus desvelos.

« Assim se exprimiu, passadas uma ou duas semanas dos exercicios espirituaes.

« No dia seguinte contou-nos o sonho que vamos narrar e do qual nem um só menino jamais se olvidou.

« Taes communicações singulares não nos surprehendiam e sabiamos que o nosso Padre nunca perdia de vista os seus filhos, sendo que o seu coração só palpitava em nosso beneficio.

« Acabadas as orações da noite, estando todos em silencio, cheios de indizivel inquietação, disse-nos com voz commovida:

« Á noite passada tive um *sonho*. Achava-me em *Becchi*, acabava de retirar-me da nossa casinha para

dar um pequeno passeio pelo campo, quando um velho que estava sentado sobre uma pedra, vendo-me pensativo e talvez um pouco triste, me segredou: — O que é que tens? És um orgulhoso. O que és tú? Porque amas os teus meninos, queres que elles te correspondam. Jesus, porventura, não amou os homens e não os ama mais que tú? E então?

« — E' verdade... porem, depois dos exercicios espirituaes... depois de tanto trabalho!...

« — Queres ver os teus meninos taes como são agora? Queres vel-os, como elles serão mais tarde? Queres contal-os?

« — Oh! sim, sim!

« — Pois bem.

« O velho levou-me a *Bacaiau*, campo ingrato e arenoso, onde eu, quando era menino, ia frequentemente trabalhar.

« No meio d'esse campo eu vi um aparelho indescritivel — Approxima-te, me disse o desconhecido, e olha para os teus meninos.

« Approximei-me e por meio d'um oculo eu vos vi a todos... alli... todos, meus filhos.

« Distingui um por um; porém, quão diversos do que eu pensava: uns tapavam os ouvidos, outros tinham a lingua furada, taes revolviam os olhos, quaes soffriam da cabeça; mais alem uns tinham o coração carcomido pelos vermes, outros, um cadeado na boca, outros traziam agarrados nos seus hombros horriveis e repugnantes macacos. Finalmente mui poucos de vós estavam isentos de qualquer deformidade. Desfeito em pranto, exclamei: — Será possivel que sejam estes os meus filhos? o que significam tão extranhas physionomias?

« — Escuta: estes que tapam os ouvidos, são os que não querem ser admoestados para não se constranger na pratica: esses de lingua furada são os que pela liberdade de suas conversações offendem mui de perto a modestia; os que torcem os olhos, interpretando a seu modo a graça de Deus, preferem a terra ao céu: os que soffrem dores da cabeça são os que desprezam os conselhos para viverem conforme seus desejos; olha aquelles dous desgraçados: os vermes das paixões lhes rôem o coração: os de cadeado nas boccas, o demonio as conserva fechadas, depois de confissões mal feitas; os pobres meninos que estão com grandes macacos ás costas, são escravos do demonio. Para estes não ha mais remedio; trabalharás debalde, porque não querem de modo algum sacudir o jugo de Satanaz. Vês, finalmente n'esse canto os que têm as mãos atadas? Não quizeram obedecer-te nem se converter; a propria justiça humana virá em teu auxilio para mostrar-lhes, que o peccado não pode nunca dar felicidade.

« Eu olhava sem conter as lagrimas. — Ah! tudo perdido! tantos trabalhos... inutilmente!...

« — E quem és tu que pretendes converter, só porque tens trabalhado? O divino Salvador poupou trabalhos, por ventura?

« Dito isto, o velho mudou o apparelho e me disse: Observa agora, quanto Deus é generoso, quanto te dá por estas almas que não retribuem os teus desvelos!

« Então vi uma multidão innumeravel de muitos paizes, de linguas, trajos e physionomias diversas.

« — Estes são os filhos que Deus te enviará; o seu numero será tao extenso, que não saberás onde collocar-os, disse-me o velho.

« No meio daquella multidão de meninos distingui alguns que eu bem conhecia. Os nossos sacerdotes empenhavam-se em instruí-los e educá-los.

« O velho tornou a mexer com o aparelho e offereceu-me um novo espectáculo. Muitos operarios trabalhavam no campo; alguns os vigiavam e dirigiam, outros semeavam.

« Em uma extremidade, certo numero estavam occupados em afiar as foices por meio de uma pedra, sobre a qual as passava para aguçal-as, o que feito as entregavam aos directores para distribuí-las; alguns indifferentes cruzavam os braços e se retiravam do campo, isto é, do Oratorio.

« Ceifada a ceara, robustos braços a enfeixavam e carregavam n'uma carroça que era, logo apoz, conduzida por um só operario (1).

« D. Bosco terminou dizendo: — Tenho presentes ante meus olhos todos que vi e fallar-lhes-hei em particular. Deus me auxilie na sua conversão, que me envie meninos de todas as partes do mundo e o bendirei com toda a minha alma! Porem que digne-se de consolar-me desde já, permittindo-me a dita de fazer com que todos sejam dignos do seu amor, todos vós, meus filhos, os primeiros enviados por Elle para o Oratorio.

« Este *sonho* contado com perfeita simplicidade por D. Bosco, produziu um effeito extraordinario. Nós

---

(1) D. Bosco disse muitas vezes que esse operario *tinha a physionomia de D. Rua* e accrescentava que D. Savio, collocado detraz da carroça a empurrava. E com effeito D. Rua, successor de D. Bosco, governa a Congregação Salesiana e D. Savio, Vigario de Monsenhor Cagliero na Patagonia, ao sahir a luz este livro está dirigindo as Obras Salesianas naquellas remotas paragens e da-lhes sem duvida poderoso impulso.

o recordavamos d'ahi em diante, e repetiamol-o uns aos outros até no recreio, assim nos predispondo animosamente para nos livrar do mal e sermos agradaveis a D. Bosco.

« Cada um queria saber em que estado tinha sido visto; e todos ficamos estupefactos por vermos que ficaram patentes de um modo sobrenatural os mais intimos segredos de nossa consciencia. O anno de 1858 fez época nas nossas memorias; foi um anno de saude, de firmes resoluções heroicas e de numerosas vocações religiosas.

« D. Bosco tinha-se tornado senhor absoluto dos nossos corações. »

1859

Como elle sabe?

Em 1859 o senhor de Camburzano, ex-deputado do Congresso Subalpino e denominado o *Montalembert italiano*, achava-se em Niza.

Amigo decidido e grande bemfeitor de D. Bosco, uma feita teve ensejo de fallar a respeito do bom Padre em uma reunião de pessoas distinctissimas, porem de fracas convicções religiosas.

As maravilhas por elle contadas desafiaram sorrisos de mais de um incredulo, e certa senhora espivitada disse: — Pois que este Sancto vive, eu quero fazer uma experiencia; se elle me revelar o estado de minha consciencia, então acreditarei quanto o senhor quizer.

Os presentes applaudiram e, acto continuo, a senhora escreveu a D. Bosco.

A resposta não se fez esperar:

1.º *Reconciliae-vos com vosso marido.*

2.º *Repeti as vossas confissões logo apoz.* (Já havia um periodo de vinte annos quasi de separação).

*Cumpridas estas duas cousas, podereis viver tranquillamente.*

Essa senhora era tida como viuva. E' excusado dizer que D. Bosco não a conhecia absolutamente.

Attonita e perturbada não teve outro remedio senão de declarar que D. Bosco tinha-lhe dito cousas de todo surprehendentes.

### 1859

O que ás vezes D. Bosco dizia ao ouvido.

Já havia algum tempo que um menino era objecto da mais viva solicitude de D. Bosco, sem que tão abundante orvalho de ternura sacerdotal lhe tocasse o coração que parecia obstinado e repulsivo á graça.

Uma noite o menino ao deitar-se, achou junto do travesseiro, um papelucho com estas poucas palavras:

« E se morresses esta noite?

D. Bosco. »

O effeito de similhante advertencia foi instantaneo. O menino commovido foi bater á porta de Dom Bosco.

— Ah! és tu!

Confessou-o e despediu-o sobre modo satisfeito e socegado.

O menino contou depois que nunca tinha passado uma noite tão boa.

1860

## Os dois primos.

No outono de 1860, D. Bosco estava em *Becchi*: Um dia lhe apresentaram uma criança de dez annos, pertencente a sua aldêa.

D. Bosco affagou-o, e fazendo-lhe com o dedo pollegar uma cruz na testa, disse :

— Continua a ser judicioso: um dia serás sacerdote e praticarás muitos beneficios.

O menino sem ligar importancia alguma a taes palavras, parece que as esqueceu. A idéa de aspirar ás sagradas ordens não lhe tinha, sequer, uma só vez passado pela mente, quando alguns annos depois entrou no Oratorio.

Chegando alli, recordou-se do que D. Bosco lhe havia dito. Agora, apresentando-se-lhe, vinha em companhia de um seu primo irmão que entrava tambem no mesmo dia para o Oratorio. Depois de cumprimentar, perguntou elle a D. Bosco :

— E meu primo será sacerdote?

— Não, respondeu-lhe D. Bosco, depois de ter fixado no recém-chegado o seu olhar penetrante e bondoso; teu primo vestirá batina, porem a deixará e não será sacerdote; entre tanto está destinado a fazer muito bem no mundo.

— Foi uma prophecia?...

Ar\*\*\*, cura de C\*\*\*, parochia do Piemonte (cujo nome é muito conhecido por causa do secretario de Estado que tambem o teve), é um excellente sacerdote muito estimado pelos seus freguezes.

Quanto ao seu primo, deixando a batina, dedicou-se ao ensino catholico.

1860

## Como um mundano se fez Jesuíta.

Certo cavalheiro pertencente a uma das principaes familias de Turim, irmão de um Cardeal, com suas aventuras extravagantes trazia em constante angustia sua mãe. As affectuosas supplicas d'esta senhora eram completamente desatendidas e sentia cada dia um novo espinho no coração por algum desvario ou capricho do filho.

Era a vespera dos exercicios espirituaes como é costume haver em certa estação do anno na ermida de Sancto Ignacio em Lanzo.

— Oh, quanta consolação me darias, disse ella ao filho, se fosses fazer alguns dias de retiro em Sancto Ignacio!

— Não porei duvida sob a condição do pagamento das minhas dividas.

— Quanto será preciso?

— Uma bagatella: alguns milhares de francos.

A mãe, contente e desejosa de aproveitar este raio de esperança, concordou. Ella sabia que D. Bosco devia assistir áquelles exercicios, e só o pensamento do encontro de seu filho leviano com o homem de Deus, alegrava seu animo.

O cavalheiro de que fallamos, fiel á sua promessa, poz-se em caminho. E, singular coincidencia! no carro em que elle entrou, ia D. Bosco. Entablaram amistososa conversação; e conhecendo logo que o bom Padre estava constrangido em consequencia de tres grandes leicenços, o jovem cavalheiro lhe disse:

— Pedi a Deus que vos sare, porque um exercitante não deve estar enfermo; isso contraria o seu espirito.

— Não direi uma só *Ave Maria* para ficar alliviado.

— Sem duvida, se lhe agrada ficar assim!

D. Bosco sorriu e elle ficou pensativo.

N'isto cae uma abundante chuva, e os solavancos do carro sobre modo molestavam o pobre D. Bosco.

O seu incommodo não lhe inhibiu porem de fazer os exercicios, não faltando a um só. Já para o fim as forças o abandonaram e, emquanto estava ajoelhado na capella, cahiu sem sentidos.

O cavalheiro, de quem fallamos, achava-se perto. Tomou-o nos braços, levou-o para o seu quarto, accommodou-o na cama e dispensou-lhe todos os cuidados possiveis.

Voltando D. Bosco a si, sorriu serenamente por ver-se tratado pelo seu improvisado enfermeiro, e o puchando suavemente o estreitou em seus braços, dizendo-lhe:

— Então, agora estaes nas minhas mãos, que quereis que vos faça?

O jovem commovido com tal paternal affecto, prorompeu em lagrimas. E' facil de comprehender que este movimento da graça foi seguido immediatamente de uma verdadeira confissão: o estouvado estava convertido, aquelle cadaver estava galvanizado.

Acabados os exercicios, recolheu-se a casa de D. Bosco, afim de alentar sua inesperada vocação e mais tarde se fez jesuita.

Presentemente occupa na Companhia de Jesus um cargo, de que é digno pelas suas virtudes e excelente character.

## 1860

De quinze tiram-se trezentos... e sobram quinze.

O menino Dalmazzo do Oratorio de Turim, depois de um mez de collegio, escreveu a sua mãe, dizendo-lhe que nunca poderia habituar-se a viver allí, e concluia pedindo-lhe que viesse buscal-o.

A mãe accede, e tudo está disposto para a partida.

Na manhã d'esse dia, o menino quiz confessar-se, por despedida, com D. Bosco; como, porem, os penitentes eram muitos, só chegou-lhe a vez depois da Missa, hora do almoço no Oratorio. Ia começar a confissão, quando um dos companheiros vem ter com D. Bosco e lhe diz ao ouvido: — Não ha pão para o almoço.

— Não é possível: procurae bem, perguntae a fulano, deve haver por ahi.

Volta o mensageiro balbuceando: — D. Bosco temos procurado em toda parte e temos achado só alguns pães.

D. Bosco parece ficar surprehendido. — Então correi a dizer ao padeiro que traga tantos quantos são precisos.

— O padeiro! é inutil. Se lhe deve doze mil francos e recusa-se a trazer uma só migalha sem que seja pago.

— Bem, bem. Então ponha em um cesto o que ha e Deus mandará o mais. Vou já eu mesmo a fazer a distribuição.

O pequeno Dalmazzo que não tinha perdido uma syllaba de semelhante dialogo, fixou a sua attenção especialmente sobre as ultimas palavras de D. Bosco, e quando viu-o levantar-se, seguiu-o com tanta maior

curiosidade quanto que n'aquelles dias tinha-se muito fallado no Oratorio de certos factos maravilhosos, em que D. Bosco não deixava de ter parte. Collocou-se atraz d'elle e com muita attenção contou os pães contidos no cesto. Eram *quinze* e os meninos *trezentos*.

Quinze para trezentos! trezentos para quinze! dizia o menino comsigo... e nenhuma solução apresentava-se ao seu entendimento.

Começa o desfilar; cada um menino que passa, recebe um pão. Dalmazzo arregalava os olhos e via que D. Bosco sorridente não deixava ninguem com as mãos vazias.

Quando acabou de passar o ultimo menino, Dalmazzo contou os pães que restavam: *quinze pães!*

As suas noções arithmeticas estavam completamente transtornadas: uma divisão que era uma multiplicação!

Depois d'isto, vae ter com sua mãe e lhe diz: Eu não saio do Oratorio.

Aquelle menino é hoje o sacerdote D. Dalmazzo, Superior da Casa de S. João Evangelista em Turim.

## 1861

### Como desapareceram os escrupulos de um menino.

Os escrupulos tiravam o socego e prostravam o animo d'um dos primeiros meninos do Oratorio. Um dia, nas proximidades da Paschoa, foi confessar-se. A capella, só com a luz d'uma pequena lamparina, estava quasi ás escuras e era impossivel que D. Bosco do seu confessorario podesse reconhecer a grande multidão de alumnos ajoelhados ao redor.

O penitente a quem nos referimos, com o coração opprimido, pensava no grande vexame que lhe causava cada uma confissão. De repente occorreu-lhe uma idéa: Se D. Bosco, sem ouvir-me de confissão, me dissesse que eu commungasse amanhã, desapareceriam as minhas inquietações.

No mesmo instante ouve a voz de D. Bosco, que lhe chamava, dizendo: — Meu filho, hoje não precisas confessar-te, communga amanhã.

O menino attonito tirou um grande pezo de cima de si. Hoje é elle D. Francesia, membro do Capitulo Superior de Turim.

1862

### O estudante Francisco.

Em 1862, um clérigo estudante, muito acabrunhado com um grave pleuriz, recebeu os ultimos sacramentos. Na mesma manhã, D. Bosco depois da Missa foi vel-o e lhe disse:

— Pois bem! Francisco, tens pena de deixar este mundo? queres ir-te embora ou ficar comnosco?

— Ah! D. Bosco, eu não sei o que lhe hei de dizer: deixe-me pensar até esta tarde.

Pouco depois disse consigo mesmo: — Eu sou um estúpido! porque não respondi que queria ir para o Céu! Era bastante que D. Bosco m'o tivesse promettido.

O bom Padre voltando á tarde, o doente lhe respondeu:

— Estou decidido, se me assegura que vou para o Céu, prefiro partir já.

— E' muito tarde, meu querido Francisco; sararás e viverás ainda algum tempo, mas prepara-te ,pois que tens muito que soffrer.

Com effeito, o doente sarou; mas em não dilatado tempo teve de soffrer, uma dolorosa enfermidade nas pernas. Continuou seus estudos, e ordenou-se sacerdote; a enfermidade acompanhou-o doze annos consecutivos, isto é, até a morte (1874).

### 1862

#### Roguemos por elle.

Os alumnos do Oratorio achavam-se de passeio nas collinas de Monferrato. Quando todos brincavam alegremente, D. Bosco reuniu-os para fazer orações por um dos alumnos que tinham ficado em Turim e que só tinha horas de vida até a manhã seguinte.

Ainda que a interrupção de seus folguedos pudesse parecer intempestiva aos meninos, puzeram-se de joelhos para rezar segundo a intenção de D. Bosco.

Na manhã seguinte, um telegramma annunciava a morte do enfermo n'aquella hora.

### 1865

#### Encarregar-se-ha a Sanetissima Virgem.

Em 1865, no Collegio Salesiano de Mirabello cahiu doente o professor Cerruti. O excesso de trabalho tinha-lhe produzido uma grave anemia e atacado os pulmões. O medico receiando uma complicação imminente ordenou-lhe absoluto silencio e repouso.

O Director do Collegio, ouvindo a prescripção do medico, prometteu observal-a rigorosamente, comquanto lhe pezasse não ter quem o substituísse no professorato. Não sabendo como haver-se, escreveu a D. Bosco e lhe expõz o occorrido.

D. Bosco respondeu ao proprio doente nos seguintes termos :

*Começae mui naturalmente de novo a dar aula. Tomae o alimento que vos convem. Quanto ao mais ficará por conta da Sanctissima Virgem.*

Como bom Salesiano, o professor immediatamente reatou o seu exercicio na cadeira.

Começou as suas licções e observou que a medida que ia fallando, recuperava suas forças, e a sua voz clara e vibrante.

Interiormente elle ria-se da admiração dos alumnos.

Estas melhoras immediatas progrediram gradualmente e o medico não deu denuncia contra pessoa alguma pelo exercicio illegal da medicina.

## 1866

### Como um enfermo recupera a saude.

Na tarde do dia 16 de Novembro de 1866, D. Bosco devia pagar quatro mil francos aos operarios que trabalhavam na cupula da egreja de Maria Auxiliadora.

Não havendo em casa nem um só escudo, desde muito cedo D. Rua, Prefeito do Oratorio e alguns coadjutores tinham sahido a esmolar. A's onze horas da manhã estavam de volta, tendo apenas colhido mil francos.

Estavam pensativos e consternados, mas D. Bosco disse-lhes a sorrir: — Não tenhaes cuidado, eu arranjarei o que falta.

Cheio de esperança na Divina Providencia, a uma hora da tarde tomou o chapeo e sahiu.

Depois de ter percorrido distrahidamente varias ruas chegou á Porta Nova. Alli parou sem saber para onde devia dirigir-se, quando um criado de libré aproximou-se d'elle e lhe disse:

— Senhor, sois vós D. Bosco?

— Sou: em que posso servir-vos?

— O meu amo roga-lhe que queirais ir vel-o immediatamente.

— Vamos: está longe?

— Não senhor, está alli n'aquelle palacio.

— O palacio é d'elle?

— E', sim senhor, elle é immensamente rico e poderá fazer alguma cousa para a vossa igreja.

Introduzido em uma bonita sala, achou recostado na cama um cavalheiro de idade adiantada, que em vel-o mostrou-se contentissimo.

— Meu Reverendo Padre, eu preciso muito das vossas orações; é preciso que me obtenhaes a saude.

— Ha muito tempo que acha-se doente?

— Já são tres annos que estou entevado n'esta cama e os medicos não me dão a menor esperança. Se obtivesse alguma melhora, de boa vontade eu faria uma offerta para as vossas obras.

— Nada mais oportuno. Hoje mesmo preciso de tres mil francos para a igreja de Maria Auxiliadora.

— Tres mil francos! é muito, meu Padre. Se se tratasse de alguns cem francos, eu poderia ver... porem, tres mil!

— E' muito? Então não fallemos nisso.

E, sentando-se, começou a fallar sobre outras cousas.

— Mas, meu Padre, deixemos de lado este assumpto. E a minha cura?

— Eu vos indico o meio para conseguil-a; o senhor não póde acceital-o...

— Porem, tres mil francos!

— Eu não insisto.

E começou a fallar do estado da athmosphera.

— Em fim alcançae-me algumas melhorias e contaes que no fim do anno não vos esquecerei.

— No fim do anno! Mas a quantia que pedi é indispensavel hoje mesmo, por toda esta tarde.

— Esta tarde! esta tarde! Bem sabeis que tres mil francos não se têm guardados em casa; é necessario ir ao Banco e preencher certas formalidades,

— E porque não ireis ao Banco?

— Estaes gracejando; ha tres annos que, nem sequer, desço d'esta cama. Me seria impossivel dar um só passo.

— Nada é impossivel a Déus e a Maria Auxiliadora.

E dizendo isto D. Bosco manda reunir na sala todas as pessoas da casa, a saber, perto de umas trinta pessoas. Reza com ellas uma oração ao Sanctissimo Sacramento e a *Maria Auxiliadora* e em seguida pede que lhe tragam os vestidos do enfermo.

— Vestidos! não os tem; não se sabe onde estão, pois que ha muito tempo não precisa d'elles.

— Vão compral-os já, exclama impaciente o enfermo; façam o que diz D. Bosco.

N'aquelle momento entrou o medico e quiz impedir que o doente se levantasse, qualificando de rematada loucura semelhante acto.

Não se importando com a prohibição do medico o enfermo, logo que chegou o trajo com assombro de todos se vestiu e passeiou a largos e seguros passos pela sala.

Mandou que preparassem a equipagem, emquanto foi á mesa e comeu com franco appetite.

Em seguida muito animado, recusando qualquer apoio, desceu a escada e entrou no carro.

D'ahi a pouco voltou e pôz nas mãos de D. Bosco tres mil francos.

— Estou completamente são, repetia sem cessar.

— Fizestes sair os vossos escudos do Banco, e *Maria Auxiliadora* vos fez sair da cama.

Este cavalheiro continuou a ser fiel bemfeitor da Obra e generosamente contribuiu para a edificação da igreja de *Maria Auxiliadora*.

## 1866

### Uma benção de Dom Bosco.

Em 1866 as Irmãs de Caridade abriam em Coni uma casa destinada a recolher as meninas pobres e a ensinar-lhes o serviço domestico. As irmãs Archangela Volonté e outra foram encarregadas d'aquella fundação.

Em Coni esperava-as a maior pobreza: o predio em que se estabeleceram era o menos apropriado para o fim; duas camas rusticas e algumas cadeiras, eis todo o enxoval contido entre velhas paredes; e duas

pobres creaturas desprovidas de qualquer recurso, era o primeiro cuidado que offerecia-lhes a Divina Providencia.

Achando-se então D. Bosco na referida cidade, a convite do R. P. Ciravegna, jesuita, foi visitar o pobre albergue da Irmã Volonté.

A primeira vista elle reconheceu que era um tentamen embrionario de uma obra de Deus e disse as duas bôas religiosas: — Bem se vê que o superfluo não vos incommoda. Isto não basta, mas podeis estar tranquilladas na confiança de que Deus vos abençoará, fará prosperar os vossos trabalhos e dia virá em que dar-vos-ha uma casa grande e commoda, onde podereis fazer muito bem.

E abençoou-as.

Ha pouco, a Irmã Volonté, ajoelhada sobre a sepultura de D. Bosco, agradecia no imo de sua alma aquella benção do homen de Deus. O pobre albergue das Irmãs está absolutamente transformado. Agora nada falta aquella casa de Coni, onde dez religiosas tratam com maternal ternura para mais de cem meninas.

Ninguem esqueceu que a transformação operada pela Divina Providencia começou com a visita e a benção de D. Bosco.

**1866**

A Providencia é uma bôa thesoureira.

Quantos factos preciosos podiam-se registrar se quizessemos fazer menção dos milhares e milhares de circumstancias em que D. Bosco recebia de um modo

inesperado e estupendo as quantias exactas de que precisava em um certo e determinado dia e até no momento mais urgente e inadiavel.

Limitar-nos-hemos a contar os seguintes :

A casa de Turim devia trinta mil francos a um empreiteiro, que já se impacientava pela demora do pagamento. Um dia foi ao Oratorio com muito máo humor, fallou com o Prefeito e lhe disse que d'alli não se retirava sem receber a quantia que se lhe devia.

O Prefeito declarou-lhe não ter um vintem.

— Isto é insupportavel ; eu quero ver a D. Bosco, retorquiui o empreiteiro.

Conduzido á ante-sala onde o esperavam varias outras pessoas, assentou-se bruscamente e murmurando.

Quasi no mesmo instante chegou um cavalheiro de maneiras imperiosas, de poucas palavras e que mostrava-se soffrego.

— Preciso fallar já já a D. Bosco.

— Tenha a bondade de assentar-se e esperar alguns istantes. Poderá fallar-lhe, logo que chegue a sua vez.

— Eu não tenho tempo, não posso esperar.

E sem mais nem menos foi bater á porta do quarto em que D. Bosco fallava com outra visita.

D. Bosco abriu a porta.

— O que é que deseja, meu amigo ?

— Fallar com Vossa Reverendissima.

— Bem, por sua vez. se lhe agrada ; não me é possível recebel-o antes de todas as pessoas que esperam ha mais tempo.

— Estou com muita pressa, e só poucas palavras tenho a dizer-lhe.

A' vista de tal insistencia, D. Bosco perguntou aos circumstantes se não levavam a mal que elle desse preferencia a esse cavalheiro que, alias, sem esperar resposta, tomou a dianteira. Semelhantes modos podiam inspirar algum receio a D. Bosco.

— Tenha a bondade de assentar-se, disse-lhe.

— Não é preciso.

— Que é que aqui o traz ?

— Não é grande cousa.... Me basta um minuto.....

Sirva-se accèitar isto. E poz um pacotinho sobre a mesa.

— Vamos: adeus, meu Padre, rogae por mim!  
E sahio.

Entrou em seguida a condessa V\*\*\*.

— Meu Padre, não lhe aconteceu nada? Esse homem me causou medo; tem uma physionomia estranha e receiei que tivesse vindo incommodar-vos.

— O incommodo não foi grande, respondeu Dom Bosco sorrindo. Eis aqui o que elle acabou de me deixar; e abrindo o pacotinho, contou trinta bilhetes de mil francos, cada um.

Chegada a vez do empreiteiro, D. Bosco entregou-lhe os trinta mil francos que lhe eram devidos. Pelo que o empreiteiro bastante confundido por causa da sua insistencia, momentos antes, esforçou-se em dar as mais sentidas desculpas.

— Meu Padre, me tinham dito que vos era impossivel pagar-me; fizeram mal em me fallar assim.

\* \* \*

Em outra occasião o Oratorio devia pagar trezentos e vintecincos francos de imposto. Chegou o termo do prazo; ao meio dia, se a quantia não estivesse paga, um meirinho daria começo ao penhor.

D. Rua vae abrir a caixinha da portaria, para ver se achava alguma esmola. Nada: em toda a casa não havia, siquer, um franco. Então foi ter com Dom Bosco, lhe expoz a difficuldade e perguntou, se tinha algum dinheiro.

— Não tenho absolutamente nada; rezemos a Maria Auxiliadora. E continuou tranquillamente o seu trabalho.

Poucos instantes após bateram á porta: um cavalheiro desejava fallar a D. Bosco. Introduzido, e feitos os cumprimentos, trocaram estas poucas palavras:

— Meu Padre, eu não sou rico; porem peço-vos que acceiteis uma pequena quantia que tenho ajuntado para os vosso meninos.

— Com muito gosto.

O cavalheiro entregou-lhe um cartucho que continha exactamente trezentos e vinte e cinco francos. D. Bosco sorrindo, disse-lhe.

— Tenha a bondade, quando sahir, de deposital-os nas mãos de D. Rua.

Quando D. Rua os recebeu, exclamou:

— O nosso Padre contou com toda exactidão: é isto precisamente o que está devendo. Sem perder tempo, enviou um mensageiro ao escriptorio do meirinho.

Já tinha soado meio dia e a notificação estava feita; mas felizmente o portador ainda foi deparado em caminho, e de prompto tudo foi regulado.

O portador que serviu de instrumento da divina Providencia mais tarde entrou para o Oratorio e actualmente é sacerdote salesiano.

\* \* \*

N'outra occasião D. Bosco, devendo uma grande quantia ao padeiro, viu-se ameaçado com a suspensão de qualquer fornecimento.

Em tal conjunctura triste, apresenta-se-lhe o Conde R. de Agliano :

— Meu Padre, a minha esposa está gravemente enferma: fazei rogar a Deus por ella. E deixou-lhe uma esmola no valor da metade do que devia-se ao padeiro.

Todos na casa fizeram orações especiaes pela saude da enferma. Tres dias depois, voltou o Conde :

— Meu Padre, a minha esposa ficou bôa, disse elle a D. Bosco, e ao mesmo tempo, entregava-lhe quantia igual a primeira. Com isto ficou integralmente pago o padeiro.

\* \* \*

No mez de Março de 1880, D. Bosco foi passar oito dias em Nice. Alli, o senhor D. Ernesto Harmel obsequiou com um jantar extraordinario aos meninos do Padroado de S. Pedro, membros da familia Salesiana.

Momentos antes de irem para a meza, o senhor Miguel, advogado e catholico muito fervoroso, conversava com D. Bosco.

— A nossa capella, lhe disse o bom Padre, é muito pequena, insufficiente e pouco apropriada para o serviço do culto; é absolutamente necessario dar a Nosso Senhor uma casa melhor. Aqui tenho um projecto que acaba de apresentar-me o nosso excellent architecto, o senhor Levrot, mas para cuja execução serão de mister ainda trinta mil francos.

— Trinta mil francos ! Eu duvido, senhor, que presentemente possais conseguir em Nice tamanha quantia. N'este inverno se tem feito tantas esmolas, loterias e subscripções que as bolças estão vazias.

— Entretanto eu tenho necessidade dessa somma hoje mesmo.

Tocava o sino de meio dia, foram para o refeitório. A' sobremesa, o tabellião senhor Sajetto levantou-se e disse a D. Bosco :

— Meu Padre, levo ao vosso conhecimento que uma pessoa caritativa remetteu-me trinta mil francos para V. R.<sup>a</sup> Estão a vossa disposição no meu cartório.

— Bem dita seja Maria Auxiliadora ! exclamou D. Bosco, juntando as mãos e levantando os olhos para o céu.

O senhor Miguel ficou attonito.

\* \* \*

O proprio D. Bosco contou numa conferencia, em Lião, que ás cinco horas da tarde de certo dia devia pagar quinze mil francos ao empreteiro de uns trabalhos feitos na igreja do Sagrado Coração em Roma.

A's quatro e meia ainda estava *in albis*, sem um real com que podesse satisfazer a avultada somma. Mas eis que chegou um ecclesiastico, que sem ter na idéa vir em tal dia, em consequencia de um equivoco, tomara o trem contra vontade.

Este sacerdote trazia a D. Bosco uma esmola precisamente de quinze mil francos.

Oh bondosa e admiravel Providencia !

Nega-se o sobrenatural e o sobrenatural está em tudo e cerca-nos a cada passo. Os nossos olhos cravados na terra não querem receber a luz do céu.....

1866

## A Providencia livra de um mandato executivo.

Em 1866, D. Rua, então Prefeito do Oratorio, recebeu o aviso formal para pagar uma obrigação, cujo prazo findava-se no dia seguinte. A quantia, ainda que não fosse grande, era preciso achar, mas onde?

Em casa nada se fazia sem conhecimento de D. Bosco, e o Prefeito com particular diligencia o advertia quando era preciso satisfazer uma divida.

Naquelle dia, D. Bosco, cheio de occupações, limitou-se a dizer a D. Rua :

— Veja modo de pagar.

Dom Rua percorreu todo o Oratorio, foi á livraria; á typographia, á sacristia. Vazias todas as caixas; veiu ter-se outra vez com D. Bosco.

— Faltam pouco mais de trinta francos.

— Arranje-se como puder.

— Mas, D. Bosco, tem de viajar amanhã. Querá deixar-me n'este embaraço? Si o pagamento não se fizer ao meio dia, virá um mandato executivo.

— D. Bosco nada póde fazer; precisa partir. Veja modo de arranjar-se.

Na manhã seguinte nem esperanza havia dos trinta francos. Já D. Rua dispunha-se a demonstrar á D. Bosco os inconvenientes de uma execução, quando se apresentou o Cavalheiro, senhor Oc-celletti.

— Bons dias, D. Bosco, eu desejava fallar-lhe.

— Desculpae-me: vou tomar o trem.

— E' para dar-lhe dinheiro.

— D. Rua pôde recebê-lo; dê-lhe-o já e acompanha-me; conversaremos em caminho.

O Cavalheiro Occhetto era um insigne bemfeitor do Oratório, e todos os sabbados trazia alguma offerta. Já em caminho, elle disse a Dom Bosco que sómente pela manhã tinha-lhe vindo a idéa de anticipar a sua visita de costume, vindo em dia de quarta feira para dar-lhe o producto de certos bilhetes de loteria: — Não sei porque esse dinheiro me importunava e me atormentava o pensamento.

— E a quanto orça esse dinheiro que vos era importuno?

— Não é grande cousa, trinta francos e alguns centimos.

D. Bosco sorriu.

— E só por isso querieis que eu perdesse o trem!

E apertando-lhe a mão, despediu-se, dizendo:

— D. Rua dir-lhe-ha quanto o senhor foi inspirado: se não fôra o senhor, ao meio dia teriamos tido uma execução.

## 1866

### Um segredo para morrer tranquillo.

Em 1866, D. Bosco, por causa da extraordinaria extensão de suas obras, tinha emitto uma grande loteria.

Um dia chegou-lhe de Roma uma carta bem singular. A marquezia V. fazia-lhe um pedido e um offerecimento, cuja substancia é a seguinte:

« Feliz quanto se póde ser sobre a terra, com-tudo vivo com uma terrivel angustia: o pensa-mento da morte me causa uma inquietação indi-zível, e a minha fé não é bastante para conjurar este involuntario terror. A' medida que vou escre-vendo, um movimento convulso apodera-se de todo o meu ser. Estou disposta a fazer qualquer sacrificio para obter que esta penosa idéa deixe de atormentar-me e eis a razão pela qual me dirijo a Vós. O tempo insta, padeço de uma enfer-midade inexoravel e que póde talvez tirar-me a vida muito breve. Assegurae-me, eu vos supplico, que a Sanctissima Virgem, vossa bondosa Maria Auxiliadora, me concederá a graça de não temer a morte e de vel-a chegar com toda serenidade; e eu, de minha parte vos prometto que, sendo já Cooperadora de vossas Obras, serei criada vossa e de vossos filhos. A minha vontade e todos os meus bens de fortuna e quanto me resta de vida, pertencem-vos; empregarei o empenho possivel para ser para comvosco um instrumento fiel da Divina Providencia; porem, por piedade! que Maria Auxiliadora me livre do terrivel panico que me causa a morte. »

D. Bosco respondeu-lhe pelo mesmo correio :

— « Vos asseguro que Maria Auxiliadora vos concede a graça desejada : morrereis tranquillamente e sem presentirdes. Cumpri a vossa promessa e a Sanctissima Virgem não faltará á sua. »

Passaram alguns annos. A marqueza V. livre d'aquellas angustias, cumpriu com admiravel abne-gação o seu compromisso : parecia que só vivia para os orphãos de D. Bosco.

Em um dos ultimos dias do anno de 1871 a mar-  
queza disse a seu marido, excellente christão :

— Já ha tempo que não tenho feito uma confissão  
geral ; se te parece, preparar-me-hei para ella neste  
ultimos dias do anno.

— Excellente idéa, segue a tua inspiração.

No ultimo dia de Dezembro a marqueza tinha  
feito a sua confissão geral. No dia seguinte, dia de  
anno bom, depois da communhão, achando reunida  
ao almoço toda a familia, ella transbordava de con-  
tento.

De repente ordena a um criado :

— Abri as janellas.

— Senhora marqueza, estão abertas.

— Abri-as, que entre a luz !

O criado tornou a responder respeitosamente a  
mesma cousa.

Todos estavam prestando attenção á essa ordem  
tão estranha, quando a marqueza, como illuminada  
por uma luz repentina, exclamou com accento inef-  
favel.

— Angelo ! (assim se chamava o marido) Angelo !  
penso que morro. E repetiu com alegria celestial que  
transparecia no semblante :

— Angelo, eu morro, eu morro!... e adormeceu  
no Sen hor.

Maria Auxiliadora cumpria a sua promessa.

D. Bosco recebeu essa noticia no collegio de Va-  
razze, onde achava-se indisposto. O marquez acabava  
d'este modo a sua carta :

« Eu não choro esta morte como uma desgraça,  
senão bemdigo a Maria Auxiliadora como autora de  
um insigne favor. »

1867

## Cura de um General.

Um general em Turim adoeceu mortalmente; D. Bosco confessou-o, porem, não obstante os medicos terem declarado que não havia tempo a perder, não lhe deu a communhão.

A familia ficou dolorosamente surpresa.

Era o dia 22 de Maio. — General, lhe tinha dito D. Bosco, depois de amanhã celebramos a festa de *Maria Auxiliadora*: recommendae-vos a ella com fervor e em compensação do vosso restabelecimento, ide n'esse dia receber a communhão na sua egreja.

No dia 23 a saude do general peiorou visivelmente; a morte parecia imminente. A familia não queria que elle passasse á eternidade sem as graças dos ultimos sacramentos; mas D. Bosco tinha recommendado que na sua ausencia não se lhe dêsse a *Extrema Uncção*. A familia, sem saber o que havia de fazer, mandou advertil-o, ás oito horas da noite, do perigo que corria de não chegar o doente alem da noite.

N'esse dia, vespera de uma solemnidade tão venerada pela familia Salesiana, D. Bosco achava-se no confissionario, desde a madrugada, a roda do qual muitos alumnos ainda estavam aguardando a sua vez.

— Tenha a bondade de ir já, Padre, o general está morrendo e apenas chegareis á tempo.

— Mas não vedes que estou confessando; não posso despedir estes pobres meninos; irei logo que tiver acabado.

E continuo a ouvir de confissão os seus penitentes.

Quando acabou, eram onze horas da noite. Um carro esperava-o á porta.

— Queira apressar-se, Padre, eu lhe peço.

— Com muito gosto, mas eu não tenho tomado nada, desde esta manhã e sinto-me extenuado. Se eu não comer antes da meia noite, terei de privar-me de algum alimento de que tenho extrema necessidade, porque amanhã hei de continuar a confessar, desde ás cinco da madrugada.

— Venha, Padre, em casa achará tudo.

Entrou no carro e d'alli a pouco chegava á casa do general.

— De pressa, de pressa, Padre, o enfermo está a expirar.

— Gente de minguada fé! Não vos disse que o General commungará amanhã, dia da festa de Maria Auxiliadora? Já está para dar meia noite, tende a bondade de dar-me alguma comida.

D. Bosco assentou-se á mesa com aquella tranquillidade que nunca perdia e acabada a ceia, voltou de carro para o Oratorio.

O General parecia morto, pois ninguem podia comprehender que tão demorada immobildade fosse um somno reparador e salutar.

Pela manhã muito cedo, pediu a seu filho o vestuario, porque, como estava convencionado, queria ir receber a communhão das mãos de Dom Bosco.

A's oito horas, D. Bosco paramentava-se para dizer Missa, quando entrou na sachristia um personagem de aspecto pallido.

— Aqui estou, Padre.

— Muito bem, meu caro senhor, porem queira desculpar-me, si lhe pergunto a quem tenho a honra de fallar.

— Como! não reconheceis o General!.....

— Ah! Bemdita seja Maria Auxiliadora! Bem tinha eu advertido ao senhor que viria a este sanctuario no dia da sua festa.

— Padre, eu desejava que me ouvisseis de confissão, pois desejo commungar na vossa missa como me dissestes.

— Mas vos confessastes ante hontem: isto basta.

— Queria ao menos accusar-me da falta de fé de que me reconheço culpado.

D. Bosco o reconciliou, deu-lhe a sancta Communhão e o general voltou a sua casa perfeitamente restabelecido.

1868

### Vocação e Cura.

Em 1868, nas proximidades de Fenestrelles, um joven que tinha recentemente acabado os seus estudos de philosophia, sentia-se inclinado ao estado religioso; porem, sendo orphão estava sob a dependencia de seu avô que tinha resolvido fazer-lhe seguir a carreira do commercio e nesse sentido lhe achára emprego em uma casa de Lion.

A partida devia realizar-se no sabbado seguinte. Mas dous camaradas que faziam o curso de estudos no seminario foram na segunda feira convidal-o para irem juntos a visitar D. Bosco, que elles desejavam muito conhecer e que alli tinha chegado pouco antes.

Ainda que o dito moço nem de nome o conhecesse, para agradar a seus amigos, acompanhou-os.

D. Bosco logo que os cumprimentou, olhou com muita attenção e bondade para o joven destinado ao commercio e tomando-o pela mão, lhe disse: *Eis aqui um melro que eu preciso fazer entrar na gaiola.*

O joven sentiu-se vivamente impressionado e, sem a si proprio pôder explicar a rasão, sentiu que se despertavam então mais imperiosos os desejo de consagrar-se a Deus. Uma entrevista com D. Bosco acabou por determinál-o a seguir sua vocação, e, cousa singular! o avô não poz mais nenhuma difficuldade.

Na mesma occasião foram apresentadas a D. Bosco duas meninas, irmãs, quasi cegas, uma de seis annos, outra de oito. A primeira apenas podia distinguir o dia da noite; a maior, em consequencia de uma inflamação chronica, tinha as palpebras contrahidas por tal modo que lhe era absolutamente impossivel abril-as.

D. Bosco aconselhou uma novena em honra de Maria Auxiliadora: tres *Padre Nossos*, tres *Ave Marias*, e uma *Salve Rainha* cada dia; e recommendou ao moço que acompanhasse a mãe e as filhas n'esta reza. No mesmo dia em que acabou a novena, as duas enfermas recuperáram a saude: uma d'ellas ficou completamente sã, a outra conservou uma mancha insignificante que sem impedir-lhe de ver, servia para lembrar mais amiudo a graça alcançada.

O joven assistente da novena que foi testemunha da cura instantanea, não só recebeu as sagradas ordens, mas tambem se fez Salesiano. D. Ronchail, filho muito estimado de D. Bosco — é esse o seu nome; hoje está com a direcção de Oratorio de São Pedro e São Paulo em Paris.

1868

## Um amigo enfermo.

Em 1868, D. Rua, sendo Prefeito do Oratorio, era de tal modo activo e trabalhador que destinava quatro horas da noite para o seu repouso.

Tanto labor causou-lhe doença gravissima que o fez chegar ás portas da morte, ao ponto de receber os ultimos sacramentos. Porem, qual não foi a sua dôr por achar-se então ausente D. Bosco e por ver que deveria partir deste mundo sem lhe poder fallar ainda uma vez só!

Foi grande a alegria de todos, quando viram chegar o estremecido D. Bosco, chamado a toda pressa.

— Venha, venha depressa, Padre, que D. Rua vae-se embora.

— Oh! eu conheço bem D. Rua, respondeu tranquillamente D. Bosco, elle não é capaz de ir-se embora sem minha permissão.

E em vez de se dirigir ao quarto do doente, tomou o caminho da capella e occupou-se em fazer confissões. De tarde foi visitar o amigo enfermo.

No dia seguinte, depois de ter dito missa, fez-lhe nova visita, em occasião que o medico o examinava, e fazia um triste prognostico. *D. Rua está muito doente, porem deve sarar porque ainda tem muito que fazer,* respondeu D. Bosco.

Com effeito contra a geral especção, não suppondo-se que elle escapasse, dias depois o doente recuperou a saude. Vive ainda. É o successor de Dom Bosco, Reitor chefe de todas as obras Salesianas.

1869

## Um medico incredulo.

Um famigerado medico apresentou-se, um dia, a D. Bosco no Oratorio de S. Francisco de Sales em Turim.

— Me disseram que curaes toda a sorte de enfermidades.

— De maneira nenhuma.

— M'õ affiançaram nomeando-me as pessoas e a natureza das enfermidades.

— Muitas pessoas vêm cá implorar alguma graça, por intermedio de Maria Auxiliadora; si depois de um triduo ou de uma novena conseguem a saude, não sou eu quem faz a cura: é um favor unicamente devido á Sanctissima Virgem.

— Que ella sare tambem a mim, e acreditarei em taes milagres.

— Qual é a vossa doença?

O doutor respondeu que soffria de epilepsia, e que ultimamente, ha um anno, o mal o atormentava com tanta violencia que, receiando algum accidente, somente podia sahir acompanhado; que não tendo achado recurso algum na medicina, vinha a presença de D. Bosco como tantos outros para experimentar a sua virtude.

— Então fazei o que fazem os outros: ajoelhae-vos, e rezae commigo, disponde-vos a purificar a vossa alma com a confissão e a confortal-a com a communhão, assim a Sanctissima Virgem vos consolará.

— Ordenae-me outra condição: esta não posso acceitar.

— Porque?

— Porque seria uma hypocrisia de minha parte: eu não acredito em Deus nem na Virgem, nem na oração, nem nos milagres.

D. Bosco ficou consternado; mas com o auxilio de Deus achou palavras tão eloquentes que o doutor abalado se poz de joelhos e fez o signal da cruz.

— Estou admirado de saber ainda benzer-me, disse elle, pois, ha quarenta annos, que o não faço. Em seguida rezou com D. Bosco e acabou por confessar-se.

Sahiu convicto de que o seu mal não mais se repetiria. De facto, nunca mais sentiu taes ataques, indo depois frequentemente a dar graças a Maria Auxiliadora que curou-lhe o corpo e a alma.

## 1869

### Um ajuste.

O marquez de X\*\*\* dizia a D. Bosco.

— Meu Padre, eu quizêra fazer alguma cousa em prol da vossa Obra, porem, n'este momento não me é possivel: acabam de annunciar-me que uma lettra de vinte mil francos com que eu contava, não tem nenhum valor.

— Aquelles que lhe annunciaram tal cousa podem enganar-se.

— Não é provavel: os meus agentes são peritos e me escrevem que não devo alimentar esperança alguma.

— E se recuperasseis tamanha quantia, que farieis?

— Comprometto-me, meu bom Padre, a dar-vos a metade; mas é uma chimera.

— Quem sabe! Como é para os meninos, elles irão fazer sua oração.

Poucos dias depois o marquez recebeu cinco mil francos, que conforme dizia o seu advogado, tinha-os apanhado de um modo inesperado; poucos dias consecutivamente recebeu mais cinco mil e por fim toda a quantia.

O marquez remetteu fielmente a D. Bosco os dez mil francos promettidos.

1869

### Uma medalha de Maria Auxiliadora.

Em Vinovo, aldeia proxima de Turim, vivia uma moça por nome Maria Starderó, completamente cega. A infeliz ardia em desejos de recuperar a vista e por isso concebeu a idéa de fazer uma peregrinação á igreja de Maria Auxiliadora. N'um sabbado do mez que Lhe é consagrado, apresentou-se no templo em companhia de sua tia e de outra senhora. Depois de breve oração diante da imagem da Sanctissima Virgem foi conduzida á presença de D. Bosco, na sacristia e alli teve com elle a seguinte conversação:

— Quanto tempo faz que estaes doente?

— Já ha muito tempo, porem, faz um anno que não vejo absolutamente nada.

— Tendes consultado os medicos? Que dizem? Têm elles receitado algum remedio?

— Temos lançado mão de toda sorte de medicamentos sem resultado algum, respondeu a tia: os medicos não dão a menor esperança. E poz-se a chorar.

— Diferençaes os objectos grandes dos pequenos?

— Não senhor, não distingo nada, de todo.

— Vedes a luz d'esta janella?

— Não senhor, não a vejo.

— Quereis ver?

— Senhor, eu sou pobre, preciso da vista para procurar a minha subsistencia, como não hei de querer?

— Servir-vos-heis de vossos olhos para o bem da vossa alma e não para offender a Deus?

— Prometto de todo o coração.

— Confiae na Sanctissima Virgem, e ella fará com que recuperéis a vista.

— Tenho essa esperança, entretanto continuo cega.

— Haveis de ver.

— Eu ver!

Então D. Bosco com accento e gesto solemnes exclamou:

— Pela gloria de Deus e da bemaventurada Virgem Maria, dizei o que é que tenho na mão?

A moça abriu os olhos, fixou-os no objecto que D. Bosco lhe apresentava e exclamou:

— Vejo uma medalha da Sanctissima Virgem.

E mostrando-lhe o reverso da medalha: — O que ha aqui?

— Um velho com uma vara florida: é São José.

Renunciamos a descrever essa scena; só acrescentaremos que tendo Maria extendido a mão para receber a medalha, esta cahiu no chão, indo parar n'um canto da sacristia, e a mesma Maria, por

ordem de D. Bosco foi procural-a e a achou, deixando assim todos convencidos da realidade da cura, a qual foi tão completa quão prodigiosa, porque Maria Star-dero não padeceu mais dos olhos.

Cousa singular! A tia que a acompanhava ficou simultaneamente sarada de um rheumatismo agudo que impedia-lhe o seu trabalho rural.

## 1872

### Saude de uma enferma e transformação de uma cidade.

Não ha muito que San Pier d'Arena inda era uma das mais impias cidades da Italia. Um só vigario bastava para a população de trinta mil almas, estando a egreja quasi sempre deserta, em quanto que tres lojas maçonicas imperavam e procuravam suffocar o sentimento religioso.

Uma distincta senhora, mãe de cinco filhos e casada com um empregado da estrada de ferro caiu gravemente enferma. Não dando-lhe os medicos a menor esperança, o vigario insinuou-lhe que recebesse os ultimos sacramentos. A enferma pouco praticante, declarou que só queria confessar-se com Dom Bosco, e o marido, ainda que incredulo, não fez a menor objecção.

Não tardou D. Bosco em comparecer. Exactamente estava elle pensando naquelle momento como havia de abrir uma casa em San Pier d'Arena.

A enferma, logo que o viu chegar, mostrou extraordinaria satisfação. D. Bosco a consolou, assegurou-lhe que a curaria, si ella supplicasse com fé a

Sanctissima Virgem e confessou-a. Em quanto á communhão, lhe disse, será melhor que a tomeis na igreja.

A estas palavras exclamou o marido com sorpresa e enfado:

— Senhor Padre, não são opportunos estes gra-  
cejos: não vêdes que minha esposa está moribunda,  
incapaz de levantar-se da cama, siquer? e vós lhe  
fallaes em ir á igreja.

— Maria Auxiliadora pôde tudo, respondeu tran-  
quillamente D. Bosco. Invoquemol-a! E ajoelhando-se  
elle, o proprio marido o imitou com grande admi-  
ração de todos, para rezar um *Padre Nosso*, *Ave*  
*Maria*, *Gloria* e *Salve Rainha*.

Estavam no dia 6 de Dezembro de 1872. « Não  
deixeis de rezar estas orações até o Natal, » disse Dom  
Bosco ao cavalheiro e depois de ter-lhe dado uma  
medalha e outra á enferma, retirou-se.

Acto continuo, a enferma declarou que as suas  
dores cessavam e a febre desapparecia: estava sarada.

Poucos dias depois, pela manhã foram vistos  
ambos na igreja: elle para dar graças a Deus e ella  
tambem para receber a communhão das mãos de  
D. Bosco.

Esta repentina e inesperada cura produzio tal  
impressão no marido que de todo se converteu.

Não cessava de repetir, o mais convicto e commo-  
vidamente possivel, que devia á presença de D. Bosco  
em San Pier d' Arena a vida de sua esposa e a paz do  
seu coração.

A repercussão de tamanha graça extraordinaria  
foi geral e exerceu tal influencia benefica que parecia  
que a cidade inteira se transformava e se regenerava.

Fundou-se logo alli uma Pia Congregação Salesiana, em uma casa offerecida a D. Bosco com capacidade para agasalhar avultado numero de meninos. Em seguida erigiu-se uma vasta egreja matriz e dez sacerdotes Salesianos trabalham n'aquella cidade em bem das almas.

É digno de nota que a dita casa e egreja estão precisamente situadas no meio das lojas maçonicas, como pharol que ha de espancar as trevas.

1873

### Um braçalete de ouro.

A' 24 de Maio de 1873, o dia festivo de Maria Auxiliadora, um jovem official, em cuja physionomia via-se pintada a tristeza, apresentou-se no Oratorio de S. Francisco de Sales em Turim, e com palavras interrompidas por soluços, disse a D. Bosco:

— Meu Padre, ha já bastante tempo que minha esposa acha-se doente gravemente e teme-se que esteja proximo o desfecho fatal. Eu não posso resignar-me a perdê-la e em nome de Deus peço-vos que lhe alcanceis a saude.

D. Bosco animou-o com piedosas e consoladoras palavras e convidando-o a ajoelhar-se, rezaram juntos algumas orações a Maria Auxiliadora pela saude da moribunda.

Havia já uma hora que o official tinha-se retirado, quando voltou de novo a todo pressa.

— Eu desejava fallar a D. Bosco.

Agora não é possível: está presidindo a reunião dos bemfeitores da casa, congregados por ocasião da solemnidade que celebramos hoje.

— Dizei-lhe o meu nome e que preciso vel-o absolutamente um só momento que seja.

Cedendo a esta insistencia foi D. Bosco ao official que agora, radiante de alegria, o saúda.

— Sabe, meu Padre, emquanto eu estava com o senhor, minha esposa, que eu tinha deixado moribunda na cama, recuperou a saude e as forças, vestiu-se e, quando eu voltava, ella veiu ao meu encontro a narrar-me o occorrido.

E ao mesmo tempo o official tirou do bolço um rico braçalete de ouro e dando-o a D. Bosco, lhe disse:

— Este é um presente de noivado que eu tinha dado a minha esposa; agora de commum accordo e de todo coração, o offerecemos a Maria Auxiliadora, em reconhecimento do singular favor que nos fez.

D. Bosco voltou a presidir a reunião e disse aos bemfeitores, mostrando-lhes o braçalete: «Eis aqui uma offerta de gratidão por uma nova cura alcançada pela mediação de Maria Auxiliadora.»

— Bemdito seja o seu nome!

1874

Um aleijado.

Na manhã do dia 4 de Junho de 1874, festa do *Corpus Christi*, ao abrir a igreja de Maria Auxiliadora em Turim, encontrou-se encostado ao portal um homem que denotava doença.

Interrogado ácerca do que desejava, respondeu que tinha vindo implorar a benção de *Maria Auxiliadora* para obter sua saude.

Foi conduzido ou antes, levado a sacristia, porque, embora usasse de muletas, tinha o corpo tão retrahido que até sustentado por outrem, podia a custo mover-se.

Pela volta das oito horas chegou D. Bosco.

— Meu amigo, que desejas?

— Que me faça a caridade de dar-me a benção de *Maria Auxiliadora* para eu sarar.

— Qual é a tua doença?

— Estou tolhido por um rheumatismo e atacado da espinha.

— Como pudeste chegar até cá?

— De noite uma pessoa me trouxe de carro e deixou-me á porta da igreja.

— Quanto tempo faz que padeces assim?

— Já ha muito tempo, porem de dous mezes para cá não posso mover as mãos.

— Que dizem os medicos?

— Que o meu mal não tem remedio; pelo que meus paes, meus amigos e o vigario me aconselharam que viesse implorar a benção de *Maria Auxiliadora*, que tem feito tantas curas maravilhosas.

— Ajoelha-te.

Com grande difficuldade e auxiliado pelos circumstantes conseguiu ajoelhar-se.

D. Bosco deu-lhe a benção e lhe disse:

— Si tens fé em *Maria*, abri a mão.

— Não posso.

— Sim, podes; começa por estender o dedo pollegar. Estendeu-o effectivamente.

— Agora o index.

Estendeu-o do mesmo modo, e assim successivamente todos os dedos.

Então cheio de alegria fez o signal da cruz, exclamando :

— Maria Sanctissima me tem feito esta graça.

— Sim, Maria vos fez esta graça; dae gloria a Deus e erguei-vos.

Quiz tomar as muletas.

— Não, disse D. Bosco, deveis dar mais uma prova de confiança em Maria, levantando-vos sem muletas.

Assim fez. O enrugamento da espinha, a contracção das pernas e braços tinham desaparecido, e perfeitamente são, começava andar pela sacristia a grandes passos.

— Meu amigo, vae agora expressar o teu reconhecimento á Sanctissima Virgem, fazendo uma genuflexão diante do altar do Sanctissimo Sacramento.

Elle obedeceu promptamente :

— Meu Deus, meu Deus! exclamou, quão grande é a minha felicidade por poder, depois de tanto tempo, mover-me e governar o meu corpo! Maria Auxiliadora, rogae por mim!

— Meu amigo, promette agora que de hoje em diante terás fervorosa devoção a Sanctissima Virgem e que serás um bom christão.

— Eu vol-o prometto e no domingo proximo me confessarei e commungarei.

E dizendo isto, tomou a sua muleta, manobrando com ella como se fôra uma espingarda, de proposito marcou o passo de marcha militar e sem dizer palavra se retirou.

Pensava-se que voltaria ao menos para agradecer a Deus. Porem recebida a benção de Maria Auxiliadora

liadora, tinha obtido a graça que desejava e, sem duvida, julgou que nada mais tinha que fazer, porquanto não foi mais visto.

1875

### A fundação em Nice.

Em Nice, no anno de 1871, estabeleceu-se pela primeira vez a Congregação Salesiana.

Jamais fundação alguma começou tão pobremente. Dous ou tres commodos alugados na rua de S. Victor, em um andar baixo, quasi subterraneo e pagos pela Sociedade de S. Vicente de Paulo, assim se inaugurou.

A affluencia de meninos porem, forçou a mudança para um local mais conveniente.

Depois de ensaiar varias cazas, reconhecida a necessidade de comprar uma propria, D. Bosco foi a Nice e chegou á Praça d'Armas com o intuito de vêr um predio que estava á venda

D. Bosco contentou-se com entrar o primeiro pateo e visitar um quarto, em seguida sem mais exame retirou-se dizendo:

Esta póde servir-nos.

Sem demora lavrou-se a escriptura de venda por noventa mil francos.

— Meu Padre, disse-lhe então o advogado por nome Miguel, não será aventurar demais? Talvez por óra podesseis vos remediar com uma propriedade menos cara? Como podereis pagar esta, si nem tendes o necessario para a escriptura de compra e venda?

— É verdade que D. Bosco não tem nada; mas, depois de paga a escriptura poderão sobrar doze mil francos.

O senhor Miguel não podia acreditar que *o fundo da caixa* tanto possuisse.

Monsenhor Mermilod chegou então a Nice e entendeu que devia pregar um sermão para recomendar a Obra em embrião.

A concorrência foi immensa.

Conta-se que emquanto o illustre prelado com sua admiravel eloquencia enumerava as vantagens produzidas na Italia pela Obra Salesiana, D. Bosco extenuado pela viagem e tantos trabalhos ficou por algum tempo adormecido; mas, despertando no momento opportuno, fez pessoalmente a collecta que produziu cinco mil francos. Chegaram em seguida outras esmolas e poucos dias depois poudé mandar passar a escriptura de compra. Paga a sisa, ficaram em caixa doze mil francos.

São grandes os serviços que presta hoje o Patronato de S. Pedro em Nice, onde podem abrigar-se trezentos meninos e receber os beneficios da educação, conforme o systema salesiano sem excluir a pobreza evangelica.

1875

### O pequeno violinista.

Um dia apresentou-se no Patronato de S. Pedro em Nice, um pequeno musico ambulante, de aspecto vivace e pedia para ser admittido. Conduzido á presença de D. Bosco, que tinha chegado na vespera, approximou-se sobraçando ruim instrumento no que se reduzia todo o seu cabedal.

D. Bosco examinou-o com carinhoso interesse.

— De onde és, meu amigo?

— Eu não sei.

— De onde vens?

— Eu não sei.

— Onde estão teus paes?

— Eu não sei; não os conheço.

— Para onde vaes?

— Eu não sei.

— Está bem, meu amiguinho, tens todas as qualidades exigidas para que entres a casa de D. Bosco. E ordenou que fosse immediatamente admittido.

Este menino é hoje um excellente e honrado artista.

1876

### Um sonho.

Uma noite o ecclesiastico que dormia na alcova contigua á de D. Bosco ouviu-o fallar por muito tempo em voz alta e conheceu que o seu sonho era agitado.

No dia seguinte perguntou-lhe:

— Meu Padre, passou mal a noite?

— Sim, tive um sonho singular: achava-me em um paiz onde não se fallava italiano, e no meio de um campo vi uma casa com muitos meninos, uns em continuo movimento, outros em trabalhos agricolas acompanhados por sacerdotes salesianos.

No mesmo dia (anno de 1876), D. Bosco recebeu uma carta do Rvdmo. Monsenhor Terris, bispo de

Frejus e Toulon, o qual offercia-lhe na Navarra, perto de Hyères-Var, uma propriedade muito conveniente para estabelecer um asylo agricola.

Como tivêra de vencer algumas difficuldades, a proposta sómente foi acceita dous annos depois.

D. Perrot, encarregado dessa fundação, estabeleceu-se, alli, em 5 de Julho de 1878 e reuniu logo tantos meninos quantos era possivel abrigar.

Em fins de Janeiro de 1879, D. Bosco por occasião de uma viagem a Marselha, onde fora chamado para uma nova fundação, passou por Navarra, cujo instituto ainda não conhecia.

Essa propriedade está quasi a doze kilometros de Hyères : é um lugar solitario e aprazivel. Duas collinas cobertas de pinheiros e carvalhos rodeiam a casa e na frente d'ella extendem-se algumas vinhas e campos cultivados. Mas n'aquella época as terras estavam incultas e a casa sensivelmente arruinada.

Os meninos sob a direcção de D. Perrot foram ao encontro de D. Bosco até os limites da propriedade e entoando canticos o acompanharam na visita da capella e da casa. Apenas chegados á granja, D. Bosco parou para observá-a com attenção. — E' propriamente este o lugar que eu vi em sonho, disse elle; conheço-o todo perfeitamente.

Com effeito, D. Perrot já tivera conhecimento do referido sonho e tinha observado que correspondia á realidade em todos os pormenores. D. Bosco reconheceu tambem a voz de um menino que alli cantava e que elle ouvira na noite supra indicada.

— Não ha duvida, accrescentou, a Divina Providencia tinha destinado este asylo aos nossos meninos.  
*Bemditá seja Maria Auxiliadora!*

1877

Como o conde Cays entrou na Congregação Salesiana  
aos sessenta e tres annos.

O conde era muito piedoso e tinha grande amor aos pobres. Viuvo e com um unico filho já casado. queria consagrar o resto de sua vida na pratica de boas obras e para esse fim consultou a D. Bosco.

Sêde sacerdote salesiano, foi a resposta que teve.

Tal conselho surpreendeu sobremodo o conde, pois com sua profunda humildade, não se julgava digno do sacerdocio e, por outro lado, como começar aos sessenta e tres annos os estudos que requerem as sagradas ordens? parecia-lhe empreza superior ás suas forças.

Não obstante, sendo grande a sua veneração por D. Bosco, meditou a tal respeito, e acabou por se familiarizar com a idéa. Mas a sua vontade oscillava e nunca lhe faltavam razões para ir protelando esse acto. — Afinal, quem me diz que D. Bosco não se engana? É verdade que recebe luzes extraordinarias, mas o grande desejo que tem de obter sacerdotes para o seu Oratorio, não o exporá a algum excesso de zelo? Eu não posso tomar levemente similhante resolução.

Uma manhã, 23 de Maio de 1877, vespera da solemnidade de Maria Auxiliadora, foi ao Oratorio, segundo o seu costume. A saleta de espera de D. Bosco estava cheia de gente. O conde Cays assentou-se e poz-se a olhar com muita curiosidade para duas visinhas. Eram uma pobre mulher e uma criança de dez a onze annos, que a cada instante mexia-se, ora para um lado, ora para outro sobre os joelhos da mãe.

A infeliz mãe a carregava como uma massa inerte, e abundantes gottas de suor lhe humedeciam o rosto.

Passado um momento, a mulher levantou-se tremula e a suspirar sustentando a filha, que apenas podia andar, e dirigiu-se para a porta da saída.

Os que alli estavam lhe perguntaram, porque se retirava, sem fallar a D. Bosco.

— Não posso esperar mais; minha filha soffre sobremaneira. Muito sinto que não me seja possível ver D. Bosco, a quem só vinha pedir a caridade de dar á minha filha a benção de Maria Auxiliadora. E contou como a menina, depois de terriveis convulsões, tinha ficado paralytica: a mão direita sem nenhum movimento e as pernas tam fracas que sem apoio não podia ter-se de pé, nem mesmo estar assentada, e alem de tantos males já fez um mez que perdeu completamente o uso da falla.

Com effeito a algumas perguntas que lhe dirigiram, a enferma, sem articular uma unica syllaba, respondia sómente com alguns signaes feitos com a cabeça.

Todas as pessoas presentes então, movidas de compaixão, decidiram de commum accordo que ella fosse a primeira a entrar.

Era evidente que sem um milagre aquella menina não podia sarar, quanto mais de chofre; e um pensamento occorreu ao conde Cays. Levantando o seu espirito para a Sanctissima Virgem, supplicou-a que por uma graça extraordinaria lhe dêsse como uma prova de sua vocação; feito o que não vacillaria mais.

Pouco depois abriu-se a porta e entraram a mãe e a filha. Demoraram-se apenas 12 a 15 minutos e apresentaram-se acompanhadas por D. Bosco.

A mãe desfazia-se em pranto de pura alegria; a filha metamorphoseada, andava sem auxilio algum, e exclamava:

— *A Sanctissima Virgem acaba de conceder-me a sua graça.* Graça completa, porque as pernas tinham recuperado toda sua acção, o braço paralyzado a sua liberdade e a lingua o seu natural movimento.

Tam singular cura dissipou todas as duvidas do conde de Cays, que chegou a ser sacerdote do Oratorio de S. Francisco de Sales. (1)

1877

## Um coronel.

Estando D. Bosco em Roma, atravessava um dia a rua do Corso, acompanhado por seu secretario, quando approximou-se-lhe um coronel vestido em grande uniforme.

— Senhor, sois por ventura D. Bosco?

— Porque esta pergunta?

— Desejo saber se sois D. Bosco.

— Porem seria preciso saber.....

— Em summa, senhor, sois ou não sois D. Bosco?

— Sim, sou eu proprio.

D. Bosco tinha motivos para receiar semelhante investigação, ainda mais pelo tom um tanto brusco com que era feita. Mas apenas tinha assim affirmado, o coronel, no meio da rua, se ajoelhou aos seus pés e apertou-lhe a mão sobre seu coração.

(1) Aos 4 de Outubro de 1882, Deus chamou a si D. Carlos Alberto Cays, Conde de Giletta e de Caselle, antigo deputado do Parlamento Subalpino e finalmente Sacerdote Salesiano!

— Oh! meu bom Padre!

— Coronel, o que é que tem? o que é que está fazendo?

— Meu bom Padre, não vos lembraes do pobre orphão que recolhestes em..... quando estava no meio da rua, só, sem recursos, sem saber que fazer? Durante seis annos me destes asylo, me fizestes as vezes de minha familia: como quereis que não vos manifeste o meu reconhecimento?

— Olá! és tú, meu rapaz, respondeu-lhe D. Bosco enquanto carinhosamente lhe affagava com a mão o rosto.

— E' verdade, logo que sahi do Patronato, entrei na milicia e graças á instrucção que me proporcionastes, não tardei a ser official e hoje sou coronel.

Não quiz deixar a D. Bosco sem obter do mesmo promessa formal de que no dia seguinte lhe faria companhia jantando em sua casa.

Então apresentou-lhe a mulher e tres lindos meninos. Era um lar feliz, e D. Bosco agradeceu a Maria Auxiliadora a protecção evidente concedida a um dos orphãos do Oratorio.

**1877**

### Um cocheiro.

Um dia, que em Roma chovia a cantaros, Dom Bosco embarcou em um carro de praça. Desejava dar uma bôa gorgeta ao cocheiro que estava ensopado, mas lembrando-se que só tinha no bolço a importancia da tabella, externou-lhe o seu pesar, e disse-lhe em compensação:

— Eu rogarei por vós.

— Rogareis por mim? É uma cousa singular: é a primeira pessoa que me falla assim.

— Será possível!

— É a verdade. Porventura é uma cousa muito preciosa a oração?

— A oração? vale mais do que todos os thesouros do mundo.

Como o cocheiro com certo ar de mofa mostrasse não estar convencido de similhante vantagem, Dom Bosco ponderou.

— Meu caro amigo, quanto tempo faz que não vos confessaes?

— Uf!... nem mesmo sei... não me lembro.

— Bem; hoje depois de acabado o vosso serviço, vinde procurar-me: eu vos ouvirei de confissão, e affianço-vos que vos não haveis de arrepender.

À noute, D. Bosco estava já accommodado, quando chegou o cocheiro e pediu para lhe fallar.

— É muito tarde: está dormindo.

O cocheiro insistiu e asseverou que D. Bosco o estava esperando. O bom Padre avisado, levantou-se immediatamente, ouviu de confissão ao cocheiro, abraçou-o com ternura; e ficaram amigos para sempre.

É assim que a affabilidade salesiana ganha os corações.

**1878**

### Que o preparem.

Disse D. Bosco, um dia, ter visto em sonho um menino que devia achar-se no Oratorio e que elle não conhecia ainda nem pelo nome; mas que tinha certeza de reconhecer se lhe o apresentassem.

Em conformidade com os signaes que dera, o encontraram n'õ pateo e o conduziram á sua presença: acariciou-o, deu-lhe alguns conselhos e mandou-o brincar. Era precisamente o mesmo.

D. Bosco disse então:

— Esse menino ainda não fez o exercicio da bõa morte. Não o percaes de vista: que se confesse: *não ha tempo a perder.*

O catechista tomou o encargo com vivo interesse e opportunamente. D'alli a pouco, o menino, em consequencia de uma queda, era levado para a cama. Horas depois morreu sem sentidos; mas na manhã do mesmo dia tinha já recebido os sanctos sacramentos com excellentes disposições.

## 1878

### Previsão.

Em 1878, D. Bosco devia ir á França e em seguida a Roma. Antes de partir reuniu alguns dos seus sacerdotes e depois de ter-lhes dado varios encargos, accrescentou:

— Sobre tudo recommendae aos meninos que tenham muito bõa conducta. Quando eu estiver cá de volta, cinco terão deixado de existir; e, quanto é terrivel comparecer perante Deus sem se estar bem preparado!...

Uma manhã foi annunciado que o amado Padre devia chegar naquella tarde com o ultimo trem.

Durante a sua ausencia, em consequencia de varias enfermidades tinham morrido quatro meninos.

Graças a Deus! disseram os padres, d'esta vez D. Bosco se enganou: elle tinha annunciado que morreriam cinco e morreram sómente quatro.

Mas eis que precisamente n'aquelle dia, de um modo inesperado, caiu doente um menino. Apenas teve tempo de receber os ultimos sacramentos e espirou no mesmo instante em que D. Bosco chegava á estação e antes que entrasse no Oratorio.

### 1880

#### Uma advertencia.

Um dia D. Bosco chamou um de seus jovens religiosos e lhe disse:

— Vae á tal casa. Alli pouco depois de tua chegada, serás victima de uma atroz calumnia, que se espalhará por aquella redondeza. Terás de soffrer muito; mas fica tranquillo, deixa passar a tempestade. Em seguida a tua perfeita innocencia será conhecida de uma maneira admiravel.

O religioso partiu e vieram verificar-se ao pé da lettra as palavras de D. Bosco.

### 1880

#### Espirito de caridade.

No mez de Março de 1880 achando-se D. Bosco de passagem em Nice, reuniu seus Cooperadores na pequena capella que tinha então o Patronato de São

Pedro. Adiante de uma numerosa e escolhida assembléa elle fez uma interessante exposição de sua Obra e dos resultados obtidos e em seguida fez pessoalmente a collecta.

— *Deus lhe pague*, disse elle a um cavalheiro que lhe dava uma moeda de ouro.

— Oh! se é assim que me pague mais um pouco, respondeu o esmoler deixando cahir na salva outra moeda semelhante.

## 1880

### Como D. Bosco emprestou a sua voz.

Em 1880 achando-se D. Bosco em uma de suas casas do meio dia da França, o director d'aquella preparou uma pequena festa e convidou os Cooperadores da vizinhança.

Entre as outras festas annunciadas no programma devia haver uma representação theatral, desempenhada pelos jovens artistas da casa.

Á ultima hora, o director adverte a D. Bosco que o actor principal tinha perdido completamente a voz: contratempo este tanto mais sensivel quanto que os convidados eram em grande numero.

D. Bosco, depois de reflectir um instante, mandou chamar o menino, que logo que chegou á sua presença pediu-lhe a benção. D Bosco abençoou-o e disse-lhe amavelmente:

— Não te afflijas; eu emprestar-te-hei a minha voz e poderás representar perfeitamente o teu papel.

E immediatamente o menino recuperou a voz e D. Bosco perdeu-a, de modo que por varios dias viu-se obrigado a ficar calado.

Graças a esse silencio a representação effectuou-se com geral satisfação.

1881

### Uma aldeã.

No mez de Março de 1881 D. Bosco de passagem por Grasse, entre outras muitas pessoas recebeu uma piedosa aldeã, já idosa, que lhe pedia a benção.

— Está bem, lhe disse D. Bosco, mas é preciso que vos ajoelheis.

— Meu Padre, não posso.

Com effeito, havia oito annos que ella não podia dobrar um joelho, completamente rijo em consequencia de uma fractura: alem d'isto tinha uma chaga que causava-lhe grandes dores.

— Vejamos, experimentae, minha filha.

E eis que ella se ajoelha, recebe a benção e levanta-se sem difficuldade alguma.

— Meu Padre, tende a bondade de completar a vossa obra, dignae-vos escutar-me por breves instantes.

— Com muito gosto.

Passam para uma sala contigua e emquanto aquella pobre mulher começou a contar os seus sofrimentos, dous gatos miavam fazendo um ruido medonho, ora correndo, ora trepando por cima dos moveis. A aldeã impaciente, para fazel-os sahir, perseguiu-os com tanto desembaraço que D. Bosco pondo-se a rir, lhe disse:

— Parece-me, minha filha, que não estaes tão mal como dizeis.

— É singular, meu Padre, foi-me restituída a minha perna.

— Bem, sarareis de todo, porém mais tarde. É preferível para vós e para mim que Maria Auxiliadora não vos conceda ainda o favor completo.

### 1881

#### Outra cura.

Em 1881, achava-se D. Bosco em Marselha; rogado muitas vezes para que fosse ver uma rapariga enferma, não se sabe porque, recusava de condescender.

No dia de sua partida, o padre Mendre, fez desviar o carró e, sem prevenir a D. Bosco, levou-o á casa da enferma.

Era uma pessoa de escassos recursos, que lavava as toalhas do altar da capella do Oratorio de Marselha. Havia vinte e um dias que não podia tragar nem uma gota de agua; uma rebelde contracção da garganta a impedia tomar qualquer alimento nem sequer por meio de uma sonda; a sua debilidade era extrema e, devorada pela sede, na maior anciedade esperava a morte.

D. Bosco deu-lhe uma colherada d'agua e ella pôde beber alguns goles, repetiu o mesmo duas vezes e conseguiu engolir a agua. Feito isto assentou-se no leito, exclamando jubilosa: — Estou boa!

A mãe desmaiou, tão forte foi a commoção; o padre Mendre, sob a mesma impressão cahiu de joelhos. D. Bosco com os olhos cheios de lagrimas, só disse:

— Bemdito seja Deus! Bemdita seja Maria Auxiliadora! E retirou-se.

De prompto a rapariga deixou o leito, vestiu-se, alimentou-se e parecia que nenhuma doença havia soffrido.

**1882**

### Uma grata surpresa.

No mez de Fevereiro de 1882, estando D. Bosco em Marselha, foi ter com elle uma senhora com o fim de obter algum consolo: seus filhos e genros, sem lhe terem a menor consideração a faziam soffrer horrivelmente.

— Rogae a Maria Auxiliadora, lhe respondeu Dom Bosco, e vinde amanhã a receber a sancta Communhão na missa que eu direi por vossa tenção. Assim fez.

De volta para casa, ella achou todos os seus filhos e genros reunidos em uma sala. Logo que a viram, lhe manifestaram grande arrependimento pelo máo modo com que a tratavam e, abraçando-a chorando de alegria, lhe prometteram de ser exemplares d'ora em diante.

**1882**

### Como estou eu com Deus?

O piedoso senhor Josse, editor de Paris, fallecido ha pouco, comprazia-se em contar o seguinte caso:

Estava D. Bosco em Nice, quando Monsenhor Postel foi visital-o. Passado um instante de ingenua e affectuosa conversação, Monsenhor Postel fitando a vista em D. Bosco, lhe disse:

— Vejamos, meu Padre, dissei-me se eu estou em graça.

D. Bosco surpreso levantou os olhos para o Céu, sorriu docemente e dispoz-se a partir.

O seu interlocutor, porem, dirigiu-se á porta e depois de tel-a fechada, guardou a chave no bolso.

— Não ha remedio, D. Bosco; não sahiremos d'aqui sem que me digaes, como eu estou com Deus.

D. Bosco ficou pensativo; depois, com as mãos sobre o peito — era esta a sua posição habitual — olhou com manifesta complacencia para Monsenhor Postel e he disse :

— Estaes em estado de graça.

— D Bosco, eu receio que a vossa amizade vos inspire estas palavras :

— Meu amigo, *se assim fallo é porque vejo* (1).

## 1883

### A o r p h ã .

A senhora G\*\*\* tinha em Lyon ao seu serviço uma rapariga de dezoito annos, retirada de um asylo de orphãs.

Um dia que D. Bosco dignou-se visitar a essa senhora, pediu-lhe que dêsse a benção á rapariga que estava na porta.

---

(1) Monsenhor Postel, o escriptor fecundo, o mais douto e mais amavel dos homens, exhalou o ultimo suspiro nos braços de quem escreve estas linhas. A sua morte deu-se em Nice, onde lhe sobreveiu um ataque no meio das festas que se faziam no Patronato de S. Pedro por occasião da viagem de Monsenhor Cagliariero em 1885.

— É uma pobre orphã digna de compaixão, meu Padre.

D. Bosco encarou-a, deu-lhe a benção e accrescentou :

— Eu rezarei pela mãe.

— Pela mãe? Não és orphã, acaso? perguntou-lhe a senhora G\*\*\*

A rapariga confessou então que a sua mãe ainda que viuva occultava a sua existencia, por ter abandonado seus filhos a fim de levar vida airada.

1883

## P o b r e z a .

Achando-se D. Bosco em Nice, em 1883, no Patronato de S. Pedro, accitou um convite para jantar. Acompanhado por dous de seus sacerdotes, em vez de dar uma longa volta passando pela ponte de Garibaldi, para poupar tempo, atravessava o Paillon andando por cima de certas pranchas, de que se servem os habitantes do bairro da praça d'Armas. No verão o Paillon está quasi secco. A ponte improvisada não era muito comprida, mas era estreita. D. Bosco, cujas pernas já fraqueavam e cuja vista estava muito debilitada, pisou em falso e cahiu n'agua. Ainda que nada soffresse, ficou ensopado e precisou voltar ao Patronato para mudar a roupa.

Offereceu-se então uma difficuldade imprevista. D. Bosco não tinha roupa de reserva e como tambem em toda a casa não houvesse, teve de metter-se na cama.

O amado Padre, que com bom humor tinha gracejado a respeito de seu banho tão improvisto, applaudiu muito a pobreza de seus sacerdotes.

— Ah! exclamou elle, esta é uma verdadeira casa de D. Bosco.

1883

### Onde D. Bosco estudava Geographia.

E' sabido que em 1878 D. Bosco empreendeu as missões da Patagonia.

Leu com os olhos rasos de lagrimas as primeiras cartas em que os seus Missionarios lhe faziam a descripção d'aquella terra.

— É exactamente esse o paiz que eu tenho visto em sonhos; conheço-o com todos os seus por-menores.

Com effeito, quando fallava d'aquellas regiões, parecia que as tivesse por muito tempo percorrido: rios, lagos, bosques, montanhas nada era novo para elle. Com a maior precisão indicava os caminhos, os povos, os costumes, o character e mil particularidades, de que não dão noticia as melhores descripções de viagens. Assim se explica como em 1883, convidado pelo Presidente da Sociedade de Geographia de Lyon, elle fez uma conferencia acerca da Patagonia, conferencia tão interessante, completa e exacta que a Sociedade premiou a D. Bosco com uma medalha de ouro.

1883

## A fundação em Paris.

Quando D. Bosco em 1883, visitou Paris, foram grandes as instancias que lhe fizeram para que fundasse uma casa naquelle importante centro. Consentiu elle, sob condição de que os bemfeitores e amigos da ordem o auxiliassem para a procura e escolha de uma localidade apropriada. Depois de muitas diligencias lhe propuzeram o Patronato de Menilmontant, e, achando-o conveniente, ajustou-se a compra por cento setenta e cinco mil francos.

Mas na occasião de assignar a escriptura era necessario fazer um primeiro desembolso de sessenta mil francos e a Junta Directora, tendo por Presidente o senhor de Franqueville, só havia podido ajuntar vinte mil. Decorreram muitos meses: D. Bosco estava em Turim e como a transacção se demorava na sua realisação, o vendedor declarou que se no dia primeiro do mez de Janeiro não estivesse assignada a escriptura, elle considerava-se livre do compromisso.

Findavam-se os ultimos dias de Dezembro e as esmolas arrecadadas eram de pouca importancia.

Deu-se tão má noticia a D. Rua para transmittil-a a D. Bosco; e a resposta que D. Rua recebeu foi de que se encarregasse de prevenir que as orações eram o unico recurso com que deviam contar tanto em Paris como em Turim.

Fechada a carta estava para mandal-a ao correio, quando apresentou-se D. Durando trazendo outra procedente de Roma. Era da condessa S\*\*\*, que punha

quarenta mil francos á disposição de D. Bosco, com a expressa condição de serem destinados á fundação de um Oratorio em Paris.

É preciso notar que a doadora não tinha a menor noticia das circumstancias que diziam respeito ao projecto da fundação.

D. Rua abriu a carta e accrescentou um post-scriptum, informando que tinha-se obtido aquella quantia e pedindo que se lavrasse a escriptura com a maior brevidade.

Foi assim que estabeleceu-se em Paris o Oratorio de S. Pedro e S. Paulo.

## 1884

### D. Bosco e Victor Hugo.

Ninguem ignora que a viagem de D. Bosco a Paris em 1883 foi para o humilde sacerdote um verdadeiro e completo triumpho, uma serie ininterrupta de piedosas aclamações, em uma só palavra, um eloquente acto de fé da cidade considerada como incredula. Onde quer que apparecesse D. Bosco, acudia logo uma multidão immensa de todas as classes sociaes para pedir uma graça, um conselho, uma palavra que partisse de quem era publicamente proclamado o *homem de Deus*.

Muitos contentavam-se com vel-o e receber a sua benção. Outros mais felizes ou mais perseverantes conseguiam fallar-lhe.

D. Bosco quiz conservar fiel recordação de uma entrevista que é um precioso documento historico. O texto italiano, dictado e revisto por elle mesmo, con-

serva-se nos archivos da Congregação Salesiana, no Oratorio de S. Francisco de Sales em Turim. Apraz-nos reproduzil-o aqui, ainda que a imprensa de varios paizes o tenha publicado por occasião da morte de Victor Hugo.

Uma tarde, depois de tres horas de ante-camara, esperando a sua vez, apresentou-se a D. Bosco um personagem que lhe era inteiramente desconhecido o qual depois de cumprimental-o disse:

— Não extranheis, senhor, que vos diga que eu sou um incredulo e que por conseguinte não tenho a menor fé nos milagres que alguns proclamam.

— Ignoro a quem tenho a honra de fallar e não procuro sabel-o; eu vos affianço que não me empenharei em fazer-vos acreditar naquillo que não quereis admittir, nem tratarei de religião, se isto não é de vosso agrado. Comtudo, dizei-me, pensastes sempre assim durante toda a vida?

— Na minha infancia as minhas crenças eram as de meus paes e amigos; porem desde que eu pude reflectir e raciocinar deixei de lado a religião para viver como philosopho.

— Que entendeis por estas palavras: viver como philosopho?

— Levar uma vida feliz, sem crer no sobrenatural, nem na vida futura, meio de que se servem os padres para intimidarem a gente ingenua e sem instrucção.

— E o que pensaes no tocante á vida futura?

— Não percamos tempo em discutir esta questão; pensarei na vida futura, quando me achar no futuro.

— Vejo que estaes gracejando; porem desde que tocamos neste ponto tendê a bondade de ouvir-me. — Em qualquer dia póde sobrevir uma doença imprevista.

— Sem duvida, respondeu o cavalheiro — de complexão robusta, mas adiantado em annos — tanto mais que na minha idade, uma pessoa está exposta a mil achaques.

— E um desses achaques não poderia levar-vós ao tumulo?

— É inevitavel, pois ninguem está dispensado de pagar o seu tributo á morte.

— Chegada a vossa ultima hora entrareis na eternidade...

— Procurarei que o meu espirito não descaia para ser sempre philosopho e não acreditar no sobrenatural.

— E o que é que vos impedirá então de pensar na immortalidade de vossa alma e na vossa religião?

— Nada; seria porem uma fraqueza que me tornaria ridiculo aos olhos dos meus amigos.

— Comtudo, ao despedir-vos do mundo, bem poderieis dar a necessaria paz á vossa consciencia!

— Sem duvida, mas não creio necessario rebai-xar-me até este ponto.

— Se é tal a vossa resolução, que quereis então? O presente, em breve não vos pertencerá, do futuro recusaes que se falle. Que esperanza vos resta?

O desconhecido inclinou pensativamente a cabeça.

— É indispensavel pensar no futuro. Ainda vos restam alguns annos de vida; se os aproveitaes para voltar ao seio da Egreja e implorar a misericordia de Deus, sereis salvo e salvo para sempre. No caso contrario morrereis como incredulo, como reprobado e tudo estará acabado para vós; ficar-vos-ha somente o nada, como acabais de dizer, ou um eterno supplicio.

— Na vossa linguagem eu não vejo nem religião, nem philosophia, senão uma palavra affectuosa que

não recuso escutar. Nenhum dos meus amigos bem versados em philosophia resolveu ainda o problema: *eternidade desgraçada, ou nada*. Meditarei no que me tendes dito e, se me permittis, voltarei para ver-vos. Em seguida apertou a mão de D. Bosco, deixou-lhe um cartão e retirou-se.

D. Bosco leu então o nome da visita: VICTOR HUGO.

O grande poeta voltou alguns dias depois e apertando a mão de D. Bosco, lhe disse: — Eu não sou o mesmo de outro dia; grancegei apresentando-me como incredulo. Sou Victor Hugo e peço-vos que sejaes meu fiel amigo. Creio em Deus, creio na immortalidade da alma e espero morrer nos braços de um sacerdote catholico que encommende a minha alma ao Creador.

Infelizmente Victor Hugo, como é bem sabido, não teve tempo de realizar o seu desejo.

1884

No trem.

Houve epoca em que D. Bosco viajava frequentemente na estrada de ferro, mais de uma vez encontrou-se com pessoas que, sem o conhecerem, faziam a seu respeito apreciações mais ou menos extranhas. De ordinario, sem dar-se a conhecer, contentava-se com um sorriso.

Um dia, estando em um compartimento quasi cheio, a conversação cahiu precisamente sobre a sua pessoa.

Um senhor de palavra facil e voz vibrante disse:

— O vosso D. Bosco é um mentiroso e intrigante. Tem o maior geito e manha, com o fim de pilhar dinheiro. Pensaes que seja para os meninos pobres? Que ingenuidade! Enriqueceu sua mãe e seu irmão; em seguida mandou construir para si um soberbo palacio e só sáe de carro puchado por uma excelente parelha de cavallos. E' um finorio de primeira força.

Quando o tal acabou essa longa diatribe, D. Bosco que o tinha escutado com grande calma, lhe pergunta:

— Estaes bem certo do que dizeis? Conheceis a D. Bosco?

— Se o conheço! Vejo-o todos os dias e poderia contar-vos cousas bem singulares. Oh! oh!

— Permitti-me que vos diga, que em tudo quanto acabaes de contar, não ha uma só palavra de verdade.

— Desmentis-me; atreveis-vos a dar-me um desmentido? Sois um insolente e merecerieis...

Logo depois chegaram a uma estação; o trem parou e entrou um novo passageiro no compartimento.

Apenas avistou D. Bosco, beijou-lhe a mão e com respeitosa effusão exclamou:

— Oh! meu venerando Padre D. Bosco! Vós aqui! que felicidade viajarmos em vossa companhia!

— D. Bosco! exclamaram todos os passageiros.

— Sim, meus amigos, e eu devo declarar-vos que tudo quanto disse esse senhor é absolutamente falso. Minha mãe não existe: viveu commigo e cuidava dos meninos do Oratorio: meu irmão, já é fallecido tambem, morou sempre na pobre casa em que nascemos, e, quanto ao carro, eu só tenho este em que vou convosco.

Os circumstantes olharam indignados para o calumniador que apressou-se em sahir logo na primeira estação.

Um dos circumstantes que ouviram aquellas injurias, ficou tão impressionado pela calma e brandura com que D. Bosco as tinha supportado que se fez entusiasta Cooperador Salesiano.

1884

O Abbade P\*\*\*.

Em Março de 1884, estando D. Bosco em Menton, o supplicaram que visitasse um velho sacerdote que estava doente á morte.

D. Bosco apressou-se em vel-o e achou-o deitado na cama, quasi desacordado.

— Como se acha, senhor abbade?

Não respondeu.

— Não me ouve?

O pobre enfermo esforçou-se para balbuciar algumas palavras inintelligiveis.

— Não conhece a D. Bosco?

— D. Bosco! ah! sim o conheço.

— Pois bem, sou eu; não me quer dizer alguma cousa?

— Como! sois vós, meu Padre!

E assentando-se na cama.

— Quero levantar-me, exclamou.

Sua irmã que estava presente, lhe disse

— Não percas a cabeça.

— Eu digo que quero levantar-me. Ordenae que não me tragam a Extrema-Unção.

Em verdade, tal era o seu estado, que deviam-lhe administrar os ultimos sacramentos.

Levantou-se, recuperou todo o uso da falla e da razão na manhã seguinte foi ouvir a Missa de Dom Bosco.

E' certo porém que a saude, tão inesperadamente sobrevinda não foi duradoura.

Alguns mezes mais tarde cahiu doente de novo, mas não estava alli D. Bosco para salvá-o.

## 1884

### Padre! Nunca. Prefiro que morra.

Faz quatro annos que uma senhora da aristocracia de Turim, em companhia de seu filho mais moço foi visitar a D. Bosco. Ninguem podia duvidar da piedade dessa familia, pois que o seu chefe, encarregado dos negocios do Governo piemontes, tinha-se voluntariamente recolhido á vida privada, desde *a brecha de Porta Pia*.

D. Bosco, com sua costumada bondade, perguntou por toda a familia e acabou dizendo áquella senhora :

— Que vae fazer de seu filho mais velho?

— Seguirá a carreira diplomatica, como o pae.

— Bem; e do segundo?

— Está na escola militar e, pelos precedentes da nossa familia, não duvido que chegará a ser general.

— Perfeitamente. E d' este ? — accrescentou D. Bosco, apontando para o menino que estava alli com a mãe. — Porque não havemos de fazel-o padre, não é verdade ?

Ouvindo isso a senhora pareceu aterrada e nada respondeu ; porém, logo, como enfurecida, exclamou com energia um tanto rustica : — Padre ! Nunca. Prefiro que morra.

Consternado D. Bosco com tam insolita resposta, procurou chamar a senhora a melhores sentimentos, fazendo-lhe ver ao mesmo tempo que o seu pensamento externado não era uma sentença. Trabalho baldado ! A desditosa mãe repetiu a mesma imprecação e retirou-se muito contrariada.

Oito dias depois, apresenta-se de novo agitada e lavada em pranto :

— D. Bosco, venha, venha dar a benção ao mais moço dos meus filhos que está a morrer.

Quando D. Bosco entrou no quarto do moribundo, o menino toma-lhe a mão e beija-lh'a respeitosamente. Os medicos alli reunidos declaravam ignorar a natureza do mal. O enfermo ouvindo-os, chamou a mãe e lhe disse : — Minha mãe, eu bem sei porque morro..... a palavra de V. M.<sup>cê</sup>..... Lembre-se do que disse a D. Bosco. V. M.<sup>cê</sup> preferiu ver-me morto antes que dar-me a Deus e o bom Deus me chama.

D. Bosco, depois de aconselhar a resignação á familia e prometter-lhe as orações de seus meninos, retirou-se profundamente commovido.

D'alli a pouco foram annunciar-lhe de que a lição divina tinha-se effectuado : o menino estava morto.

1885

## Uma troca.

D. Carlos Viglietti, secretario de D. Bosco, conta o seguinte: «Era o anno de 1885. D. Bosco viajava para Marselha por mim acompanhado. Pediram-lhe que fizesse alli uma conferencia e elle, que não sabia recusar serviço algum, annuiu.

Chegou o dia da festa: devia dizer missa ás oito e em seguida fazer logo a conferencia. A igreja desde muito cedo regurgitava de gente. Deu 7 horas, 7 e meia e D. Bosco, sempre madrugador, ainda não sahia do quarto. Fui vel-o e o encontrei na cama

— Bons dias, D. Bosco; — que é que tem?

— Uma dôr de cabeça que não me permite levantar-me.

— Ah!... E a igreja está cheia: esperam a sua missa e a conferencia annunciada. Como fazer?

— Paciencia! não é possivel, a não ser que tu queiras em meu logar receber a dôr que sinto.

— Dar-me-hei por feliz em sentir a dôr de cabeça de D. Bosco, aliviando-o.

— Pois bem: então eu irei dizer missa e dar a conferencia.

E no mesmo instante me senti com tão grande dôr de cabeça que, quasi sem poder-me segurar em pé, encostei-me á parede e fui logo deitar-me. Apesar do soffrimento, pela singularidade do caso, não podia deixar de rir-me.

Entretanto D. Bosco se levantou, disse missa, pregou, fallou perante numerosa assistencia, até que por volta das 11 1/2 reflectiu:

—Hoje estou convidado para jantar em casa de\*\*\*, é já tempo de seguir para lá, porém não vejo Carlos onde está elle?

—Senhor, está doente e de cama, lhe responderam.

—Ah! é verdade, e correu para mim.

—Levanta-te, levanta-te, Carlos, me disse elle. E eu immediatamente sinto-me completamente são: levantei-me e acompanhei a D. Bosco.

A dôr não voltou mais nem a elle nem a mim.

Às doze horas estavamos jantando na casa supra indicada. »

1885

### A quem agradecer?

Em Janeiro de 1885 um incendio destruiu quasi completamente as officinas de encadernação do Oratorio de Turim. As perdas foram consideraveis. Era preciso providenciar de modo que os meninos tivessem occupação quanto antes; mas para restabelecer as officinas com o restrictamente indispensavel, precisava-se de dez mil francos pelo menos.

Era este o calculo feito poucas horas antes, quando chegou de França ás mãos de D. Bosco uma carta registrada que continha *dez bilhetes de mil francos* sem uma unica palavra de explicação.

Nunca soube-se o nome do generoso bemfeitor.

1886

## As avellãs.

Em o primeiro de Janeiro de 1886, no Oratorio de Turim, os estudantes da quarta e quinta classe de humanidades, orçando por uns oitenta, foram cumprimentar e desejar um bom anno a D. Bosco.

Recebidos com particular ternura, pois eram exemplares, e de virtuosissimo comportamento, n'aquelle instituto: — Meus filhos, lhes disse D. Bosco, bem queria obsequiar-vos.

E o bom Padre, extendendo sua vista em torno, achou um saquinho de avellãs.

Immediatamente começou a distribuil-as á mãos cheias aos estudantes que lhe ficavam perto. Os demais começaram a rir: era evidente que distribuidas com tal profusão, bastariam só para tres ou quatro.

Mas com assombro geral, continuando a distribuição, cada um recebia tantas quantas podiam caber nas mãos.

Quando as tinha dado a todos, por lhe dizerem que tres ou quatro estudantes que estavam ausentes muito sentiriam ficar sem a sua quota, metteu de novo a mão no saquinho e tirou varios punhados.

Um dos que estiveram presentes, dizia depois: — Eu não sei d'onde pode tiral-as, quando já o saquinho estava vazio.

Factos como o citado, occorreram muitas vezes. O proprio D. Bosco, emquanto a sorrir dava aquellas avellãs a seus filhos, dizia-lhes: — Um dia tinham co-

zinhado algumas castanhas n'uma pequena panella; os meus meninos, perto de cem, olhavam para ellas cubiçosamente; pois bem; todos receberam uma porção sufficiente.

Em seguida, com semblante mais grave, accrescentou:

— Em outra festa em que muitas pessoas vieram commungar, não havia senão tres hostias na ambula; não obstante todos commungaram sem que fosse preciso partir as hostias.

1886

Tibi dabo.

Em 1886. D. Bosco visitou Barcellona onde já tinha fundado as *Officinas Salesianas*.

Não vem ao caso referir o enthusiastico acolhimento que lhe fizeram.

Depois de uma reunião, que foi para elle uma verdadeira ovação, o Presidente da Sociedade de São Vicente de Paulo, acompanhado por onze membros, foi ter com D. Bosco e lhe disse:

— Senhor, sabemos que deseja levantar um Sanctuario em honra do Sagrado Coração de Jesus n'esta cidade: consideramo-nos muito honrados e felizes offerecendo-vos para tal fim um vasto terreno que possuímos sobre o monte *Tibi dabo*.

Este monte é o mais bonito e mais elevado de todos quantos circundam Barcellona, e conta a legenda que foi alli para onde Nosso Senhor

transportado, Satanaz lhe offereceu o reino do mundo: *Hæc omnia TIBI DABO, si cadens adoraveris me.* (Math. IV, 9.)

D. Bosco commovido até as lagrimas, respondeu :

— Senhores, acceito com gosto e agradeço de-veras. Sois n'este momento os enviados da Divina Providencia.

Desde que eu parti de Turim para o vosso bello paiz, vinha pensando como poder edificar em honra do Sagrado Coração de Jesus um sanctuario em Barcellona, e, durante a viagem, uma voz murmurou-me constantemente ao ouvido: *Tibi dabo.... tibi dabo.... tibi dabo.... tibi dabo....*

Sim, o Sagrado Coração quer sem duvida ser adorado alli, sobre o monte *Tibi dabo.*

No pincaro d'aquelle monte ergue-se hoje uma graciosa capella, que deverá ser mais tarde substituida por uma vasta egreja.

1886

## Os Salesianos no Chile.

A 10 de Abril de 1886, D. Bosco contou o seguinte sonho que tivera na noite antecedente :

D Bosco chegou a uma altura de ondê via um campo repleto de arvores, cultivado e cortado por veredas e estradas.

Ao querer abarcar com a vista o espaço em torno, chegou-lhe aos ouvidos as vozes de immensa multidão de meninos. Apesar de muitos esforços não pode

conhecer de que parte vinha aquelle ruido. Em seguida ouviu uma exclamação como que annunciando um successo feliz, e logo deparou um numero quasi infinito de meninos que correndo para elle, lhe diziam: *Nos já te esperavamos ha muito tempo, sim! te esperavamos! Finalmente estás aqui! Estás connosco e não te deixaremos ir embora!*

.....

Um pastor que alli chegou com seu rebanho depois de propôr muitos quesitos a D. Bosco, lhe disse: *Olha para este lado, alonga a tua vista, e vós (dirigindo-se aos meninos) observaes tambem e lêde o que está escripto.*

— *Pois bem! o que é que vêdes?*

— Eu vejo montanhas, mar, collinas, e successivamente outras montanhas e mares, respondeu D. Bosco.

— *Eu leio Valparaiso*, gritou um menino.

— *Eu leio Santiago*, bradou outro.

— E eu *Valparaiso, e Santiago*, exclamou um terceiro.

.....

Vejam os agora o que diz o *Boletim Salesiano*, do mez de Outubro de 1887:

No mez de Abril de 1887, Monsenhor Cagliero e D. Fagnano percorreram o Chile. A sua viagem foi uma serie de triumphos.

Visitaram *Santiago e Valparaiso*.

Em *Santiago* o senhor senador Valledor insistiu para que os Salesianos tomassem a direcção de um asylo nacional...

Os orphãos do Estado, de sete a dez annos de idade, ao receberem Monsenhor lhe disseram: *Já fazem dous annos que não cessamos de rogar e de clamar para que D. Bosco nos dê um pae!*

Outros mais pequenos tambem disseram: *As orphãs têm sua mãe (uma congregação religiosa); nós, porém não temos pae. Nosso pae é D. Bosco, mas não chegou ainda.*

Em *Valparaiso*, o dia da chegada de Monsenhor, mais de duzentos meninos, doidos de alegria corriam para os Salesianos, gritando: *Finalmente chegaram os nossos Padres. Bravo! Já estão connosco.*

1887

### Sempre a Providencia.

De todas as Casas Salesianas, uma das que soffreram mais com o terremoto de 23 de Fevereiro de 1887, foi a de Vallecrosia perto de Bordighera. Apenas passada a catastrophe, foi necessario mandar provisoriamente para suas casas a maior parte dos meninos que se educavam no estabelecimento.

Essa extrema medida expunha não poucas almas a grandes perigos.

Vallecrosia é um viveiro de protestantes de reconhecido proselitismo. Os pobres meninos ficavam expostos á contingencia de cahir no fatal erro e perder a fé.

Comprehende-se o interesse de D. Bosco na restauração immediata de tão importante casa,

e ainda, sem saber onde ir buscar recursos, mandou um architecto para avaliar o custo dos concertos.

O orçamento, para dar á casa a segurança sufficiente, foi de seis mil francos; para a restauração completa era necessaria ainda uma grande despeza.

D. Rua, que recebeu o calculo, levou-o a Dom Bosco, que achava-se então no refeitório e perguntou-lhe de onde poderiam obter os seis mil francos, cuja precisão era tão urgente.

D. Bosco limitou-se a responder-lhe com a sua habitual tranquillidade: Deus providenciará!

Quasi no fim da refeição, foi apresentado um velho amigo de D. Bosco e insigne bemfeitor de seus orphãos, o conde de Maistre: «Meu padre, uma tia minha deu-me a seguinte commissão. Ella queria deixar-vos um legado; mas pensando nos inconvenientes e difficuldades que offerecem taes disposições em testamento, preferio ajudar-vos durante a sua vida e remetteu-vos estes seis mil francos».

D. Bosco commovido mostrou ao Conde a carta do architecto:—Veja como Maria Auxiliadora inspirou sua tia. Digne-se de expressar-lhe o meu reconhecimento e dizer-lhe que a sua generosa offerta é inteiramente providencial.





## As palavras magicas de D. Bosco.

---

**E**ra esta a expressão de que costumavam servir-se os meninos do Oratorio para significarem que certas palavras pronunciadas por D. Bosco ao ouvido produziam um effeito tão immediato quão maravilhoso.

Às vezes era sómente uma reflexão, ou uma resposta inesperada, ou um acto na apparencia muito commum; mas que, cheios de unção sobrenatural, produziam extraordinaria impressão.

D. M\*\*\* era Prefeito do Oratorio de Turim. Um dia D. Bosco chamou-o de parte e com estudada seriedade lhe disse:

— Meu bom amigo, escuta; eu quero que tu sejas negociante de azeite.

— Negociante de azeite!

— Sim, negociante de azeite.

— Mas, D. Bosco.... um religioso!

— Sem duvida. Mas tu és Prefeito e deves cuidar do Oratorio. Pareceu-me ouvir ranger algumas portas; um pouco de azeite nas dobradiças tor-nal-as-ha mais brandas.

— Bem, é verdade; porém não vejo porque....

— E por outro lado—acrescentou D. Bosco com ineffavel sorriso e accentuando as palavras — teus irmãos tambem *rangem*.... Quando tratares com elles não te esqueças de trazer comtigo um pouco de azeite.

D. M\*\*\* comprehendeu. Hoje elle é o sacerdote o mais pacato e affavel *Salesiano*, em uma palavra, n'elle se vé que D. Bosco não perdia seu tempo, quando com tanta delicadeza dava-lhe suas preciosas licções.

\* \* \*

Esse bom Pae tinha em suas mãos os corações de seus filhos. Uma sua palavra fazia-os felizes; a sombra de uma reprehensão enchia-os de tristeza.

Uma vez, precisando elle de uma poesia para a festa de uma bemfeitora de suas casas, incumbiu a um de seus discipulos de compôr alguns versos. Infelizmente, as musas mostraram-se surdas ás instantes invocações do poeta, que dessa vez não conseguiu compôr cousa alguma.

Que dirá D. Bosco? Ir deitar-me sem beijar-lhe a mão, oh, isto nunca! Qual! disse comsigo, talvez ter-se-ha esquecido, e, nesse presupposto, mas ainda com algum receio, foi dar-lhe as boas noites.

— E a minha poesia? perguntou-lhe D. Bosco.

— Tentei fazel-a... mas nem uma idea me occorreu.

— Pois então! Já sei a quem hei de dirigir-me para outra vez.

Disse-lhe isto com muita doçura: mas assim mesmo o menino ficou tão afflicto que foi preciso esmerada solicitude de D. Bosco para apagar-lhe a grande commoção que lhe causára.

Passaram muitos annos. Aquelle menino é, hoje, um exímio poeta; entre tanto ainda agora, todas as vezes que se recorda desse incidente sente-se intimamente abalado.

\* \* \*

Uma noite—conta D. Francesca—dado o signal de recolhida não reinou, como de costume, promptamente o silencio, então D. Bosco disse-nos suavemente: *Não estou contente comvosco*, e fez-nos seguir para o dormitório sem offerecer sua mão para lh'a beijarmos. Não podia dar-nos um castigo maior, mais penoso e por todos profundamente sentido.

Daquelle dia em diante, apenas D. Bosco apparecia, podia ouvir-se voar uma mosca. A campainha que até então tinha sido muitas vezes tocada, ficou redusida a um silencio completo. Só o pensamento de que o castigo podia repetir-se, fazia-nos tremer.

\* \* \*

O conde de M\*\*\*, bemfeitor do Oratorio, acabava de morrer de repente. A familia mandou chamar a D. Bosco, que foi encontral-a na maior desolação.

Logo que elle entrou na capella ardente, todos consternados e lacrimosos arrojaram-se aos seus pés.

D. Bosco limitou-se a dizer-lhes: *Onde está a vossa fé?*

Para comprehender a força d'esta expressão é necessario saber-se que a vida exemplar do fallecido

fóra uma continua preparação para a viagem da eternidade: commungava todos os dias e confessava-se cada semana.

Immediatamente a resignação e a calma foram restituídas como que por encanto áquelles corações angustiados.

\* \* \*

Um dia em que D. Bosco aceitou uma refeição na casa do conde de Camb\*\*\*, encontrou-se com um general merecidamente celebre, cujas preocupações religiosas, porém, tinham-no arrastado á indifferença.

O general, durante toda a refeição, não deixou um instante de observar minuciosamente a attitude do notavel *Cura*.

Saindo todos da sala de jantar, cada um fez empenho em pedir algum conselho a D. Bosco, pois dava-os com muita opportunidade e cabimento.

— E' preciso, disse o general comsigo mesmo, que tambem eu vá ter com elle por minha vez; ha de ser curioso ouvir o que me tem de dizer.... Porém, ainda que desconhecesse vexame algum, sentia uma inquietação vaga e indefinida.

Vencendo tão extranha commoção, finalmente se lhe approxima:

— E a meu respeito, Padre, não tem alguma cousa para me dizer?

— Oh! Senhor general, perdoae; tambem tenho que recommendar-vos alguma cousa. Todos aquelles que me cercam, imaginam que o pobre D. Bosco está em vespervas de ser canonizado. Vós, quando menos não seja, *ajudae-me a salvar minha alma!*

E' facil de adivinhar a estupefação do general.

— Obrigado, mil vezes obrigado, D. Bosco, exclamou elle. Sómente vós podeis dar-me um conselho tão franco quão delicado.

O distincto militar não tardou em despir-se da indifferença e do chamado respeito humano e empregar todo o empenho no grave assumpto da sua propria salvação.

\* \* \*

A palavra de D. Bosco, ainda que em extremo humilde e serena, exercia um poder tão manifesto e notorio sobre os corações até sobre os menos bem dispostos, que a propria administração do Estado a respeitava e temia, tanto assim que na epoca em que foi decretado o encerramento do Oratorio, tomara todas as precauções para que D. Bosco não pudesse ser recebido por nenhum ministro.

\* \* \*

Em certa occasião tendo D. Bosco pregado no tocante ao desapego dos bens d'este mundo, logo depois apresentou-se-lhe um cavalheiro que na mesma manhã tinha-lhe emprestado doze mil francos, com a competente escriptura lavrada.

— Aqui tendes, disse-lhe depositando nas mãos de D. Bosco o recibo, um papel que não se faz mais preciso e que podeis rasgar. Vós abristes os meus olhos á verdadeira luz: só Deus! Não ha outro bem, senão Deus!

Pouco depois esse feliz Cooperador abandonou o seculo e renunciou uma avultada fortuna para abraçar a pobreza e viver com D. Bosco.

\* \* \*

As cartas de D. Bosco, ainda que admiráveis, eram tão singelas na apparencia que o seu amanuense ficava admirado a vista dos effeitos que ellas produziam.

Um dia, por exemplo, tendo elle expostos as difficuldades para manter os seus orphãos, a uma pessoa que estava resolvida a não lhe dar nenhuma esmola, apenas recebeu a carta de D. Bosco, de prompto remetteu-lhe uma importante quantia.

\* \* \*

Em 1865, estando D. Bosco em Florença, a multidão que immediatamente o cercára, ficou entusiasmada com a sua doçura e pelo attractivo de suas palavras, de modo que, quando elle annunciou a sua partida, o sentimento de pezar manifestou-se em todos.

— Partir tão depressa!

— Os meninos me esperam.

— O que é que elles precisam?

— Que eu lhes pague o pão.

— E se o pagasse eu? disse uma senhora.

— Oh! em tal caso ficaria ainda uma semana comvosco com muita satisfação.

— Bem! em quanto importa a divida?

— Em doze mil francos.

— Hoje mesmo a tereis. A caritativa senhora cumpriu promptamente a sua palavra e D. Bosco por consequente manteve a sua.



Em 1883, D. Bosco achava-se em Paris, quando um dia se lhe apresentou um cavalheiro, adiantado em annos e de maneiras distinctas, que elle não conhecia, e vinha-lhe pedir um conselho.

Logo depois da troca de cumprimentos, D. Bosco interrompendo o seu interlocutor, lhe disse: — Senhor, celebrae a vossa paschoa.

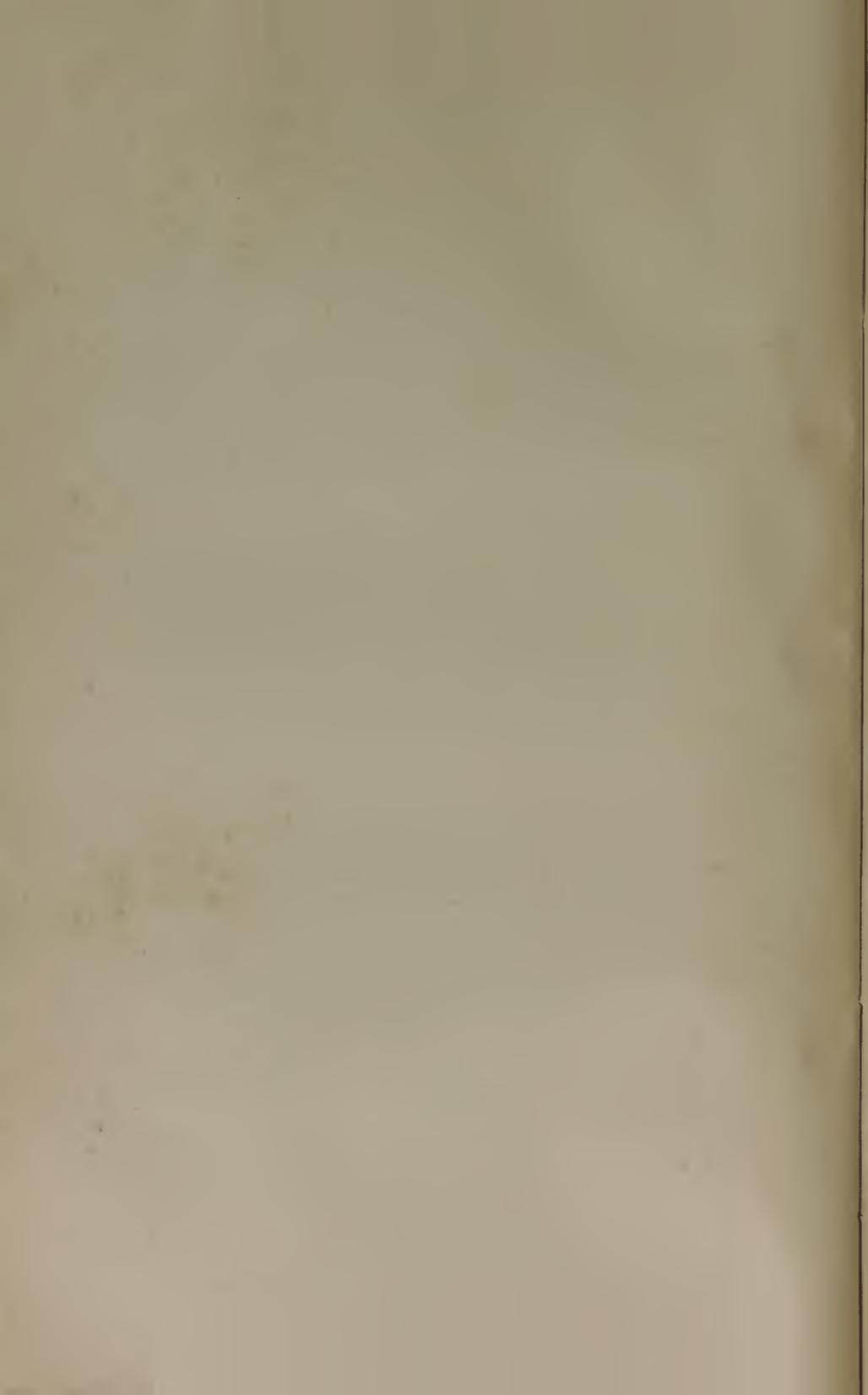
Este, admirado, queria continuar o seu discurso. D. Bosco, porém, com voz suave e penetrante, repetia-lhe: — Senhor, celebrae a vossa paschoa.

Nova extranhez e nova interrupção. Ia fallar outra vez, quando D. Bosco disse-lhe mais uma vez: — Senhor, celebrae a vossa paschoa.

Sem comprehender tão singular insistencia, o cavalheiro sobremodo perturbado, fez ainda uma ou duas tentativas. D. Bosco, porém, não modificou a sua phrase, accentuando-a com tom imperioso mas meigo e acompanhando-a com um olhar e um sorriso indescritiveis, que fizeram penetrar no coração obstinado a *palavra magica*.

O Senhor X\*\*\*, enternecido até ás lagrimas, proclamava depois, que aquelle conselho divino, vindo tão a proposito, tinha reatado uma corrente de graças que desde alguns annos estava interrompida. No dia seguinte elle commungava juntamente com toda a sua familia, e desde aquelle feliz momento a sua vida é de christão exemplar e fervoroso.







## O primeiro Bispo Salesiano.

**H**o Revmo. D. João Cagliero cabe a honra de ser o primeiro Bispo da Pia Congregação Salesiana.

Natural de Castelnuovo de Asti entrou para o Oratorio de Turim na idade de 13 annos. Alli chegou a ser o discipulo predilecto de seu compatriota Dom Bosco, que teve-o quasi sempre a seu lado, até que em 1875 constituiu-o chefe dos missionarios que deviam evangelizar a Patagonia.

E' um homem illustrado e de variados conhecimentos. O seu nome é muito conhecido na republica das artes, sendo muito apreciado o rico repertorio de composições musicaes, especialmente sacras, de que elle é auctor. A paixão para a musica despartou-se nelle desde menino, quando no collegio, cheio d'enthusiasmo, passava longas horas entretido no estudo de piano.

Quando completou quinze annos, o menino Cagliero cahiu gravemente doente, uma febre typhoide complicada com pronunciada congestão cerebral fez receiar muito pela sua vida. D. Bosco não o deixava um instante. Mas, apesar dos cuidados que lhe prodigalizava, a doença foi engravecendo e chegou o dia em que o medico prognosticou tristemente :

— D. Bosco, não ha mais esperança; e preciso preparal-o para bem morrer.

Foram-lhe portanto administrados os ultimos sacramentos e aguardava-se de um momento para outro o desfecho fatal.

Uma manhã D. Bosco, com o coração magoado entrou na alcova do moribundo. Viu então uma pomba, que depois de adejar em volta do leito do menino, deixava-lhe cahir sobre a fronte um ramo de oliveira que trazia no bico.

D. Bosco suppondo-se victima de uma allucinação, approximou-se do leito e viu então junto ao menino Cagliero em torno e sobre a cama uma multidão de seres estranhos.

— São entes humanos por acaso?

Sim; e distinguuiu entre elles dous typos perfeitamente assignalados que parecem comprehender todos os outros; um de physionomia achatada, moreno da côr do cobre e parece infeliz; outro de estatura alta, de aspecto guerreiro, porem com certa expressão de bondade. Ambos inclinados estão contemplando com anciedade o rosto do pequeno moribundo.

D. Bosco sentiu-se como que repentinamente illuminado, e sem poder conter as lagrimas, acerrou-se do menino e depois de fital-o por algum tempo, lhe disse :

— Cagliero, queres sarar ou ir para o Céu?

— Ir logo para o Céu, se é do agrado de D. Bosco.

D. Bosco profundamente commovido encarou-o com indizível ternura e exclamou:

— Não, meu querido filho, ainda não é tempo. Vaes sarar; serás clérigo, sacerdote, e um dia missionario com o breviario debaixo do braço, percorrerás o mundo em busca de almas para salvar.....

(O proprio Monsenhor Cagliero é quem referiu este estrondoso e singular acontecimento em uma conferencia aos Cooperadores Salesianos, na igreja de Maria Auxiliadora, em 23 de Maio de 1888).

Com effeito, o menino sarou, recebeu a ordem do sacerdocio, graduou-se em theologia, foi missionario e finalmente em 1884 foi consagrado Bispo de Magida.

Ao terminar a solemne e imponente cerimonia da sagração, o novo Bispo, tendo abraçado a sua velha mãe, encaminhou-se para D. Bosco, que o esperava descoberto com o barrete na mão. O Revmo. D. Cagliero se approximou delle com as mãos occultas entre as vestes; não tinha consentido a ninguem, nem mesmo a sua mãe, que lhe beijasse o anel pastoral. Mas D. Bosco quiz apertar-lhe a mão e levá-la aos labios. Então o Bispo abraçou-o; e lagrimas de ternura manifestavam tanto o amor do pae como do filho e, depois d'esta scena commovente, D. Bosco foi o primeiro a beijar o anel do Prelado.

Outro factó admirando: D. Bosco sabia que o Revmo. D. Cagliero lhe assistiria nos ultimos mo-

mentos. Não parecia isso provavel, visto que em 1885 o Bispo tinha regressado para a America do Sul; e durante a ultima doença de D. Bosco, achava-se na Patagonia, e de mais a mais infelizmente, a 3 de Março de 1887, uma queda terrivel tinha-o condemnado a prolongada immobibilidade. Na passagem da cordilheira dos Andes, o cavallo despenhou-o no meio dos rochedos e precipicios, e só por milagre explica-se o não ter morrido no mesmo instante. Quando o recolheram, viu-se que tinha quebrado varias costellas e havia graves contusões. A circumstancia era tanto mais critica, quanto achava-se longe de uma só habitação sendo de mister andar centenas de legoas para encontrar soccorros medicos.

A noticia de tão triste accidente produziu grande e geral consternação no Oratorio. Sómente D. Bosco não manifestou temor algum.

Algum tempo após, parecia que o venerando Padre succumbisse sob a aggravada, violenta e antiga enfermidade. Temia-se que uma vida tão preciosa se extinguisse de um momento para outro.

Emquanto, via-se pintada a maior inquietação nos semblantes de todos que o iam visitar, elle dizia serena e invariavelmente: ainda não... *depois, depois*. Esperava seu amado filho, que effectivamente chegou a Turim a 7 de Dezembro de 1887.

Ao apresentar-se o Exmo. Bispo, D. Bosco exhalou um profundo suspiro de alegria e consolação. Como tinha previsto, foi o seu filho Bispo quem lhe administrou os ultimos sacramentos, rezou á sua cabeceira as preces dos agonizantes e recebeu o seu derradeiro suspiro.

---

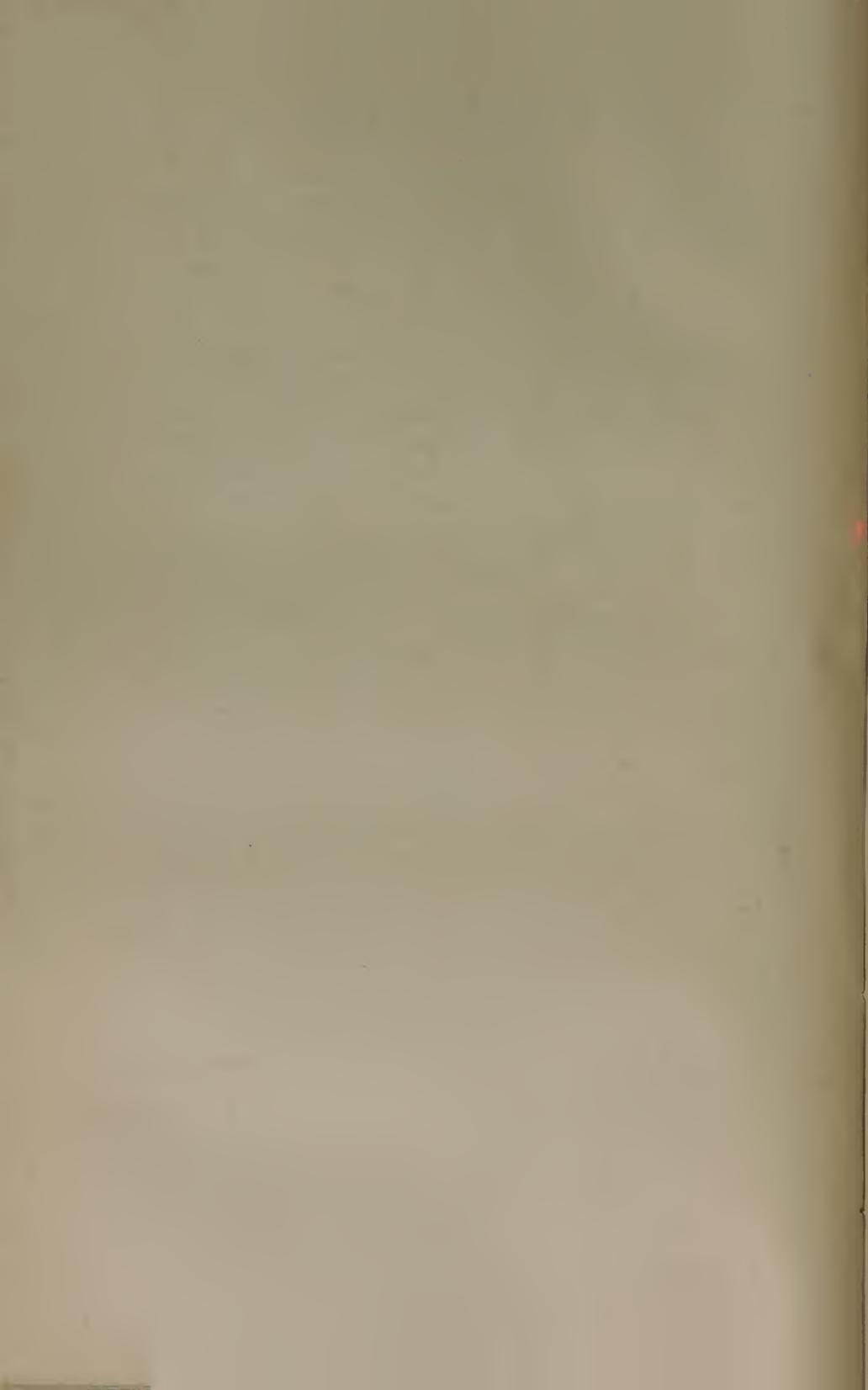
Outras importantes predicções fez D. Bosco relativamente ao primeiro Bispo Salesiano, que seguramente serão cumpridas como as demais.

\*  
\* \*

Depois da morte de D. Bosco, muitas graças e extraordinarias curas provam que o Padre amante e amado vêla sempre por seus filhos.

Que nunca possa desfallecer a fé dos Cooperadores de S. Francisco de Sales por quem elle tão entranhadamente se estremecia! Têm elles agora no Céu um poderoso protector.







## RETRATO DO SALESIANO

---

No precioso opusculo *D. Bosco e a sua Obra*, do eminente Bispo de Milo (1), achamos um *fiel retrato do Salesiano*, que de muito bôa vontade reproduzimos:

«Deve-se a D. Bosco uma criação: a criação do Salesiano.

«O Salesiano não é o Jesuita, soldado, para assim dizer, do esquadrão sagrado, da milicia escolhida que a Igreja destaca contra seus mais ferozes inimigos e principalmente contra este mundo moderno, tão cheio de soberba, tão infatuado de sua sciencia e de seu valor; não é o Capuchinho, o frade mais popular entre todos os frades, com suas austeridades e rigores, com seu menosprezo dos bens terrenos e na extrema pobreza interior e exterior, que se admira; não é o Benedictino que mora nas solidões e passa a sua vida

---

(1) Actualmente Bispo de Malaga.

entre o estudo, o canto dos divinos louvores e o cultivo da terra; não é o discipulo de José de Calasanz, bem-feitor em alto grão, benemerito da Igreja e da sociedade, mas consagrado a uma unica tarefa; não é... nada d'isto.

«O Salesiano é o homem da abnegação e todo da humanidade, que vive morto sem pensar em si, que faz o bem, pensando que nada faz, que sacrifica-se sem de tal aperceber-se e ainda quasi ignorando-o, e que chegada a ultima hora, julga-se o ultimo entre os servidores da Igreja. Elle vae onde o mandam: toma as cousas e as accêita como lhe são dadas e fabrica seu ninho igualmente entre os florescentes ramos da arvore copada, como na pedra ponteaguda de duro e nudo rochedo. As suas virtudes caracteristicas são não queixar-se nunca, ainda que tudo venha contrarial-o, e nunca desfallecer, esperando sempre na Providencia.

«O Salesiano tem alguma cousa da energia, da actividade, da elevação e largueza de vistas e da encontrastavel firmeza do Jesuita: alguma cousa da popularidade do Capuchinho; um pouco do recolhimento e dos habitos de trabalho do monge; um pouco, em summa, de todos os Institutos religiosos conhecidos, sendo entretanto um typo novo e singular.»

*Lavoro! Lavoro!* Trabalho! trabalho! era a re-commendação querida de D. Bosco a seus filhos.

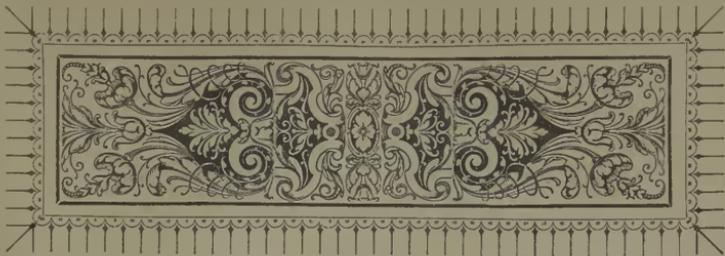
Um Salesiano trabalha por tres. Os varios fins a que a Congregação se propõe permitem utilizar todas as aptidões e todas as boas vontades. Se essa Instituição admiravel fosse universalmente conhecida, não tardaria em contar com o infinito numero de obreiros tantas vezes patenteado pela Divina Providencia a

D. Bosco nas visões nocturnas. Quantos jovens em França sentem-se impellidos a conchegar-se ao coração da Igreja! Essa necessidade de abnegação e generosidade, graças a Deus, peculiar ao nosso temperamento religioso, encontra um campo sem limites na Obra Salesiana. A Congregação em seus multiplos trabalhos, como sejam: Internatos, Patronatos, Obras da Juventude, Serviço de egrejas, Missões etc., corresponde a todas as inclinações.

As Irmãs de Maria Auxiliadora a tudo attendem: escolas, asylos, reuniões dominicaes e coadjuvam os Salesianos nas missões, já instruindo os pobres indigenas na religião, já ensinando-lhes uteis trabalhos.







## ALGUNS PENSAMENTOS

DE

**DÓM BOSCO**

Que mais faz o mundo senão encher de terra os  
nossos corações?

\* \* \*

Oh! se se comprehendesse bem o inestimavel  
valor da obediencia!

\* \* \*

Não cesseis de estudar e praticar a humildade e  
a caridade.

\* \* \*

O exemplo dos bons seja a vossa norma de  
conducta.

\* \* \*

Pensae e ficae certo que os espinhos da vida, na hora da morte se convertem em rosas.

\* \* \*

Com idéas revolucionarias ninguem vae para o Céu.

\* \* \*

Examinae se todas as vossas acções tendem á gloria de Deus.

\* \* \*

Não é por um jardim que se chega ao Paraiso.

\* \* \*

Mais obras e menos palavras.

\* \* \*

Podeis trabalhar e não trabalhaes: repelli para bem longe de vós, de uma vez, a preguiça.

\* \* \*

Se quereis progredir no estudo, trabalhae mais para o Céu.

\* \* \*

Porque receiaes a fadiga? Ficar á acaso sem recompensa?

\* \* \*

Se desprezardes os bons conselhos, debalde trabalhareis para a alma e para o corpo.

\* \* \*

Procurae um verdadeiro amigo; se o encontrardes, observae o que elle vos disser.

\* \* \*

Recebei amiude o Pão dos Anjos e conquistae a rainha das virtudes.

\* \* \*

Ninguem se faz sancto n'um dia.

\* \* \*

É necessario dar cada dia um passo para se chegar ao Paraíso.







## À BORDA DO ABYSMO

---

**S**ae o feretro. À porta da mansarda  
Uma creança tristemente chora;  
Tem fome, mas o lar 'stá frio e triste...  
Sua mamãe tão bôa foi-se embora!

« Mamãe! mamãe!... » exclama em voz afflicta,  
Como se ella o podesse ouvir de lá...  
« Tenho somno... conchega-me ao teu collo...  
Ai! como o leito regelado está!... »

Sosinho! sem ninguem! pregado á porta,  
Espera pela mãe inutilmente;  
Alguem lhe explica que a mamãe não volta,  
E elle entra a soluçar convulsamente ...

Pão! Quem lhe dará pão?! O pobresito  
A pensar nisso longas horas fica,  
E o instincto infantil apenas diz-lhe  
Que o vá pedir n'alguma casa rica.

Vae, uma vez, mais outra ... e todo o dia  
Eil-o na rua a mendigar mesquinho ...  
À noite dorme onde acontece; a roupa  
Cae-lhe em farrapos sujos, coitadinho!

Cresce assim. Ao passar pelas escolas  
Nem ao menos lhe bate o coração!  
Ai! procura alimento e não suspeita  
Que ha naquelles celleiros outro pão ...

O pão que fortalece a intelligencia,  
A luz que guia o espirito na treva ...  
— Pobre ceguinho, como o cão das ruas  
Que do instincto animal jamais se eleva

Para a vida moral, desamparado,  
Só, pelo mundo, o que será de ti?! ...  
O crime alem te espera, porventura,  
O vicio tredo e infame te sorri ...

Quem te dará soccorro no perigo  
E salvará teu fragil coração?!  
Oh Deus! protege a flor dessa innocencia  
Exposta assim do mundo á corrupção!

Dá-lhe uma alma que acolha-a no seu seio,  
Manda-lhe um anjo á borda desse abysmo,  
Um mestre, um pae... a tenda do trabalho,  
E o livro divinal do cathecismo!

Senhor! como este, tantos pequeninos  
Rolam a tôa pelo mundo alem,  
Sem crenças, sem amor, pobres famintos  
De luz e pão, perdidos para o bem!

Ah, Senhor! Tu, que és Pac dos desgraçados.  
Tu, que és tão bom, tão liberal comnosco,  
Para acudir aos orphãos sem abrigo  
Espalha, espalha os filhos de D. Bosco!

Inspira aos teus amigos, aos teus crentes,  
Que escutem sua voz e no seu manto  
Deixem cahir o obolo sagrado  
Que vae seccar de uma orphandade o pranto.

E erguer o asylo, o tecto hospitaleiro  
Que arranca ao vicio e á dor victimas mil...  
Deus das nações! Que a arvore de D. Bosco  
Cresça do sul ao norte do Brazil!...

Bahia, 19 de Setembro de 1895.

AMELIA RODRIGUES

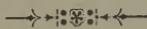




ULTIMOS DIAS

DE

**DOM BOSCO**







## ULTIMOS DIAS DE D. BOSCO

---

### A DOENÇA

(Extrahido do BOLETIM SALESIANO)

O *Diario da ultima doença de D. Bosco*, publicado á instancia dos nossos Cooperadores, é um extracto dos apontamentos feitos com minuciosa solicitude, quer por D. Carlos Viglietti, secretario do venerando enfermo, quer por outros Irmãos. Além dos nomes dos superiores apparecerão nessa relação os de outras pessoas menos conhecidas. Os nossos leitores comprehenderão, que usando tão escrupulosa exactidão empenhamo-nos para que taes apontamentos nada percam de seu valor.

O *Diario da doença de D. Bosco*, rico em ensinamentos preciosos, pôde dividir-se em quatro periodos: *Primeiras tristezas, Angustias, Esperanças, Luto.*

1887

## I. — Primeiras Tristezas.

2 de Dezembro.

D. Bosco receia que dentro em breve não poderá mais celebrar o sacrificio da Missa. Dil-a com bastante difficuldade e em voz muito baixa no oratorio privado, contiguo ao seu quarto, vendo-se obrigado a interrompel-a varias vezes por causa da profunda commoção que o domina.

O sacerdote que pelo espaço de ha já tres annos o assiste na celebração do sancto Sacrificio affiança ter notado grande prostração. Começou nos ultimos mezes a não se voltar para dizer o *Domínus Vobiscum*; agora já faz um mez que senta-se emquanto os fieis recebem a sagrada communhão das mãos de outro sacerdote. Faltam-lhe até as forças para recitar depois da Missa as tres *Ave Maria* e os *Oremus*, acontentando-se com acompanhar mentalmente nessas orações o sacerdote que as diz por elle.

Apezar de tudo, alguns dias, permittindo-o o tempo, sae a passeio de carro, por prescripção do medico e apeia-se para andar um pouco, amparado por outros. Esperamos.

3 de Dezembro.

GÓZO NO SOFFRIMENTO.

D. Bosco passou mal a noite. Pela manhã não podendo dizer a sancta Missa, ouviu-a e commungou. As palavras: *Ecce Agnus Dei* poz-se a chorar lagrimas de amor para com Jesus Sacramentado. Mostra-se contente. Emquanto lia-se um jornal, ria e gracejava naturalmente.

4 de Dezembro.

DOM BOSCO E DOM CERRUTI.

Pela volta das 6 1/2 horas da tarde chamou a Dom Francisco Cerruti (1) e logo que compareceu lhe disse: — *Não tenho nada de importante para te comunicar: sómente desejo fallar um pouco contigo, a fim de que me dês contas dos negócios da casa.* — É a primeira vez, desde que D. Cerruti acha-se em Turim, que D. Bosco o chama expressamente para tal assumpto. Depois de conversarem longo tempo, D. Bosco deu-lhe um conselho e fez-lhe uma recommendação. Em seguida perguntou-lhe pela sua saude, com um affecto, pôde-se dizer- mais paternal que de costume, e lhe disse: — *Cuida de ti mesmo; sou eu, D. Bosco, que t'o digo e t'o ordeno. Faze por ti o que farias por D. Bosco.* — Ouvindo estas palavras D. Cerruti sentiu-se profundamente comovido. Então tomando-lhe a mão disse: — *Coragem, querido D. Cerruti... no paraizo estaremos alegres.* — O dito sacerdote retirou-se chorando.

6 de Dezembro.

AS FORÇAS DIMINUEM. — PARTIDA DOS MISSIONARIOS  
PARA QUITO.

Faz quatro ou cinco dias que D. Bosco vae peorando sensivelmente. Hontem á tarde teve febre e dôr de cabeça. Esta manhã levantou-se ás oito horas. Já ha dias que não pôde celebrar a sancta Missa; ouve-a e communga sempre. Esta tarde, embora cançado, quiz descer á igreja para assistir a funcção do adeus dos Missionarios que vão para

---

(1) Director dos estudos em toda a Congregação.

Quito. Entrou no presbyterio, amparado por seu secretario e pelo acolyto D. Angelo Festa, enquanto D. João Bonetti em eloquente sermão fazia a despedida dos Missionarios.... Porém o sermão mais bonito e mais efficaz fel-o o pobre D. Bosco. só com presenciar, em tal estado de saude, aquelle acto e com dar a sua benção aos filhos que enviava ao Equador.

Toda a gente levantava-se para vel-o. Monsenhor Leto, depois da benção com o Sanctissimo Sacramento, dirigiu algumas palavras aos Missionarios, deu-lhes o adeus de partida e abençoou-os. Era uma scena em extremo commovente. Os Missionarios passaram um a um a saudar e a beijar a mão a D. Bosco. Choravam e tambem D. Bosco e todos os circumstantes choravam com elles... Abraçaram pela ultima vez os irmãos da Casa e logo sahiram pela porta principal da egreja. A gente apinhava-se para beijar-lhes as mãos. Quantas expressões compassivas se ouviam a respeito do estado do veneravel ancião! Quantos choravam! Quantos abençoavam aquelle homem de Deus e chamavam-no Sancto!

Atravessando o pateo, D. Bosco foi aclamado pelos meninos e cançado recolheu-se ao seu caposento.

7 de Dezembro.

#### CHEGADA DE MONSENHOR CAGLIERO.

Uns vão, outros vêm. Á dor da partida succedeu o regozijo do regresso. Hontem partiram os Missionarios para Quito; hoje ás duas horas da tarde chegou da America Monsenhor Cagliero. Não é facil descrever a immensa alegria dos meninos e as suas manifestações de amor cordial e sincero. Bellas inscripções collocadas por cima das sacadas da casa saudam affectuosamente

o Bispo Salesiano; bandeiras de diversas nacionalidades ornaram o vasto pateo; mil exclamações, mil vivas, misturados com o som da banda de musica, resoam em todo o Oratorio. O encontro de Monsenhor com D. Bosco foi cordialissimo. O sancto ancião estava em seu aposento. Abraçou estreitamente o filho e chorando como uma creança, quiz beijar-lhe o anel. As suas primeiras palavras foram: *Como estás de saude?*

Com Monsenhor Cagliero chegaram tambem tres senhores chilenos e dois missionarios, D. Antonio Riccardi e D. Valentim Cassini.

8 de Dezembro.

O BISPO DE LIÉGE.

O dia da Immaculada! Que sacrificio para D. Bosco em não poder celebrar a sancta Missa! Teve hoje de conformar-se, e ouvir a de seu secretario e receber a sancta communhão. Comtudo mostrou-se alegre. Se lhe perguntam pela sua saude, responde sempre que está muito bem. Diz algumas palavras chistosas sobre seus achaques e fallando das suas costas, que cada dia se vão dobrando mais, repete os seguintes versos, mui conhecidos no dialecto piemontez:

Oh schiña, povra schiña,  
T'as finì d'portè basciña.

*Oh! costas, pobres costas, acabastes de levar a carga.*

E não só com palavras procura consolar o nosso coração tão abatido por ver que elle peiora cada dia mais, mas serve-se de todos os meios possiveis para nos consolar. Esta noite, summamente fraco e quasi sem poder mover-se, foi acompanhado por dois sacerdotes ao refeitorio.

Foi tão sómente para estar em companhia de seus filhos, pois que ha dois dias que não pôde comer cousa alguma. Nós estávamos tristes, e bem sabe Deus com que affecto o sustentávamos, a fim de que elle pudesse andar mais facilmente. Alegre porém como sempre, recitava os seguintes versos piemontezes, que um dia tinha composto com pena das suas pernas:

Oh gambe, povre gambe,  
 Che sie drite, che sie strambe.  
 Seve sempre 'l mè confort,  
 Fiña a tant ch'i sia nen mort.

*Oh! pernas, pobres pernas, quer direitas, quer tortas,  
 sede sempre o meu conforto até á morte,*

Hontem pela tarde chegava ao Oratorio o Bispo de Liege, na Belgica, para obter a fundação de uma Casa Salesiana na dita cidade. No dia 8, festa da Immaculada, reúnem-se os Superiores com D. Bosco, que responde affirmativamente em favor da pretensão, embora no dia precedente se pronunciasse contra. Teve porventura alguma inspiração? Deus sabe.

D. Bosco no refeitório foi encostado no braço d'este venerando Prelado. No fim da refeição o Revmo. senhor Bispo quiz repetir a mesma cortezia, D. Bosco porém, não consentio, agradecendo-lhe de todo o coração. A ternura d'este exímio Prelado que sente tanto affecto para o nosso amado Padre, commoveu a todos.

A noite D. Bosco veiu para a ceia com os outros. minutos depois porém, viu-se obrigado a retirar-se. — *Tenha coragem, D. Bosco, disse-lhe alguém, havemos de ouvir a sua Missa de ouro.* A estas palavras D. Bosco parou e virando-se para quem as proferira, respondeu: — *Sim, sim, veremos; a Missa de ouro! são cousas graves, são cousas graves!*

9 de Dezembro.

## PRIMICIAS DA TERRA DO FOGO.

Pela manhã Monsenhor Cagliero apresenta ao nosso bom Padre uma superiora das Irmãs de Maria Auxiliadora, a Irmã Angela Valesse de Lú, chegada da Patagonia e a Irmã Thereza Mazzarello, do Uruguay, as quaes depois de dez annos regressavam á patria para verem a D. Bosco.

Trouxeram consigo uma menina de doze annos, que o nosso missionario D. José Fagnano tinha salvado com outros selvagens na primeira excursão á Terra do Fogo. Monsenhor apresentando-a disse: *Aqui está, prezadissimo D. Bosco, uma primicia que lhe offerecem seus filhos ex ultimis finibus terræ.* — A pequena ajoelhou-se aos pés de D. Bosco, com accento semi-barbaro, fallou assim: — *Agradeço-vos, meu bom Padre, por terdes mandado vossos missionarios a salvar a mim e aos meus irmãos. Elles nos fizeram christãos e abriram-nos as portas do Céu.* — Sorria D. Bosco e deslizavam-lhe pelas faces abundantes lagrimas, vendo esta preciosa flôr, vinda d'aquellas terras tão longinhas que tinha sido sempre o objecto de sua particular affeição.

10 de Dezembro.

## MARIA NOS GUIA.

D. Bosco passou muito mal a noite. Na anterior já tinha dito a D. Celestino Durando que o acompanhava: — *Que má noite terei que passar! Paciencia! Faça-se a vontade de Deus!* Perdia as forças. Mas ainda disse: — *Até agora caminhamos sempre sobre terreno firme: não podemos errar: é Maria que nos guia.*

11 de Dezembro.

QUERIDA VISITA.

Recebe com grande contentamento a visita de um antigo alumno. Parece remoçar, recordando aos seus companheiros as aventuras de outros tempos e especialmente a manifesta protecção de Deus em todas as suas obras. Convida este a voltar com seu filho para passar as festa do Natal em Turim.

12 de Dezembro.

UMA COLHEITA.

Este anno D. Bosco, por um d'esses delicados pensamentos que tão frequentemente lhe occorria, observou, como retarda o tempo da vindima da videira que está diante das suas janellas. Devendo chegar Monsenhor Cagliero, quiz esperar, a fim de que elle tambem participasse da colheita. Nesse dia, entreteve-se em ver seus filhos que em companhia de Monsenhor apanhavam preciosos cachos de uvas e comiam-nas com satisfação. A dita vindima foi honrada tambem com a presença de outro Bispo e de um provincial dos Irmãos das Escolas Christãs.

14 de Dezembro.

POR POUCO TEMPO.

De ha muito que um dos seus maiores gozos é ver sempre ao seu lado. os irmãos mais antigos, demonstrando intenso pezar quando, por dever ou por actos de caridade, algum d'elles tem de se ausentar. D. João Francesia chegou esta tarde de uma missão; ao saber D. Bosco que devia de novo apartar-se, com demonstrações de surpresa e pezar, exclamou: — *Resta-me muito pouco tempo para ficar convosco; é preciso que procuremos passal-o sempre juntos.*

15 de Dezembro.

## FAREMOS ECONOMIA DEPOIS.

Ha mais de duas semanas que D. Bosco não pôde celebrar a sancta Missa, embora ainda a ouça e comungue diariamente.

Tendo sabido que varias familias de Alassio soffrem por causa do tremor de terra do mez de Fevereiro do anno passado, mostrou grande compaixão. Disse então a D. Cerruti que escrevesse ao Director do Collegio, Snr. Rocca, autorizando-o a fazer tudo quanto julgasse opportuno e prudente em tal circumstancia. — *Para soccorrel-as faremos economia outra vez, concluiu, agora soccorramos ao proximo.*

16 de Dezembro.

## RECORDAÇÕES ANTIGAS — O CARDEAL ALIMONDA.

Esta tarde D. Bosco sahiu de carro com D. Miguel Rua e seu secretario Snr. Viglietti. Na conversação citou varias passagens de poetas latinos e italianos, recitou trechos longos pondo em relevo as suas bellezas moraes e religiosas. Isto mostrava a memoria maravilhosa de que era dotado, pois não tinha lido mais os autores que citava desde a juventude quando frequentava as classes de latinidade. Na volta encontrou-se com o Emo. Cardeal Alimonda que passeava pelo portico da rua *Vittorio Emmanuele*, e apenas o Cardeal avistou-o, exclamou: — Oh! D. João, D. João! Approximou-se immediatamente, subio no carro e abraçou-o com ternura. Muita gente tinha parado para ver esta piedosa scena.

Mais de um exclamou: — *Como se querem!* Continuaram os dois sós no carro até a *Cernaia*, e, apeiando-se o Cardeal, reentraram D. Rua e D. Viglietti e acompanharam

D. Bosco até o Oratorio. Logo que acabou de subir as escadas a muito custo, disse a D. Rua: — *Já não poderei mais subir estas escadas.*

17 de Dezembro.

TALVEZ SEJA A ULTIMA VEZ QUE EU TENHA FORÇAS  
PARA CONFESSAL-OS

D. Bosco está muito abatido. Não podendo confessar os meninos todas as manhãs, consagrava as tardes das quartas feiras e sabbados para este sagrado ministerio. Esta tarde vieram cerca de trinta meninos das classes superiores. Ponderou-lhes o acolytho D. Angelo Festa, que não achava conveniente que D. Bosco os confessasse por estar muito prostrado. Os meninos não se demovem, mostrando assim o vivo desejo que tinham de fallar com o amado Pae. Então o referido acolytho foi ter com D. Bosco, que a principio julgou não poder resistir a tão insano trabalho; mas reflectindo um pouco, disse: — *Talvez seja a ultima vez que poderei ainda confessal-os!*

O acolytho, mais prudente lhe aconselhava que não confessasse, observando-lhe a febre com que estava e a respiração já muito affegante. Mas elle commovido repetiu: — *Pode ser a ultima vez; assim dize-lhes que venham.*

E confessou-os, sendo effectivamente estas as ultimas confissões que elle ouviu.

18 de Dezembro.

APPREHENSÕES.

A saude de D. Bosco está peorando de dia para dia. Não pôde ter-se em pé: é transportado em uma cadeira de rodas. Hoje se fez a *exposição* dos objectos

trazidos da Patagonia por Monsenhor Cagliero. Convidados alguns bemfeitores e amigos, D. Bosco se entreteve com elles no refeitorio, demonstrando-lhes particular affecto. Voltando ao seu quarto, disse ao Snr. Reffo: — *Meu caro, muito te amei sempre e sempre te amarei: acho-me no fim dos meus dias; reza por mim, que eu rezarei por ti.*

19 de Dezembro.

DESEJO IR JÁ PARA O PARAISO.

D. Bosco tem sido visitado por varios distinctos personagens do Chile que vão a Roma. Um d'elles, vendo-o tão prostrado, lhe disse: — *Nós rogaremos muito a Deus, a fim que o livre de tantos incomodos e o conserve ainda por muitos annos.* — D. Bosco respondeu-lhes: — *Desejo ir já para o Paraiso: de lá poderei trabalhar com mais efficacia em prol da nossa Pia Congregação e em favor dos meus filhos e melhor protejel-os. Aqui não posso já fazer quasi nada em bem delles.*



## II. — Angustias.



20 de Dezembro.

ULTIMA SAHIDA — BOM FIM.

O pobre D. Bosco respira com muita difficuldade e é obrigado a recolher-se ás 7 horas da tarde e levantar-se ás 10 da manhã. Ouve no leito a sancta Missa e alli recebe a communhão. Até ás 12 horas dá audiencia aos bemfeitores de suas obras e ás pessoas extranhas que vêm tratar de varios assumptos. Faz já quarenta annos que consagra todas as manhãs a dar conselhos, abençoar, consolar, soccorrer e animar a todos que se dirigem a elle. Tem sido esta uma das occupações mais pesadas da sua vida. Esta manhã achou-se extremamente exhausto de forças.

Pela tarde sahiu a passear de carro (foi a ultima vez). Levaram-no para baixo n'uma poltrona. Apezar das instancias de seus filhos que o queriam ajudar foi a primeira vez que permittiu que o transportassem assim e foi tambem a ultima. Acompanhavam-no D. João Bonetti e D. Carlos Viglietti, e durante o passeio, lhe communicavam o grande numero de irmãos que desejavam ajudal-o. Elle calava-se escutando commovido; mas disse de repente: — *Viglietti, logo que chegarmos a casa lembra-te d'escrever em meu nome estas palavras para todos os Salesianos: OS SUPERIORES SALESIANOS TENHAM SEMPRE MUITA BENEVOLENCIA PARA COM SEUS INFERIORES E ESPECIALMENTE TRATEM BEM E CARIDOSAMENTE OS CRIADOS.*

Na volta, quando chegou á rua *Regina Margherita*, um desconhecido fez parar o carro. Quem era elle? Um bom senhor de Pinerolo que fôra um dos primeiros meninos do

Oratorio. Com quanto gosto tornou a vel-o D. Bosco! Esse senhor tinha vindo a Turim para arranjar alguns negocios e quiz visitar a D. Bosco. Sabendo que deveria passar por aquelle logar, esperava-o no meio da rua. — *Caro Amigo*, lhe disse D. Bosco, *como vão os teus negocios?*

— *Assim, assim*, respondeu o cavalheiro; *roguae por mim.*

— *E quanto a alma, como vae?*

— *Procuro ser sempre digno alumno de D. Bosco.*

— *Obrigado, bravo! Deus te pagarà. Roga tu tambem por mim.* E despediu-se d'elle, abençoando-o e dizendo-lhe: — *Recommendo-te a salvação da alma: vive sempre como bom christão.*

Chegando em casa, já nos seus aposentos, disse benevolamente ao Snr. Berrone, o principal dos que com um empenho vivissimo tinham-se offerecido para leval-o na poltrona: *Toma nota de tudo; pagar-te-hei um dia tudo por junto.* Pouco depois chegou o Snr. Dr. Albertotti, que achando-o muito mal, obrigou-o a deitar-se.

Em seguida, interrogado pelo Snr. Festa como se sentia, respondeu commovido: — *Agora não hei de pensar senão em ter um bom fim.* Disseram-lhes que com um pouco de repouso sentir-se-hia melhor; elle, porem, repetiu: — *Só falta agora tudo acabar bem.*

Durante o dia escreveu sobre uma estampa estas palavras: *Maria, tu nos ab hoste proteges et mortis hora suscipe.* E escreveu sobre outra em italiano: — *Maria, l'aiuto tuo forte, dà in punto di morte all'anima mia.*

21 de Dezembro.

DIAGNOSTICO ALARMANTE.

D. Bosco peora visivelmente, sente a todo momento muita vontade de vomitar. Nada lhe appeteece. Esteve de cama todo o dia. A respiração cada vez é mais offegante e a febre não o deixa. O medico a todos consternava dizendo :

*Se o doente continuar assim, não terá mais de quatro ou cinco dias de vida.* — Não obstante, elle está tranquillo e de vez em quando pronuncia um ou outro dito engraçado.

A's 8 1/2 horas da noite, contou: — *Hoje pela volta das quatro horas, pensei que nada me faltava para morrer. Tinha perdido os sentidos. Agora sinto-me menos mal. Tomou um pouco de sopa e em seguida, disse rindo-se com ar de graçaço ao secretario: — Viglietti, da-me um pouco de café gelado... porém que esteja quente. E ria-se.*

22 de Dezembro.

VOU PARA A ETERNIDADE — D. BOSCO E SEUS FILHOS — OS  
DOUTORES — O CARDEAL ALIMONDA — O CONFESSOR.

Aggrava-se em extremo o estado de D. Bosco, nada conserva no estomago. A's 12 horas disse ao secretario: — *Convem que não estejas só. Preciso que outrem te acompanhe para poder dar-me a extrema uncção.*

— *D. Rua não sae do seu quarto, muito perto d'aquí; é sempre prompto. Quanto ao mais V. Revdma. não está tão mal para assim fallar, lhe respondeu.*

— *Sabe-se, replicou D. Bosco, sabe-se em casa do meu estado grave?*

— *Sim, D. Bosco, não só em casa, mas tambem em todas as outras casas e talvez por toda parte, e todos rezam por V. Revdma.*

— *Afim de que eu sare? Eu vou para a Eternidade.*

Está sobremodo enternecido e a todos que d'elle se approximam dá-lhes um adeus saudoso como se tivesse de deixal-os em breve. A D. Bonetti elle disse: — *Sê sempre o auxiliar de D. Rua.* — Ao secretario: — *Faze com que esteja preparado o Sancto Viatico. Somos christãos e offereço a Deus a vida com muito gosto.*

As 12 1/2 horas vieram tres senhores da Belgica. Permittiu que entrassem com tanto que promettessem rezar

por elle. Abençoou-os, e — *Promettei-me*, lhes disse, *de pedir por mim, pelos Salesianos e especialmente pelos Missionarios.*

A um jovem sacerdote salesiano, recommendou: *Dize a tua mãe que eu a saúdo, que trate sempre de educar christãmente a familia, que rogue tambem por mim; sê sempre um bom sacerdote e salva muitas almas.*

Insiste sem cessar para que tudo esteja preparado em ordem a receber os ultimos sacramentos.

As 2 horas da tarde o mal sóbe de ponto, assim mesmo dirige a palavra a Monsenhor Cagliero: — *Procura dizer ao Snr. L. que se lembre dos nossos Missionarios; eu me lembrarei d'elle e de sua bôa familia. Peçam todos para mim. Dize a todos os companheiros e irmãos que rezem por mim, a fim de que eu morra na graça de Deus; não desejo mais... que tenham fé viva e procurem pol-a em pratica.*

Os mais antigos da casa, D. Domingos Belmonte, D. José Lazzero, D. Joaquim Berto, José Rossi, José Buzzetti e outros vêm ora uns ora outros a passar algum tempo no seu quarto. E ainda que falle já com difficuldade, recebe-os com summo agrado e carinhos. Ora os saúda chistosamente á maneira militar, ora levantando, ora baixando as mãos, ora, finalmente, indicando o occorrido ao que se chega perto. — *Estás vendo? E' elle*, dizia apontando com a mão direita ou bem apertando a d'aquelle que beijava a sua: — Oh, meu amigo, sempre meu querido. — A um Salesiano dizia em voz baixa: — *Sei que tua mãe acha-se necessitada. Falla-me francamente e só a mim, sem que ninguem venha a conhecer os teus segredos. Dar-te-hei eu mesmo, sem que ninguem o saiba, tudo quanto ella precisa.* Pede a todos noticias de sua saude, se estão bem agazalhados, se necessitam de alguma cousa. Perguntou tambem a Monsenhor, como passou o dia, quaes foram as occupações de cada um, que trabalho especial tinha entre mãos. Com os seus enfermeiros sempre mostra o receio de que a privação do repouso lhes faça mal. Mas o amor é o laço forte que os

prende para não poderem se apartar de seu leito, tão piedosos e incançáveis companheiros, que não querem ceder a ninguém a honra e o gosto de servir-o até o fim. Muitas vezes a immensa ternura que sente por seus filhos lhe faz derramar abundantes lagrimas. Ha annos nos dizia: — *A unica separação que me fará soffrer na hora da morte é a vossa.*

Com effeito, a caridade de seu coração era tanta que não pôde ser completamente comprehendida. E esta caridade obriga-o a distrahir com algum chiste ou gracejo a imaginação de seus filhos logo que percebe que elles estão tristes ou que soffrem por sua causa. A um dos Superiores que ao vel-o não pode occultar a emoção, perguntou meio a sorrir: — *Já tomaste a tua merenda? pergunta tambem a Dom Viglietti a mesma cousa.* Ama a todos e a cada um como se fosse o exclusivo objecto de sua afeição.

Em certo dia, um jovem sacerdote queria fazer ver perante muitos irmãos que o escutavam com grande attenção, que elle tinha merecido a especial confiança de D. Bosco. Eis senão quando outro interrompeu-o, dizendo-lhe: Todos te contradizem em seu coração, porque cada um de nós crê ter sido o preferido.

— E' verdade! exclamaram todos. E se os circumstantes tivessem sido mil, todos teriam respondido do mesmo modo, porque a todos elle amava egualmente com affecto paternal.

As 3 1/2 horas faz-se uma longa conferencia entre o medico da casa Sr. Albertotti e os doutores Fissore e Vignolo. D. Bosco acha-se um pouco alliviado. Só Deus pôde recompensar os sollicitos cuidados, as continuas visitas, o generoso desinteresse, as demonstrações de estima para com D. Bosco d'esses illustres medicos e bemfeitores nossos. D. Bosco não cessava de agradecer-lhes com as lagrimas nos olhos.

As quatro e um quarto da tarde entrou no aposento do enfermo o Cardeal Alimonda, que abraçou-o e beijou-o ternamente. Foi uma scena profundamente tocante. D. Bosco

descobre a cabeça, e — *Eminencia*, lhe disse, *recommendo-lhe que peça para que eu possa salvar a minha alma*; depois accrescentou: *Recommendo-lhe a Congregação*, e poz-se a chorar. Sua *Eminencia* animou-o, fallou-lhe na conformidade com a vontade de Deus e lembrou-lhe que tem trabalhado muito para Elle. Advertindo que D. Bosco tem o barrete de noite na mão, elle mesmo lh'o põe na cabeça. D. Bosco cheio de commoção, assim se exprimiu: *Fiz sempre tudo quanto podia caber nas minhas forças. Faça-se em mim a sancta vontade de Deus.*

— *Poucos*, observou o Cardeal, *podem dizer tanto como V. Revedma. na hora da morte.*

E D. Bosco interrompendo: — *Tempos difficeis, Eminentissimo, tempos difficeis tenho atravessado!... Mas a autoridade do Papa... a autoridade do Papa; incumbi a Monsenhor Cagliero para dizer ao Sancto Padre que os Salesianos estão sempre dispostos a defender a autoridade do Papa em qualquer parte da terra.* E proferindo estas palavras, o seu semblante se animou.

— *Sim, caro D. Bosco*, respondeu Monsenhor Cagliero, que estava aos pés da cama, *lembro-me; esteja descansado que cumprirei a incumbencia.*

— *Porém V. Revedma., D. João*, retorquiu o Cardeal, mudando de conversação, *não deve temer a morte; muitas vezes tem recommendado aos outros que estejam preparados.*

— *Fallou-nos n'isto tantas vezes*, continuou Monsenhor Cagliero, *que tem sido o seu thema principal.*

— *Tendo-o dito aos outros*, accrescentou humildemente D. Bosco, *agora preciso que os outros o digam a mim.*

D. Bosco pediu a benção ao Cardeal, que, ao despedir-se, o abraçou e beijou outra vez, cheio de profunda commoção.

As 5 horas veio o seu confessor, o Revdo. Sr. Giacomelli; fiel companheiro de seminario esteve com elle a sós por alguns minutos. Que recordação deixou-nos esse bom sacerdote! Em 1885 tendo elle cahido gravemente enfermo,

D. Bosco lhe asseverou em nossa presença: — *Tranquiliza-te, não temas; não sabes que tocará a ti assistir a D. Bosco em seus ultimos momentos?*

24 de Dezembro.

O SANCTO VIATICO — QUE EU SALVE MINHA POBRE ALMA.

Às 7 1/2 horas da manhã se fazem os preparativos para levar-lhe o Sancto Viatico. D. Bosco com as lagrimas nos olhos pediu a alguns sacerdotes que o rodciavam: — *Ajudae-me, ajudae-me, vós todos de modo que eu receba bem a Jesus... eu estou agitadoissimo... In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.* — Entrou Monsenhor Cagliero com o Sanctissimo, acompanhado sómente pelo clero. D. Bosco chorava. Que espectáculo! D. Bosco revestido da estola parece um anjo! Foi um momento indescriptivel. Só ouviam-se soluços. Tambem Mensenhor derramava sentidas lagrimas.

Pelas 10 horas, disse a D. Durando que estava ao seu lado: — *Encarrego-te de agradecer em meu nome aos Senhores medicos por todos os favores que me têm feito com tanta caridade.*

O Exmo. Cardeal Alimonda veio á 1 1/2 horas da tarde para obter noticias do seu estado. Desde esta manhã observa-se grande melhora. A respiração é menos offegante e agitada: dorme quasi sempre: não falla.

Todavia ás 10 horas mandou chamar a D. Rua e lhe fez sentir: — *Queria que com D. Viglietti estivesse outro sacerdote: receio não chegar até amanhã.*

Às 11 horas Monsenhor Cagliero administrou-lhe a extrema unção e, antes de recebê-la, D. Bosco supplicou que se pedisse a benção do Padre Sancto, o que Monsenhor fez naquella mesma noite, antes de ir celebrar pontificalmente a Missa na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Não fallou senão da eternidade e deu algumas advertencias.

Depois disse chorando a Monsenhor Cagliero: — *Peço a Deus uma cousa só; que eu possa salvar a minha pobre alma. Recommendo-te que digas a todos os Salesianos que trabalhem com zelo e ardor: trabalho, trabalho. Occupae-vos sempre em salvar almas.*

Pouco depois adormeceu.

25 de Dezembro.

BENÇÃO PAPAL.

As 12 horas veio o Sr. Conego Bosso, superior da *Piccola Casa* da Divina Providencia. D. Bosco lhe recordou que a primeira vez que o tinha visto em Castelnuovo era ainda mocinho.

Tendo Monsenhor Cagliero pedido a benção ao Padre Sancto por telegramma dirigido ao Emmo. Cardeal Rampolla, recebeu a seguinte resposta, que denota a grande benevolencia do Soberano Pontifice e o vivo interesse que tomava na enfermidade de D. Bosco. — *Monsenhor Cagliero, Turim. — O Sancto Padre, condoido pela enfermidade de D. Bosco, roga por elle e envia-lhe a implorada benção.*

*M. Cardeal Rampolla.*

De tarde vieram visital-o os Bispos, Monsenhor Bertagna, titular de Capharnaum e Monsenhor Leto, de Samaria. Antes tinham estado os bispos de Casale, Fossano e Cuneo.

No correr destes dias a menina da Terra do Fogo mostrava-se sentidissima por causa da enfermidade de D. Bosco. A cada momento ia perguntar á Superiora como elle se achava: — *D. Bosco está doente!* exclama continuamente. Passa quasi todo o dia na egreja, rezando por longo tempo diante do SS. Sacramento para obter a cura de seu bemfeitor. O seu rosto de vez em quando está banhado de lagrimas; tão grande é a sua gratidão e sua afflicção!

26 de Dezembro.

## ULTIMA VISITA DO CARDEAL ALIMONDA.

Hoje D. Bosco melhorou um pouco. Recebeu a visita do antigo alumno que elle proprio ha pouco tinha convidado para vir passar em sua companhia as festas do Natal, trazendo tambem um filhinho consigo. Ajoelhado ao lado da cama, ficou como estatico e exclamou: — *Oh! D. Bosco, oh! D. Bosco!* D. Bosco levantando a mão abençoou pae e filho e levantando os olhos para o alto, deu-lhes a entender que ia esperal-os no Céu. Apenas se despediram, chamou D. Rua e, em voz muito baixa, lhe recommendou: — *Sabes que elle é pobre; pagarás a viagem tanto delle como do filho, em meu nome.*

As 4 e  $\frac{3}{4}$  da tarde veiu o Emmo. Cardeal despedir-se, estando em vesperas de partir para Roma. Sua Eminencia não poude conter as lagrimas. Abraçou, beijou varias vezes e finalmente abençoou o amadissimo enfermo.

Tendo chegado de Nice Monferrato, a Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora com outra Irmã, foi introduzida no aposento para receber a benção: — *Sim*, disse D. Bosco, *abenção todas as casas das Filhas de Maria Auxiliadora, abençoão a Superiora Geral e todas as Irmãs: esforcem-se por salvar muitas almas.*

Durante a noite disse a Monsenhor Cagliero: — *Desejo que tu fiques na Italia até que todas as cousas sejam reguladas depois de minha morte.* Em seguida supplica a Monsenhor que o abençõe.

27 de Dezembro.

## SEMPRE DE BOM HUMOR.

A igreja celebra a festa de S. João Evangelista patrono do nosso Padre. Ouviu a Missa e commungou.

Ao meio dia sendo necessario mudal-o de cama discutiam quanto ao modo mais commodo: — *Eis aqui*, disse

D. Bosco sorrindo ao Snr. Belmonte, *é preciso fazer assim: atar-me uma corda ao pescoço e puchar-me de uma cama para outra.* Em taes mudanças renovadas quasi que diariamente, bem como na collocação mais commoda dos travesseiros elle soffre immensamente. Com tudo não perde a paciencia e o seu bom humor.

— *Fiz-lhe mal, D. Bosco?*

— *Oh! por certo,* respondeu, *não me podes fazer bem.*

Ao anoitecer veiu o Snr. D. Domingos Tinetti, director da *Unitá Cattolica*, a quem D. Bosco enternecido e em voz muito baixa, disse: — *Assim como até hoje recommendo-lhe a Congregação Salesiana e as nossas missões.* Accrescentou depois outras palavras, cheias de benevolencia, assegurando-lhe que sempre serão amigos até o Paraiso.

28 de Dezembro.

D. BOSCO NÃO PODE SARAR — OS DOUTORES.

De manhã os medicos encontraram alguma melhoria, no seu estado critico.

Deve-se advertir que D. Bosco, instado muitas vezes por todos afim de que pedisse ao Senhor sua saude, nunca accedeu, dizendo só: — *Faça-se em mim a sancta vontade de Deus.* Na occasião em que recitam jaculatorias, elle repete-as, mas si alguem chega a dizer — *Maria Sanctissima, fazei que eu sare,* não responde.

Convém tambem advertir que muitas folhas diarias publicam todos os dias o boletim sanitario de D. Bosco e se occupam attentamente do seu estado. A casa está continuamente cheia de gente que deseja saber noticias, vindo muitos correspondentes de jornaes da Italia e de outros paizes. Os telegrammas succedem-se de momento a momento. Nota-se um movimento extraordinario, continuas visitas de directores das nossas casas da Italia, Hespanha

França, em quanto que cartas de pontos os mais remotos annunciam preces publicas e particularmente tri-duos e novenas.

Não ha mosteiro, convento, communidade onde não se reze com grande fervor, para que D. Bosco se restabeleça. Em muitas das nossas casas se faz a adoração do SS. Sacramento. Multissimas familias dos Cooperadores consternadas levam a chorar e a offerecer a Deus a propria vida, sendo sem conta o numero de votos e promessas. Os proprios sacerdotes outro tanto praticam. Veiu á portaria uma respeitavel senhora, pediu noticias e lhe foram dadas as mesmas que publicava a *Unitá Cattolica*. Sentou-se, poz-se a ler, e chorando desatadamente, tão vivamente interessada, a vista das mais favoraveis noticias que acabava de ler, depositou nas mãos do porteiro a sua carteira, dizendo: *Oh! sim, diga a D. Bosco que fique bom de pressa e entregue-lhe esta esmola.* — Eram quatrocentas moedas de ouro, que ella offerecia para os pobres orphãozinhos.

D. Bosco pede frequentemente aos medicos que o informem do seu estado, — *porque, accrescenta, fiquem certo de que eu nada temo. Estou tranquillo e bem disposto.*

Com effeito a D. Paulo Albera, director do Hospicio de S. Leão, de Marselha, que lhe dizia: — *E' a terceira vez, D. Bosco, que V. Revma. chega ás portas da eternidade, e depois volta para este mundo pelas orações de seus filhos. Estou certo que agora acontecerá a mesma cousa.* D. Bosco respondeu: — *D'esta vez não.*

As lembranças que n'estes dias tem recommendado com mais frequencia e que tambem tem mandado escrever, tem sido as seguintes: — *Dizei que tenham fé e que observem com rigorosa exactidão o nosso regulamento.*

Interrompemos o Diario para narrar uma visita de um correspondente do *Figaro* de Pariz. Eis as suas palavras: «Seriam 10 horas do dia quando apresentei-me ao Sr. Dom Celestino Durando, que com grande affabilidade poz-se á minha disposição para dar-me todas as informações que eu

desejava. Disse-me que D. Bosco estava gravemente doente não permitindo o seu estado a minima esperanza de vida. — D'aqui a pouco, continuou elle, haverá consulta de medicos. Desculpe-me se me ausento por um momento para estar ao lado do doente. Parece-me que Vmcc. não lhe poderá fallar, mas venha, que eu deixarei aberta a porta e d'este modo poderá ao menos vel-o.

« Segui-o e entramos em uma ante-sala onde estavam os medicos, os Senhores Fissore e Albertotti. O Dr. Fissore, a quem eu me diriji, respondeu-me n'estes termos: — Dom Bosco vae-se embora, não temos esperanças de salv-o. A sua doença é uma lenta consumpção da medulla espinhal, tambem o figado e os pulmões estão affectados, de maneira que é impossivel vencer a enfermidade. — A que attribue Vmcc. esta doença? — Nenhuma causa directa produziu-a, mas é propriamente o resultado de uma fraqueza geral, por uma vida consumida pelo trabalho excessivo e cheia de continuas agitações. D. Bosco, repito, extenuou-se com continuo e demasiado trabalho, assim não morre propriamente por uma doença commum, mas é como uma lampada que se apaga por falta de oleo.

« Alguns jovens sacerdotes esperavam anciosamente noticias n'aquella mesma ante-sala, cujas paredes estão cobertas por singelos quadros edificantes. Entre elles ha um que representa os cento e cincoenta institutos fundados por este grande apostolo da caridade. No meio das photographias está o retrato a oleo de sua mãe, senhora de grandes virtudes, natural de Capriglio de Asti, a qual abandonou a sua casa para ir com seu filho a Turim ajudal-o a fundar o seu primeiro estabelecimento. Os medicos sahiram com o Sr. Durando e eu pude contemplar rapidamente o enfermo. A consulta durou vinte minutos e quando os medicos se retiravam, D. Durando disse-me que D. Bosco, tendo ouvido que estava ahi um representante do *Figaro*, desejava vel-o para agradecer-lhe tanta benevolencia em favor das suas obras.

« O Dr. Fissore abriu-me a porta, recommendando-me que o não obrigasse a fallar.

« D. Bosco estava extendido em um modesto leito de ferro e em um quarto que podia-se chamar melhor uma cella de frade. A sua physionomia suave e angelica sorria: os seus olhos me fixavam ternamente; com custo e muito devagar abriu a sua mão e apertou a minha. Os seus labios moviam-se como se tivessem querido dirigir-me a palavra. Eu inclinei-me: approximei o meu ouvido á sua bocca e entendi que dizia-me: — *Obrigado por vossa visita... rogae por mim.* — Aquelle sancto varão, em sua humildade, pedia-me que rogasse por elle!

« Elle sabe que pouco tempo resta-lhe de vida, comtudo está sempre affavel e carinhoso: acha-se resignado e aguarda a morte com admiravel tranquillidade.

« Eu não podia arredar os meus olhares dos d'elle; mas como receiasse tornar-me importuno, retirei-me profundamente commovido meditando sobre aquella existencia sublime que livrou da miseria e do vicio a milhares de meninos. »

29 de Dezembro.

BENÇÃOS.

Para tarde sentiu-se muito mal, e só continua somnolencia.

Mandou chamar a D. Miguel Rua e o Exmo. Monsenhor Cagliariero e com voz fatigada deu-lhes o seguinte encargo para todos os Salesianos: — *Regulae bem as vossas occupações. Amae-vos, auxiliae-vos e usae benevolencia reciprocamente; conduzi-vos como verdadeiros irmãos. Nunca vos faltará a protecção de Deus e de Maria Sanctissima. Alter alterius onera portate.... Exemplum bonorum operum.... Dou a minha benção ás casas da America, a D. Costamagna, D. Lasagna, D. Fagnano, D. Tomatis, D. Ra-*

*bagliati, ao Ill.mo Monsenhor Lacerda e ás casas do Brazil: ao Rev.mo Senr. Arcebispo de Buenos-Ayres, ao Ill.mo Senr. Espinoza e ás casas de Quito, Londres e Trento. Abenção a casa de S. Nicoláo e a todos os nossos bons Cooperadores da Italia e suas familias: recordarei sempre o bem que fizeram ás nossas missões.*

Pelas 10 horas, recebeu, por intermedio de Monsenhor Cagliero, a benção papal, e pediu a este prelado que recitasse em sua vez o acto de contricção. Em seguida disse: — *Propagae a devoção a Maria Sanctissima na Terra do Fogo... Ah!... Se soubesseis quantas almas Maria Auxiliadora quer levar para o Céu por meio dos Salesianos!*

Ao passo que a noite se adiantava parecia que o enfermo sentia-se mais tranquillo.

Na mesma tarde receberam-se noticias de Roma. Annunciam que na egreja do Sagrado Coração nota-se uma affluencia constante de principes, monsenhores, bispos e cardeaes que pedem noticias de D. Bosco. O proprio Sancto Padre manda cada dia saber como elle tem passado. Em Barcellona estabeleceram-se tres centros para satisfazer á multidão de pessoas que desejam conhecer o estado do querido enfermo. Em Paris, pelo mesmo motivo, acode sem cessar uma onda extraordinaria de pessoas a casa de Ménilmontant. Egual factio acontece em quasi todas as cidades onde ha alguma casa salesiana.

O Sr. D. Antonio Sala, Economo Geral, chamado pelo telegrapho, chegou de Roma. Foi ter immediatamente com D. Bosco e lhe diz quanto todos seus filhos em Roma pedem pela sua saude: accrescentando que o nosso Protector, o Emo. Cardeal Parocchi, summamente condoido por causa da sua enfermidade manda-lhe a benção.

D. Bosco exprimiu o seu terno agradecimento e com voz extincta ainda falla: — *Não te descuides de informar exactamente a D. Rua a respeito de tudo e especialmente no tocante a ordem material da nossa casa.*

— *Fal-o-hei. Aqui Vmcê. me tem inteiramente a sua disposição. Dar-me-hei por muito feliz se puder lhe ser util em alguma cousa.*

— *Sim. E desde já me farás o favor de ajudar o meu enfermeiro que tanto se desvella por mim dia e noite.*

30 de Dezembro.

RECOMMENDAÇÕES.

Approximando-se o fim do anno, D. Miguel Rua perguntou a D. Bosco que cousa recommenda para o novo anno aos alumnos. — *A devoção a Maria e a frequencia da Communhão*, respondeu-lhe; e aos *Salesianos* (pela segunda vez) *recommendo o trabalho, o trabalho.*

O Sr. Cerrutti communicou-lhe que no hospicio de Sampierdarena esteve a baroneza de Genova e que fez uma esmola de 400 francos, recommendando encarecidamente que rezassem muito pela saude de D. Bosco. E que elle agradeceu-lhe mui sinceramente, assegurou a essa bôa senhora que D. Bosco lhe daria a sua benção no seu proprio leito de soffrimento.

— *Sim, sim, abençô-a de todo o coração!*



### III. — Esperanças.



31 de Dezembro.

MELHORAS.

O Snr. D. João Lemoyne deu a D. Bosco a benção que elle solicitava da parte de Maria Auxiliadora. Pediu-a muitas vezes aos seus sacerdotes, e a récebia com humilde recolhimento, bello exemplo eloquente de fé e de caridade.

Quando os medicos vieram, encontraram-no muitissimo melhor. D. Bosco disse: — *Quer acordado, quer dormindo, penso constantemente na historia da Igreja.* Um dos nossos companheiros encarregado por elle de verter para o latim os seus escriptos, preveniu-lhe que já estava quasi acabado o trabalho. — *Bem,* respondeu, *alegro-me com isto, desejava muito vel-o acabado: continua in Domino.*

Chegou hoje outro telegramma do Emo. Cardeal Alimonda, annunciando que Sua Sanctidade, mandava nova benção ao enfermo.

1888

1 de Janeiro.

O CONDE COLLE — D. BOSCO E D. RUA.

Recebeu-se a dolorosa noticia da morte quasi repentina do Exmo. Snr. Conde Fleury-Colle de Toulon, insigne bemfeitor nosso. Pensavamos no modo de annuncial-a, para não causar muita pena ao nosso Padre, de que elle era intimo amigo.

D. Bosco mandou chamar a D. Rua e teve com elle uma longa conversação confidencial.

2 de Janeiro.

MODO DE PREPARAR-SE PARA UMA BOA MORTE.

D. Bosco recommendou a Monsenhor Cagliero que dissesse aos Salesianos que *bem se preparem para a morte, mas para uma sancta morte, mediante o thesouro de muitas boas obras.*

3 de Janeiro.

CONTINUAM AS MELHORAS.

Continua a melhorar sensivelmente. Por isso Monsenhor Cagliero chamado para a cerimonia da recepção de habito de umas religiosas em Nice Monferrato, aconselhou-se com D. Bosco, que sorrindo, lhe respondeu: — *Vae e dá áquella commidade a benção em meu nome.* E Monsenhor foi.

Esta tarde disse ao seu secretario: — És D. Viglietti? — Sim, sou eu. — *Bem meu querido Viglietti, sabes porque não te deixei partir para a America, quando, ha alguns annos, Monsenhor Cagliero emprehendia aquella viagem?* — Sim, senhor, agora comprehendo, respondeu, pondo-se a chorar. — *Bem, agora o percebes, e já o estás vendo...* Eu t'o disse. Lembra-te!... És tu que tens de fechar os meus olhos.

4 de Janeiro.

DUAS CURAS.

Escreveram de Alassio, pedindo a D. Bosco que com suas orações intercedesse para o restabelecimento de um jovem moribundo e de um clérigo atacado de pneumonia. — *Mas agora, murmurou elle, sou eu que preciso das orações dos outros.* Em circumstancias analogas, elle respondeu do mesmo modo. Porem o jovem e o clérigo sararam.

7 de Janeiro.

## COUSAS ADMIRAVEIS.

Esta tarde, por conselho dos medicos, comccçou-se a dar a D. Bosco um ovo e um bolo de pão triturado. Antes de tomar essa refeição, tirou o gorro, persignou-se e rezou, enchendo-se-lhe os olhos de lagrimas. Ao contrario do que muitos receiavam, tal alimento lhe fez bem. Logo com insolita vivacidade perguntou mil cousas. Quiz saber noticias de Roma, do Papa, do Jubileu Sacerdotal; depois, do Oratorio, e desejava entreter-se com alguns clerigos. Ha muito tempo que não o viamos tão bem disposto.

Pela volta das seis horas disse a D. Lemoyne: — *Como se explica que um doente, depois de vinte e um dias de cama, quasi sem comer, em extrema debilidade, repentinamente reanimando-se, possa occupar-se de tudo, sinta-se forte e quasi capaz de levantar-se, escrever e trabalhar? Sim, neste momento sinto-me são e como se nunca tivesse estado doente. Quem tivesse de responder poderia parodiar: Quod Deus imperio, tu prece, Virgo, potes.... Sem duvida que não chegou ainda a hora; chegará talvez muito breve: por ora não.*

A inesperada tregua da enfermidade foi certamente devida ás orações que continuamente se dirigem a Maria de tantos pontos da terra. Assim D. Bosco poude regularizar muitos negocios, dar certas normas ainda para o regimen material do Oratorio e organizar o pessoal de algumas casas. Nesse intervallo, apesar de soffrer uma especie de somnolencia, admiravam-se como ao acordar, providenciasse bem a respeito de algumas necessidades, advertisse o cumprimento de alguma disposição legal, esquecida pelos incumbidos de executal-a. Os medicos ficaram admirados vendo tão grande actividade e perfeita lucidez que elle patenteava.

8 de Janeiro.

O DUQUE DE NORFOLK.

Hoje ao meio dia chegou o Duque de Norfolk. Passou uma meia hora com D. Bosco e pediu-lhe ordens para o Sancto Padre, fallou da nossa casa fundada em Londres, das missões da China e, recebida a benção, despediu-se.

De tarde D. Bosco disse ao seu secretario: — *Sinto não poder ajudar-vos como tenho sempre feito, solicitando pessoalmente a caridade. Tendo gasto o ultimo vintem, não tenho recursos, enquanto os meus meninos precisam e pedem pão. Como faremos? E' necessario avisar ás pessoas que querem dar esmola a D. Bosco e aos seus orphãos, que o façam directamente, porque elle já não pôde mais andar de um lado para outro.*

11 de Janeiro.

LEÃO XIII.

Hoje o Sancto Padre, tendo-se dignado receber os peregrinos piemonteses, admittiu tambem alguns Salesianos, entre os quaes estava D. Valentim Cassini que, com Monsenhor Cagliero tinha vindo ultimamente da Republica Argentina. O Cardeal Alimonda apresentou-os aos pés do Sancto Padre, dizendo-lhe: — *Estes são os Salesianos, filhos de D. Bosco.*

— *Oh! Bem, respondeu o Papa, e que noticias me dão de D. Bosco, soube que estava gravemente doente, mas que agora está um pouco melhor.*

— *Sim, Sancto Padre, respondeu o Snr. Cassini, as ultimas noticias são boas, D. Bosco vaie obtendo melhoras.*

— *Oh! Deus seja bemdito! Peçam todos a sua conservação e digam-lhe que o Sancto Padre o tem em sua lembrança e lhe envia a benção Apostolica. A vida de D. Bosco é preciosa, e a sua morte, agora, enlutaria os nossos festejos em Roma.*

12 de Janeiro.

PEREGRINOS.

Presentemente estão de passagem muitos peregrinos francezes, belgas, allemães, etc., para Roma, e desejosos de ver a D. Bosco e de receber a sua benção; este os acolhe sempre que pôde, e recommenda-lhes com indizível cordialidade o cuidado de seus filhos, pede orações para si proprio e abençôa a todos. Algumas vezes que, por ordem dos medicos não consentem em tantas visitas elle mostra-se muito pesaroso.

13 de Janeiro.

AMIGOS E INIMIGOS.

D. Rua communicou-lhe que uma affluencia extraordinaria de pessoas tem vindo á portaria do Oratorio indagando com grande interesse a respeito de sua saude; que se occupam delle não só os jornaes catholicos, mas tambem outros que outr'ora o atacavam, escrevendo agora com respeito e sympathia. D. Bosco lhe respondeu: — *Façamos sempre bem a todos e mal a ninguém.*

15 de Janeiro.

POBRES PULMÕES.

Graceja com os companheiros que lhe assistem e, como sente difficuldade de respirar, diz: — *Se puderdes achar um fabricante de foles que venha concertar os meus, me prestareis um grande serviço.* — E o doce sorriso que animava-lhe o rosto alenta-nos as esperanças.

16 de Janeiro.

D. BOSCO NÃO ACREDITA SARAR.

As melhoras continuam. Os doutores determinam que se promptifique uma poltrona, na qual possa respirar commodamente, no caso de poder-se levantar, como parece possível. D. Bosco, porem, fallando a D. Durando, lhe disse que esta providencia seria inutil.

17 de Janeiro.

AGRADECIMENTO.

Vendo que lhe trouxeram um guardanapo novo, perguntou: — *De onde vem este guardanapo?*

— *E' um presente de algumas duzias mandado a D. Bosco pelo Asylo do Bom Pastor, respondeu-lhe D. Antonio Sala.*

— *Bem, não esqueçam de agradecer em meu nome.*

À tarde, como para endireitar-lhe a cama, D. Francisca o tivesse tomado de peso, disse rindo: — *Oh! não valia a pena de incomodar por isto as celebridades.*

Por causa dos decubitos, taes movimentos lhe produziam grande dor. — *Pobre D. Bosco, disse-lhe o Padre Sala, quanto o faço soffrer!*

— *Não, respondeu-lhe, dize antes pobre D. Sala que toma tanto trabalho! Mas fica certo que em occasião opportuna recompensar-te-hei, por tal serviço.*

Elle não soffria tanto pela sua enfermidade quanto pelos incommodos que julgava causar aos outros.

18 de Janeiro.

© ARCEBISPO DE MALINES.

Hoje D. Bosco foi visitado pelo Exmo. Snr. Arcebispo de Malines, pelo Vigario da parochia e por outros distinctos sacerdotes da Belgica.

Disse a Monsenhor Cagliero: — *Olha sollicitamente para a Congregação Salesiana; auxilia o mais possível aos outros Superiores. E minutos depois accrescentou: Todos que imprecam graças de Maria Auxiliadora, ajudem as nossas missões e podem ter certeza de alcançal-as.*

19 de Janeiro.

ROGAE COM VIVA FÉ.

Ainda que lentamente, D. Bosco vae melhorando. Pôde dizer-se que sómente a debilidade obriga-o a estar de cama. Affiança, todavia, que só a oração, a oração efficaç influirá para prolongar mais ou menos a sua vida.

— *Snr. D. Bosco*, disse-lhe um dos superiores, *todos rogamos por V. Ryma. — Está bem*, respondeu, *porém, é preciso orar com fé, com viva fé.*

20 de Janeiro.

VISITA

Foi hoje visitado pelo Snr. Bispo de Lari, da India.

21 de Janeiro.

VOLTA LOGO.

Monsenhor Cagliero participou-lhe:—*Caro D. Bosco, sou chamado a Lu por causa da festa de S. Valerio, padroeiro d'aquelle logar, tão querido por Vmce. e que deu tão importante contingente de pessoas, especialmente de irmãs, ás missões. — Vae, eu approvo; mas será por pouco tempo, não é verdade? Passada a festa farei uma breve visita aos nossos meninos de Borgo S. Martino e voltarei immediatamente. — Está bem, não te demores.*

Monsenhor Cagliero partiu.

## IV. — Luto.



22 de Janeiro.

RETROCESSO.

Ultimamente peorou o estado morbido de D. Bosco. Pelas 10 horas da manhã recebeu as visitas do Arcebispo de Colonia e do Bispo de Treveris com seu respectivo sequito. Apenas D. Bosco lhes poude fallar e, recolhendo todas as forças, recommendou vivamente os seus pobres filhos do Instituto Salesiano e pediu-lhes, visto que iam a Roma, uma benção do Sancto Padre.

23 de Janeiro.

O SECRETARIO.

Estando D. Rua á sua cabeceira, D. Bosco disse ao sacerdote que o assistia em sua enfermidade: — *Trata de D. Rua: presta-lhe as mesmas attenções e cuidados como se fôra eu proprio.*

24 de Janeiro.

O ARCEBISPO DE PARIS.

Hoje ás 11 horas recebeu a visita do Exmo. Monseñhor Richard, Arcebispo de Paris. Pediu-lhe a benção: o illustre prelado immediatamente o satisfaz e ajoelhando-se pediu-lhe a sua tambem. — *Sim*, respondeu D. Bosco, *abenção a V. Excia. Reyva. e abenção Paris.*

— E eu, respondeu o Arcebispo, *annunciarei á cidade de Paris, que mereceu a benção de D. Bosco.*

Hoje sentiu-se mal, muito mal. Os medicos julgam que o seu estado assumiu a gravidade que houve logo no principio, isto é ha um mez.

Mandou chamar a um menino da casa e por intermedio de seu secretario pediu-lhe que, sem perda de tempo rogasse a Jesus e a Maria, para que elle pudesse ter viva fé n'estes ultimos momentos e aguardar tranquillo a sua derradeira hora. O menino veiu e D. Bosco lhe repetiu a recommendação, abençoando-o.

De tarde mostrou-se um pouco mais alliviado e disse a D. Lemoyne:— *Isto é devido á oração d'aquelle bom menino.*

25 de Janeiro.

DELIRIO.

Aggrava-se o mal. D. Bosco supplica que queiram suggerir-lhe algumas devotas jaculatorias. Só com muita difficuldade podia fallar. D. Sala, ministrou-lhe uma poção;— *Da-me*, diz elle, *um pouco de repouso*. Ia como que adormecendo, mas de repente moveu-se violentamente, bate palmas e grita:— *Acudi, acudi* depressa, ide salvar aquelles meninos!... Maria Sanctissima, valei-lhes!... Mãe, Mãe!...

O referido D. Sala, perguntou-lhe o que era que desejava.

— *Onde estamos neste momento?* perguntou-lhe D. Bosco.

— *No Oratorio de Turim.*

— *E que fazem os alumnos?*

— *Estão na igreja, onde dá-se a benção e rogam por Vmce.*

26 de Janeiro.

SALVAE MUITAS ALMAS.

Voltou Monsenhor Cagliero: e foi logo ter com D. Bosco, cujo mal augmentava sensivelmente, apenas podendo recommendar-lhe:— *Salvae muitas almas.*

27 de Janeiro.

## OS SALESIANOS E MARIA AUXILIADORA.

Interpellado por Monsenhor Cagliero a respeito de uma viagem a Roma que projectava e que só faria se D. Bosco approvasse, respondeu quasi sem voz: — *Irás depois.*

— *D. Bosco julga que indo eu depois do dia de São Francisco poderei fazel-o tranquillamente e chegar á Sicilia.*

— *Sim irás e farás muito bem, porém depois.*

Comprehende-se qual era o *depois* a que se referia. Logo accrescentou: — *A tua vinda é muito opportuna e vantajosa á Congregação.*

Exhortado em meio de seus soffrimentos a lembrar-se de Jesus que padecia na Cruz sem poder virar-se de um para outro lado, respondia: — *Sim, penso nelle constantemente.*

Mais tarde fallando com Monsenhor Cagliero a respeito da Congregação Salesiana, disse:

— *A Congregação não tem nada que receiar; ella tem homens bem preparados.*

Depois ficando sómente D. Sala junto a D. Bosco cuja respiração parecia mais livre, perguntou:

— *D. Bosco, é verdade que sente-se muito mal?*

— *Ah! sim, porém tudo passa e passará isto tambem.*

— *Poderei fazer alguma cousa para allivial-o?*

— *Reza.*

E puzeram-se ambos a rezar.

D'alli a pouco o mesmo sacerdote lhe disse:

— *D. Bosco, deve estar contente em pensar que depois de uma vida de tantos trabalhos e fadigas, conseguiu fundar casas em quasi todo o mundo e estabelecer a Congregação Salesiana.*

— *Sim, o que fiz, foi por amor de Deus e oxalá tivesse podido fazer mais... fal-o-hão porém, os meus filhos.*

E depois de breve pausa accrescentou: — *A nossa Congregação é guiada por Deus e protegida por Maria Auxiliadora.*

Às 8 horas da noite com difficuldade fazia-se comprehender e duvidava-se que elle percebesse o que se dizia. Em volta de seu leito fallava-se da inscripção que deveria gravar-se sobre a campa do seu excellente amigo e generosissimo cooperador o Conde Colle, fallecido em 1.º de Janeiro. D. Miguel Rua era de parecer que se escrevesse o seguinte distico: *Orphano tu eris adjutor.* Monseñhor Cagliari propunha esta outra: *Beatus qui intelligit super egenum et pauperem.* D. Bosco que todos suppunham estar muito extranho a tudo isto, levantou de improviso os olhos e com voz bem intelligivel disse: — *Gravareis: Pater meus et mater mea dereliquerunt me, Dominus autem assumpsit me.*

28 de Janeiro.

A HORA SE APPROXIMA.

D. Bosco vae peorando cada hora. Embora com muito esforço ouviu a Missa e recebeu a Sagrada Communhão. Hoje, como de costume, durante a Missa, assistia-o o Snr. D. José Lazzero. De vez em quando notava-se n'elle um estado de sopor e forte dyspnéa. Ao *Agnus Dei*, D. Lazzero lhe perguntou.

— *D. Bosco, hoje communga?*

D. Bosco murmurou, só para si:

— *Approxima-se o fim...* e voltando-se para D. Lazzero, lhe fez um signal com a cabeça e disse em voz alta: — *Espero receber a sancta Communhão.*

Em seguida tirou o barrete e juntou as mãos. Todas as vezes que elle assume esta attitude, o seu semblante é de tão grande recolhimento que não é possivel encaral-o sem sentir-se commovido, e robustece a fé em todos. A

miudo era acommettido de delirios e muitas vezes ouviu-se-lhe repetir: — *Estou as escuras! Coragem!... Sempre adiante!*

Outras vezes pronunciava algum nome proprio. De manhã repetiu não menos de vinte vezes: *Mãe! Mãe!* Depois de horas inteiras, de mãos postas exclamava: — *Oh Maria! Oh Maria! Oh Maria!* Recebeu com grande alegria, do Padre Salesiano Snr. Berto, um novo escapulario da Virgem do Carmo.

A quantos iam se abeirando ao seu leito, elle dizia: — *Até que nos vejamos no Paraíso. Fazei orar por mim e que meus filhos me offereçam a sancta Communhão...*

Disse a D. João Bonetti:

— *Dize aos meus filhos que espero-os a todos no Paraíso. E logo: Quando conversares ou pregares, insiste em recommendar a communhão frequente e a devoção a Maria Sanctissima.*

Segurava volta e meia o crucifixo e beijava-o. Vendo uma imagem de Maria Auxiliadora que D. Bonetti lhe collocou perto, exclamou: — *Sempre tenho collocado toda a minha confiança em Maria Auxiliadora.*

Os medicos não dão a menor esperança. O Dr. Fissore disse-lhe: — *D. Bosco, coragem, amanhã talvez apresente algumas melhoras. Assim tem acontecido outras vezes... Hoje influe o máo tempo...*

D. Bosco, que até então se conservára immovel, sorrindo e levantando o dedo indicador, respondeu-lhe affavelmente: — *Doutor, o senhor quer resuscitar os mortos. Amanhã? Amanhã farei uma longa viagem.*

Depois da consulta medica sentiu-se mais prostrado e soffria mais que de costume. Repetiu por duas vezes: — *Ajudae-me, ajudae-me!*

Os senhores D. Bonetti e D. Viglietti, sempre ao seu lado, lhe respondiam: — *Sim, D. Bosco, com muito gosto, em que cousa deseja que o ajudemos?*

Então gracejando respondeu: — *Ajudae-me... a respirar.*

29 de Janeiro.

ULTIMA COMMUNHÃO — FIAT.

Hoje é a festa de S. Francisco de Sales. Alegria exterior; corrilhão, canto, musica, Missa pontifical... e todos os corações profundamente magoados.

Na manhã, como parecia que tivesse perdido os sentidos, alguns pensaram que não se lhe desse a Communhão, mas o secretario Snr. Viglietti insistiu para que lhe fosse administrada, confiado em que Deus far-lhe-ia recobrar os sentidos em tal momento, e passou a celebrar. D. Sala assistia ao enfermo e tinha deixado aberta a porta que communica com o oratorio. Depois da elevação, D. Bosco virou-se para D. Sala e lhe disse: — *E se me sobreviesse algum vomito depois da Communhão?*

D. Sala lhe assegurou, que não havia perigo. Quando lhe levaram a Sagrada Hostia estava em torpor. O secretario pronunciou em voz alta: *Corpus Domini nostri Jesu Christi...* A estas palavras endireitou-se, abriu os olhos, fixou-os na hostia e de mãos postas recebeu a Communhão. Fez a acção de graças com profundo recolhimento, repetindo as palavras que proferiu D. Sala. — Esta foi a ultima Communhão. Reduziu-se então a um estado de total indifferença como que desligado de tudo quanto é terreno. Tinha previsto essa terminação havia um mez. Quando cahiu enfermo disse a D. Rua que lhe pediu dispensa de alguma cousa: — *Concedo-te até o dia de S. Francisco de Sales. Se precisares depois, pede ao teu confrade\*\*\* para a renovar.*

Comtudo a excessiva extenuação não lhe tirou talvez todo o sentido. Pelas 10 horas da manhã perguntou a D. Durando que horas eram e que festa se celebrava na igreja. Como lhe lembrassem que era a festa de S. Francisco de Sales, mostrou grande satisfação.

Naquelle momento chegaram os medicos: fallou poucas palavras e quando sahiram ficou em estado comatoso; voltando a si perguntou a D. Durando:

— *Quem são estes senhores que acabam de sahir?*

— *Não os conheceu? Eram os Doutores Albertotti, Fissore e Vignolo.*

— *Oh! sim. Pede-lhes que hoje fiquem aqui commosco... queria accrescentar: para jantar, mas não pode.*

Desejava significar-lhes a sua gratidão. E já que fallamos em gratidão, deve-se notar que nomeava com frequencia os bemfeitores de suas Casas, com ternura tal que commovia a todos. Sabendo que o filho de um d'esses tinha adoecido gravemente, disse ao pae: — *Bem, é minha intenção que todas as orações que se fazem agora por mim sejam para obter de Deus o restabelecimento de seu filho.* E no dia 15 de Janeiro, dia de annos do dito menino, apesar de não ter visto a folhinha desde muito tempo, disse repentinamete: — *Amanhã é São Marcello: manda a Marcello uma cestinha da uva com que nos presentearam.*

A tarde reconheceu e deu a sua benção ao Conde Incisa, festeiro da festa de S. Francisco de Sales e ao Bispo de Susa, panegyrista do Sancto.

Tambem disse ao secretario:

— *Quando eu já não puder fallar e vier alguém pedir-me a benção, faz tu o signal da cruz com a minha mão e pronuncia a formula, que eu farei a intenção.*

Está em estado quasi continuo de somnolencia. Não entende nada, senão quando se lhe falla alguma cousa do paraíso ou da alma. Assim quando D. Bonetti disse: — *Maria, mater gratiæ, tu nos ab hoste proteges...* D. Bosco continuou: — *et mortis hora suscipe.* Durante o dia repetiu muitas vezes: — *Mãe!... Mãe!... Amanha! Amanhã!* E pelas seis horas: — *Jesus!... Jesus!... Maria!... Maria!... Jesus e Maria, eu vos dou o meu coração e a minha alma. In manus tuas, Dómine, commendo spiritum meum. Oh! Mãe! Mãe!... abri-me as portas do Paraíso!*

De mãos postas repetia muitos textos da Escrip-  
tura Sagrada, praticados frequentemente em sua vida: —  
*Diligite... diligite inimicos vossos... Benefacite his qui vos  
persequantur... Querite regnum Dei... Et a peccato meo  
munda me.*

Ao toque do Angelus, á tarde, D. Bonetti lhe disse: —  
*Viva, Maria! Viva, Maria!* Elle repetiu devotamente: —  
*Viva, Maria!* Ao entrar da noite vira-se para o antigo coa-  
djutor Snr. Enria que ha dous mezes constantemente o  
tem acompanhado e lhe disse palavras inarticuladas: — *Es-  
cuta... porém... porém... eu te saudo.*

Rezou o acto de contricção e logo accrescentou: — *Mi-  
serere nostri, Domine.* — Durante uma hora levantando as  
mãos de vez em quando, repetia: — *Faça-se a vossa sancta  
vontade.* Esquecido do lado direito, continuou levan-  
tando a mão esquerda: — *Faça-se a vossa sancta vontade.*  
Não falla mais. Durante a noite continuou a levantar de  
vez em quando a mão esquerda, como para significar  
que offerece a Deus a sua vida.

30 de Janeiro.

ADEUS AOS FILHOS.

D. Bosco já não falla. Parece ter perdido os sentidos.  
A sua respiração offegante é semelhante a um gemido. As  
10 horas da manhã Monsenhor Cagliero rodeado dos Supe-  
riores, recita as ladainhas dos agonizantes e dá-lhe a  
benção do Carmo. Successivamente cada um offerece ao  
amado pae uma jaculatoria. O Snr. D. Joaquim Berto,  
seu mais antigo secretario, que n'essa qualidade serviu-o  
muitos annos e realmente foi sempre um apoio poderoso  
nas mais criticas circumstancias, reclama a sua parte neste  
piedoso acto. Hontem elle teve a consolação de ouvir repe-  
tidas vezes dos labios de D. Bosco estas palavras: — *Tu  
serás sempre o meu querido D. Berto.* — D. Sala poz sobre

os hombros de D. Bosco uma camisa, cuidadosamente guardada, que fôra de Pio IX. Oh! quanto se amavam os dois sanctos corações!

Os doutores annunciam que D. Bosco não chegará a ver o sol da crastina manhã.

Tão infausta noticia espalhou-se pelo Oratorio e despedaçou todos os corações. Desejam ver ainda uma vez o seu amado Pae, e D. Rua permite que venham beijar-lhe a mão. Em pequenos grupos chegam silenciosamente ao oratorio particular e logo tristes desfilam pela alcova do idolatrado agonizante. Elle está estendido na cama e com a cabeça inclinada um pouco sobre o hombro direito e deitado sobre tres travesseiros. O seu semblante está sereno, seus olhos fechados e suas mãos por cima dos cobertores. Tem um crucifixo junto ao peito e aos pés da cama uma estola que servia para dar-lhe a miudo as bençãos da Egreja.

Os Filhos profundamente amargurados vão beijar aquella mão sempre solícita para soccorrer e abençoar. Meninos estudantes e officiaes, operarios adultos, acolytos e sacerdotes, passam aos centenaes em frente á cama de D. Bosco e não podem conter o copioso pranto. Espectaculo commovente e incessante que durou o dia inteiro. Todos querem que suas medalhas, rosarios ou imagens toquem as mãos do moribundo...

Chegou um telegramma que annunciou a bôa viagem dos missionarios salesianos ao Equador. E' concebido assim: *Bosco, Turim (Italia). Chegamos bem. Calcagno, Presidente.* D. Bosco ao receber tão grata noticia, abriu os olhos e ergueu-os para o Céu.

Às 3 e 1/4, apresentaram-se D. José Buzzetti e o secretario. D. Bosco por duas vezes lançou sobre o ultimo, olhar tão puro e carinhoso, pondo em seguida a mão esquerda unica que tinha ainda movimento, sobre a cabeça do companheiro. D. Buzzetti não poude conter as lagrimas e exclamou: — *São os ultimos adeuses: é o olhar mais expressivo que tenho visto ultimamente no moribundo. O seu*

*secretario devia ser singularmente privilegiado. Foi a sua ultima caricia e a sua ultima benção. D. Bosco ficou outra vez immovel. O secretario continuou a suggerir-lhe jaculatorias. O mesmo faziam successivamente Monsenhor Cagliero e outros sacerdotes salesianos. As mais repetidas foram: *Jesus, spes mea, miserere mei; Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis.**

Pelas 4 horas da tarde entrou o Conde Radicati, grande bemfeitor do Oratorio. Às 8, o Rvmo. Snr. Giacomelli, revestido de stola, recitou algumas preces do ritual. Embora não parecesse proximo o fim de D. Bosco, ficaram fazendo quarto D. Rua e outros Superiores, durante a noite.

31 de Janeiro.

ORPHÃOS!

As duas horas menos um quarto, D. Bosco entrou em agonia. D. Rua lançou mão outra vez da estola e começou de novo as orações dos agonizantes. São chamados a toda pressa os Superiores, em companhia de trinta ou mais sacerdotes e acolytos. Todos se ajoelharam. Chegou Monsenhor Cagliero, que usando da estola de D. Rua, passou á direita de D. Bosco, e approximando-se lhe disse com voz entrecortada pela mais intensa dor: — *D. Bosco, aqui estamos nós seus filhos. Pedimos-lhe perdão de todos os desgostos que teve de soffrer por nossa causa e, em prova de perdão e de paternal benevolencia, digne-se dar-nos mais uma vez a sua benção. Eu ajudal-o-hei a pronunciar a formula.*

Scena commovedora e dolorosa! Todos os circumstantes inclinaram-se reverentemente e D. Rua fazendo um sobre-humano esforço no meio de tamanha dor, levantou a mão direita de D. Bosco, já paralytica e invocou a protecção de Maria Auxiliadora sobre os Salesianos presentes bem como sobre os ausentes espalhados por toda a superficie da terra.

As tres horas da manhã chegou de Roma o seguinte telegramma: — *Sancto Padre outorga de todo coração a benção apostolica a D. Bosco gravemente enfermo.* — *Card. Rampolla.*

Monsenhor já tinha lido o *Proficiscere*. As 4<sup>1/2</sup> o sino da igreja de Maria Auxiliadora tocava a *Ave Maria*, e todos os presentes rezaram o *Angelus*. D. Bonetti murmurou ao ouvido de D. Bosco a jaculatoria que tinha repetido dias antes: — *Viva Maria!* — Cessou a respiração offegante tornando-se por breves instantes mais livre e tranquilla. — *D. Bosco morre!* — exclamou o padre Belmonte. Alguns, que por estar extremamente extenuados, tinham-se encostado para repousar um momento, approximaram-se do leito... e observaram com rapidos intervallos tres suaves respiros... D. Bosco realmente morria! Monsenhor Cagliero, revestido de estola pronunciou então as seguintes jaculatorias: — *Jesus, José e Maria, eu vos dou o meu coração e a alma minha. Jesus, José e Maria, assisti-me na ultima agonia. Jesus, José e Maria, expire em vossos braços em paz a alma minha.*

D. Rua e os demais superiores, directores e sacerdotes, formando como uma corôa, agonizavam tambem de dor, sempre tão identificados com seu Pae, que deixava-os ainda na terra para um dia tornal-os a ver no céu. D. Bosco já não vivia!... Monsenhor Cagliero entoou por ultimo, entre soluços, o *Subvenite sancti Dei, occurrite angeli Domini... suscipientes animam ejus... Suscipiat te Christus qui vocavit te...* e benzendo o sacro cadaver, rogou a Deus pelo eterno repouso do Sancto. A estola, que Monsenhor tinha, foi collocada ao pescoço do venerando finado e puzeram-lhe nas mãos o crucifixo que tantas vezes tinha beijado. Eram 4 horas e 45 minutos. Contava elle 72 annos e cinco mezes e meio de idade.

Todos se ajoelharam para rezarem o *De Profundis*. D. Rua, com a voz embargada pelo choro, disse a seus irmãos: — *Somos duas vezes orphãos. Mas consolemo-nos. Se perdemos um pae na terra, temos ganho um protector no Céu. Mostremo-nos dignos d'elle, seguindo o seu sancto exemplo.*

## O CADAVER DE D. BOSCO.

Desde ás 10 horas da manhã, que os aposentos de D. Bosco ficaram litteralmente cheios de Salesianos debulhados em pranto, rezando todos. Os meninos, durante a Missa da Communidade, rezaram o terço: ás 10 horas cantou-se a Missa de *Requiem* e todas as Missas privadas foram celebradas em suffragio da alma de D. Bosco. À tarde cantou-se o officio de defunctos na egreja de Maria Auxiliadora.

Às dez horas da manhã, D. Antonio Sala e o enfermeiro, sob a direcção e auxiliados pelos doutores Albertotti e Bonelli, que até o ultimo instante quizeram testemunhar seu grande amor ao amigo fallecido, lavaram e vestiram o cadaver e sentaram-no em uma cadeira de braços. O photographo Snr. Deasti e o pintor Snr. Rollini o retrataram. Os Superiores pelo respeito ao extremecido Pae não consentiram que cobrissem de gesso o rosto para se tirar a effigie. Nem quizeram embalsamal-o. Aliás um dos medicos tinha dito: — *Ha já muitos annos que conheço a D. Bosco; é tal o respeito que lhe tributo que jamais me atreveria a tócar o seu corpo, para embalsamal-o, e tel-o-ia como uma profanação.*

Às duas horas da tarde a dolorosa noticia de tão sentida morte, espalhada por toda a cidade de Turim, produziu geral e profunda consternação. Muitas lojas não se abriram, com o seguinte escripto: — *Fechada pela morte de D. Bosco.*— Uma infinidade de pessoas, cheias de verdadeira dor e entranhada tristeza, invadiram a portaria e pediram permissão para ver o cadaver de D. Bosco. Por causa da estreiteza do logar, só deu-se licença aos mais conhecidos.

O cadaver revestido com os habitos sacerdotaes, isto é, alva, estola e casula roxa, com o crucifixo entre as mãos e a cabeça coberta com o barrete, estava sentado em uma cadeira de braços, collocado em um corredor por traz da capella privada, onde nos ultimos tempos D. Bosco celebrava a sancta Missa. O seu rosto não soffreu a menor alteração.

Se não fôra a palidez da morte que contrastava com a cor roxa da casula, dir-se-hia que D. Bosco dormia placidamente em visão celestial. N'aquelle recinto entravam continuamente os queridos filhos de D. Bosco, que ajoelhando-se para rezar, lhe beijavam reverentemente as mãos e retiravam-se com os olhos razos de lagrimas. Tambem vieram vel-o muitos sacerdotes e familias distinctas de Turim. A todos parecia que realmente D. Bosco não tinha morrido, senão que durmia, andavam devagar, na ponta dos pés, ajoelhavam-se e beijavam as mãos do cadaver.

No aposento não havia pavor, mas todos ficavam possuidos de um sentimento de reverencia e de devoção. Às seis da tarde chegaram algumas Filhas de Maria Auxiliadora para beijarem a mão de seu Fundador e extremoso Pae, em nome de todas as Irmãs. Até ao anoitecer a recolhida e numerosa peregrinação não foi interrompida.

Entretanto nas ruas de Turim vendiam-se aos milhares as folhas que noticiavam a morte e fallavam das obras admiraveis de D. Bosco. O mesmo se dava com os retratos e biographias,

O acreditado jornal *Corriere Nazionale* teve de imprimir tres edições, que esgotaram-se no mesmo dia: as primeiras noticias da morte eram lidas em voz alta nas principaes ruas e praças da cidade. Em summa, o nome de D. Bosco voava de bocca em bocca, e de muitos olhos cahiam lagrimas bem sentidas.

#### NO ORATORIO.

As dez horas da noite reuniu-se o Capitulo Superior da Congregação Salesiana e se fez a promessa a SS. Virgem de que, se lhes alcançasse a graça que a autoridade civil não se oppuzesse á inhumação do cadaver de D. Bosco na igreja de Maria Auxiliadora, ou pelo menos na nossa casa de Valsállice, dar-se-hia começo n'este anno

ou no mais breve prazo possível, aos trabalhos de decoração da dita igreja, obra desejada vivamente pelo chorado D. Bosco, que não havia muito tinha ordenado se fizessem os necessarios estudos.

ANNUNCIO DA MORTE DE D. BOSCO.

O Snr. D. Miguel Rua, Vigario de D. Bosco, tranzido de dôr funda, annunciou pelo telegrapho o passamento, primeiro ao Sancto Padre, depois ao Cardeal Alimonda e ás Casas Salesianas da America, Inglaterra, Hespanha, França e Austria, bem como a alguns dos principaes bemfeitores. Alem d'isto mandou-se imprimir a seguinte circular.

« Aos Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora,  
Cooperadores e Cooperadoras :

« Com o coração magoado, com os olhos razos de lagrimas, com a mão tremula e immerso em um mar de tristeza e de desolação, eu vos annuncio o acontecimento funesto, como igual jamais poderei communicar no correr de minha existencia, qual o de vos fazer saber que o nosso muito amado Pae em Jesus Christo, o nosso Fundador, o amigo, o conselheiro, o guia de nossa vida, *morreu!* Oh! palavra que fere a alma, traspassa o coração por todos os lados, e que dos meus macerados olhos faz jorrar uma torrente de lagrimas!

« As orações, particulares e publicas, alçadas ao Céu, para obtermos a sua conservação, retardaram por algum tempo o golpe fatal ao nosso coração, hoje ferido profundamente; mas não tiveram força sufficiente para evital-a, como era o nosso mais ardente empenho.

« Nada neste instante nos consola senão o pensamento de que foi esta a vontade de Deus, o qual, sendo infinitamente bom, nada faz que não seja justo, sabio e sancto.

Por conseguinte, resignados, inclinemos humilde e reverentemente a nossa frente e adoremos seus altos e imperscrutaveis designios.

« Desnecessario é contar-vos que **D. Bosco** morreu como morrem os justos, com uma serenidade e calma inefaveis, confortado com todos os auxilios da religião, abençoado muitas vezes pelo Vigario de Jesus Christo visitado com insigne piedade por prelados e inclitos personagens, ecclesiasticos e seculares, tanto da Italia, como do estrangeiro, assistido com amor filial por seus alumnos e tratado com singular affecto e pericia pelos mais conceituados medicos. Nem tam pouco vos fallarei de suas obras e virtudes, porque o tempo urge e a minha penna recusa-se a escrever, estando como estou com o coração dilacerado.

« Somente vos communico que ha poucos dias, **D. Bosco** disse, que a sua Obra não esmorecerá com a sua morte, porque está confiada á bondade de Deus, protegida pela poderosa intercessão de Maria Auxiliadora e sustentada pela generosa caridade dos Cooperadores e Cooperadoras, que continuarão sempre com o mesmo fervor.

« Por uma parte podemos acrescentar que alentamos a mais intima confiança de que assim acontecerá, porque **D. Bosco** do alto dos Céos, onde esperamos que tenha sido acolhido entre os esplendores da gloria, agora, mais do que nunca, será nosso amorosissimo Pae, e perante os augustos thronos de Jesus Christo e de sua Mãe Immaculada, exercerá com maior efficacia a sua caridade para comnosco e fará descer sobre nós na terra com maior abundancia os celestiaes favores.

« Encarregado eu de fazer suas vezes, procurarei proceder o melhor possivel para corresponder as esperanças de todos. Auxiliado com a cooperação e conselhos de meus irmãos, certamente a Congregação de S. Francisco de Sales, amparada pelo braço de Deus, assistida pela protecção de Maria Auxiliadora, confortada

com a caridade dos benemeritos Cooperadores Salesianos, continuará as obras começadas por seu eximio e chorado Fundador, especialmente aquellas que têm por objectivo o ensino e a educação da juventude pobre e abandonada, bem como as missões estrangeiras.

« Ainda um pensamento. A exemplo de nosso glorioso Padroeiro S. Francisco de Sales, varias vezes **D. Bosco**, ouvindo ou lendo certas expressões que pessoas benevolas lhe dirigiam, manifestou o receio de que, depois de sua morte, pensando-se que elle não precisaria de suffragios, o deixassem soffrer no Purgatorio. Por tal motivo, conforme o seu desejo e por dever de affecto filial, recommendo a todos que applicuem, quanto antes, fervorosas preces em suffragio de sua alma, não duvidando que o Senhor em sua infinita providencia saberá retribuir efficazmente.

« Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores e Cooperadoras, meninos e meninas confiados aos nossos cuidados, não temos mais o nosso querido Pae na terra, porem vel-o-hemos um dia no Céu, se soubermos apreciar, quanto valem, os seus conselhos, e seguirmos fielmente suas virtuosas pegadas.

« Não duvideis que apezar de achar-me submerso na mais profunda dôr e aniquilado por atrocissimos soffrimentos, sou

« Vosso muito afeiçoado Irmão e Amigo

« MIGUEL RUA, *Sacerdote*.

«**Nota.** — O venerando **D. Bosco** passou desta para melhor vida no dia 31 de Janeiro ás 4 horas e 3/4 da manhã. Os funeraes far-se-hão quinta feira, 2 de Fevereiro ás 9 1/2 horas da manhã, na igreja de Maria Auxiliadora, e o enterro ás 3 horas da tarde do mesmo dia. »

Desta participação funebre, enviada a todos os Institutos de **D. Bosco**, amigos e bemfeitores, imprimiram-se 53.000 exemplares, sendo 32.000 em italiano, 13.000 em francez e 8.000 em hespanhol.

## OS ANTIGOS ALUMNOS.

Depois dos Superiores e dos que fazem parte da familia salesiana, ninguem podia sentir mais vivamente tão triste perda do que aquelles a quem D. Bosco tinha dado logo no inicio da sua missão o nome de filhos. Os annos não apagaram o antigo affecto, como demonstra a carta seguinte:

COMISSÃO DOS ANTIGOS ALUMNOS DO ORATORIO  
*para honrar a memoria do Sacerdote*  
*D. João Bosco*

«Turim. 31 de Janeiro de 1888

« QUERIDO AMIGO :

« De uma irreparavel e tristissima desgraça acabam de ser victimas o Oratorio Salesiano de S. Francisco de Sales e as numerosas casas de educação que d'elle dependem. O seu preclaro e virtuoso fundador, o fiel e verdadeiro amigo da mocidade, o grande e incançavel apostolo da religião e da caridade, o nosso muito amado Padre **D. João Bosco** deixou de existir! Esta manhã, ás 4  $\frac{3}{4}$  voou para o Céu assistido e confortado com todos os auxilios da religião, e abençoado repetidas vezes pelo Sancto Padre Leão XIII.

« Ainda que já previssemos, desde algum tempo, as consequencias de sua debil e delicada saude, comtudo, agora, mais que nunca, sentimos a gravidade de tão triste e irreparavel perda. As lagrimas de seus filhos, a dor de seus amigos, o pranto da cidade attestam quam deploravel foi tamanha falta.

« Nas ultimas horas de sua preciosa existencia, nós fomos beijar-lhe a mão pela ultima vez, como para dar-lhe o derradeiro adeus nesta vida, em nome dos antigos alumnos; mas elle já não podia fallar, a sua lingua tinha emmudecido, os seus olhos não reconheciam pessoa alguma. Principiava a agonizar! Que pena, que angustia, quando

sahimos d'aquelle aposento, onde tantas vezes elle nos tinha recebido com sinceras demonstrações de benevolencia e afeição!... Oh! D. Bosco, D. Bosco!...

« Querido amigo, já sabes quam intenso era o desejo que tinhamos de celebrar, entre poucos annos, as Bodas de Ouro de D. Bosco. O Senhor, porem, dispoz de outro modo, seja feita a sua sancta vontade! Comtudo, não poderíamos agora tambem dar uma prova do nosso affecto e do nosso reconhecimento ?

« A Commissão dos antigos alumnos do Oratorio, como demonstração de estima á memoria de D. Bosco, de acordo com os Superiores da Casa, convida todos os companheiros, sacerdotes e seculares, residentes em Turim e suas immediações a tomar parte no enterro que se realizará quinta feira, 2 de Fevereiro ás 3  $\frac{1}{2}$  horas da tarde, exhortando-os tambem a fazer uma pequena offerta para supprir as despesas occurrentes com o mesmo enterro, assim como para os funeraes solemnissimos que serão feitos na igreja de Maria Auxiliadora.

« A nossa reunião terá logar na grande sala do Oratorio. Dar-se-hão as instrucções para proceder-se com a maior regularidade no cortejo funebre; quanto a nós observaremos a ordem da antiguidade.

« Julgamos desnecessarias supplicas instantes para persuadir-te a prestar esse ultimo tributo de amor e de reconhecimento ao nosso fallecido Pae.

« Os amigos ausentes poderão servir-se de sellos de correio para enviarem sua offerta; logo que fôr determinado o dia do funeral, teremos o consolo de fazer-te sciente de tudo.

« No mais, cuida em fazer subir tuas preces para o eterno repouso da alma do nosso nunca assás chorado D. Bosco e recebe as nossas cordiaes saudações.

« *Pela Commissão:*

« CARLOS GASTINI

« MATHEU ALASIA, *Secretario.* »

## A Capella Ardente

OS ALUMNOS.

O sanctuario de S. Francisco de Sales, aquella bonita capella edificada por D. Bosco em 1850, na qual por tantos annos tinha exercido o seu apostolado de caridade, de beneficencia e de amor para com a mocidade pobre e abandonada, está rigorosamente coberta de luto. Para ahi foi transportado o seu cadaver, ás seis horas da manhã do dia 1.º de Fevereiro, com acompanhamento de sacerdotes e clerigos, que entoavam o *Miserere*, levando tochas accesas. D. João Bonetti rezava as orações do ritual e D. Antonio Sala dirigia a imponente cerimonia. A esta mesma hora todas as pessoas do Oratorio assistiam, na egreja de Maria Auxiliadora, a uma solemne Missa de *Requiem*, celebrada pelo Director do Oratorio, D. Domingos Belmonte, precedida da reza do sancto Rosario e acabada com a communhão geral.

Depois foram visitar os restos mortaes de seu grande e amado bemfeitor collocado no presbyterio, rodeado de luzes e coroas.

Enorme quantidade de meninos entravam continuamente melancolica e tristemente, e com ternura inexprimivel fixavam seus olhos lagrimosos para cima, no sanctuario, onde, com a cabeça inclinada, o semblante sereno, calmo e quasi risonho, com os olhos meio fechados e fixos no sancto crucifixo, que segura com as mãos, parece que ainda vive D. Bosco. — Nosso Pae! — repetiam unisonos aquelles milhares de corações, immersos na mais profunda tristeza. Quantas reminiscencias, quantos suaves sentimentos, quantos e quão ternos pensamentos tumultuam na mente e no coração dos filhos de D. Bosco nestes dolorosos momentos!

Os alumnos lembram-se, agradecidos, dos trabalhos, da perseverança e caridade sem igual do amado Pae

n'aquella mesma capella. Imaginam vel-o ainda adaptando-se, tanto aos humildes, quanto aos mais difficeis officios, para obter a educação religiosa, intellectual e material de seus filhos, vencendo não pequenos obstaculos com uma calma e serenidade que nunca perdeu. Alli mesmo sob aquelle tecto tinha concebido o plano de muitas obras maravilhosas e de multiplas instituições que actualmente acham-se espalhadas por todo o mundo. Contemplavam o pulpito ora vazio, onde pregou constantemente desde o anno 1850 até o 1868, e lhes parecia ouvir ainda a sua poderosa palavra que commovia o coração mais duro, animando-o para o bem e obrigando os meninos que o escutavam a se regenerarem e tornarem-se bons e piedosos. Na sua mente representava-se o commovente quadro, quando elle no seu confessionario detraz do altar môr, estava circumdado de todos elles, cada qual, preferindo-o só e exclusivamente para confiar todos os seus segredos. Quem poderá enumerar tantas almas resuscitadas á graça de Deus, por meio da sua prudente, affectuosa e celestial caridade? Sim, uma força interior nos impellia a acercar-nos d'elle e a dizer-lhe á puridade a ultima palavra, como se pudesse ainda escutar-nos alli no altar, onde celebrou por tantos annos o sancto sacrificio da Missa, com uma devoção tão singela quão profunda, tão terna, sem que nada de extraordinario transparecesse no exterior, firme na sua fé que tudo alcançava.

Os mais antigos da casa recordam, como testemunhas que foram, tudo que refere o numero 6 do *Bolletim Salesiano* do anno de 1881. Uma vez D. Bosco, no anno de 1848, achando-se com muitos meninos sobre um monticulo de terra, disse-lhes com accento prophético: — *Um dia, n'este mesmo logar, se levantará o altar de uma egreja, na qual vós recebereis a sagrada Communhão e cantareis os louvores do Senhor.* Estas palavras tinham-se verificado poucos annos depois e agora naquelle mesmo logar via-se D. Bosco morto, rodeado de seus meninos.

Bem disse o *Corriere Nazionale* de Turim: — « Sentiamos toda a grandeza d'aquelle homem, poderoso como um soberano, bemfazejo como um Vicente de Paulo, amavel como um Francisco de Sales, piedoso como um Affonso de Ligorio ». Na magoa profunda que nos abysmava por tamanha perda, sentiamos uma unica necessidade, um unico allivio, a oração. Era o sentimento dominante em todos os meninos que divididos por classes e officinas, alternaram-se todo o dia, indo prostrar-se aos pés do altar de Maria Auxiliadora e alli rezavam o sancto Rosario com singular devoção.

Às 5 da tarde reuniu-se a communitade inteira no referido Sanctuario e cantou solemnemente o officio de defuntos. Certamente, se as virtudes do finado impelliam todos a rezar com indizivel fervor pelo seu eterno descanso, tambem a firme esperança impellia todos a recommendar-se a elle e supplical-o que se dignasse de lançar do alto de sua gloria abundantes benções sobre o Instituto e tantas pessoas por quem tanto se extremecia, durante toda sua vida.

#### O POVO.

A capella de S. Francisco de Sales abriu-se ao publico ás oito horas da manhã. Parecia que toda a cidade de Turim tinha vindo ao Oratorio para visitar os restos mortaes de D. Bosco. Por toda a praça de *Milano* e a extensa rua *Regina Margherita* via-se um continuo vae-vem de pessoas de todas as classes e condições. A praça de Maria Auxiliadora todo o dia esteve cheia de carruagens. — Vamos a D. Bosco! — diziam uns aos outros. O povo, bem inspirado, conciso em seus juizos, assim como outr'ora designava pelo nome de Cottolengo (por causa do fundador) o instituto de caridade que eleva-se ao lado do Salesiano, poz tambem, a esse bairro o nome de D. Bosco. E bem se exprimiu, porque a igreja, o oratorio, a escola, as officinas, o asylo, todas as instituições reunidas em uma só, não podiam ter outro nome senão o do homem que

concebeu, desenvolveu e realizou o plano. D. Bosco e Cottolengo! Dous homens que formam uma historia de beneficencias inimitaveis e ao mesmo tempo de heroicos sacrificios.

A multidão se condensava cada vez mais. Na praça vendiam-se aos milhares os numeros dos jornaes *Unità Catholica* e *Corriere Nazionale*, que fallavam de D. Bosco e traziam o seu retrato. A mó immensa de pessoas de todas as classes, aquelle movimento continuo, desejosos de o ver ainda, a espontaneidade da dôr, o pranto geral, todo esse conjuncto emfim, era um verdadeiro prodigio. Disseram as folhas diarias que foi de quarenta mil o numero de pessoas que vieram visitar o cadaver.

Tendo o Snr. Voli, Sindycó d'esta Capital, previsto tão grande affluencia, dignou-se escrever uma carta attenciosissima aos Superiores do Oratorio, pondo a sua disposição os guardas municipaes a fim de conservar a ordem dentro e fóra da igreja. Nos tres dias o serviço prestado pelos ditos guardas, superior a qualquer elogio, exprime tambem a capacidade propria de homens de coração que sabem cumprir um nobre officio de caridade.

#### NA CAPELLA.

Dentro do Oratorio a scena luctuosa, era solemne. Nos bancos que rodeiam o presbyterio da igreja de S. Francisco de Sales, achavam-se sacerdotes que psalmodiavam em tom baixo e devoto o officio de defuntos. Para ajudar aos sacerdotes do Oratorio vieram os da cidade e o Clero da Casa de Cottolengo. Nos altares lateraes celebravam-se sem interrupção Missas de defuntos até o meio dia.

Viu-se sem cessar um continuo vae-vem de devotos, que entrando pela porta que dá para a rua de *Caselle*, saiam pela porta principal do Oratorio. Pelos vastos pateos, onde fazem seu recreio todos os dias os meninos, não se podia andar senão com muita difficuldade. Variavam as classes de visitantes segundo as horas do dia. Pela

manhã, até às dez, negociantes e empregados. As onze chegavam os carros das familias mais catholicas e mais distinctas. Das duas em diante um numero consideravel de pessoas de todas as condições.

A concurrencia era immensa, superior á capacidade da egreja. Ricos e pobres, nobres e plebeus e particularmente a mocidade, os operarios e meninos acudiam de todos os lados para prestarem seu tributo de admiração, respeito e reconhecimento diante do cadaver de quem soube em vida ser verdadeiro apostolo da juventude pobre e abandonada. Todos se approximavam com reverente piedade desejando beijar a mão a D. Bosco, mas como uma balaustrada os impedisse, conseguiam dos sacerdotes que mais perto se achavam e a quem entregavam medalhas, registros, imagens, rosarios, lenços, livros de devoção e objectos, que estes fossem tocados por aquellas sagradas mãos.

Vimos homens de superior intelligencia e de predicados não communs, passar diante do cadaver inclinando a cabeça e pronunciando estas palavras: É um sancto! Houve corações generosos que apressaram-se a socorrer os orphãosinhos de D. Bosco, e entre os varios actos de assignalada caridade é digno de menção um bilhete anonimo fechado, capeando uma esmola, o qual foi collocado entre as dobras das vestes do cadaver com as seguintes palavras: Querido D. Bosco, rogae por mim!

Ao anoitecer, depois de ter-se conseguido com grande trabalho que o povo se retirasse, fecharam-se as portas. As nove horas foram novamente abertas para permittir a entrada a muitas pessoas que acabavam de chegar do Piemonte e da Lombardia, com o exclusivo intuito de ver, pela ultima vez, os restos mortaes do preclaro Fundador.

As visitas aos aposentos de D. Bosco não tinham fim.

Tambem a egreja de Maria Auxiliadora, durante todo o dia, tinha estado cheia de pessoas que vinham rezar por D. Bosco e especialmente na hora da benção do Sanctissimo Sacramento que era dada ás 7 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> da tarde.

Um telegramma procedente de Genova, enviado pelo Emo. Cardeal Alimonda, manifestava o seu pezar e o desejo de chegar no dia seguinte a Turim.

O ADEUS DOS FILHOS.

Entre todas as cerimoniaes effectuadas durante esses dias no Oratorio, a mais terna e commovente foi sem duvida o ultimo adeus que os filhos davam ao seu amado e inolvidavel Pae D. Bosco com o coração opprimido pela mais pungente dor.

No dia 1.º de Fevereiro, ás 8 horas da noite, todos os meninos do Oratorio achavam-se reunidos na capella, onde estava exposto o cadaver e, ajoelhados, rezaram as orações que o venerando finado tinha-lhes ensinado.

Os olhos e os coraçãoes de todos estavam fixos e como extaticos contemplando aquella doce physionomia. Quantas recordações! quanta ternura! quanta dôr! Acabadas as orações e depois de um breve e imponente silencio, D. Francesia proferiu palavras que arrancavam lagrimas de ternura e de amor a todos os circumstantes.

—Vede ali o nosso amado Pae, com tanta calma, serena tranquillidade e o sorriso que transluz de seus labios! Parece querer fallar-vos e vós quasi que esperaes vel-o se levantar e vos dirigir a palavra. Não é verdade? Porém infelizmente elle não pôde repetir-vos agora os sanctos conselhos que tantas vezes vos deu. Por isto os Superiores me encarregaram de fazer as suas vezes. Porém o que é que eu vos direi deste logar, onde D. Bosco tanto fez para vós? Não farei mais do que lembrar-vos as ultimas palavras que elle mesmo vos dirigiu. Tendo-lhe sido perguntado qual lembrança queria deixar aos seus meninos, respondeu: *Dizei-lhes que os espero todos no Paraiso.*

Na egreja o recolhimento era tão profundo e tão intimo, que percebia-se a respiração afanosa dos desolados pobres meninos, a quem parecia que D. Bosco, no meio da serenidade da morte, os abençoava para sempre.

Dado aviso a cada turma para retirar-se ao respectivo dormitório, pôde-se conseguil-o com difficuldade, pois achavam-se todos immobilizados e com os olhos inundados de lagrimas, contemplando pela ultima vez tão grande e tão querido bemfeitor.

CARTA DO EMMO. CARDEAL ALIMONDA.

Para mitigar um tanto a nossa dor chegou a preciosissima carta do nosso venerando Arcebispo, que amava extremadamente a D. Bosco e era fielmente correspondido em seu amor.

« *Revdmo. e Querido D. Rua:*

« Creio inutil dizer-lhe quam amarga me foi a noticia que Vmcê. dignou-se communicar-me pelo telegrapho. O meu venerado e querido D. João não quiz esperar por mim, a fim de que ao menos uma vez ainda pudesse beijar-lhe a mão e recomendar-me a sua protecção perante o throno de Deus. Conformemo-nos com a sua sancta vontade!

« A V. Revdma. pois, e por seu intermedio a toda a Congregação Salesiana eu dou os mais sentidos pesames, e ao mesmo tempo prometto unir as minhas orações áquellas que em todas as partes da Italia e em todo o mundo, se offerecem pelo eterno repouso da alma preciosa do Fundador da Sociedade de S. Francisco de Sales, ainda que tenhamos boas razões para acreditarmos que já terá recebido a palma de suas virtudes e immensas fadigas pela gloria de Deus.

« Abraço-o *in Domino*, meu querido D. Rua, e abençoção não só a V. R. como a todos os seus Irmãos, subscrevendo-me

« Seu muito affeçoado em J. C.

« † **CAETANO**, CARDEAL ARCEBISPO.

« *Genova, S. Francisco de Albaro, 31 de Janeiro de 1888.* »

## AS HONRAS FUNEBRES.

Durante toda a noite velaram junto ao amado defunto, sacerdotes, clerigos e coadjutores salesianos.

Ao amanhecer do dia 2 de Fevereiro, o cadaver foi deposto em triplice caixa mortuaria, revestido de seus sacros paramentos. A primeira caixa é de carvalho com adornos de bronze dourado. A segunda é de chumbo e a terceira de zinco, forrada de seda amarella e adornada com borlas azues.

Dever-se-hia fechar e sellar definitivamente o ataude, mas se fez só provisoriamente a fim de proporcionar a consolação de contemplar pela ultima vez o amado Padre a muitos dos nossos Irmãos, entre os quaes alguns directores das Casas de França que deviam chegar d'alli a pouco.

As 8 1/2 a grande rua *Regina Margherita* que da praça *Milano* vae dar na de *Maria Auxiliadora*, estava completamente cheia de povo. Na rua *Cottolengo* os agentes da policia esforçavam-se para oppôr um dique a tão numerosa e extraordinaria concurrencia, para restabelecer a ordem. Além d'isto procuravam abrir caminho para passarem os amigos de D. Bosco, os Cooperadores e Cooperadoras de sua Obra. Os carros tinham de parar em certa distancia do Oratorio.

Sobre a porta do Sanctuario, ornada com cortinas de crepe, em um bonito quadro, lêm-se estas singelas palavras:

A DOM BOSCO  
PREGANO LA PACE DEI GIUSTI  
I SUOI FIGLI  
DOLENTI

*Em pró de D. Bosco rogam a paz dos justos os seus filhos saudosos.*

No primeiro pateo do Oratorio via-se um numero consideravel de pessoas em trajos de viagem e um pouco mais adiante muitos sacerdotes misturados com os Salesianos. Os primeiros são Francezes, alguns dos quaes chegaram no trem de Modane e Susa, outros são peregrinos recém-chegados de Genova, muitos da Suissa e Irlanda de volta de Roma que interromperam o seu itinerario para vir tomar parte no enterro de D. Bosco. Os segundos pertecem ao clero de Turim, que vieram compartilhar o luto e lagrimas dos Salesianos.

A parte da egreja reservada ao publico ficou toda occupada desde as primeiras horas da manhã. No meio e precisamente por baixo do zimborio, elevava-se o catafalco, sobre o qual pendia um magnifico pavilhão branco e preto. No retabulo do altar mór, todo coberto de crepe, sobresahia uma cruz de prata. Ao lado do Evangelho estava a cadeira episcopal, tambem coberta de crepe, mas sem docel. Ornamentação tão funebre impressionava os animos já cheios de intensa tristeza.

O silencio era profundo. Ouvia-se um vago murmurio fóra; era o immenso povo que debalde tentava entrar na egreja; comtudo nem sequer uma voz alta, nem a minima desordem. A porta principal da egreja estava aberta de par em par; e de dentro contemplava-se a praça cheia de pessoas que com grande devoção e recolhimento assistiam ao sancto sacrificio da Missa que se celebrava simultaneamente em todos os altares. Os bancos ao redor do catafalco são preenchidos todos pelos muitos convidados, por grande numero de senhoras e de Filhas de Maria Auxiliadora.

O lugubre dobrar dos sinos annunciou as exequias, seguindo-se o suave e melancolico canto dos psalmos do real Propheta. Aberta uma porta lateral, a vista de todos os circumstantes é attrahida para contemplar uma procissão. Deslizavam-se, em fileiras, consideravel numero de meninos, trajando batinas e sobrepellizes com tochas accesas. Atraz delles, quem? Ah! o pae de tantos pobres orphãos!

D. Bosco! que repousa em seu ataude, carregado aos hombros de oito sacerdotes salesianos, que chegando-se ao catafalco o depositaram com indizivel veneração, respeito e dôr inconcebivel.

Seis cirios ardião no altar mór e algumas centenas de velas illuminavam o catafalco, adornado com as armas da Congregação Salesiana e com muitas corôas collocadas pela piedade dos fieis.

O clero approximou-se procissionalmente; e no extremo vem Monsenhor Cagliari, revestido com as vestes episcopaes. A magoa deste venerando Apostolo da Patagonia revelava-se em seu triste semblante e parecia estar no meio de suas rezas repetindo: *Tambem eu perdi meu pae!*

Apenas a orchestra entoou o *Requiem*, ninguem ficou com os olhos enxutos.

Oh! Monsenhor Cagliari! Quando na flôr de teus annos escrevias as notas d'esta Missa funebre tão solemne, commovente, artistica, certamente não pensavas que um dia seria ella cantada, estando tu pontificalmente funcionando, pelo descanço eterno da alma de teu amado D. Bosco! Os proprios cantores sentiam a força de teus affectos e as notas sahião nitidamente de seus peitos, misturadas com soluços e lagrimas abundantes.

Às 11 1/2 horas terminou o *Libera me, Domine*.

Uma idéa singular passou-nos pela mente durante a sacra funcção. Havia muitos annos que D. Bosco pedia a Deus poder cantar o seu *Nunc dimittis* no dia em que elle tivesse levado ao ponto destinado pela Providencia a Obra que tinha emprehendido em nome do Senhor. Pois bem, os seus funeraes realizavam-se exactamente no dia em que vinte seculos antes fôra cantado o *Nunc dimittis* a vez primeira pelo sancto velho Simeão.



Processo verbal no ataude de  
D. João Bosco.

Às duas da tarde, antes que os venerandos restos mortaes de D. João Bosco fossem definitivamente encerrados no ataude, na presença dos Snrs. Doutores João Albertotti e Thomas Bestente, foi lido e depois incluído em uma redoma o seguinte termo, assignado pelos mencionados medicos e por varios Superiores Salesianos, testemunhas oculares do acto:

«Os abaixo assignados dão fé de que n'este ataude estão depositados os restos mortaes do Sacerdote D. João Bosco, fundador da Congregação de S. Francisco de Sales, das Filhas de Maria Auxiliadora e dos Cooperadores e Cooperadoras Salesianos. Nasceu em Castelnuovo de Asti a 15 de Agosto do anno de 1815, de Francisco Bosco e Margarida Occhiena e morreu em consequencia de uma consumpção lenta da medulla espinhal (como resulta do attestado entregue á Municipalidade, assignado pelo medico Snr. Albertotti que o assistiu durante sua ultima doença) em Turim, no Oratorio de S. Francisco de Sales, aos 31 dias do mez de Janeiro de 1888, ás 4 3/4 horas da manhã, poucos minutos depois do toque das *Ave Marias*, que pareceu ser a voz da Virgem Auxiliadora que chamava-o ao Céu, no fim do IX anno do glorioso pontificado do sapientissimo Papa Leão XIII, governando o Arcebispado de Turim o Emo. Cardeal Snr. D. Cactano Alimonda e reinando Humberto I de Saboia, nosso Soberano.

«Das obras de caridade e zelo admiraveis, das varias instituições, das grandes e heroicas virtudes, da vida d'este illustre finado e do pranto geral que a sua morte produziu em todo o povo fallará a seu tempo a historia.

«O cadaver está revestido dos sagrados paramentos roxos, como no acto de celebrar a sancta Missa. No pheretro junto com este pergaminho, dentro de uma custodia de vidro, ha tambem tres medalhas de Maria Auxiliadora e outra de prata, commemorativa do jubileo sacerdotal de Leão XIII.

«Restos preciosos dolorosamente chorados e regados com tantas lagrimas, repousai em paz até o dia em que o som da angelica trombeta vos chame á gloria eterna; o espirito que vos animou, seja-nos propicio do alto dos Céos, onde fundadamente esperamos se ache gozando da vista de Deus e de Maria a quem tanto amou e na qual teve sempre a maior confiança.

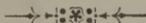
« Turim, 2 de Fevereiro de 1888. »

*(Seguem as assignaturas)*

Pela ultima vez, os poucos que tomaram parte n'esta triste cerimonia, contemplaram aquelle venerando cadaver e beijaram a mão que ainda se conservava flexivel. Depois reverentemente o encerraram.

Adeus, sanctas reliquias de D. Bosco, não vos veremos mais. Desapparece o astro da beneficencia, o Apostolo da mocidade, a ancora da pequenez desvalida, o pae do povo, aquelle olhar suavissimo que convertia, aquella voz harmoniosa que fallando, doutrinava, aquella mão que, levantando-se, abençoava, aquelles pés, que caminhando, evangelizavam a paz.

Adeus, reliquias venerandas. Vós baixaes ao sepulcro, mas a nós resta-nos a grande alma de D. Bosco presente nas suas instituições, viva e patente em seus exemplos admiraveis.



**Exequias.**

Às duas horas e meia da tarde a affluencia de pessoas começou a occupar as ruas e praças proximas da igreja de Maria Auxiliadora. Os carros e os bonds eram tomados de assalto, as carruagens dos particulares e os de aluguel conduziam uma quantidade de pessoas ao lugar da sepultura. Desde o meio dia, como dissemos, muitas lojas fecharam suas portas em signal de luto e ás 3 horas, em muitas fabricas, e officinas foram suspensos os trabalhos.

Quem poderá dizer quantas pessoas assistiram a este enterro, com o qual quiçá não ha outro que se possa comparar? Diremos *cem mil* pessoas, mas talvez eram mais. Em toda a extensão das ruas *Cottolengo, del Principe Oddone, della Regina Margherita* e de *Ariosto*, duas longas e vastas fileiras de pessoas esperavam o cortejo que movia-se lentamente. Todas as sacadas estavam cheias de gente; por cima das arvores, dos carros e dos lampeões viam-se aquelles vivazes filhos do povo que de tudo sabem fazer algazarra e que, comtudo, no solemne recolhimento d'aquelle acto, observavam uma conducta em extremo reverente e respeitosa.

D. Bosco em uma sua memoria manuscripta, recomendava a modestia nos funeraes, ainda que manifestasse o desejo de que os seus filhos acompanhassem o seu cadaver até á ultima morada. Mas era necessario porventura impor tal desejo a corações que transbordavam de affecto?

Às tres e meia começou a desfilar o cortejo, composto de mais de cinco mil pessoas. Iam adiante as Filhas de Maria das freguesias de S. Donato e S. Joaquim, seguidas de algumas Irmãs, educadas no Instituto de S. Thereza de Chieri, e varias meninas dos Oratorios festivos. Iam depois em grande numero Cooperadores e

Cooperadoras da Congregação Salesiana e grande concurso popular associado em tam piedoso e geral tributo de veneração. Seguiam os alumnos do Oratorio Salesiano e a Casa de S. João Evangelista, divididos os estudantes por classes e os artistas por officinas; logo depois os coadjutores de outras Casas Salesianas e os antigos alumnos de D. Bosco. Entre estes ultimos viam-se cathedrauticos, jornalistas, musicos, professores, escriptores, artistas, gerentes de fabricas, em uma palavra todas as classes sociâcs. Era uma verdadeira e justa homenagem de veneração e gratidão ao homem que a tantos milhares de meninos desvalidos tinha dado o pão da intelligencia e o do corpo e tinha-os guiado na senda do trabalho honrado e proveitoso.

A banda do Oratorio Salesiano executava de quando em quando alguma marcha funebre, hasteando a sua bandeira coberta de crepe.

Precedidos pelo subdiacono de cruz alçada e coberta com véo preto, vinham o clero, os Irmãos menores do Hospicio de S. Antonio, os clerigos Salesianos, numerosissimos sacerdotes dispostos em ordem segundo a sua ancianidade, quarenta parochos de Turim e das povoações adjacentes, varios Conegos e os Exmos. e Revmos. Monsenhores Cagliariro, Bispo de Magida, Bertagna, Bispo de Capharnaum, e Lcto, Bispo de Samaria, os quaes estavam revestidos com a capa de asperges preta e mitra branca, acompanhados de seus diaconos, subdiaconos e sacerdotes assistentes.

Oito sacerdotes salesianos carregavam aos hombros o feretro. Varios francezes e italianos tinham solicitado esta honra; os Salesianos, porem, supplicaram-lhes que não levassem a mal se pretendiam conserval-a toda para si. A caixa mortuaria, coberta com panno preto, tinha em cima as insignias sacerdotaes e as medalhas de ouro da Associação de Catholicos de Barcellona e da Sociedade Geographica de Lyon, corporações que o honravam e

muito particularmente a primeira, tendo-o inscripto como socio honorario e benemerito por seu grande Apostolado em favor da mocidade.

Ao passar do feretro, todos descobriam reverentemente a cabeça, muitos ajoelhavam-se e não poucos pronunciavam as palavras, ouvidas mil vezes n'este dia:

— Era um sancto !

Aos lados alguns sacerdotes carregavam as corôas de flôres offerecidas pelo Capitulo Salesiano. Este ia atraz do cadaver. Presidiam D. Miguel Rua, D. Celestino Durando e D. Antonio Sala que mostravam em seu semblante a sua grande dôr. Por ultimo seguiam muitissimos sacerdotes, entre os quaes uma commissão da Curia Archiepiscopal e outra do afamado Sanctuario da *Consolata*, os Sacerdotes da companhia de S. Thomas, avultado numero de seminaristas, os representantes de todas as ordens religiosas de Turim, os do Collegio dos *Artigianelli* e da imprensa, isto é de varios periodicos de Turim, Milão, Genova, Roma, Ivrea, etc., o Exmo. Snr. Conde de Viancino, presidente da obra dos Congressos Catholicos, os representantes da União Conservadora, outros illustres e distinctos senhores, o Conselho central da União Catholica operaria de Turim com bandeira, a União dos Aspirantes Operarios com seu pendão, a Juventude Catholica com seu estandarte, a União *Coraggio Catolico*, os representantes de muitas Sociedades catholicas forasteiras entre as quaes mencionaremos as de Saluggia, Chieri, Orbassano, Asti, Santena e Nice Monferrato. Dez bandeiras envolvidas em crepe ondeavam naquella espessa retaguarda, que marchava occupando todo o espaço da rua e extendendo-se desde a ponte do ferro-carril até ás immediações do Oratorio. Vieram tambem honrar o grande educador illustres professores e benemeritos directores de varios institutos. Achavam-se entre elles o Reverendo Dr. Snr. D. José Parato, reitor do Collegio Nacional e o Exmo. commendador Snr. D. João Scavia.

Entre os estrangeiros apontaremos: o Snr. D. Luiz Barros y Mendez, do Chile; o Snr. D. Julio Auffray, representante de la *Défense* de Paris; o Padre J. Romanet, delegado dos professores do *Petit Séminaire* de Pont Beauvoisin na Saboia.

Ainda não se acabava o prestito. Todas as referidas representações eram ladeadas de largas fileiras, compostas de criados que vestiam a libré das principaes familias de Turim, entre os quaes figuravam tambem alguns grandes do Municipio: finalmente seguiam algumas centenas de pessoas devotas que rezavam piedosamente o terço.

Para poder formar uma idéa de tão numerosa concurrencia, basta dizer que, depois que os primeiros que formavam o cortejo tinham percorrido tres kilometros, os ultimos ainda não tinham sahido da egreja de Maria Auxiliadora.

A cidade de Turim nunca presenciou uma affluencia tão numerosa e espontanea. D. Bosco, filho do povo e consagrado ao povo, recebeu d'este a maior demonstração que pôde imaginar-se.

O esplendor d'este acto funebre não pôde ser comprehendido se não fôr considerado em sua singeleza. Todos aquelles que nelle tomaram parte eram filhos, alumnos ou admiradores de D. Bosco, impellidos a prestar-lhe tão penoso tributo, não por simples obrigação de reverencia ou para salvar as apparencias sociaes, mas por um immenso sentimento de amor e gratidão.

#### FUNERAL OU TRIUMPHO?

Admiravel e commovente era a attitudo d'aquelles milhares de meninos e jovens, que iam pelas ruas com a cabeça descoberta, rezando cada um as suas orações particulares.

Seu unico pensamento era D. Bosco, a quem transportavam com a maior solemnidade religiosa para o seu repouso eterno.

E na verdade: foi mais que um funeral, foi um triumpho! Levavam os restos mortaes de D. Bosco para serem enterrados, mas o amado D. Bosco estava mais vivo do que nunca na veneração da multidão, nos obsequios á sua memoria, na grandeza de suas instituições. O sancto defunto sobrevive em milhares e milhares de sacerdotes, devotos, meninos, operarios que continuarão as tradições de suas virtudes evangelicas.

Os cantos funebres não tinham esse accento triste e melancolico que conturba o coração e provoca o pranto; os canticos subiam aos ares limpidos e suaves, entre os raios do sol refulgente, e commovendo suavemente os corações de todos, certos de que aquella alma já gozava no Céu triumpho maior do que tributava-lhe na terra a piedade dos viventes.

Com effeito, um senhor de aspecto nobre e generoso chegou-se a um sacerdote salesiano e perguntou-lhe:

— Faz-me o favor de dizer-me que cerimonia é esta?

— E' o funeral de um sacerdote.

— Como! um funeral? Não, senhor, diga antes uma apotheose.

Uma scena muito toçante representava-se na rua de *Ariosto*, diante da estatua do veneravel Cottolengo, a qual está em attitude de mostrar o Céu a um pobre velho e a um menino que estão a seu lado. Aos pés da estatua abriram-se duas janellas que dão para um aposento. Alli, enquanto se revezavam os que carregavam o feretro, appareceram alguns pequenos enfermos, que com seus movimentos pareciam animar a estatua que indicava n'aquelle instante o Céu a quem tinha seguido tão glorioso exemplo: *Charitas Christi urget nos.*

---

## ENTRADA NA EGREJA.

O espectáculo que offerencia a volta do prestito á egreja era imponente e indescritivel.

Seis horas da tarde vão bater. A praça estava cheia de povo até a rua *Regina Margherita*. Pela larga rua de *Cottolengo* tambem não se podia passar. O adro da egreja porém achava-se completamente livre e alli se collocaram os meninos do Oratorio, formando semicirculo. No meio estavam duas alas de homens com tochas accesas. Entraram na egreja as Filhas de Maria vestidas de branco, postando-se na capella á direita; o clero estendia-se até o altar mór, e formava duas extensissimas fileiras dobradas em redor do catafalco.

Logo que chegou o feretro á egreja, a musica do Oratorio executou uma marcha funebre: os sinos tocavam com um som melancolico; apezar da lugubre harmonia e de tão plangentes accentos, sente a alma uma impressão suave em presença de tão grandioso apparato.

A egreja está o mais possivel illuminada.

— *É a entrada no Paraiso* — ouvimos dizer a alguns. Os Exmos. Monsenhores Leto e Cagliero, um do lado da Epistola, outro do Evangelho, estavam de pé no altar mór, rodeados de seus sacerdotes assistentes; e de mitra branca na cabeça. Monsenhor Bertagna esperava o feretro sobre os degraos do presbyterio. As *representações* ficaram na porta da egreja com suas respectivas bandeiras.

Logo que Monsenhor Bertagna acabou de dar a benção ao cadaver, offereceu-se outro novo e edificante espectáculo. O povo precipitou-se sobre o feretro para beijal-o, como se beijam as cousas sanctas. As corôas de flôres foram feitas em pedaços como reliquias, e assim aconteceria a tudo mais, se não se tivessem tomado immediatamente providencias.

O caixão foi em seguida transportado para a capella de S. Francisco, para ahi ficar até o momento da sepultura.

E' singular! Quaes as impressões que dominaram nesse memoravel dia? Quando toda a Communidade voltou e reuniu-se no Oratorio, uma paz, uma consolação geral inundava todos os corações. Alguns que ainda de manhã haviam pranteado, sentiram-se placidos, como se D. Bosco não tivesse morrido, como se elle se achasse ainda no meio de seus filhos!

— Que bonita festa! — exclamavam muitos; e quem a principio extranhava tal exclamação, acabava por dizer tambem — Foi realmente uma festa esplendida! Muitos repetiam os gracejos e as affectuosas palavras que tinham ouvido a D. Bosco pronunciar por vezes; outros contavam alguns factos de sua vida, com tanta alacridade e signaes de satisfação, que seria motivo de reparos para estranhos! Emfim; como que por milagre tinha cessado o luto. Parecia a todos que D. Bosco ainda vivia e não estava longe.

LEÃO XIII E D. BOSCO.

No dia seguinte pela manhã, uma carta dirigida por Sua Em.<sup>a</sup> o Cardeal Rampolla, ao Snr. D. Miguel Rua, Vigario geral da Congregação Salesiana, coroava a nossa misteriosa tranquillidade, com palavras dictadas pelo proprio Vigario de Jesus Christo.

« *Revdmo. Snr.*

« A perda do sacerdote D. João Bosco, que gozava da  
 « estima, affecto e admiração universal pelos estabeleci-  
 « mentos de caridade christã que elle havia creado, pelo  
 « zelo que sempre desenvolveu em promover o bem das  
 « almas e por tudo quanto tinha feito a fim de que o nome  
 « sanctissimo de Deus fosse conhecido e honrado em toda  
 « parte, a perda emfim desse Apostolo, deixa um vacuo, do

« qual resente-se a Igreja e com ella devem tambem sen-  
 « til-o, por sua vez, seus filhos, que o tiveram como Pae  
 « affectuosissimo, dotado de todas as virtudes.

« E tambem posso dizer que no animo de Sua San-  
 « ctidade, este tristissimo acontecimento produziu uma  
 « impressão tanto mais dolorosa, quanto maior era a bene-  
 « volencia que sentia para com o benemerito sacerdote e a  
 « estima em que sempre teve as suas muitas empresas  
 « fecundas em fructos salutaes de sanctidade. De sorte que  
 « não pôde deixar de erguer seu coração á divina miseri-  
 « cordia para supplicar-a que digne-se de conceder-lhe  
 « generoso premio na gloria celeste.

« Finalmente outorga cordialmente a benção apostolica  
 « á Congregação Salesiana, na segurança de que ser-lhe-ha  
 « de grande lenitivo em sua afflicção, e de estímulo para pro-  
 « seguir na sancta empreza que herdou do finado, unico alvo  
 « de seus incançaveis cuidados, durante os longos annos de  
 « sua carreira mortal.

« Unindo-me aos sentimentos do Sancto Padre, desejo  
 « a V. Rvm. toda a sorte de felicidades e me declaro com  
 « particular affecto

« Seu muito affeçoadado

« CARDEAL M. RAMPOLLA.

« Roma 2 de Fevereiro de 1888. »

#### O ENTERRO

##### Valsalice

Os Salesianos desejavam conservar as reliquias do venerando Padre na igreja de Maria Auxiliadora em sepultura expressamente preparada; porém depois de grandes difficuldades oppostas pelo poder civil — quando se fallou de transportal-as para uma casa fóra da Italia — somente poudese conseguir guardal-as no Seminario das Missões Salesianas, em Valsalice.

No dia 4 de Fevereiro, ás 5 1/2 da tarde, D. Rua, Monsenhor Cagliero, D. Sala e D. Bonetti acompanharam de carro o ataude que depositaram em Valsalice. Durante o trajecto rezaram o Terço.

Ao chegar ao Seminario, sacerdotes e clerigos, com tochas accesas e enfileirados receberam o feretro e o acompanharam até a capella. Monsenhor Cagliero officiou nas exequias e todo o clero cantou o officio de defuntos.

Sellado logo o ataude com o sello da Congregação Salesiana foi conduzido ao jazigo edificado com grossas lousas de pedra lavrada.

Assistiram tambem a esse acto D. Francisco Cerruti, D. José Lazzero e a Superiora das Filhas de Maria Auxiliadora.

Era justo que em tal occasião fossem representadas todas as Instituições fundadas por D. Bosco. Finalmente presentes mais de 130 pessoas, os pedreiros fecharam o sepulcro, deixando o espaço necessario para collocar mais tarde uma lapide de marmore, com o correspondente epithio.

Terminado o acto reuniram-se todos os circumstantes na capella, onde Monsenhor Cagliero pronunciou poucas mas sentidas palavras. Entre outras verdades disse que os Superiores confiavam aos Salesianos da Casa de Valsalice um precioso deposito, que quiçá em tempo não longo chegaria a ser glorioso. Recommendou-lhes que custodiassem e acolhessem com amor fraterno os irmãos das outras Casas que viessem visital-o. Aconselhou-os a que fossem com frequencia e se prostrassem diante do sepulcro para inspirar-se e accender-se na pratica do bem e finalmente fez uma rapida resenha das principaes virtudes que enalteciam aquelle homem de Deus, que tinha-nos dado exemplo edificante. — Accrescentou: assim como os primeiros christãos animavam-se em combater pela fé e a soffrer e morrer por Jesus Christo e fortaleciam-se ante as sepulturas dos martyres; assim como S. Phelippe Neri

conseguiu ser o Apostolo de Roma, visitando a miudo as catacumbas, vós tambem e todos devemos vir frequentemente haurir d'este sepulcro aquella fortaleza que no meio das mais duras provas D. Bosco mostrou nos seus trabalhos pela gloria de Deus e salvação das almas; devemos, sim, ir inflamar-nos naquelle fogo de amor que ardeu sempre em seu peito e fel-o apostolo, não só de Turim, Piemonte e Italia, mas tambem das mais remotas regiões da terra.

D. Rua por seu turno tambem proferiu algumas palavras, demonstrando como a divina Providencia tinha sido quem confiára aos Salesianos de Valsalice o corpo de D. Bosco. Contou que nas ferias do anno passado todos os Superiores tinham unanimemente concordado em conservar o Collegio para a educação dos meninos e que d'alli a pouco, unanimemente mudaram de parecer, resolvendo, no meio de não pequenas difficuldades, transformar o Collegio e estabelecer seminario para as nossas missões. O proprio D. Bosco, que dias antes, tinha dado o seu voto para que se conservasse o Collegio, approvou com satisfação esta idéa. E concluiu dizendo: — Porém, ao que vem esta recordação? me perguntareis. Somente para manifestar-vos que se esta casa fosse Collegio, nós não teriamos podido alcançar a permissão de guardar connosco o cadaver de D. Bosco: no Oratorio, não, porque o Governo o prohibiu abertamente; aqui não, porque as autoridades não o teriam permittido no caso de ser Collegio de meninos. Deus, porém, que tinha decretado chamar a si D. Bosco neste anno e que para nossa consolação queria deixar-nos o seu corpo ao pé de nós, dispoz tudo pela maneira que expuz: — Não poderemos, pois, dizer com verdade que é a divina Providencia que confia-nos a guarda d'este sepulcro? Portanto mostrae-vos dignos de sorte tão grande, e praticando as virtudes de D. Bosco, fazei que elle possa alegrar-se por estar com seu corpo em meio de vós como um Pae entre filhos amados.

Dito isto, D. Rua regressou ao Oratorio com os outros Superiores. Os sacerdotes e clérigos de Valsalice, em seguida, reunidos em redor de seu Director, D. Julio Barberis, dirigiram unanimemente ao Snr. D. Miguel Rua um protesto de profundo respeito, submissão e affecto e terminavam dizendo :

« O coração impõe-nos um dever. Parece-nos que este dia não acabaria bem, se não mitigássemos em parte, ao menos, a magoa que confrange os nossos corações unindo-nos a vós, nosso querido novo Reitor Maior, que em vida de D. Bosco soubestes inspirar-nos tanta confiança, captivar o nosso affecto e infundir-nos tanta veneração.

« Sabemos que o Sancto Padre vos designou, desde algum tempo, como successor do venerando D. Bosco. Reconhecemos-vos por tal com immensa satisfação e consideramo-nos felizes em poder saudar-vos com o nome de Pae. E aqui, sobre a campa de nosso amado Fundador protestamos solemnemente a nossa filial submissão, dispostos a obedecer-vos sem nenhuma reserva.



# INDICE



Declaração do auctor . . . . .	pag.	iv
Carta do Exmo. Snr. Bispo de Nice . . . . .	»	v
Prologo á edição Brazileira . . . . .	»	vii
Introdução . . . . .	»	xi

## D. Bosco

D. Bosco . . . . .	»	i
Annos de juventude . . . . .	»	3
O Sacerdocio. Duras provas . . . . .	»	11
O Telheiro de Valdocco. . . . .	»	23
O Oratorio . . . . .	»	29
A Pia Congregação Salesiana. Obra de Maria Auxiliadora. Irmãs de Maria Auxiliadora . . . . .	»	45
As Missões da Patagonia e da Terra do Fogo . . . . .	»	49
Systema de educação . . . . .	»	55
As Fundações . . . . .	»	61
Morte de D. Bosco . . . . .	»	69
Bosquejo . . . . .	»	73
As graças. . . . .	»	85
Cooperadores e Cooperadoras de D. Bosco . . . . .	»	89
Adeus de D. Bosco aos seus Cooperadores. . . . .	»	95
O culto de Maria Auxiliadora . . . . .	»	101

## Maria Auxiliadora e D. Bosco

Valdocco . . . . .	pag. 111
D. Bosco estudante . . . . .	» 113
Uma festa sem prégador . . . . .	» 115
Um trovão . . . . .	» 116
Como Deus ás vezes castigou o mal feito a Dom Bosco e as ingratidões com que quasi sempre lhe pagavam . . . . .	» 117
Como quizeram encerrar D. Bosco em um hos- picio de doudos, e o que aconteceu. . . . .	» 120
D. Bosco Mestre de escola. — Seus primeiros alumnos. . . . .	» 122
O pequeno barbeiro . . . . .	» 126
Attentados contra a vida de D. Bosco. . . . .	» 128
O cão defensor de D. Bosco. . . . .	» 132
Como se confessa um ladrão . . . . .	» 137
Se não és doudo, sel-o-has . . . . .	» 139
Bom somno . . . . .	» 139
Como os meninos de D. Bosco procederam du- rante uma epidemia de cholera . . . . .	» 140
Como D. Bosco não soube rezar o <i>De Profundis</i> . . . . .	» 142
Passeio de D. Bosco com os presos de Turim. . . . .	» 143
Uma cura. . . . .	» 144
Piedade dos meninos de D. Bosco . . . . .	» 145
O primeiro sacerdote de D. Bosco . . . . .	» 149
Deus falla ao homem... emquanto dorme, nos sonhos da noite . . . . .	» 153
Como elle sabe? . . . . .	» 158
O que ás vezes D. Bosco dizia ao ouvido . . . . .	» 159
Os dois primos . . . . .	» 160
Como um mundano se fez Jesuita. . . . .	» 161
De quinze tiram-se trezentos... e sobram quinze. . . . .	» 163

Como desapareceram os escrupulos de um menino . . . . .	<i>pag.</i> 164
O estudante Francisco . . . . .	» 165
Roguemos por elle. . . . .	» 166
Encarregar-se-ha a Sanctissima Virgem . . . . .	» 166
Como um enfermo recupera a saude . . . . .	» 167
Uma benção de D. Bosco . . . . .	» 170
A Providencia é uma bôa thesoureira . . . . .	» 171
A Providencia livra de um mandato executivo. . . . .	» 177
Um segredo para morrer tranquillo . . . . .	» 178
Cura de um General . . . . .	» 181
Vocação e cura . . . . .	» 183
Um amigo enfermo . . . . .	» 185
Um medico incredulo. . . . .	» 186
Um ajuste. . . . .	» 187
Uma medalha de Maria Auxiliadora . . . . .	» 188
Saude de uma enferma e transformação de uma cidade. . . . .	» 190
Um bracelete de ouro. . . . .	» 192
Um aleijado . . . . .	» 193
A fundação em Nice . . . . .	» 196
O pequeno violinista . . . . .	» 197
Um sonho . . . . .	» 198
Como o Conde Cays entrou na Congregação Sa- lesiana aos sessenta e tres annos. . . . .	» 200
Um Coronel . . . . .	» 202
Um cocheiro . . . . .	» 203
Que o preparem. . . . .	» 204
Previsão . . . . .	» 205
Uma advertencia . . . . .	» 206
Espirito de caridade . . . . .	» 206
Como D. Bosco emprestou a sua voz. . . . .	» 207
Uma aldeã . . . . .	» 208

Outra cura. . . . .	pag. 209
Uma grata surpresa . . . . .	» 210
Como estou eu com Deus? . . . . .	» 210
A orphã . . . . .	» 211
Pobreza. . . . .	» 212
Onde D. Bosco estudava Geographia . . . . .	» 213
A fundação em Paris. . . . .	» 214
D. Bosco e Victor Hugo . . . . .	» 215
No trem . . . . .	» 218
O Abbadé P***. . . . .	» 220
Padre! Nunca. Prefiro que morra . . . . .	» 221
Uma troca. . . . .	» 223
A quem agradecer? . . . . .	» 224
As avellãs . . . . .	» 225
Tibi dabo. . . . .	» 226
Os Salesianos no Chile . . . . .	» 227
Sempre a Providencia. . . . .	» 229
As palavras magicas de D. Bosco. . . . .	» 231
O primeiro Bispo Salesiano . . . . .	» 239
Retrato do Salesiano. . . . .	» 245
Alguns pensamentos de D. Bosco . . . . .	» 249
À borda do abysmo . . . . .	» 253

### Ultimos dias de D. Bosco

A doença . . . . .	» 259
Primeiras tristezas. . . . .	» 260
Angustias. . . . .	» 270
Esperanças . . . . .	» 285
Luto . . . . .	» 292











